

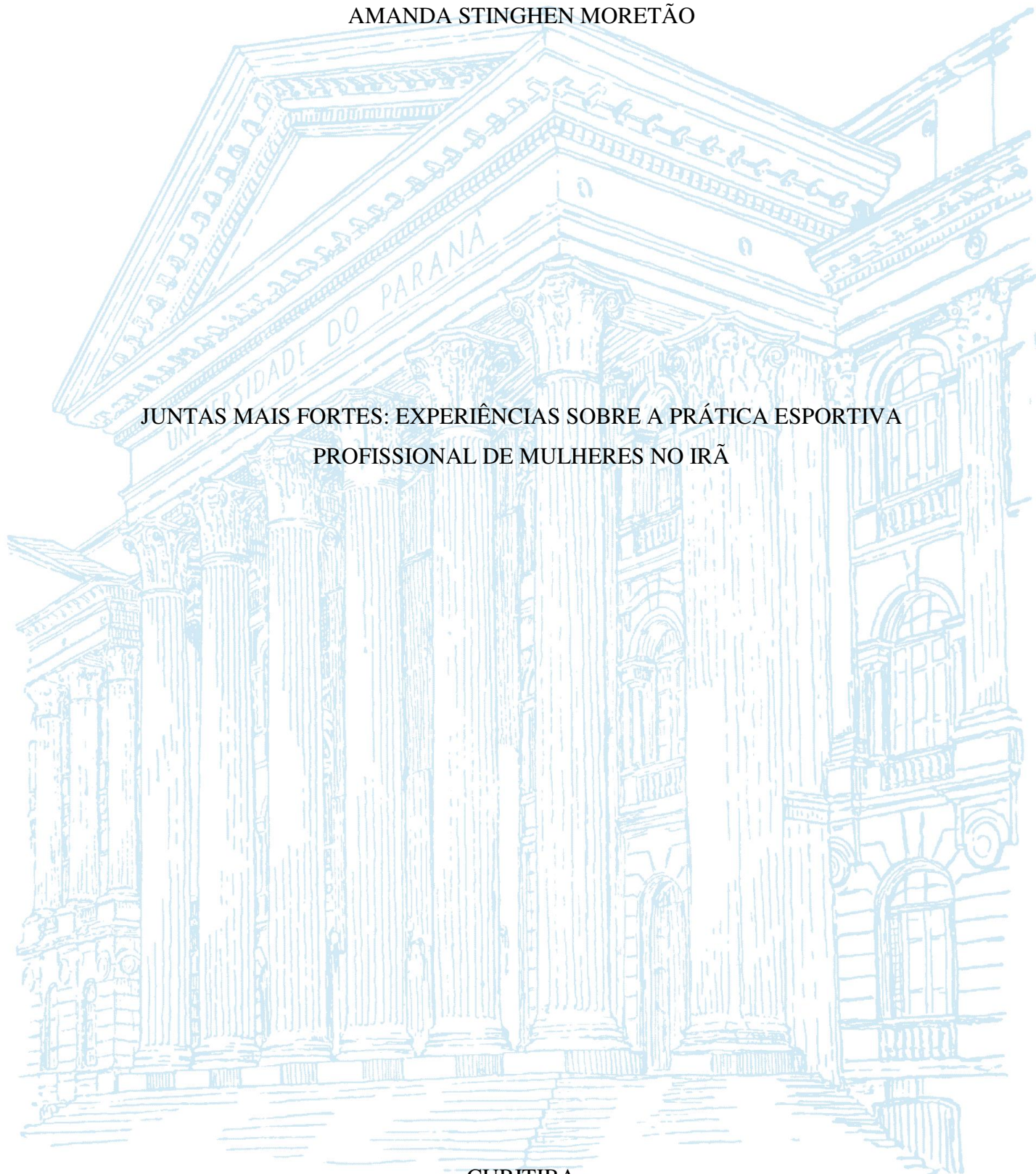
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

AMANDA STINGHEN MORETÃO

JUNTAS MAIS FORTES: EXPERIÊNCIAS SOBRE A PRÁTICA ESPORTIVA
PROFISSIONAL DE MULHERES NO IRÃ

CURITIBA

2021



AMANDA STINGHEN MORETÃO

JUNTAS MAIS FORTES: EXPERIÊNCIAS SOBRE A PRÁTICA ESPORTIVA
PROFISSIONAL DE MULHERES NO IRÃ

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Sociologia, Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientadora: Profa. Dra. Miriam Adelman.

CURITIBA

2021

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS/UFPR –
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS COM OS DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607

Moretão, Amanda Stinghen

Juntas mais fortes : experiências sobre a prática esportiva profissional de
mulheres no Irã. / Amanda Stinghen Moretão. – Curitiba, 2021.

Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Setor de Ciências Humanas da
Universidade Federal do Paraná.

Orientadora : Prof^a. Dr^a. Miriam Adelman

1. Esportes – Irã. 2. Atletas iranianas. 3. Mulheres atletas. 4. Identidade
de gênero. 5. Islamismo. I. Adelman, Miriam, 1955-. II. Título.

CDD – 305.4955

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em SOCIOLOGIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **AMANDA STINGHEN MORETÃO** intitulada: **Juntas mais fortes: experiências sobre a prática esportiva profissional de mulheres no Irã.**, sob orientação da Profa. Dra. MERYL ADELMAN, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 31 de Maio de 2021.

Assinatura Eletrônica

31/05/2021 18:09:58.0

MERYL ADELMAN

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

31/05/2021 19:11:57.0

SANDRA JACQUELINE STOLL

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ -
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA)

Assinatura Eletrônica

01/06/2021 14:39:10.0

ILEANA WENETZ

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO)

Assinatura Eletrônica

31/05/2021 17:52:21.0

ESTER LIBERATO PEREIRA

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES
CLAROS)

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai, minha mãe, meu irmão, e toda a minha família, que sempre me incentivaram e me apoiaram em toda a minha vida acadêmica. Obrigada por sempre me ouvirem e acreditarem em mim. Sem vocês esse sonho não teria sido possível.

Às minhas amigas e amigos que me acompanharam durante os anos do mestrado, sempre ouvindo minhas angústias, me encorajando e torcendo por mim.

À minha orientadora Miriam Adelman, que me acolheu desde o início, me ajudou a pôr o pé no chão quando eu estava perdida, me incentivou a buscar as atletas iranianas e a pesquisar esse mundo tão maravilhoso dos esportes, me apoiou a todo o momento, e nunca desistiu de mim. Obrigada também por ter me inspirado através de sua própria pesquisa com cavaleiras, tão dedicada e apaixonada. Eu me sinto extremamente privilegiada de poder ter trabalhado com uma mulher e pesquisadora tão incrível.

Às atletas iranianas que participaram da pesquisa, que são mulheres incríveis, fortes e determinadas. Muito obrigada por terem confiado em mim, pela disponibilidade, por todo o carinho, e pelos ensinamentos. Eu me sinto muito honrada de ter conhecido vocês e de ter construído uma relação de respeito e afeição.

Ao grupo de Seminários Metodológicos – Gênero, corpo e sexualidade por todas as contribuições à pesquisa, e por todas as vezes que compartilhamos nossos medos, angústias e conquistas. Sem vocês o caminho teria sido muito mais duro.

A Andrew Patrick Traumann por todo o seu ensinamento e apoio durante a graduação e o mestrado. Você é um verdadeiro mestre que ensina e inspira todos os seus alunos a darem o melhor de si. Muito obrigada por tudo.

Ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPR, e à secretaria do PPGSocio por estar sempre disponível a ajudar, e pelo excelente trabalho desempenhado.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio e financiamento que tornaram essa pesquisa possível.

*“Writing is one of the most ancient
forms of prayer. To write is to
believe communication is possible,
that other people are good,
and that you can awaken their generosity
and their desire to do better”.*

Fatima Mernissi

RESUMO

Este estudo investiga as relações entre gênero e esportes no Irã. O país é uma República Islâmica desde 1979, e segue as leis presentes nas fontes sagradas do Islã. Para a população feminina, isso significa uma dificuldade em ocupar certos espaços públicos, e um embate constante sobre o seu lugar na sociedade. Enquanto o Estado e a sociedade esperam que as mulheres sejam femininas e se mantenham no ambiente doméstico, as iranianas lutam para defender seus espaços na academia, na política, no mercado de trabalho, e nos esportes. Nesse cenário, a esfera esportiva se apresenta como um rico lugar para a pesquisa, onde as expectativas de gênero do governo batem de frente com as práticas corporais das atletas. Desta forma, tenho como objetivo deste trabalho compreender as experiências e os significados que as atletas iranianas atribuem ao ser mulher e ao ser atleta em uma arena dominada majoritariamente pelas figuras e discursos masculinos. Tendo tal objetivo em vista, foram realizadas entrevistas on-line semiestruturadas com onze atletas de sete modalidades diferentes, buscando conhecer suas trajetórias no esporte, os possíveis conflitos e negociações que surgiram a partir de suas decisões sobre se tornarem atletas, os sentimentos e prazeres gerados pelos esportes, as dificuldades enfrentadas, sua relação com a religião islâmica, e as mudanças que elas gostariam de ver no futuro do esporte no Irã. A análise das entrevistas demonstrou divergências com relação à importância da religião na vida das atletas, e também algumas diferenças relacionadas às dificuldades enfrentadas por elas ao longo de suas carreiras. Essas divergências eram esperadas, já que as atletas pertencem a diferentes gerações, e possuem diferentes origens geográficas e ideológicas. Foi relevante notar, no entanto, a sororidade e união entre as entrevistadas, que sempre recordavam as adversidades enfrentadas por outras mulheres que conheciam, e exaltavam a importância da igualdade de gênero, da justiça, do respeito às diferentes crenças e opiniões, e da valorização dos esportes no Irã. Todas as atletas frisaram o valor dos esportes para o seu desenvolvimento pessoal, demonstrando o quanto a atividade nunca será apenas um exercício físico, mas sim uma paixão imensurável.

Palavras-chave: esporte; gênero; atletas iranianas; Islã.

ABSTRACT

This study investigates the correlation between gender and sports in Iran. The country has been an Islamic Republic since 1979, and follows the laws present in the holy sources of Islam. For the female population, this means a difficulty in occupying certain public spaces, and a constant clash over their place in society. While the state and society expect women to be feminine and remain in the domestic environment, Iranian women struggle to assert their places in academia, politics, the job market, and sports. In this scenario, the sports realm presents itself as a rich location for research, where the government's gender expectations clash with the athletes' body practices. Therefore, I aim to understand the experiences and the meanings that Iranian athletes attribute to being a woman and being an athlete in a field dominated mainly by masculine figures and discourses. With this goal in mind, semi-structured online interviews were conducted with eleven athletes from seven different disciplines, seeking to learn about their trajectories in the sport, the possible conflicts and negotiations that arose from their decisions about becoming athletes, the feelings and pleasures generated from sports, the difficulties they faced, their relationship with the Islamic religion, and the changes they would like to see in the future of sports in Iran. The analysis of the interviews showed differences regarding the importance of religion in the athletes' lives, and also some differences related to the difficulties faced by them throughout their careers. These divergences were expected, as the athletes belong to different generations, and have different geographic and ideological origins. It was relevant to note, however, the sorority and unity among the interviewees, who always remembered the adversities faced by other women they knew, and exalted the importance of gender equality, justice, respect for different beliefs and opinions, and the valorization of sports in Iran. All the athletes stressed the value of sports for their personal development, demonstrating how the activity will never be just a physical exercise, but an immeasurable passion.

Keywords: sport; gender; Iranian athletes; Islam.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|-----|
| FIGURA 1 – Time de vôlei feminino iraniano em 1974..... | 34 |
| FIGURA 2 – Capa de uma revista nos anos 1970..... | 34 |
| FIGURA 3 – Atrizes iranianas em campanhas de promoção do esporte feminino nos anos 1970..... | 34 |
| FIGURA 4 – Ciclistas profissionais iranianas e seus uniformes..... | 62 |
| FIGURA 5 – Ciclistas da seleção iraniana sendo premiados em uma competição..... | 92 |
| FIGURA 6 – Atleta iraniana usando um véu amarelo..... | 135 |
| FIGURA 7 – Atletas iranianas usando boné..... | 135 |
| FIGURA 8 – Exemplos de moda em Teerã..... | 136 |
| FIGURA 9 – Adolescentes em Teerã em vídeo publicado no Instagram..... | 136 |
| FIGURA 10 – Diferentes estilos de jovens em Teerã..... | 136 |
| FIGURA 11 – Mulher iraniana utilizando um casaco com transparência..... | 137 |
| FIGURA 12 – Filha de um atleta iraniano em Shiraz..... | 138 |
| FIGURA 13 – Torcedoras iranianas em jogo de futebol fora do país..... | 141 |
| FIGURA 14 – Estilo de algumas jogadoras de futebol iranianas..... | 152 |

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| INTRODUÇÃO | 10 |
| 1. A HISTÓRIA POLÍTICA E ESPORTIVA DAS MULHERES NO IRÃ | 28 |
| 1.1 Os Jogos Islâmicos Femininos | 46 |
| 1.2 O futebol e a paixão iraniana..... | 50 |
| 1.3 Sahar e a luta pelo futebol feminino em Isfahan | 56 |
| 2. MULHERES E ATLETAS: AS TRAJETÓRIAS DAS IRANIANAS | 60 |
| 2.1 As experiências femininas no ciclismo | 60 |
| 2.2 As trajetórias das atletas no mundo esportivo | 69 |
| 2.3 Dificuldades enfrentadas pelas atletas e a igualdade de gênero | 76 |
| 3. GÊNERO E ISLÃ..... | 100 |
| 3.1 Negociando a prática esportiva a partir da religião | 104 |
| 3.2 A religião e o esporte feminino iraniano | 114 |
| 4. A CONSTRUÇÃO DO CORPO FEMININO | 125 |
| 4.1 Corpo, sexualidade e esportes no Irã | 129 |
| 4.2 A mídia e as redes sociais iranianas | 161 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 175 |
| REFERÊNCIAS | 182 |

INTRODUÇÃO

O Irã e as mulheres muçulmanas são ambos temas polêmicos na cultura ocidental devido à por diversas vezes serem representados pela mídia e pelo senso comum como sendo sinônimos de retrocesso e opressão. Quando se discute qualquer tema relacionado ao Irã, a primeira imagem que normalmente vem à mente das pessoas é de mulheres cobertas com mantos pretos, sem liberdade de se vestir e de agir da maneira que desejarem, e sem direitos básicos. Até mesmo em meios acadêmicos, nos deparamos com discursos que silenciam as vozes dessas mulheres e que impedem a geração de novos debates sobre o assunto.

É importante ressaltar que não se pode colocar todas as mulheres muçulmanas em uma única categoria, pois há diferenças culturais enormes entre os países de maioria muçulmana. Além disso, dentro da religião islâmica há diferentes pensamentos e perspectivas sobre o papel da mulher. Apesar de parecer algo distante e distinto do que conhecemos, a realidade das mulheres iranianas se assemelha muito a de outros países em desenvolvimento. Elas trabalham, estudam, participam da política, e buscam o mesmo que as mulheres de outras partes do mundo: respeito, educação, saúde, melhores oportunidades de trabalho, fim da impunidade quando sofrem violência física ou psicológica, e equidade social, política e econômica no geral.

Assim como em grande parte do mundo, no Irã as mulheres estão sujeitas a constantes intervenções relativas a quem devem ser e a como devem se portar. De acordo com Hargreaves (2002), o século XX presenciou grandes mudanças nos padrões de consumo e lazer, nas relações entre os sexos, e no destaque dado ao corpo na cultura ocidental. A mídia ocidental se tornou um dos principais canais pelos quais as mulheres recebem informações sobre o corpo “ideal” e aprendem sobre novas dietas, exercícios e cirurgias que podem auxiliá-las a alcançar o tão desejado corpo magro e tonificado. Assim como no Ocidente, no Irã o corpo feminino é motivo de debates e de controle. Contudo, no contexto iraniano, além das expectativas relacionadas a um corpo magro e esteticamente agradável presentes principalmente nas redes sociais, o Estado exige a modéstia e busca limitar o corpo feminino à esfera privada, constringendo as mulheres que ousam desobedecer tanto as convenções socialmente construídas, quanto as normas estatais.

Os esportes também estão cada vez mais envolvidos na construção social do que é ser mulher. Por muitos anos, e até os dias de hoje, há uma discussão contínua sobre a participação feminina em esportes profissionais. Enquanto atualmente as atividades físicas são encorajadas para mulheres, visando o corpo magro e em forma, os esportes que envolvem mais força e

agilidade ainda são associados ao masculino. As atletas podem sofrer com estigmas sobre a sua sexualidade e ser até questionadas sobre o seu sexo biológico ao demonstrarem rendimentos físicos semelhantes aos esperados por homens. No Irã, as expectativas relacionadas ao papel doméstico da mulher, as limitações financeiras, a desvalorização de carreiras esportivas, as demandas relacionadas às vestimentas islâmicas, a falta de instalações apropriadas, e as práticas e discursos conservadores são alguns dos fatores que podem limitar a participação feminina no âmbito esportivo.

As mulheres iranianas vêm, a cada ano, conquistando cada vez mais seu espaço da esfera esportiva. Elas reivindicam seus direitos a uma carreira profissional nos esportes e se recusam a desistir, fazendo com que a sociedade se torne gradativamente mais igualitária para as mulheres. Esta pesquisa se mostra relevante por levantar as discussões sobre gênero e esportes no Irã, oferecendo um espaço para a divulgação da voz dessas mulheres, muitas vezes silenciadas dentro de seu próprio país, e de suas experiências no mundo esportivo profissional, além de permitir que nós, brasileiros, pensemos sobre as nossas próprias desigualdades e discriminações de gênero dentro dos esportes. Talvez este trabalho possa nos ajudar a refletir sobre a ainda existente dominação masculina tanto da prática, como da cultura esportiva, que silencia e desvaloriza as atletas e as espectadoras no mundo inteiro.

Considerando os pontos acima levantados, o objetivo principal deste estudo é compreender as experiências e os significados que as atletas profissionais iranianas atribuem ao ser mulher e ao ser atleta em uma arena dominada majoritariamente pelas figuras e discursos masculinos. Tal objetivo envolve analisar as questões de gênero e corpo em torno dos esportes, refletindo sobre o conceito de feminilidade normativa e sobre os papéis tradicionais de gênero no contexto iraniano que impõem obstáculos para a entrada de mulheres no âmbito esportivo do país.

Quanto aos objetivos específicos, primeiramente pretendo apresentar as dificuldades enfrentadas pelas atletas entrevistadas ao decidirem se tornar esportistas profissionais em um país pouco democrático onde uma forte cultura religiosa tradicional delimita, junto com as leis formais do país, o espaço ocupado pelo corpo feminino, assim como suas formas de manifestações. Em seguida, busco analisar mais especificamente o fator religioso no país. Considerando que o Irã é uma República Islâmica e, portanto, segue leis islâmicas, é impossível não reconhecer a importância da religião para a população. Além de as atletas terem, muitas vezes, a religião como parte de sua identidade, elas precisam adaptar a prática esportiva profissional às normas relativas às vestimentas, à imagem do corpo feminino, e ao

comportamento modesto esperado de todas as mulheres que vivem no país. Assim, as tensões e negociações relativas ao uso do véu (*hijab*) e a outras leis religiosas serão discutidas.

Finalmente, pretendo analisar mais profundamente as relações entre o corpo feminino e o esporte no contexto iraniano, trazendo para a pesquisa as questões ligadas aos papéis de gênero, à feminilidade, e à corporalidade feminina, buscando apreender os significados e sentidos atribuídos pelas atletas entrevistadas, assim como as possíveis consequências de sua presença em uma esfera originalmente restrita aos homens. Considerando os objetivos propostos, assim como o contexto iraniano político e religioso, busco analisar a hipótese de que a participação das atletas no mundo esportivo profissional iraniano poderia representar uma forma de resistência ao autoritarismo estatal e aos controles políticos, religiosos e culturais presentes no país.

Tendo em vista alcançar os objetivos propostos, esta pesquisa utiliza uma abordagem metodológica qualitativa. Segundo Minayo (2001, p. 14), a realidade é tão rica e complexa que nunca poderá ser esgotada através de qualquer teoria ou discurso, porém, se quisermos chegar a uma aproximação, ainda que imperfeita, da vida social necessitamos fazer uso das metodologias qualitativas. A autora afirma que a realidade social trabalhada pelos pesquisadores, que engloba as ações, os pensamentos, e as interpretações de indivíduos, não pode ser quantificada. Desta forma, não é possível trabalhar apenas com estatísticas e dados numéricos quando pretendemos apreender os significados, os motivos, as aspirações, as crenças, os valores, e as atitudes (MINAYO, 2001, p. 21) dos sujeitos em contextos sociais particulares.

Os dados deste estudo foram coletados a partir de diferentes fontes investigativas. A principal fonte se refere à entrevista semiestruturada realizada com atletas profissionais de diferentes modalidades que, como explica Triviños (1987), é aquela que parte de certos questionamentos e hipóteses, e que vai oferecendo novas hipóteses e perguntas conforme as respostas dos informantes são recebidas, mantendo a presença consciente e atuante do pesquisador. Além da entrevista, os dados foram coletados a partir das principais obras e artigos científicos elaborados sobre as questões desenvolvidas na pesquisa. Outras fontes utilizadas como complemento ao trabalho foram a Constituição Iraniana, o Alcorão, e alguns dados reportados por sites de notícias.

Previamente à conversa com as atletas houve um planejamento de um roteiro, onde as perguntas foram organizadas em blocos temáticos para que seguissem de forma natural e permitissem que as entrevistadas elaborassem suas respostas de uma maneira fluída e completa. Ao longo da entrevista, as perguntas formuladas eram complementadas por outras

questões que iam surgindo no momento, a partir do que era relatado pelas entrevistadas. A entrevista semiestruturada permitiu que as atletas desenvolvessem suas respostas de uma maneira mais aprofundada, podendo discorrer livremente sobre suas experiências pessoais de vida. Tal estratégia, como menciona Triviños (1987, p. 152), favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade.

Considerando que o Irã é um país que está em outro continente, a milhares de quilômetros do Brasil, ficaria completamente inviável executar uma pesquisa de campo face a face, ainda mais devido à pandemia da COVID-19. Desta forma, a realização de entrevistas on-line e de uma etnografia virtual (HINE, 2001) se mostraram mais acessíveis e executáveis para o estudo. A etnografia virtual supõe a análise das observações de campo e da execução de entrevistas através de um computador. Ela normalmente é utilizada para estudar comunidades on-line, ou seja, o estudo de fóruns, chats e grupos de discussão; mas ela também pode ser usada para investigar blogs, fotografias, vídeos, e até indivíduos específicos em redes sociais (KOZINETTS, 2002). No caso deste trabalho, a etnografia virtual não será utilizada como um meio de perceber as relações entre os membros de um grupo, mas sim como uma ferramenta exploratória (KOZINETTS, 2002) que visa diminuir a distância física entre pesquisador e objeto. O meio digital se tornou uma maneira de derrubar certas barreiras e de me colocar como pesquisadora no meio das atletas com quem tenho contato. São as redes sociais que me permitem observar seus comportamentos, discursos, e seus cotidianos.

Os perfis das atletas iranianas analisados por esta pesquisa demonstram que a rede social é tanto um lugar para onde se leva as experiências da vida real, quanto um lugar onde se pode escapar do controle do Estado sobre os corpos e sobre as ações cotidianas. No Irã, onde o uso do véu e de certas vestimentas é obrigatório, ou onde o comportamento e interação com o sexo oposto é limitado, a expressão on-line demonstra uma liberdade diferente¹. As mulheres podem mostrar outras partes de suas personalidades e de suas vidas nas redes sociais, aspectos que elas não necessariamente conseguiriam demonstrar off-line.

A obtenção e análise de dados na etnografia virtual é o que mais difere esse método da etnografia realizada face a face. O meio digital permite adquirir dados através de páginas na internet, textos, diálogos, arquivos virtuais, blogs, fotografias e imagens, vídeos, e filmes.

¹ Apesar de haver mais liberdade na internet, o governo iraniano impõe censura também através das redes sociais. Em janeiro de 2019, o governo tentou banir o Instagram do país, justamente porque a população demonstra um comportamento mais liberal na rede através de suas fotos e vídeos. Em 2018 o país determinou a prisão de influenciadores digitais, e de vez em quando aparecem denúncias de jornalistas e influenciadores presos por suas publicações. Mesmo criticando o Instagram, tanto o presidente quando o Líder Supremo possuem contas no aplicativo. Quanto às outras redes sociais, o Facebook e o Twitter são banidos pelo Irã, podendo ser acessados apenas através de VPN.

Além disso, outra diferença é que os ambientes digitais utilizam gramáticas e linguagens próprias (POLIVANOV, 2013, p. 65), misturando o uso de textos, imagens, e *emojis*. Com relação às atletas entrevistadas, eu obtive acesso a esses dados através de suas postagens, e também através da própria entrevista, quando elas me enviavam fotos de suas vidas cotidianas e às vezes me enviavam links de artigos de revistas eletrônicas que poderiam me ajudar a ter um entendimento maior sobre o contexto dos esportes no país.

Flick (2009, p. 126) discorre sobre a utilização de fotos e vídeos na pesquisa, que podem ser produzidos pelo pesquisador e pelos participantes do estudo, ou podem ser materiais já existentes. O autor explica que as imagens são uma forma de ver o mundo pelos olhos dos entrevistados. Segundo Flick:

A força das imagens está em sua riqueza em contexto e na quantidade de informações específicas de que elas são portadoras. [...] Uma análise de imagens, que reflete sua relação específica com o contexto que elas representam, pode permitir que se façam generalizações, por exemplo, perguntando-se até onde e em que aspectos essa imagem, ou conjunto de imagens, é típica de um determinado contexto (FLICK, 2009, p. 127).

Foi muito curioso, por exemplo, perceber como as jogadoras de futebol se vestem. Assim como aqui no Brasil notamos um estilo particular nos jogadores de futebol, conhecido como “boleiro”, no Irã as jogadoras também se vestem de uma maneira bem particular, mais masculina, e fazendo muito uso de boné. Ao perceber esse detalhe através das fotos, eu pude unir as imagens à conversa que eu tive com uma jogadora que me contou sobre ela e suas companheiras de equipe terem características mais masculinas, algo que também tem relação com a sua sexualidade.

É importante pontuar que devido à complexidade do objeto de estudo e os fatores limitantes desta pesquisa, como a barreira linguística e geográfica, assim como a variedade de experiências a partir das origens das atletas e das modalidades esportivas praticadas, este estudo não pode ser generalizado para representar toda a classe feminina esportiva iraniana. De maneira nenhuma esta pesquisa busca generalizar ou reduzir de qualquer forma as mais diversas e plurais vivências das atletas iranianas participantes das entrevistas.

Quanto à minha aproximação com o tema, desde o Ensino Médio, o tópico do Oriente Médio me causava muito fascínio, assim como me provocava sentimentos de indignação pelas diversas vezes e diversos meios em que essa região foi explorada a partir do imperialismo europeu e americano. O preconceito contra a minoria muçulmana, acentuado pelos ataques de 11 de setembro, e o uso da imagem da “mulher muçulmana oprimida” pela mídia brasileira e

internacional me levavam a um interesse cada vez maior pela temática. Durante a graduação em Relações Internacionais entrei em contato com as teorias e discussões acadêmicas sobre o Oriente Médio, sobre o Islã, e sobre gênero, que me provocavam grande curiosidade e entusiasmo. Assim, sob a orientação de meu professor especialista em Irã, na monografia decidi por estudar as relações de gênero no Irã e na Turquia, dois países de maioria muçulmana, mas que se diferenciam muito entre si. Quando decidi ingressar no mestrado, a intenção era seguir os estudos de gênero e Islã, porém focando apenas no Irã, que é um país com grandes contradições e com constantes embates entre a população feminina e o Estado. Inicialmente, planejei discutir os movimentos feministas no país, como eles se relacionam entre si e com o governo, e quais são as suas pautas principais e estratégias. No entanto, notei que esta questão não poderia ser muito aprofundada, uma vez que o contato com organizações ou ativistas feministas é mais burocrático e complicado, enquanto outros tópicos poderiam abrir novos caminhos e discussões mais interessantes e substanciais.

Durante a pesquisa para a minha monografia, que envolvia analisar os direitos das mulheres no Irã e as reivindicações das iranianas, notei que enquanto a maioria dos esforços era direcionada aos direitos civis femininos, também havia uma parcela de mulheres que reivindicavam direitos esportivos. A prioridade das ativistas normalmente está relacionada aos direitos de família, que é onde as mulheres mais são prejudicadas pelas leis. Porém, a luta na esfera esportiva também é importante, já que foi com o esforço contínuo de ativistas, parlamentares, e das próprias atletas, que hoje as mulheres podem participar de competições em diversos esportes.

Além de o tema ter aparecido através do meu objeto de pesquisa, eu sempre tive uma grande paixão por esportes; já pratiquei as mais diversas modalidades, e adoro acompanhar partidas de todos eles na televisão ou ao vivo. Desde criança frequento estádios de futebol, e considero que este esporte possui uma grande influência na minha vida. O meu interesse pessoal pelo tema, e a percepção de que ele era um assunto relevante para a pesquisa no Irã, me fizeram decidir por direcionar meu estudo para o âmbito esportivo.

A partir do momento em que decidi direcionar minha pesquisa para a questão esportiva e entrevistar atletas iranianas, comecei a buscar quem eram as mulheres que participavam de grandes eventos esportivos, como os Jogos Olímpicos. Eu já tinha algum conhecimento sobre o tema, e conhecia a história da esquiadora Marjan Kalhor, que em 2010 havia se tornado a primeira iraniana a participar dos Jogos Olímpicos de Inverno. Kalhor havia chamado a atenção da mídia durante a competição, e havia dado algumas entrevistas para a imprensa internacional. Iniciei minha busca pensando nela. Se atletas olímpicas

aceitavam participar de entrevistas para canais americanos, talvez elas também se sentissem confortáveis em falar com uma pesquisadora brasileira. Assim, reuni o nome de todas as atletas olímpicas iranianas que já haviam participado dos Jogos de inverno e de verão, e comecei a buscá-las no Instagram. Considerando a sua popularidade no Irã, me parecia que o Instagram talvez fosse a rede social que melhor reunisse uma variedade de atletas no ano de 2020.

Ao pesquisar as atletas Olímpicas na rede social mencionada, percebi que muitas eram ativas em suas postagens, que interagiam com atletas de diferentes modalidades e que mantinham amizades entre si. Minha estratégia foi ir buscando as contas de outras atletas, times e federações a partir das contas das atletas olímpicas. Assim como também utilizei o Google como ferramenta de pesquisa para encontrar notícias sobre atletas iranianas. Consegui alguns contatos dessa forma, porém, foi quando descobri uma conta no Instagram chamada “IW Sports” que a procura por atletas se tornou muito mais fácil. O IW Sports é uma agência iraniana de notícias esportivas que trabalha exclusivamente com atletas mulheres. Foi também através do IW Sports que tive contato com outras contas dedicadas a atletas, e percebi o quanto as iranianas valorizam as suas esportistas e se esforçam para divulgá-las e exaltá-las.

Durante o primeiro semestre de 2020, entrei em contato com 100 atletas de diferentes modalidades esportivas². Dessas 100 atletas, 25 me responderam que estavam dispostas a participar da entrevista. Entretanto, algumas dessas atletas deixavam de responder minhas mensagens logo em seguida, enquanto outras respondiam minhas perguntas durante alguns dias, mas depois deixavam de me responder. Essa mudança me deixou confusa em alguns momentos, pois em meu primeiro contato eu explicava com certa profundidade sobre qual seria a proposta de entrevista e quais tipos de perguntas seriam feitas. Uma atleta chegou a me responder dizendo que também estava em um programa de mestrado e que ficaria feliz em me ajudar porque entendia “o quanto era difícil pesquisar”. Contudo, depois dessa resposta inicial, ela nunca mais nem chegou a visualizar as mensagens que eu enviei.

A dificuldade relacionada à língua me surpreendeu de certa maneira. Como eu não possuo domínio do farsi, língua oficial do Irã, as entrevistas foram realizadas em inglês e traduzidas por mim mesma. Em um momento inicial, minha intenção era fazer um primeiro contato com as atletas, pedir que elas respondessem um questionário com perguntas básicas

² As mulheres com quem eu entrei em contato eram atletas dos seguintes esportes: esqui alpino, esqui cross-country, taekwondo, tiro com arco, arremesso de peso, remo, tiro esportivo, tênis de mesa, vôlei, atletismo, natação, levantamento de peso, escalada esportiva, arremesso de disco, fisiculturismo, futebol, salto em altura, futsal, patinação slalom, badminton, kung fu, xadrez, squash, ciclismo, basquete, caratê, salto com vara, dardos, e handebol.

(como nome, idade, escolaridade, e estado civil), e depois marcar uma chamada de vídeo, quando seria realizada a entrevista semiestruturada. No entanto, quando eu sugeria a chamada de vídeo, as atletas demonstravam insegurança e me explicavam que possuíam dificuldades tanto de entender uma pessoa falando em inglês, como de responder com clareza. Elas me pediam para continuar com a conversa escrita, pois acreditavam ser mais fácil de compreender, e porque assim podiam contar com o apoio de ferramentas de tradução para elaborar suas respostas. Eu acabei tentando realizar a chamada de vídeo com uma atleta, porém, ela não conseguiu me compreender muito bem.

O contato inicial foi realizado através do Instagram com todas elas. Enquanto algumas preferiam a conversa através dessa rede social, outras me pediam para continuarmos a conversa através do WhatsApp. O contato inicial já se mostrava revelador, uma vez que eu conseguia ter uma noção de receptividade, e de como as atletas se sentiam com relação à questão de gênero no esporte. Uma das primeiras atletas com quem conversei é jogadora de vôlei e se chama Ava³. Ela respondeu minha solicitação inicial pouco tempo depois que enviei a mensagem, e assim que começamos a conversar ela me pediu para lhe enviar uma mensagem de áudio. Eu não a questioneei sobre o seu pedido, mas no momento me pareceu que ela precisava ouvir a minha voz para saber se eu era de fato quem dizia ser. Eu a enviei um áudio me apresentando, e a conversa seguiu através do WhatsApp. Além disso, todas as atletas com quem conversei me enviaram solicitações para seguir⁴, o que eu também imagino que tenha como um dos motivos poder ver meu perfil⁵ e saber mais sobre quem eu era.

Uma questão curiosa foi que nas primeiras conversas que tive com atletas, após elas aceitarem participar da entrevista, eu não enviava o questionário inicial logo em seguida. Primeiro eu tentava estabelecer uma conexão maior, conhecer um pouco mais delas e oferecer um pouco mais de mim para que elas sentissem mais confiança em falar comigo. Porém, eu percebi que quando eu demorava a enviar o questionário, elas pareciam perder o interesse e paravam de me responder. Então mudei de estratégia e passei a enviar o questionário assim que elas aceitavam participar, com um pequeno texto ao final onde falava um pouco mais sobre mim (minha idade, onde eu vivia, e com quem eu vivia). Depois dessa mudança, eu percebi que elas eram mais rápidas em me responder, e que o questionário já colocava um divisor em quem de fato estava interessada em participar, e quem ia parar de me responder.

³ Todos os nomes das entrevistadas foram alterados.

⁴ A solicitação para seguir é como se chama o “pedido de amizade” no Instagram.

⁵ Um perfil se refere a um cadastro de dados pessoais em um determinado site ou rede social que cria uma conta virtual para um indivíduo.

Na primeira tentativa de contato com as atletas, eu enviei uma mensagem através do Instagram para 25 mulheres onde eu explicava quem eu era, o que eu estava estudando, e quais eram as minhas intenções com relação à entrevista. Nessa mensagem, eu passava meu contato de e-mail e oferecia esclarecer quaisquer dúvidas que elas tivessem. Sete mulheres me responderam no mesmo dia que enviei as mensagens, enquanto as outras ou visualizaram e não me responderam, ou nem chegaram a visualizar. Eu respondi pedindo o e-mail dessas sete mulheres, acreditando que elas prefeririam responder o questionário por e-mail por ser mais formal. Todas me passaram seus e-mails, porém nenhuma me enviou um e-mail de resposta. Deste modo, voltei a falar com elas pelo Instagram, oferecendo enviar o questionário através da rede social, ou pelo WhatsApp. Quando eu mandava essa segunda mensagem, elas me pediam desculpa por não terem respondido o e-mail e afirmavam que achavam melhor responder o questionário através do Instagram.

Seis das primeiras mulheres com quem conversei se chamam: Elnaz, Mahsa, Ava, Sahar, Jaleh, e Elham Asghari⁶. A sétima atleta com quem conversei foi a esquiadora que eu mencionei acima, chamada Marjan Kalhor. As entrevistas com as quais tive acesso durante a minha pesquisa demonstraram que Kalhor utilizava um tradutor para conversar com a imprensa. Ao tentar o contato com ela, a esquiadora demonstrou que não sabia falar inglês, tendo dificuldade inclusive de compreender o texto que eu havia enviado. Ela chegou a me enviar seu e-mail, porém, quando eu realizei uma nova tentativa de contato, enviando o questionário inicial, sua resposta foi ininteligível, o que me fez desistir de utilizá-la como uma fonte primária.

Elham Asghari é uma nadadora de 39 anos que se encontra no Guinness World Records. Em 2013, a atleta nadou por 20 quilômetros (nove horas) no mar Cáspio com seu corpo completamente coberto em suas vestimentas islâmicas (que pesam 6 quilos na água). Ela quebrou o recorde nacional de natação em alto mar, porém, ele não foi reconhecido pelo governo, que afirmou que as curvas do seu corpo se tornaram visíveis enquanto ela saía do mar. Asghari postou um vídeo no YouTube onde denunciava as ações do governo, e afirmava que havia lutado muito por seu sonho enquanto utilizava roupas que a machucavam. Ela acredita que o governo se recusa a aceitar suas marcas, porque no Irã as mulheres não podem nadar no mar, e isso poderia abrir um precedente (DEHGHAN, 2013). Quando eu entrei em contato com a nadadora, ela me disse que iria pensar sobre me conceder uma entrevista. Eu enviei o questionário inicial e a expliquei sobre a pesquisa, mas ela não me respondeu mais.

⁶ O nome de Asghari não foi alterado porque ela já concedeu entrevistas a agências de notícias internacionais, que eu usarei como referência para contar sua história.

Jaleh é jogadora de futebol e tem 25 anos. Ela se mostrou interessada na pesquisa apesar de não saber falar inglês e depender de ferramentas de tradução para conversar comigo. Nós tentamos conversar por WhatsApp, eu enviei o questionário e ela respondeu todas as perguntas, porém com muita dificuldade. Eu não a estava compreendendo muito bem e acredito que ela também não estava me compreendendo. Assim, tomei a decisão de não prosseguir com as perguntas seguintes que seriam mais complexas.

Ava tem 24 anos e é jogadora de vôlei. Após o contato inicial através do Instagram, ela pediu que nós conversássemos pelo WhatsApp. Como já mencionado, com essas primeiras atletas eu tentei estabelecer uma conexão maior antes de realizar a entrevista. Assim como a minha ideia ainda era entrevistá-las em uma chamada de vídeo. Ava e eu começamos a trocar mensagens e a nos conhecermos melhor. Ela estava curiosa sobre a minha pesquisa, sobre a minha família e sobre a minha vida no Brasil. Nós trocamos fotos de nossas famílias, ela me apresentou seu então noivo⁷, e me ensinou algumas palavras e frases em farsi. Após dois dias de conversas eu enviei o questionário inicial, o qual ela respondeu, e propus que marcássemos uma data para a chamada de vídeo. A partir de então, ela passou a demorar a me responder. Ela dizia que adoraria marcar uma conversa por vídeo, mas não me dizia uma data. Eu sugeri que ela respondesse a entrevista pelo WhatsApp, e que nós combinássemos uma chamada ao final, apenas para complementar algumas ideias. Ela aceitou. Como ela foi uma das primeiras atletas com quem conversei, eu ainda estava insegura, e ao invés de simplesmente enviar as questões, esperei que ela me enviasse um “ok”. Ela parou de responder minhas mensagens no WhatsApp, e eu acabei desistindo de insistir.

Mahsa é uma atleta de escalada de rocha e no gelo de 29 anos. Ela respondeu o questionário inicial e pediu que eu enviasse as próximas perguntas através do Instagram que ela me responderia no dia seguinte. Eu enviei as perguntas, mas ela nunca me respondeu. Eu cheguei a tentar novos contatos, mas Mahsa apenas visualizava as mensagens. Mahsa é uma das atletas mais ativas politicamente no Instagram, sempre comentando e compartilhando situações entre as atletas e o governo. Imaginei que, por causa disso, ela poderia ter maior motivação de participar da entrevista, porém, este não foi o caso. Acredito que ela deixou de responder não por uma questão linguística, mas porque as minhas perguntas poderiam ser polêmicas, e talvez ela tenha se sentido insegura comigo. De qualquer maneira, continuei seguindo seu perfil, que me trazia muitas notícias e situações atuais que estavam ocorrendo

⁷ Ava e seu noivo se casaram em junho de 2020.

com as atletas. Com Elnaz e Sahar eu consegui conversar e cheguei a completar a entrevista. Eu as apresentarei melhor em outro momento.

Ao longo das semanas seguintes entrei em contato com outras atletas. Quanto mais ia conversando com elas, mais eu ganhava confiança, e minhas entrevistas foram ficando mais fáceis e leves. Apesar de já ter estudado muito sobre o Irã e de sempre ter muito cuidado com as minhas pesquisas, tinha receio de ofender alguma atleta ou de elas sentirem que eu estaria julgando seu país ou suas percepções. Desta forma, eu sempre deixava bem claro para elas que não havia resposta certa, e que eu estava disponível para responder qualquer dúvida que elas tivessem sobre a pesquisa e sobre mim. Fico contente em poder afirmar que algumas atletas se tornaram amigas, e que continuamos interagindo no Instagram.

Como mencionei anteriormente, nem todas as atletas com quem estabeleci um contato inicial participaram da entrevista. Algumas deixavam de me responder por não possuírem conhecimento da língua inglesa, enquanto outras, mesmo depois de mostrarem interesse em me conceder a entrevista, acabavam parando de responder sem motivo aparente, o que pode ter como razão uma insegurança de se manifestar sobre questões polêmicas no país. De todas as 25 mulheres com quem conversei apenas uma delas afirmou que não ia continuar a entrevista por medo de se expor. Romina, uma atleta do remo de 23 anos, respondeu o questionário inicial e as primeiras perguntas sobre sua história no esporte. As perguntas seguintes eram relacionadas às atletas na mídia, quais eram as dificuldades que ela enfrentava como atleta e mulher, e qual é a relação do governo com as atletas. Quando eu as enviei, Romina me respondeu o seguinte: “as perguntas que você fez são muito políticas no Irã, e responder essas perguntas é problemático para mim, porque o Irã não tem liberdade de expressão” (Entrevista, 26/06/20). Eu a expliquei novamente que se tratava de uma pesquisa acadêmica onde os nomes seriam preservados, e que outras atletas, inclusive do remo, já haviam respondido essas questões. Eu reforcei que respeitava seu posicionamento, e que se ela não se sentisse confortável não precisaria responder. Ela apenas me agradeceu e me enviou dois *emojis* de coração.

Apesar de ter onze entrevistas finalizadas, as breves conversas que tive com outras atletas também me ajudaram a compreender melhor o universo das esportistas iranianas. Mesmo sem entrar em detalhes sobre as suas visões mais políticas, pude perceber que todas as mulheres com quem conversei possuem nível superior, exceto, é claro, pelas atletas que ainda se encontram no ensino médio. No entanto, mesmo as que ainda não se formaram no ensino médio, me contavam que logo entrariam na universidade. Esse dado não me surpreendeu, considerando que o Irã é um país que investe muito em educação, sendo que mais de 60% das

admissões nas graduações, e mais de 50% das admissões em programas de mestrado correspondem a mulheres (RAHBARI, 2016a).

No questionário inicial eu perguntava a qual classe social essas mulheres consideravam que pertenciam, deixando a critério delas decidir em qual classe se encaixavam. Todas me responderam que pertenciam à classe média ou média-alta. Esse dado também já era esperado, já que dificilmente essas mulheres recebem um salário pela prática do esporte, e ainda precisam financiar seus próprios equipamentos, viagens e competições. As atletas do futebol, que participam da liga nacional, me contaram que recebem um salário, ainda que pequeno, pelo seu trabalho. Contudo, quando as atletas ganham qualquer competição, o governo recolhe o valor da premiação e não as repassa.

No dia 11 de maio de 2020, a agência feminina de notícias esportivas IW Sports noticiou que as atletas iranianas do futsal, que haviam ganhado medalha de ouro nos Jogos Asiáticos de 2018, ainda não haviam recebido o valor do prêmio. A reportagem destacava que já havia se passado dois anos e que a esperança das atletas diminuía a cada dia. As atletas de outras modalidades com quem conversei me contaram que não recebiam auxílio do governo ou da federação para participar de competições. Uma atleta de patinação *freestyle*, chamada Noora, comentou que o Irã é extremamente dependente do preço do dólar por causa das sanções econômicas, e por isso a prática dos esportes e seus equipamentos são muito caros. Consequentemente, nem todas as parcelas da população conseguem se tornar atletas profissionais. Ladan Rahbari (2017, p. 29), em seus estudos sobre iranianas que praticam esportes equestres, também notou que as esportistas pertenciam a classes mais altas.

Eu procurei organizar alguns dados iniciais na tabela a seguir, na qual os municípios onde as atletas vivem e treinam estão indicados com as letras (P) e (G), que apontam quando as cidades são pequenas e grandes, respectivamente. A localização é muito importante para a pesquisa, considerando que na capital e em outras cidades grandes há um maior acesso à educação, e é onde a população tem maior engajamento em causas políticas. Enquanto a população de cidades menores no Irã normalmente é mais conservadora e religiosa. Todas as cidades listadas na tabela como grandes possuem mais de um milhão de habitantes, enquanto dentre as cidades pequenas Bushehr e Ilam possuem 200 mil habitantes, e Arak possui 500 mil.

| Nome | Idade | Onde mora | Escolaridade | Estado civil | Classe social | Esporte |
|----------|-------|----------------|-----------------|--------------|---------------|----------|
| Elnaz | 29 | Teerã (G) | Pós-graduação | Casada | Média-alta | Esqui |
| Kimiya | 34 | Ilam (P) | Ensino superior | Solteira | Média-alta | Futebol |
| Sahar | 32 | Isfahan (G) | Pós-graduação | Solteira | Média | Futebol |
| Layla | 21 | Bushehr (P) | Ensino superior | Solteira | Média | Tiro |
| Azadeh | 16 | Kermanshah (G) | Ensino médio | Solteira | Média-alta | Kung fu |
| Farzaneh | 16 | Arak (P) | Ensino médio | Solteira | Média | Squash |
| Sara | 20 | Teerã (G) | Ensino superior | Solteira | Média-alta | Futebol |
| Maryam | 19 | Isfahan (G) | Ensino superior | Solteira | Média-alta | Ciclismo |
| Parisa | 27 | Tabriz (G) | Ensino superior | Casada | Média | Ciclismo |
| Mina | 17 | Teerã (G) | Ensino médio | Solteira | Média | Remo |
| Elaheh | 31 | Shiraz (G) | Pós-graduação | Solteira | Média-alta | Ciclismo |

Tabela 1 – Perfis das entrevistadas. Fonte: Pesquisa de Campo, 2020.

Com relação ao estado civil, a maioria das entrevistadas é solteira e nenhuma possui filhos. Segundo o escritório iraniano de registro civil, pesquisa e estatística, a idade média de casamento entre as mulheres é de 24 anos, e entre os homens é de 27 anos (TEHRAN TIMES, 2018). Seis entrevistadas têm idade menor que 25 anos, sendo assim, é comum que não estejam casadas.

Uma das perguntas iniciais que fiz a todas as atletas era sobre a sua religião. Segundo Tohidi (2010, p. 376), a população iraniana é dividida de acordo com a sua religião em: 90% Islã xiita, 8% Islã sunita, e 2% de outras religiões (cristãos, zoroastras, judeus, baha'i). No Irã, se um bebê nasce de uma família islâmica, é registrado em sua certidão de nascimento que ele é muçulmano. Não há muito poder de escolha com relação à religião. Eu imaginei que todas as minhas entrevistadas responderiam que eram muçulmanas, e de fato a maioria respondeu dessa forma, mas mesmo assim incorporei ao questionário para abrir a possibilidade de outros debates. De todas as atletas com quem conversei apenas duas mencionaram que em seus documentos de identidade constava que elas eram muçulmanas e que elas não tinham a opção de mudar isso, então, por mais que não soubessem em que acreditavam, ou mesmo que não fossem religiosas, o discurso oficial era de que elas seguiam o Islã.

A escolha das atletas e dos esportes em que competem se deu de maneira arbitrária. Como já comentado, as primeiras esportistas que busquei eram atletas olímpicas. Porém, em seguida, entrei em contato com as atletas mencionadas na página do Instagram da IW Sports, que competem nas mais diversas modalidades, sem qualquer critério específico. Enquanto

todas as mensagens que enviei para atletas do basquete, por exemplo, foram ignoradas, consegui completar três entrevistas com jogadoras de futebol. Também por um acaso, três atletas do ciclismo se mostraram dispostas a participar das entrevistas.

Ao longo do trabalho analisarei com mais profundidade as trajetórias e convicções dessas mulheres. Neste momento, irei apenas apresentar um pouco melhor as atletas com quem conversei.

Elnaz tem 29 anos e vive em Teerã. Ela mora com seu marido, é muçulmana, e tem mestrado em arquitetura. Ela fazia parte da seleção iraniana de natação, mas há 10 anos descobriu o esqui, e há oito anos decidiu praticar o esporte diariamente e começou a competir na modalidade cross-country. O norte de Teerã possui várias montanhas e Elnaz mora a 60 quilômetros da montanha em que treina. Ela realiza o caminho de ida e volta todos os dias para praticar. A esquiadora foi minha primeira entrevista completa. Quando eu sugeri que fizéssemos uma chamada de vídeo, ela me pediu que continuássemos a conversar pelo Instagram, pois ela tinha medo de não me compreender e de não ser compreendida.

Kimiya vive na cidade de Ilam, tem 34 anos, e é muçulmana. Ela vive apenas com sua mãe, pois seu pai faleceu há cinco anos e suas três irmãs e dois irmãos são casados. Ela é formada em educação física e joga futebol desde criança. Kimiya começou a competir no futsal, mas depois mudou para o futebol de campo, e desde os 19 anos é atleta da seleção nacional. Ela me contou que as atletas que participam do campeonato nacional de futebol feminino recebem o equivalente a mil dólares por uma temporada de seis meses. Segundo a jogadora, elas não possuem um patrocínio financeiro adequado e seus contratos são de valores muito baixos. Nós tentamos realizar a entrevista por chamada de vídeo, mas Kimiya não me compreendia, então continuamos conversando através do Instagram. Ela ficou muito feliz em conversar comigo, porque na percepção dela a pesquisa era uma forma de reconhecimento por seu trabalho, que não é recompensado financeiramente dentro do Irã.

Sahar era uma jogadora de futebol que hoje é treinadora na liga nacional. Ela tem 32 anos, mora em Isfahan com seus pais e com seu irmão, e possui um mestrado em educação física. A história de Sahar merece um espaço especial nesse trabalho, e por isso será abordada com mais detalhes em outro momento. Isfahan é uma cidade muito religiosa que não permitia times de futebol feminino até que Sahar convenceu o conselho de futebol não apenas a criar um time, mas a permitir competições femininas na cidade. Ela respondeu o questionário inicial pelo Instagram, e pediu que continuássemos a conversar através do WhatsApp, onde ela poderia me responder com mais rapidez. No meu primeiro contato com todas as atletas eu explicava que a intenção era que a entrevista fosse realizada através de uma chamada de

vídeo. Sahar foi a única atleta que me respondeu que poderíamos conversar por vídeo. Assim que ela pediu para que eu falasse com ela pelo WhatsApp, eu a enviei um áudio me apresentando e perguntando como era a pronúncia de seu nome. Ela me respondeu com uma mensagem de texto afirmando que não compreendia inglês muito bem, e que não havia me entendido. Desta forma, a chamada de vídeo foi impossibilitada.

Layla é atleta de tiro com rifle e tem 21 anos. Ela mora em Bushehr com seus pais e faz faculdade de educação física. Ela me contou que gostava de tiro e de esgrima, mas como não tinha lugares para praticar esgrima em sua cidade, ela decidiu ir para o tiro. Layla começou a praticar tiro esportivo aos dez anos de idade através do incentivo de sua família, que também ama e pratica o esporte. Em 2018 ela veio ao Rio de Janeiro para uma competição, e em 2020 ela participaria dos Jogos Olímpicos de Tóquio⁸. A entrevista com Layla foi realizada através do Instagram.

Azadeh tem 16 anos e vive na cidade de Kermanshah. Ela vive com seus pais e com seu irmão, e se declarou muçulmana. Ela foi ginasta entre seus três e onze anos de idade, até que sua técnica a introduziu ao kung fu, por acreditar que a ajudaria a desenvolver sua flexibilidade. Ela acabou se apaixonando pelo esporte, e hoje compete internacionalmente na categoria do kung fu sanda. Em 2018, ela veio a Brasília participar do Campeonato Mundial Júnior de Kung Fu e conquistou a medalha de ouro. Assim que ela me respondeu aceitando participar da entrevista, eu a enviei o questionário inicial e um pequeno texto sobre mim. Ela me respondeu com seu número de WhatsApp, pedindo que conversássemos pelo aplicativo.

Farzaneh é atleta de squash e tem 16 anos. Ela vive em Arak com seus pais, seu irmão, e sua cachorrinha Nella. Ela ainda está no ensino médio, mas me contou que pretende estudar arquitetura na universidade. Farzaneh começou a praticar squash aos sete anos, quando uma amiga de sua mãe a apresentou ao esporte. Seu irmão também pratica squash, mas apenas por diversão. Por sua idade, Farzaneh às vezes acaba competindo com meninas e mulheres mais velhas, mas ela vence todas. A atleta já conquistou medalhas nacionalmente e internacionalmente. Farzaneh se mostrou feliz com a pesquisa. Ela respondeu meu primeiro contato me agradecendo por tê-la escolhido e afirmando que esperava que nos tornássemos amigas. Sua entrevista foi realizada pelo Instagram. Ao final da entrevista, Farzaneh me enviou fotos da região onde vive e me ensinou algumas expressões em farsi.

Sara tem 20 anos e é jogadora de futebol. Ela mora em Teerã com seus pais, mas também possui um apartamento em Mazandaran⁹ onde ela treina e vive sozinha. Ao ser

⁸ Os Jogos Olímpicos foram adiados para 2021 por conta da pandemia de COVID-19.

⁹ Mazandaran é uma cidade que fica a três horas e meia de carro de Teerã.

questionada sobre a sua religião, Sara disse que em sua carteira de identidade dizia que ela era muçulmana, mas que na realidade ela não sabia qual era sua religião. Eu a contei que no Brasil era comum as pessoas trocarem de religião ao longo da vida, e ela me respondeu que desejava que no Irã eles também tivessem essa liberdade. Ela ainda afirmou que o governo iraniano é cruel e não permite que as pessoas escolham ou mudem de religião. Antes de responder minhas perguntas sobre a sua trajetória no futebol, Sara desabafou sobre a questão da religião e do uso do *hijab* (véu islâmico), e me enviou fotos de seu treinamento. Ela me contou que joga futebol desde os oito anos e que começou a treinar futsal aos treze, antes de migrar para o futebol de campo. Ela ainda me relatou que ninguém em sua família joga ou gosta de futebol, mas que o esporte sempre esteve em sua alma. A entrevista de Sara foi realizada através do Instagram.

Maryam tem 19 anos e vive em Isfahan. Ela mora com seus pais e seu irmão, e estuda direito na universidade. Maryam foi apresentada ao ciclismo pelo marido de sua irmã, que é um campeão iraniano. Desde os 16 anos ela compete no ciclismo de pista, vencendo campeonatos nacionais e internacionais. Uma curiosidade é que Maryam compete nacionalmente e em campeonatos asiáticos pela seleção iraniana, mas em outras competições internacionais ela representa a seleção sul-coreana. Ela me contou que fala um pouco de coreano, mas não conseguiu me dar mais detalhes sobre dupla cidadania ou sua descendência. A entrevista foi realizada pelo Instagram.

Parisa é uma ciclista de 27 anos que vive em Tabriz. Ela mora com seu marido e possui graduação em teologia. Parisa já havia praticado natação, taekwondo, e havia jogado vôlei profissionalmente por três anos. Ela me contou que sempre teve interesse em atividades onde ela pudesse ter contato com a natureza, então, aos 18 anos, ela e duas amigas decidiram começar a praticar ciclismo por diversão. Gradualmente elas foram tomando interesse pelo esporte e passaram a competir profissionalmente. Parisa foi ganhando destaque, e hoje já ganhou campeonatos nacionais e internacionais. Seu marido também é ciclista profissional, eles se conheceram em uma competição no Sri Lanka. Parisa se mostrou entusiasmada com a entrevista, sendo sempre muito simpática e dando detalhes importantes sobre o ciclismo no Irã. A sua entrevista foi realizada através do Instagram.

Mina é atleta do remo e tem 17 anos. Ela vive em Teerã com seus pais e seu irmão. Teerã não é uma cidade litorânea, por isso, Mina pratica no Complexo Esportivo Azadi, que foi construído para os Jogos Asiáticos de 1974 e possui um grande lago. Ela treina desde os 14 anos e é atleta da seleção nacional desde os 16. Mina é muito simpática, e apesar de me contar sobre as suas dificuldades como atleta mulher no Irã, ela sempre reforçava que a

imagem do Irã divulgada pela mídia internacional não correspondia à realidade, me enviando imagens de mulheres no cotidiano iraniano. A entrevista com Mina foi realizada através do Instagram.

Elaheh é uma atleta de *mountain bike* de 31 anos. Ela vive com seus pais e seu irmão em Shiraz e possui um mestrado em engenharia civil com ênfase em engenharia estrutural; ela planeja se tornar uma designer de bicicletas. Sua história como ciclista é longa. Assim como Sahar me contou sobre a sua luta no futebol, Elaheh me contou sobre a sua luta no ciclismo, e como ela abriu as portas para outras mulheres. Entrarei em detalhes sobre Elaheh e a questão do ciclismo no Irã em outro momento. Ela foi outra atleta que comentou que no Irã não é possível mudar de religião e que estava escrito “Islã” em sua certidão de nascimento, então, oficialmente pelo menos, ela é muçulmana. Após o meu primeiro contato com Elaheh no Instagram, a atleta pediu que eu lhe enviasse um e-mail detalhando a minha pesquisa. Como já havia tentado contato com outras atletas por e-mail, imaginei que seria apenas outra desculpa para deixar de me responder. De qualquer maneira, enviei um e-mail explicando minha pesquisa, e anexei um documento com todas as perguntas que eu planejava fazer. Para a minha surpresa, Elaheh respondeu meu e-mail com seu número de WhatsApp e afirmou que ficaria feliz em participar da entrevista. A partir de então, a sua entrevista foi realizada através do aplicativo.

Apesar do preconceito espalhado pela mídia ocidental sobre o Irã, os iranianos são conhecidos por quem visita o país como um povo extremamente acolhedor e simpático. As atletas com que conversei falavam sobre isso e, de fato, sempre se mostravam muito receptivas. Elas me enviavam fotos e me convidavam para visitar o Irã. Eu vejo o povo iraniano muito similar ao brasileiro nesse sentido; eles possuem muita facilidade em criar laços de amizade. Mesmo as atletas que não conseguiam se comunicar em inglês se esforçavam para responder minhas mensagens e faziam uso de recursos visuais como *emojis* para demonstrar felicidade e carinho.

As conversas com as atletas iranianas foram muito enriquecedoras para a compreensão de como funciona a prática esportiva no país e como as atletas percebem a igualdade de gênero nos esportes. No entanto, muito mais do que a apreensão de as suas identidades como atletas no Irã, estabelecer o contato através de suas redes sociais me permitiu acesso a fotos e vídeos de suas vidas cotidianas, às relações sociais que estabelecem, às músicas que elas escutam, às roupas que utilizam quando não estão nas ruas aos olhos da polícia moral, e aos seus comportamentos em suas vidas privadas. As suas páginas no Instagram me revelaram muito de quem elas eram, e me permitiram ter contato com outras pessoas que fazem parte de

suas vidas. Através delas acabei encontrando os perfis de blogueiras, músicos, lojas de roupa e acessórios, academias, salões de beleza, médicos, profissionais de estética, restaurantes, e outros perfis de serviços e de lugares que frequentam. O Instagram e os perfis com os quais tive contato me permitiram conhecer mais sobre o Irã e sobre a vida dos iranianos, perceber como a população se relaciona e se expressa através das redes sociais, e gerar novas indagações para a minha pesquisa. Foi o processo de imersão que eu pude fazer estando a mais de 12 mil quilômetros de distância do meu objeto de pesquisa.

A partir do que foi exposto até o momento, apresento a estrutura desta dissertação. O capítulo 1 busca traçar o histórico da participação feminina nos esportes. Primeiramente, foi elaborada a história política do Irã, com enfoque no desenvolvimento dos esportes no país e a participação feminina ao longo dos anos. O capítulo explica as mudanças ocorridas após a Revolução Iraniana de 1979, e o retorno gradual das mulheres à esfera esportiva nos anos 1990. O primeiro capítulo ainda discute os Jogos Islâmicos Femininos, a paixão iraniana pelo futebol (esporte mais popular no país), e o desenvolvimento do futebol feminino. O capítulo finaliza com o relato de uma das entrevistadas sobre os seus esforços para a permissão da profissionalização do futebol feminino em sua cidade.

O capítulo 2 aborda as trajetórias das atletas iranianas entrevistadas. Ao longo de todos os capítulos as entrevistas são mencionadas de acordo com o tema discutido, porém, neste capítulo há um maior foco nos caminhos traçados pelas atletas em suas carreiras profissionais. Neste ponto, são apresentadas as experiências, negociações e conflitos das atletas ao longo de suas vidas, assim como as dificuldades que enfrentam devido à desigualdade de gênero no Irã.

O capítulo 3 busca relacionar o gênero e o Islã como fatores que influenciam o esporte feminino no Irã. Em primeiro lugar, o capítulo apresenta discussões sobre a religião islâmica e o esporte feminino, demonstrando os debates sobre o uso do véu islâmico (*hijab*) e sobre a segregação de espaços entre os sexos na prática esportiva. Posteriormente, é discutido como as atletas entrevistadas percebem a religião e se elas acreditam que uma reinterpretação das leis islâmicas poderia trazer melhorias para a condição das mulheres no país.

Por fim, o capítulo 4 discorre sobre o corpo feminino a partir de uma perspectiva teórica, refletindo sobre a importância dos estudos de gênero na compreensão das construções sociais sobre a feminilidade. Em seguida, o capítulo discute as questões de feminilidade, corpo e sexualidade no Irã, e suas relações com o esporte feminino iraniano. Finalmente, este capítulo abordará a questão da mídia oficial iraniana e seu papel no monitoramento e controle dos corpos, assim como o papel das redes sociais como um local onde formas alternativas de discursos e de feminilidade podem ser desempenhadas e divulgadas para a população.

1. A HISTÓRIA POLÍTICA E ESPORTIVA DAS MULHERES NO IRÃ

Não há muitos livros ou produções acadêmicas sobre a história dos esportes no Irã em inglês ou em línguas latinas. Textos sobre mulheres e esportes no país são ainda mais raros. Apesar disso, é possível unir algumas diferentes perspectivas para fazer sentido dessa história. Na Pérsia Antiga, a prática de atividades físicas estava ligada a manter o corpo forte para defender a terra de seus inimigos. Assim, mesmo a prática esportiva como recreação normalmente estava conectada à guerra, e, por isso, os esportes mais comuns da época eram a equitação, e um tipo de luta semelhante à luta olímpica atual. Um dos esportes mais antigos e populares na antiga Pérsia era o polo (*chogān*), cuja origem remete alguns anos antes do reinado de Dário, o Grande (521-486 a.C.). O polo era considerado o esporte dos reis e da nobreza, retendo sua popularidade até a dinastia safávida no século XVIII. De acordo com Chehabi (2002, p. 372), o polo desapareceu após a queda dos safávidas, voltando a ter certa popularidade a partir da presença britânica no final do século XIX.

Até a introdução da educação física e dos esportes ocidentais, os iranianos praticavam diversos esportes tradicionais de cada província e comunidade, inclusive o que conhecemos hoje como luta olímpica estilo livre (*freestyle wrestling*). Como afirma Chehabi (2002), a introdução dos esportes ocidentais no Irã não é bem documentada, porém, o que se sabe é que algumas formas modernas de exercícios físicos foram apresentadas através do exército, e que as escolas internacionais missionárias introduziram a atividade física para seus alunos a partir do seu estabelecimento na metade do século XIX.

A prática de esportes e de atividades físicas foi muito discutida entre os iranianos no final do século XIX e início do século XX, principalmente durante a Revolução Constitucional¹⁰. Os defensores dos exercícios físicos argumentavam a sua importância para a criação de uma “nação saudável que pudesse reviver as glórias do Irã antigo” (CHEHABI, 2002, p. 374). Mesmo com a oposição do clérigo e de conservadores sobre o assunto (que acreditavam que a atividade esportiva era fútil), em 1919 o ministro da educação incorporou a educação física no currículo oficial das escolas, e, em 1927, o parlamento autorizou a educação física como disciplina obrigatória nas escolas públicas.

Com relação às mulheres, o século XIX trouxe muitas inquietações com relação às suas condições e aos direitos femininos em diversos lugares do mundo. No Irã, segundo

¹⁰ A Revolução Constitucional (1905-1911) se deu através da união dos comerciantes, do clero e dos intelectuais seculares, que estavam insatisfeitos com a dominação estrangeira da economia e o descaso do xá (rei) com a população iraniana. Após diversos protestos e boicotes, a Revolução resultou na criação de um parlamento em 1906.

Moghissi (2002, p. 128), Tahereh Qurrat-ol 'Ayne era uma das mulheres que criticava os papéis de gênero prescritos no Islã e contestava todas as formas de confinamento feminino. Em 1848 ela decidiu retirar seu véu, causando um choque na sociedade. Outra iraniana pioneira na luta por direitos foi Bibi Khanum, que criou a primeira escola para meninas e mulheres (em 1907), e publicou um panfleto chamado “A Estupidez dos Políticos”, onde ela culpava os homens pela posição degradante e por todos os outros problemas enfrentados pelas mulheres.

No início do século XX, as mulheres se uniram aos homens durante a Revolução Constitucional, participando ativamente dos protestos e dos boicotes. Durante essa época, as mulheres foram percebendo a sua força junto com o movimento constitucionalista, e aproveitaram a situação para promover seus próprios direitos e exigir melhores condições. As iranianas estabeleciam sociedades secretas (*anjomans*) onde debatiam seus direitos e suas reivindicações. O movimento das mulheres durante a revolução foi nacionalista, porém também feminista, já que ao mesmo tempo em que elas lutavam junto com os homens a partir de uma perspectiva anti-imperialista, elas lutavam contra eles em sua reivindicação pelo direito de votar e serem eleitas, pelo direito a educação universal, e pelo reconhecimento de suas sociedades.

As revoltas e greves da população culminaram na criação de uma Constituição em 1906. Segundo Traumann (2016, p. 34), a Constituição Iraniana era baseada no modelo belga, e limitava a ação do poder real a partir da criação do parlamento (*majlis*). No documento ficou estabelecido a igualdade de direitos entre todos os cidadãos e o direito ao voto, entretanto, a igualdade de direitos não era absoluta, excluindo a maior parte da população do processo eleitoral. Assim como os estrangeiros, por exemplo, as mulheres não foram reconhecidas como cidadãs. Para Mahdi (2004), a Constituição de 1906 colocava as mulheres no mesmo patamar que criminosos, determinando que “todas as mulheres, menores de idade, estrangeiros, pedintes, assassinos, ladrões e outros criminosos” não poderiam ser eleitores.

Apesar de participarem ativamente durante a Revolução Constitucional, as questões reivindicadas pelas mulheres foram ignoradas. O direito à educação para as mulheres até foi assegurado pela Constituição de 1906, no entanto, o Estado não disponibilizava recursos para a construção de escolas e investimento na educação das jovens. As mulheres da aristocracia estudavam em escolas internacionais missionárias, enquanto as mulheres das classes mais baixas acabavam dependendo da atuação das feministas. As ativistas feministas dessa época, mesmo após não terem conquistado suas exigências durante a Revolução Constitucional, continuaram ativas na luta por seus direitos. Como conta Kian-Thiébaud (2008, p. 146), elas

publicavam revistas femininas, criavam escolas para mulheres, e traduziam textos sobre o que era ser uma mulher moderna. Essas ativistas enfatizavam que para ser uma mulher moderna não era necessário abdicar de suas raízes religiosas, mas que era importante ter noções de higiene, por exemplo, porque uma boa mãe deveria ser educada e limpa.

As noções de atividades físicas para mulheres também se encaixavam nesse raciocínio. Adelman (2003, p. 446) relata a experiência brasileira, porém, ela pode ser utilizada da mesma forma para entender o contexto iraniano. No final do século XIX e início do século XX, as mulheres ainda eram vistas como mães e esposas acima de tudo. Todos os discursos que envolviam mulheres giravam em torno de seu papel reprodutor. Deste modo, a educação era encorajada para que as mulheres exercessem melhor seu papel de mãe e esposa, e a educação física para mulheres, como aponta Jahromi (2011, p. 114), era justificada considerando a necessidade de corpos saudáveis para uma maternidade bem sucedida. Como já mencionado, o parlamento iraniano determinou a obrigatoriedade do ensino da educação física em todas as escolas públicas do país em 1927. Contudo, devido à falta de profissionais qualificados e de instalações apropriadas, essa resolução não foi efetivada. Desta forma, as mulheres dificilmente tinham acesso à prática de atividades físicas.

A política iraniana teve muita influência na consolidação da prática de esportes no país. O Irã nunca foi de fato colonizado pelas potências europeias, entretanto, tanto a Rússia quanto a Grã-Bretanha mantinham acordos dividindo o país em zonas de influência. Ambos os países exploraram o Irã economicamente durante os séculos XIX e XX através do domínio de indústrias como o petróleo e o minério, mantendo também controle sobre a política do país e realizando golpes de Estado quando lhes convinha. Em 1921, justamente através de um golpe, a Grã-Bretanha ocupa Teerã e aponta Reza Khan como ministro da Guerra e, em seguida, como primeiro-ministro. Em 1925, Reza Khan consegue, através de uma assembleia, ser nomeado o novo monarca do país. Por ter origem pobre, o novo xá (rei) decidiu mudar seu nome para Reza Pahlavi, fazendo referência ao idioma pahlavi, que era falado na época do Império Sassânida (224-651 d.C.), e ficando conhecido como Reza Xá Pahlavi.

Tomando como inspiração o líder turco Kemal Atatürk, que após a independência da Turquia estava lançando um programa de reformas sociais e políticas visando à ocidentalização e a secularização do país, os maiores objetivos do xá eram a modernização (que nesse caso significava ocidentalização) e a independência do Irã. Tendo essa ocidentalização em vista, Reza Xá Pahlavi introduziu um tribunal secular e um código civil baseado em modelos europeus, decretou a utilização de vestimentas ocidentais por homens e mulheres, e proibiu a utilização do véu (POLK, 2009, p.104). Além disso, promoveu uma

campanha conhecida como “Despertar da Mulher”, que incentivava a participação de mulheres no mercado de trabalho, nas escolas e universidades, na cultura, e nos esportes. Como lembra Adghirni (2014, p. 139), nessa época já havia ministras e juízas no Irã, assim como as políticas do xá causaram um aumento na taxa de alfabetização.

É relevante pontuar, no entanto, que as políticas impostas por Reza Xá feriam a cultura iraniana, e protestos pacíficos eram constantemente sufocados com uso de força bruta (MORETÃO, 2016, p. 49). O regime do xá era centralizado e autoritário, reprimindo brutalmente qualquer oposição, fosse ela secular ou religiosa. Ele ainda banuiu todas as organizações que não eram ligadas ao governo, extinguindo os partidos políticos, os jornais independentes, as organizações de mulheres, e qualquer outro grupo que pudesse representar oposição.

Com relação aos esportes, Reza Xá encorajava a sua prática por considerar um símbolo de modernização e de semelhança com os países europeus. Ele apreciava o futebol, se tornando ainda em 1921 o presidente honorário da Associação pela Promoção e Progresso do Futebol. Ademais, mesmo antes de assumir o trono, em 1924, ele ordenou que competições atléticas fossem realizadas pelas forças armadas (CHEHABI, 2002, p. 379). Durante o seu regime, o xá continuou demonstrando apreço pela prática esportiva, instituindo a Associação Nacional de Educação Física e Escotismo do Irã em 1934, a primeira organização responsável por todos os assuntos relacionados a esportes para homens e mulheres, e abrindo as primeiras escolas de formação de professores de educação física. De acordo com Jahromi (2011, p. 116), a Associação fornecia livros de instrução e regras esportivas, contratava consultores dos Estados Unidos, e seu objetivo era a participação dos homens nos Jogos Olímpicos de Berlim em 1936. Chehabi (2002, p. 382) menciona que, em 1939, diversos esportes tiveram campeonatos nacionais pela primeira vez na história, e que, em 1940, houve uma tentativa de criar federações separadas para cada esporte (algo que só foi de fato concluído depois da II Guerra Mundial).

Com relação às mulheres, em 1935 o xá estabeleceu um Centro Feminino (*Kanun-e Banovan*) que se tornou uma das principais organizações que buscavam a participação de mulheres nos esportes. Contudo, esse projeto era destinado majoritariamente a mulheres das classes mais altas, e os esportes ainda não haviam se tornado uma atividade de lazer comum entre a população, portanto, a maior parte das iranianas continuou sem acesso à prática esportiva (CHEHABI, 2005, p. 209). Como lembra Jahromi (2011, p. 116) também, nessa época as mulheres e os homens compartilhavam as instalações esportivas e não seguiam os requisitos islâmicos. Apesar de isso não ser um problema para algumas pessoas,

principalmente para a elite, a maioria das mulheres iranianas (que é muçulmana) além de não ter acesso por uma questão financeira, eram excluídas das atividades físicas por não se sentirem confortáveis nos ambientes compartilhados.

Durante a época de Reza Xá, os iranianos não acreditavam que os esportes eram importantes apenas pela atividade física, mas também porque eles ensinam importantes competências para as relações humanas, como aprender a trabalhar em equipe e a agir de forma justa. Apesar de haver defensores da prática esportiva, principalmente os intelectuais e pessoas que acreditavam que os esportes modernizariam o Irã, o clérigo e os conservadores se opunham a tais atividades. Esses grupos alegavam que as roupas utilizadas nos exercícios físicos (tanto por homens quanto por mulheres) feriam os códigos de vestimenta islâmicos, e acreditavam que os esportes desvirtuavam a população iraniana.

Chehabi (2002, p. 382) conta que o filho do xá, Muhammad Reza Pahlavi, também era interessado por esportes. Ele jogava futebol desde pequeno e, quando passou cinco anos estudando na Suíça, foi capitão dos times de futebol e tênis. Quando ele assumiu o trono, em 1941, continuou os investimentos de seu pai nos esportes, ainda que com menos intensidade. Um ano antes dos Jogos Olímpicos de Londres de 1948, um Comitê Olímpico nacional foi criado, e com ele as diferentes federações para cada esporte. Nessa época, o futebol já estava ganhando cada vez mais popularidade, porém, os esportes favoritos dos iranianos ainda eram a luta olímpica estilo livre e o levantamento de peso – modalidades tradicionais que até hoje fazem muito sucesso no país. Nessa primeira Olimpíada, o Irã conquistou apenas uma medalha de bronze, na modalidade do levantamento de peso.

Durante as décadas de 1950 e 1960, os atletas iranianos da luta olímpica estilo livre foram campeões em diversos eventos. Gholam Reza Takhti foi o primeiro iraniano a conquistar medalha de ouro nos Jogos Olímpicos¹¹ e continua sendo até hoje o lutador da categoria mais vitorioso do país. A luta olímpica permaneceu o esporte mais popular no Irã até o final da década de 1960, quando Chehabi (2002, p. 384) afirma que o futebol foi conquistando cada vez mais espaço nos corações iranianos. O autor explica que essa mudança ocorreu, em parte, porque o futebol é um esporte coletivo, jogado em estádios grandes que comportam um vasto número de espectadores, algo que fortalece a identidade coletiva da população. Outro fator, segundo Chehabi, foi a chegada da televisão no início da década de 1960, que transmitia os jogos de futebol para o país.

¹¹ Gholam Reza Takhti e Emam-Ali Habibi conquistaram as primeiras medalhas de ouro para o Irã nos Jogos Olímpicos de 1956, em Melbourne.

Os opositoristas do regime alegavam que o xá promovia a paixão pelo futebol como uma forma de manipular a população e desviar a atenção dos problemas do governo. De fato, o governo tirava vantagem do entusiasmo do povo com relação ao futebol, porém, de acordo com Chehabi (2002, p. 388), o futebol já havia se consolidado como um dos esportes mais populares do Irã, algo que persiste até os dias de hoje. O autor comenta que iranianos de todas as classes e origens se interessavam pelo futebol, tanto como jogadores quanto como espectadores, inclusive os seminaristas. Diferente da época de seu pai, que promovia o futebol pelos valores disseminados pelo esporte, durante o regime de Reza Pahlavi o futebol se tornou um espetáculo, normalmente usado para estimular sentimentos nacionalistas.

Ainda que o investimento nos esportes não fosse dos melhores, as mulheres iranianas também ganharam espaço no esporte recreativo e competitivo. No esporte recreativo, dentre as modalidades mais populares entre as mulheres estavam a natação, o vôlei, o tênis e a ginástica (MIRSAFIAN et al., 2014, p. 953). Nessa época, as mulheres podiam praticar atividades físicas em ambientes mistos e serem treinadas por instrutores homens. No cenário competitivo, as atletas participaram pela primeira vez dos Jogos Asiáticos em 1958. Em 1966, nos Jogos Asiáticos em Bangkok, o time feminino de vôlei foi o primeiro a conquistar uma medalha de bronze na competição. As iranianas repetiram a sua participação em 1970 e 1974, quando os Jogos ocorreram em Teerã e 41 atletas mulheres puderam competir. Em 1974, as atletas da esgrima conquistaram uma medalha de ouro, uma de prata, e uma de bronze. Nos Jogos Olímpicos, quatro mulheres participaram da edição de 1964, em Tóquio, nas modalidades do atletismo e da ginástica. Em 1976, novamente quatro mulheres participaram dos Jogos Olímpicos de Montreal, todas competiram na esgrima.

Durante o regime de Reza Pahlavi, as mulheres ganharam novas oportunidades de participação nos esportes nacionais e nas competições internacionais. No entanto, é importante ter em mente que o governo limitava a ação das mulheres e as explorava para avançar a sua agenda modernizadora. A maioria das mulheres com acesso aos esportes era de classes mais altas, e os clubes e organizações onde treinavam exigiam que elas utilizassem vestimentas ocidentais que não cobria muito o corpo. Desta forma, a maior parte da população feminina, que era pobre e religiosa, ficava de fora da prática esportiva. Tudo isso vinha também dentro de um feminismo de Estado¹² e de um regime autoritário que não permitia que as mulheres expressassem seus desejos e reivindicações. Ademais, o governo estava mais

¹² O feminismo de Estado ocorreu quando, durante o regime de Reza Xá e de seu filho Reza Pahlavi, todas as organizações, partidos políticos, jornais independentes e qualquer outro grupo que pudesse representar oposição foram banidos. As organizações e sociedades independentes de mulheres também foram banidas, e a única organização feminina que existia era administrada pela irmã de Reza Pahlavi e funcionava dentro do governo.

interessado em fotos e na imagem que a participação de algumas poucas mulheres nos esportes passava para o Ocidente, do que de fato preocupado com a saúde, o lazer, e a profissionalização de mulheres no esporte. O regime normalmente colocava atletas para marchar em celebrações nacionais e para receber oficiais estrangeiros, empenhando-se em passar uma imagem de mulheres sexy e em forma para o resto do mundo. Nos anos 1970, era comum que atrizes promovessem o esporte feminino em revistas e campanhas que pareciam promover mais o corpo das mulheres do que o esporte em si.



Figura 1: Time de vôlei feminino iraniano em 1974
Fonte: Pars Times / 2001



Figura 2: Capa de uma revista nos anos 1970
Fonte: Pars Times / 2001



Figura 3: Atrizes iranianas em campanhas de promoção do esporte feminino nos anos 1970
Fonte: Pars Times / 2001

Reza Pahlavi, assim como seu pai, pretendia desenvolver o país através de uma ocidentalização. Em 1963 ele lançou um projeto chamado “Revolução Branca”, que incluía distribuição de terras, privatização de empresas estatais, e programas de alfabetização universal. As reformas propostas através de tal projeto incentivaram a participação das mulheres no mercado de trabalho, permitiu que as mulheres votassem, possibilitou que elas

pedissem divórcio e disputassem a guarda dos filhos, impôs restrições à poligamia, e alterou a idade mínima para o casamento. Todas essas questões se enquadraram na Lei de Proteção a Família (FPL) criada em 1967, e revisada em 1975, que também transferiu a jurisdição do direito de família para uma Corte secular.

Apesar de essas reformas serem importantes, elas tiveram pouco efeito na prática. A Lei de Proteção a Família favoreceu apenas uma pequena parcela da população de classes mais altas, enquanto as mulheres mais pobres e de regiões rurais não apenas não tinham acesso às novas disposições com relação aos seus direitos adquiridos, como a própria cultura mais conservadora não lhes permitia o acesso. As medidas entendidas como “imorais” faziam com que as famílias proibissem as meninas e mulheres de estudar, trabalhar ou participar de uma vida pública no geral. Na realidade, o problema não vinha só das famílias, já que o governo não permitia que mulheres que usassem o véu trabalhassem em cargos públicos, que era o setor que mais empregava as mulheres. Segundo Azadeh Kian (2010, p. 50), “as mulheres que vinham de contextos religiosos foram cada vez mais excluídas da esfera pública por um feminismo de Estado que monopolizava o discurso em relação às mulheres”.

Durante a década de 1970, o Irã entrou em uma grande instabilidade que culminaria na Revolução Iraniana de 1979. O plano de desenvolvimento proposto por Reza Pahlavi alcançava as classes altas urbanas, que eram a minoria no país, e desfavorecia a população de áreas rurais, onde não se havia sequer luz elétrica e água encanada (TRAUMANN, 2005, p. 258). O regime de Reza Pahlavi era corrupto, autoritário, e violento. Enquanto a maior parte da população estava na miséria, o xá e a realeza gastavam grandes quantidades de dinheiro em festas, futilidades, e no poderio militar. A população era negligenciada economicamente e socialmente, e ainda acabava sendo duramente reprimida através de uma polícia secreta (SAVAK) conhecida por seus sequestros, torturas e assassinatos.

Grande parte da população estava insatisfeita, e pessoas de diversas ideologias e convicções políticas se envolveram nos protestos que levaram à queda do xá. As mulheres tiveram grande importância nessa luta. As iranianas da elite, as estudantes, as religiosas, e as ligadas ao partido marxista-leninista Tudeh participavam ativamente das campanhas contra o governo. Contudo, apesar das diversas vertentes presentes na revolução, foi a liderança do clérigo (em especial a do aiatolá¹³ Ruhollah Khomeini) que conseguiu mobilizar de forma mais efetiva a população (MAHDI, 2004, p. 436). Muitas mulheres já eram religiosas, mas muitas outras que não eram acabaram adotando o uso do véu como forma de resistência e

¹³ Aiatolá significa literalmente “Sinal de Deus”. É um título dado aos maiores estudiosos e conhecedores da fé islâmica no Islã xiita. É o título mais alto na hierarquia xiita e só pode ser concedido por outro aiatolá.

solidariedade. Mais do que uma religião, o Islã se tornou um movimento de oposição política ao regime ditatorial de Pahlavi. De acordo com Sedghi (2007, p. 195), as iranianas buscavam uma nova resposta para a vida que elas consideravam alienante, e essa resposta foi encontrada no Islã.

Após a instituição da República Islâmica do Irã, a lei adotada passou a ser a da *shari'a* (lei islâmica), e restrições morais proibindo tudo o que remetesse ao ocidente foram instituídas. De modo geral, foi proibido o consumo de bebidas alcoólicas e a prática dos jogos de azar. O código de vestimentas mudou, tornando compulsório o uso do véu (*hijab*) e o uso de roupas largas que cubram a maior parte do corpo das mulheres. Para os homens, houve a proibição do uso de bermudas e gravatas. As mulheres foram incentivadas a abandonar suas vidas públicas para cuidar do lar e das suas famílias, o que resultou em muitas demissões e aposentadorias forçadas. Em todos os espaços públicos, houve uma separação entre os sexos. As mulheres foram banidas de 69 cursos nas universidades, foram proibidas de exercer a profissão de juíza, e foram barradas de andar de bicicleta, praticar alguns esportes e de assistir a esportes masculinos (MAHDI, 2004, p. 434). Ademais, a Lei de Proteção a Família foi revogada, com o novo direito revertendo a idade mínima de casamento de meninas para nove anos, e estabelecendo diversos critérios que dificultam que uma mulher solicite o divórcio e consiga a custódia de seus filhos.

As mulheres que concordavam com as políticas de modernização não esperavam as mudanças que seriam impostas a partir do estabelecimento da República Islâmica, e sofreram muito com a regressão de seus direitos. É importante notar, por outro lado, que apesar de a lei islâmica ter afetado de forma negativa a vida das mulheres seculares que apreciavam certa ocidentalização, ela acabou tendo uma consequência positiva para a maioria das mulheres, que vinha de contextos rurais e de classes mais baixas. A partir da imposição do véu e de um código de vestimentas islâmico, o espaço público se tornou moralmente correto nos olhos das famílias tradicionais, legitimando a presença feminina nesses espaços (MIR-HOSSEINI, 1999, p. 7). Além disso, através do incentivo de Khomeini à educação, que disparou as admissões de mulheres no ensino superior, as mulheres de origens mais tradicionais ganharam oportunidades de estudo e de emprego.

Quando Khomeini assumiu o poder, o esporte foi deixado de lado na agenda política. Chehabi (2002, p. 389) comenta que em uma reunião logo após o seu retorno, o aiatolá afirmou: “Eu não sou um atleta, mas eu gosto de atletas”. A partir disso, podemos perceber que apesar de não ser uma das prioridades do governo, até porque em 1980 a guerra contra o Iraque teve início, o esporte também não era algo proibido ou desencorajado. A atividade

esportiva é mencionada em *hadiths*¹⁴ do Profeta, e encorajada para que os muçulmanos se mantenham saudáveis (MIRSAFIAN et al., 2014; JAWAD et al., 2011; PFISTER, 2003). Deste modo, para os revolucionários, não havia problema na prática esportiva em si, mas havia um sentimento político forte de se afastar de esportes elitistas ou que eram muito associados ao Ocidente. Segundo Chehabi (2002, p. 390), nos primeiros anos da República Islâmica, esportes de elite como esgrima, boliche, e esportes equestres foram banidos temporariamente. O boxe e o kung fu também foram proibidos, de acordo com o autor, porque eles causam danos ao corpo, o que é contrário à religião. Paradoxalmente, o caratê e o taekwondo eram encorajados e praticados em instalações nas mesquitas.

As competições femininas foram suspensas durante esse período inicial, dado que o corpo das atletas ficava à mostra durante a sua atuação. Além do problema relacionado à exposição de seus corpos, a guerra contra o Iraque e a determinação da segregação entre os sexos definiu uma “pausa” nos esportes femininos. Uma vez que os espaços deveriam ser segregados, todas as aulas de educação física e treinos esportivos femininos precisavam ser ministrados por professoras e treinadoras mulheres. No início dos anos 1980 era difícil encontrar mulheres ocupando esses cargos, já que antes da Revolução as mulheres eram normalmente treinadas por homens (PAIDAR, 1995, p. 341). Desta forma, os torneios femininos tiveram que esperar até que treinadoras, árbitras e dirigentes pudessem ser treinadas e contratadas (SMALL MEDIA, 2013, p. 9). Essa questão, por outro lado, já gerou resultados positivos para o Irã. Por causa da segregação, as mulheres tiveram mais oportunidades de se profissionalizar em carreiras esportivas como treinadoras, juízas, oficiais e gestoras.

A atividade física era encorajada para as mulheres, assim como para os homens, levando em conta a sua importância para a saúde. Contudo, os investimentos eram limitados e favoreciam os atletas masculinos (JAHROMI, 2011, p. 115). A segregação limitou os espaços de treinamento, e os homens acabaram ganhando os melhores ginásios e os melhores horários para treinar em ambientes divididos entre os sexos. Essa continua sendo uma crítica das mulheres até hoje, já que alguns espaços de treinamentos e academias dividem os horários do dia entre homens e mulheres, mas deixam os horários da noite para os homens, que são os melhores horários para quem trabalha ou tem outras responsabilidades.

Após a Revolução, o governo iraniano enfatizou a importância da educação e da atividade física para meninas, possibilitando o seu acesso a uma maior parcela da população. Entretanto, era orientado que elas respeitassem a segregação, as normas de vestimenta, e

¹⁴ Os *hadiths* são relatos dos ensinamentos do Profeta Muhammad e histórias de seus costumes e modos de vida.

realizassem apenas atividades islamicamente apropriadas. Nesse primeiro momento, no início dos anos 1980, esportes como a luta olímpica e o levantamento de peso foram proibidos para as mulheres, porque poderia alterar e estragar o “corpo natural da mulher” (PAIDAR, 1995, p. 341), ou seja, eram considerados esportes masculinizantes. Apesar de ainda haver essa preocupação de famílias e indivíduos mais tradicionais, os esportes que foram banidos nos primeiros anos após a Revolução, como os acima citados, hoje em dia já são praticados e até permitidos em competições. Apenas esportes como a ginástica artística e a natação, que não cumprem os requerimentos islâmicos, são proibidos em competições internacionais com público aberto, ainda que a sua prática em ginásios fechados e competições nacionais sejam permitidas. Atualmente, apesar de as mulheres participarem de praticamente todas as modalidades, o governo ainda tenta barrar algumas, como o fisiculturismo e a zumba, que foi proibida oficialmente em 2017 (IRANIAN STUDENTS’ NEWS AGENCY, 2017). Essas proibições não significam necessariamente que as mulheres vão deixar de fazer os esportes. Há diversos casos em que mulheres iranianas ignoram as determinações estatais e continuam inclusive publicando imagens em suas redes sociais de seus treinos (RAHBARI, 2019a).

Maryam Jahromi (2011, p. 115) cita um trecho do site oficial iraniano, o “Salam Irã”, para demonstrar a opinião do governo com relação à atividade física feminina no início dos anos 1980:

Os esportes desempenham um papel importante em nossa vida social, porque eles ajudam as mulheres a cumprirem seu dever materno e a nutrir a nova geração da melhor maneira dentro da esfera do grande sistema islâmico. A necessidade e a importância dos esportes femininos e da educação física são bastante óbvias. Como as mulheres representam metade da população, programas específicos devem preparar suas capacidades físicas e habilidades esportivas [...] nos anos anteriores à revolução, nenhuma atenção era dada à saúde física e mental das mulheres nos programas governamentais do antigo regime. Em vez disso, todas as instalações e oportunidades foram reservadas para um punhado de esportistas, que eram enviadas para competições internacionais em total desconsideração dos valores tradicionais e ideológicos de nossa sociedade.

Alguns pontos relevantes podem ser levantados a partir desse trecho. Ao instituir a República Islâmica, o clérigo tentava constantemente demonstrar as falhas da monarquia e demonstrar que o país havia se tornado mais justo e democrático. Assim como em outros setores da sociedade, os líderes iranianos reforçavam que a partir da Revolução todos os indivíduos teriam direito à prática esportiva, à educação e a uma vida saudável. Desta forma, era enfatizado como na monarquia apenas uma elite privilegiada possuía acesso aos esportes e era enviada para competições internacionais vestindo roupas ocidentais e desrespeitando a cultura e os valores nacionais.

Ademais, esse trecho demonstra como a visão do regime islâmico sobre a atividade física para as mulheres nos anos 1980 se assemelhava a percepção dos países ocidentais e suas zonas de influência no início do século XX. Como já comentado, naquela época, a percepção da atividade física para as mulheres estava passando por mudanças. De acordo com Adelman (2003, p. 446), algumas formas de atividades e exercícios físicos eram considerados benéficos para a saúde da mulher. Porém, esse pensamento ainda estava associado a uma lógica doméstica, onde o bem-estar físico da mulher poderia refletir de maneira positiva em seu papel como mãe e esposa. Cahn (2015, p. 28-29) menciona que essa mudança de pensamento tem relação com o declínio das taxas de natalidade e a saúde precária das mulheres de classe média e alta nas primeiras décadas do século XX. Segundo a autora, havia controvérsias com relação aos benefícios das atividades físicas para as mulheres, mas alguns eugenistas percebiam o esporte como uma forma de aumentar sua fertilidade e vigor físico.

Da mesma forma, no Irã pós-revolução o objetivo da prática esportiva também estava ligado ao papel feminino da reprodução e da constituição de uma família, ou, como é estabelecido no trecho, do seu “dever materno”. Assim como no início do século XX, as mulheres iranianas deveriam praticar apenas esportes que condissessem com a “condição feminina”, ou seja, que não desenvolvessem músculos e que demonstrassem a delicadeza da mulher. Uma diferença, talvez, é que enquanto no Ocidente reforçava-se a beleza e a feminilidade das mulheres para o ambiente público, no Irã esperava-se que as mulheres mantivessem a modéstia, cobrindo seus corpos e se exercitando longe do olhar masculino.

A maneira de pensar do regime islâmico recém-instituído era conservadora com relação à prática de esportes para mulheres. No entanto, a população iraniana estava adquirindo um gosto cada vez maior pelos esportes, e, por mais que o governo não quisesse que as mulheres acompanhassem os eventos masculinos, elas ainda os assistiam pela televisão. Ademais, a prática esportiva nas escolas, que foi crescendo ao longo dos anos, também estimulava as meninas a seguirem a carreira de atletas, principalmente a partir dos anos 1990 (PFISTER, 2003). Assim, era muito difícil para o governo conter as paixões pelos esportes.

Com as novas imposições do regime e com a guerra contra o Iraque matando milhares de pessoas, os iranianos tinham poucas opções de entretenimento. Chehabi (2002, p. 392) conta que no início da década de 1980, os jogos de futebol ocasionalmente terminavam em confusão, algo que se justificava pelo cenário tenso no país. No final dos anos 1980, como explica o autor, os líderes iranianos começaram a perceber que a política de tirar todo o entretenimento da população só fazia com que os iranianos se engajassem em práticas ilegais

piores do que as que eles haviam proibido. Visando reverter essa situação, o governo começou a dar uma maior ênfase para os esportes, já que uma “*mens sana reside em um corpore sano*” (CHEHABI, 2002, p. 393). A mídia passou a ser pressionada para transmitir conteúdos mais prazerosos, como os esportes. O problema era que tanto nos jogos de futebol, como nas competições de luta olímpica estilo livre, os homens não ficam com a parte do umbigo até o joelho completamente coberta, o que vai contra os códigos de vestimenta previstos na lei islâmica. Para resolver a insatisfação dos conservadores, o aiatolá Khomeini teve que emitir uma *fatwa*¹⁵, em 1987, autorizando a televisão a transmitir eventos esportivos e filmes onde os homens e as mulheres não se cobriam de forma adequada, desde que a audiência assistisse a essa programação sem luxúria.

A partir de 1989, com o fim da guerra contra o Iraque e a morte de Khomeini, a situação mudou muito para as mulheres. As iranianas foram deixando a postura defensiva e voltando a pressionar o governo e a exigir uma maior participação pública no país. No início dos anos 1990 foram criadas diversas revistas femininas e ONGs, assim como o movimento feminista se tornou mais organizado. De acordo com Tohidi (2010, p. 393), alguns fatores que permitiram a maior atuação das mulheres foram: a rápida urbanização entre os anos 1960 e 1980, o volume de jovens no país, o aumento da alfabetização feminina, a diminuição da taxa de fertilidade, a melhora na saúde das mulheres, o aumento da participação das mulheres na economia, e o maior acesso a informação. Provavelmente um dos fatores mais relevantes foi a melhoria na educação feminina, que, como aponta Kian (2010) permitiu que as iranianas adquirissem uma nova consciência de seu lugar na sociedade.

Para Jawad et al. (2011, p. 29), a dominação patriarcal no Irã, que se deu em parte pela distorção dos valores religiosos do Islã, não permitiu nesses primeiros anos seguintes da Revolução que as reivindicações das mulheres fossem ouvidas. No entanto, como pontuam as autoras, no final da década de 1980 os esforços femininos ressurgiram, especialmente no contexto do feminismo islâmico. No começo dos anos 1990, a constituição de ONGs e de revistas femininas que discutiam a vida e a condição das mulheres no país fizeram com que novos debates surgissem dentro de um contexto islâmico. Essas ativistas muçulmanas começaram a questionar a validade religiosa do discurso do governo, que dizia ter dado mais oportunidades às mulheres, mas que possuía em sua lei diversos artigos que prejudicam a população feminina. As feministas islâmicas defendem uma revisão e reinterpretação dos textos sagrados islâmicos para que seus ideais originais de justiça e igualdade sejam

¹⁵ *Fatwa* é um pronunciamento legal não compulsório emitido por um jurista qualificado.

resgatados e incorporados ao Estado iraniano. Dentro dessa revisão está incluso o direito das mulheres de praticarem atividades físicas e poderem se desenvolver na esfera esportiva de maneira igualitária aos homens.

No Irã pós-revolução, mesmo havendo assegurado o direito das meninas e mulheres à atividade física, o Estado não permitiu competições femininas nacionalmente, assim como não permitia que as atletas saíssem do país para competir. Como o maior argumento do regime era a falta de uniformes islamicamente apropriados, a ação das feministas islâmicas, que falavam a mesma linguagem religiosa que os oficiais do governo, foi essencial para o avanço dos esportes femininos no país (JAWAD et al., 2011; PFISTER, 2003). Uma das maiores defensoras dos direitos desportivos, e a pessoa que abriu diversas portas para as atletas iranianas, foi Faezeh Hashemi, feminista islâmica declarada e filha do ex-presidente Ali Akbar Hashemi Rafsanjani (MIRSAFIAN, 2014; PFISTER, 2003). Durante a presidência de seu pai, Hashemi se tornou chefe da Organização do Esporte Feminino e vice-presidente do Comitê Olímpico Nacional Iraniano (JAHROMI, 2011, p. 116). Ela trabalhou muito pela participação de mulheres em competições nacionais e internacionais, defendendo a atividade física para todas as mulheres e fazendo com que o esporte feminino fosse aceito em nível governamental. Hashemi se tornou um ícone entre as iranianas mais religiosas, que acreditavam que a participação feminina nos esportes deveria vir com o respeito pela crença e pelas tradições islâmicas (HARGREAVES, 2002, p. 59). Dentre suas maiores ações estão a elaboração de uma competição internacional exclusiva para mulheres (os Jogos Islâmicos Femininos), a permissão para um campeonato de futsal feminino, as tentativas de normalizar o ciclismo feminino, e a criação do primeiro jornal feminino (chamado *Zan*) que tinha como foco os direitos das mulheres e incluía uma página dedicada ao esporte feminino (MIRSAFIAN, 2014, p. 954).

Até o final dos anos 1980, as ativistas já haviam conseguido reestabelecer campeonatos nacionais e associações esportivas de mulheres (SMALL MEDIA, 2013), mas foi apenas em 1990 que Hashemi e outras ativistas conseguiram finalmente receber autorização para enviar atletas iranianas para uma competição internacional, os Jogos Asiáticos de Pequim. Através das ações conjuntas entre as atletas iranianas e as feministas islâmicas, também foram criadas ligas nacionais de diversas modalidades, como o vôlei em 1992, o handebol em 1996, o basquete em 1997, e o tênis de mesa em 1998. O futebol ainda não tinha a sua própria liga, mas foi permitido para as mulheres em 1998, quando quatro times foram formados, e treinadoras e árbitras começaram a ser treinadas (PFISTER, 2003, p. 216).

Com relação ao funcionamento dos esportes femininos dentro do governo, após a Revolução de 1979 as organizações esportivas precisaram passar por algumas mudanças para tornar a educação física e os esportes islamicamente apropriados. Um comitê para a gestão do esporte feminino foi estabelecido pela primeira vez em 1981, sendo chamado de Comitê Esportivo para Mulheres (JAHROMI, 2011, p. 116). Esse comitê trocou de nome e funções ao longo dos anos até se estabelecer como o Gabinete de Esportes Femininos e ter diversas funções repassadas para as federações. Além do comitê, a Organização de Esportes Femininos também foi fundada em 1981, apesar de só começar a desenvolver suas atividades em 1989 (PFISTER, 2003, p. 213). Em 1985, uma aliança de mulheres composta por ex-atletas profissionais, professoras, esportistas, e grupos de mulheres com orientação religiosa começou uma campanha para difundir a prática esportiva e trazer de volta os campeonatos. Essa aliança contou com o apoio e liderança de Faezeh Hashemi, que tinha a determinação, o apoio político de seu pai, e os argumentos islâmicos certos para colocar os esportes femininos na agenda estatal (BROOKS, 1995; PFISTER, 2003).

A partir de 1988, várias organizações esportivas para mulheres foram surgindo, dentre elas a Federação Esportiva Feminina Muçulmana (MWSF), a Administração Nacional do Esporte Feminino (NWSA), e a Federação de Esportes Femininos de Países Islâmicos (ICWSF). O estabelecimento dessas organizações que visavam o crescimento dos esportes femininos coincidiu com o surgimento de trinta e duas associações esportivas em diferentes modalidades, 4.495 juntas provinciais do esporte feminino e 40 jornalistas esportivas (STEEL; RICHTER-DEVROE, 2003, p. 315). Atualmente o esporte feminino e todas essas organizações são administradas através de uma instituição guarda-chuva chamada Organização Nacional Iraniana de Esporte e Educação Física, que também regulamenta as federações e o Comitê Olímpico do Irã (JAHROMI, 2011, p. 117-118). Steel e Richter-Devroe (2003, p. 315) ressaltam a importância das associações esportivas femininas, que até o ano de 2003 haviam publicado 73 trabalhos de pesquisa e 300 livretos educacionais com o objetivo de informar as mulheres iranianas sobre o esporte feminino no país e incentivar a prática de atividades físicas.

O cenário esportivo no Irã melhora a cada ano. Desde a Revolução, as iranianas conquistaram muitos espaços, possuindo representantes em praticamente todos os esportes (PFISTER, 2003; MIRSAFIAN, 2014; STEEL; RICHTER-DEVROE, 2003). De acordo com Samy Adghirni, jornalista correspondente da Folha de São Paulo que viveu em Teerã por três anos, os iranianos são um povo de hábitos saudáveis, tanto na questão da alimentação, quanto na prática de atividades físicas. Adghirni (2014, p. 41) conta que, em Teerã, a população

pratica muitas atividades esportivas ao ar livre como uma forma de lazer e relaxamento. Praticamente em toda área verde da cidade há equipamentos de ginástica de metal, normalmente pintado em cores vivas, no mesmo estilo em que vemos esses aparelhos nas praças de Curitiba. Segundo o autor, esses equipamentos são populares, principalmente entre as pessoas de meia idade, e são frequentados tanto por homens quanto por mulheres.

Pfister (2003, p. 215) também conta sobre sua experiência em Teerã, relatando que no início dos anos 2000 já era comum ver jovens mulheres e homens correndo, ou jogando badminton, tênis de mesa e vôlei nos parques. A autora pontua, no entanto, que às vezes pode acontecer que as meninas e mulheres sejam repreendidas por mulheres mais velhas e conservadoras caso não estejam devidamente cobertas. Ao seguir páginas em redes sociais de mulheres e de comunidades on-line iranianas é comum presenciar vídeos denunciando esse tipo de assédio nas ruas e em transportes públicos. De fato pode acontecer de mulheres que se vestem de maneira mais moderna, ainda que estejam completamente cobertas e seguindo as leis, tenham que lidar com olhares feios ou críticas à sua aparência.

As academias de ginástica são muito populares entre mulheres e homens iranianos. Depois da Revolução, centros esportivos, academias e piscinas foram segregados, funcionando de maneira exclusiva para um dos sexos, ou dividindo os horários de funcionamento entre ambos os sexos. Samy Adghirni (2014, p. 44-45) relata que perto de onde ele morava havia uma academia mista. De maneira segregada, às mulheres era reservado o período da manhã. O jornalista conta que no horário em que ele frequentava o ambiente era igual às academias brasileiras: música alta, homens musculosos monopolizando aparelhos, e conversas sobre músculos e suplementos. Durante a pesquisa, algumas das atletas entrevistadas contaram que fazem musculação em academias exclusivamente femininas. As academias escolhidas por elas são normalmente mais elitizadas, com treinamento especializado para atletas mulheres. Uma academia popular entre as atletas em Teerã se chama Tiamo, algo que arrancou risadas de uma das entrevistadas quando ela descobriu que nós falamos “eu te amo” em português. Nas academias exclusivamente femininas, as mulheres podem retirar seus véus e treinar com roupas que cobrem menos seus corpos. Ainda assim, muitas mulheres preferem utilizar roupas adequadas às suas crenças.

Adghirni (2014, p. 42) descreve algumas das atividades e esportes mais praticados em Teerã. Os parques costumam ter pistas de *cooper*, onde muitas pessoas correm ou caminham usando fones de ouvido. Até 2014, quando ele vivia na capital iraniana, as bicicletas eram raras, especialmente para as mulheres, já que elas eram supostamente vetadas pelos religiosos. A questão do ciclismo é complicada no Irã, uma vez que o clérigo e os religiosos

conservadores acreditam que as mulheres deveriam ser proibidas de andar de bicicleta. Logo após a Revolução, a bicicleta foi de fato banida pelo regime, porém, ao longo dos anos ela foi retornando, já que na lei não há uma proibição escrita sobre o assunto. As iranianas ainda sofrem preconceito por praticar ciclismo, sendo xingadas e até ameaças em algumas cidades do país. Durante a minha pesquisa, eu conversei com três ciclistas e elaborarei em outro momento as suas trajetórias no esporte.

O Irã é um país com muitas montanhas, o que faz com que os passeios, trilhas, e escaladas sejam populares entre a população. Adghirni (2014, p. 42) afirma que nos finais de semana, as trilhas ao redor de Teerã ficam cheias a partir das seis horas da manhã. O autor ainda relata que até o líder supremo, o aiatolá Ali Khamenei (assim como seu antecessor, o aiatolá Khomeini) tem costume de se praticar atividades físicas nas montanhas ao redor da capital. No inverno, as montanhas continuam extremamente populares, visto que o esqui é um dos esportes mais praticados pelos iranianos. Atualmente, além do esqui, os esportes mais populares no Irã são: levantamento de peso, fisiculturismo, luta olímpica, artes marciais (especialmente o taekwondo, o kung fu, e o caratê), e o xadrez. Os esportes ligados à luta são os maiores responsáveis pelas medalhas iranianas nas competições internacionais. A única mulher medalhista olímpica iraniana é uma atleta do taekwondo chamada Kimiya Alizadeh, que conquistou medalha de bronze nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro em 2016.

Especificamente entre as mulheres, além das aulas de aeróbica e musculação, os esportes mais populares são a natação, o vôlei, o tênis de mesa, o futsal e o futebol, as artes marciais, o esqui, e o montanhismo (MIRSAFIAN et al., 2014, p. 953). A Associação Feminina de Montanhismo organiza inclusive expedições de mulheres ao Everest desde 2001, sendo que em 2005 duas iranianas chegaram a conquistar o topo do Monte Everest (PFISTER, 2006, p. 14). Segundo dados de 2001, o montanhismo era o esporte mais popular entre as mulheres, com 290.487 inscritas, seguido do vôlei (67.656) e do caratê (56.702). Na época, o futebol estava na metade da lista, com 11.339 jogadoras inscritas (STEEL; RICHTER-DEVROE, 2003, p. 316). Com relação a outras áreas de atuação, em 2001 havia 23.000 treinadoras qualificadas e 12.000 árbitras qualificadas no Irã (PFISTER, 2003, p. 214).

Apesar das mudanças no esporte feminino após a Revolução, as atletas iranianas participam regularmente de competições nacionais e de diversas competições internacionais. Nacionalmente, há ligas nacionais femininas de futebol, vôlei, basquete, squash, esqui, e cerca de 200 outros esportes, incluindo as mais diversas variedades de artes marciais e até automobilismo (THE GUARDIAN, 2015). Como os torneios são segregados e pouco se escuta sobre eles fora do país, a arena esportiva feminina iraniana se tornou um mundo em si

mesma, sendo bastante surpreendente para quem vem de fora (BROOKS, 1995; PFISTER, 2003). Para Steel e Richter-Devroe (2003, p. 315), o esporte está cada vez mais acessível às mulheres no Irã, assim como as restrições às modalidades que elas podem praticar estão se tornando cada vez menos definidas.

A luta olímpica estilo livre é considerada um dos esportes mais tradicionais, e é oficialmente o esporte nacional. Contudo, segundo Chehabi (2002), Adghirni (2014), e as atletas com quem eu conversei ao longo da pesquisa, o futebol é disparado o esporte mais popular no país. Assim como no Brasil, o futebol é o esporte das massas. As crianças muitas vezes crescem jogando bola nas ruas, principalmente no interior do país. Além do futebol de campo, o futsal também é extremamente popular, tanto entre os homens quanto entre as mulheres.

A visão do regime islâmico sobre os esportes mudou muito ao longo dos últimos anos. Em 2017, o presidente Hassan Rouhani fez um discurso sobre esportes em uma cerimônia de *iftar*¹⁶. Rouhani enfatizou a importância do exercício físico, afirmando que manter o corpo saudável era um dever islâmico. Segundo o presidente: “A saúde do corpo é uma das grandes bênçãos de Deus e agradecer estas bênçãos só é possível procurando cuidar bem dele e isso é possível através do desporto. [...] O desporto espalha saúde e vivacidade na sociedade” (SITE OFICIAL DA PRESIDÊNCIA, 2017). Ele ainda reforçou a importância da força física para o cumprimento dos preceitos religiosos, seja na adoração, no jejum, ou em um momento de ajuda aos necessitados. Sobre as mulheres, Rouhani declarou: “Trinta ou quarenta anos atrás, se havia qualquer conversa sobre o esporte para mulheres, até caminhadas e montanhismo eram inaceitáveis para algumas pessoas, mas agora não é o caso. As mulheres devem ter um papel no esporte” (SITE OFICIAL DA PRESIDÊNCIA, 2017). O presidente ainda falou sobre o desejo do governo de levar atletas para competições regionais e mundiais, e ressaltou a beleza de se ter o povo iraniano aplaudindo seus atletas em competições.

Como Chehabi (2002) sugere, a partir da década de 1990, o governo percebeu a importância do esporte para o nacionalismo e a união entre os cidadãos. Com o tempo, os religiosos mais liberais foram convencendo a população mais conservadora sobre os benefícios da prática esportiva para a saúde, utilizando principalmente argumentos religiosos como o acima citado pelo presidente Rouhani. Ademais, desde os anos 1990, a atuação das iranianas como ativistas, parlamentares, e atletas também fez com que a visão da sociedade sobre o assunto fosse se tornando cada vez mais liberal.

¹⁶ O *iftar* é a refeição após o pôr do sol com a qual se quebra o jejum durante o Ramadã.

1.1 Os Jogos Islâmicos Femininos

Os Jogos Islâmicos Femininos (*Women's Islamic Games*) foi o campeonato internacional criado por Faezeh Hashemi para que as mulheres muçulmanas do mundo inteiro tivessem um lugar para competir sem se preocupar com restrições relativas às vestimentas islâmicas e onde estariam em um ambiente segregado, sem que a presença masculina causasse qualquer desconforto nas atletas. Tendo em vista a realização de uma competição exclusivamente feminina, em 1991, o Comitê Olímpico do Irã, que tinha Hashemi como vice-presidente, aprovou a criação da Federação Islâmica do Esporte Feminino (*Islamic Federation of Women's Sport – IFWS*). Liderada por Hashemi, a federação organizou os primeiros Jogos Islâmicos Femininos visando atender aos requisitos islâmicos de segregação sexual. A IFWS organiza diferentes torneios esportivos para mulheres muçulmanas e não muçulmanas em espaços exclusivamente femininos, e ainda realiza um congresso acadêmico que acompanha esses eventos (JAHROMI, 2011, p. 116). Os Jogos Islâmicos se assemelhavam em estrutura aos Jogos Olímpicos e eram endossados pelo Comitê Olímpico Internacional.

Na época em que os Jogos Islâmicos foram organizados, a maioria das atletas iranianas não podia participar de competições internacionais. A primeira vez em que as atletas puderam participar de um evento internacional foi em 1990, nos Jogos Asiáticos de Pequim. Contudo, apenas seis atletas do tiro receberam permissão para competir, já que no tiro esportivo elas podiam competir respeitando as regras de vestimenta do país. Nas Olimpíadas, a primeira vez depois da Revolução que uma atleta iraniana pôde comparecer foi em 1996, em Atlanta. Na ocasião, apenas uma atleta do tiro foi enviada aos Estados Unidos. Ou seja, para as iranianas e para outras atletas de países muçulmanos com restrições, os Jogos Islâmicos eram a sua única oportunidade de competir em nível internacional.

Os primeiros Jogos Islâmicos Femininos aconteceram em 1993 em Teerã, onde 407 atletas de dez países diferentes competiram em sete modalidades. A cerimônia oficial de abertura foi realizada no Estádio Azadi com a presença de espectadores de ambos os sexos, e televisionada para todo o país. As atletas, é claro, vestiam seus *hijabs*. Em seu discurso durante a cerimônia, Faezeh Hashemi chamou os Jogos de "uma representação do caráter [especial] e da verdadeira identidade das mulheres", e fez menção à religião islâmica e às esposas do Profeta, exaltando as atletas e sua importância para a sociedade, e desafiando os críticos que acusaram o evento de ser “não islâmico” (STEEL; RICHTER-DEVROE, 2003, p. 317). Após a cerimônia, os homens foram excluídos como espectadores, técnicos e juízes, e as

mulheres competiram em diversos eventos em ambientes exclusivamente femininos. Como comenta Pfister (2003, p. 217), as espectadoras, atletas, juízas, treinadoras, dirigentes, jornalistas, e médicas provaram que tais eventos podem ser realizados com sucesso sem nenhum homem nos estádios, ginásios ou piscinas.

Os Jogos Islâmicos Femininos aconteceram a cada quatro anos até 2005, sua última edição. O número de modalidades, países e atletas participantes cresceu constantemente a cada edição, aumentando também sua popularidade a partir da participação de atletas e de países não muçulmanos. Além da importância do evento para atletas muçulmanas, que ganham um espaço seguro para a competição esportiva, Jahromi (2011, p. 117) reforça a importância dos Jogos para as mulheres iranianas no geral, que, por terem que assumir todas as tarefas e papéis necessários para a realização do evento, receberam oportunidades de qualificação e emprego na organização, gestão e administração esportiva, assim como nas funções de árbitras e juízas.

Nos primeiros Jogos Islâmicos, as competidoras vieram de dez países diferentes, porém, é relevante notar que países que poderiam se beneficiar do evento, como a Arábia Saudita e outros países do Golfo, não enviaram equipes para Teerã por não terem esportes femininos organizados. Segundo Pfister (2003, p. 217), em 1993, a maioria das competidoras veio de países da ex-União Soviética, que não usavam vestimentas islâmicas e já haviam participado de competições internacionais. A equipe iraniana foi composta por 122 atletas, das quais apenas as atletas do tiro esportivo já haviam participado de torneios internacionais. Para todas as outras atletas iranianas, essa foi a primeira oportunidade de competir internacionalmente.

Em dezembro de 1997, os segundos Jogos Islâmicos Femininos aconteceram seguindo o mesmo planejamento. Dessa vez, as competidoras vieram de 16 países, contudo, da mesma forma que na primeira edição, oito países islâmicos não enviaram atletas (PFISTER, 2003, p. 217). A abertura dos Jogos foi conduzida por Rafsanjani, que havia terminado seus dois mandatos como presidente no mesmo ano, e contou com a presença de um representante do Comitê Olímpico Internacional. Como relata Steel e Richter-Devroe (2003, p. 318-319), essa edição dos Jogos introduziu o futsal como uma nova modalidade de competição. O Irã, Azerbaijão, Iraque e Inglaterra enviaram atletas para a modalidade. A Inglaterra foi o primeiro país ocidental a participar da competição, enviando apenas atletas muçulmanas que haviam começado a praticar o esporte há pouco tempo.

Em sua ida ao Irã para pesquisar o desenvolvimento do futebol feminino no país em 2002, Steel e Richter-Devroe (2003) relatam sobre o encontro que tiveram com uma jogadora

iraniana que havia competido nos Jogos Islâmicos de 1997 no futsal. A jogadora contou que havia se surpreendido com o baixo padrão e amadorismo da equipe britânica. Ela afirmou que sempre acreditou que a Inglaterra era um país forte no futebol, e se questionou por que aquelas atletas haviam sido enviadas no lugar de jogadoras de nível mais alto. O time iraniano venceu a competição, enquanto o britânico perdeu todas as partidas.

Steel (2005) conta que acompanhou os Jogos em Teerã em 2001, lembrando-se da atmosfera agitada e competitiva, e de como parecia ter entrado em outro mundo, já que as atletas cobertas fora dos ginásios, agora participavam de todas as modalidades com uniformes competitivos curtos. A autora menciona que foi abordada por uma jornalista iraniana, que a questionou o que achava do time britânico. Steel respondeu que sabia apenas que diferentemente das outras equipes, a Inglaterra não havia enviado a sua seleção nacional. Em outro momento, começou a conversar com uma jogadora iraniana, que ela chama de Shirin, que a contou que sonhava em jogar pelo Liverpool. O microfone que levava foi rapidamente puxado por outra jogadora que gritou “Arsenal!”, seguida por outras que gritavam “Chelsea!” e “Manchester United!”. Steel relata que a equipe iraniana era a seleção nacional do país, que treinava intensivamente sob o comando de uma treinadora brasileira¹⁷, e apresentava habilidades “de tirar o fôlego” que estavam acima das outras equipes.

“Por que o time britânico é tão fraco?” Perguntou Shirin, gentilmente, mas sem compreender. “Arsenal, Manchester United – eles não têm times femininos?” Eu tentei explicar que as jogadoras representando a Inglaterra estavam lá porque eram muçulmanas – que este torneio era especial para elas, pois era o único em que as condições permitiam que retirassem o *hijab* para jogar. Shirin encolheu os ombros. Ela não usa *hijab* por opção, como as meninas britânicas fazem. “Estou pronta para jogar contra qualquer pessoa de qualquer religião”, disse ela. “Eu gostaria de ter uma boa competição” (STEEL, 2005).

Steel (2005) ainda relata que apesar de terem arrasado todos os times em seu caminho, as iranianas ficaram insatisfeitas, uma vez que a atitude delas com relação ao evento era diferente do que a Inglaterra percebia. Havia atitudes diferentes com relação aos Jogos Islâmicos Femininos. Enquanto no cenário internacional a competição era apenas uma forma de deixar atletas muçulmanas competirem, para as iranianas os Jogos deveriam representar uma competição séria de alto nível. Na Inglaterra, pelo menos até o momento do relato de Steel, não existiam instalações para a prática esportiva de maneira segregada fora dos centros

¹⁷ A treinadora brasileira em questão é a gaúcha Ivete Gallas.

comunitários, o que faz com que mulheres que usam o *hijab* sejam excluídas da prática de esportes.

A partir dessas diferentes visões, os Jogos abriram um debate sobre o lugar das mulheres muçulmanas nos esportes ao redor do mundo. Ao mesmo tempo em que as iranianas, que vinham treinando para competir em torneios internacionais, mereciam ter sua competição de alto nível, é importante reconhecer que as mulheres muçulmanas que não vivem em países muçulmanos, como a Inglaterra, também merecem um espaço para competir livremente, ainda que elas não sejam atletas de alta performance. O relato apresentado por Steel demonstra que algumas jogadoras iranianas se sentiram ofendidas pela decisão britânica de enviar apenas jogadoras muçulmanas, ao invés de enviar também jogadoras de alto nível. Enquanto para as atletas muçulmanas da Inglaterra os Jogos Islâmicos representavam uma oportunidade que nunca haviam tido, para as iranianas o envio apenas de atletas muçulmanas pela delegação indicava que os Jogos Islâmicos não eram levados a sério como uma competição internacional.

A terceira edição dos Jogos Islâmicos Femininos aconteceu em dezembro de 2001. Inicialmente quarenta países anunciaram sua participação, porém, depois do 11 de setembro, o número de países participantes caiu para 27. Ainda assim, havia mais de 600 atletas competindo (PFISTER, 2003, p. 217). A quarta e última edição dos Jogos ocorreu em 2005, com 44 países e 1.316 atletas (MWSF, 2015). Nessa edição, outros países ocidentais como os Estados Unidos e a Alemanha também participaram. O evento contou com 18 modalidades esportivas, dentre elas o caratê, o taekwondo, e o futsal, assim como tênis de mesa e vôlei para paratletas. Ademais, a cerimônia de abertura teve a presença de 10 mil espectadores e apresentações de danças modernas por grupos de mulheres e de homens, o que agradou ao público, porém levou à crítica de religiosos conservadores iranianos (PFISTER, 2010, p. 44).

Durante a época em que surgiu até a sua última edição, os Jogos Islâmicos Femininos representaram no Irã uma oportunidade para incentivar e desenvolver o esporte feminino, assim como uma alternativa aos Jogos Olímpicos, dos quais as iranianas não podiam participar em um primeiro momento. Steel e Richter-Devroe (2003, p. 317) explicam que já no evento de 2001 a pressão financeira de realizar os eventos estava se tornando uma preocupação entre as organizadoras. Na época, elas estavam discutindo a possibilidade de a edição de 2005 ser realizada em diferentes estados iranianos. Em 1997 também houve uma tentativa de mudar os Jogos. As organizadoras queriam que cada edição ocorresse em um país diferente, e a edição de 1997 era para ter acontecido no Paquistão. Entretanto, problemas políticos da região impediram a realização do evento em outros países, sobrecarregando o Irã.

Não se tem um motivo concreto para a finalização dos Jogos Islâmicos, no entanto, considera-se que questões políticas e financeiras foram dois dos grandes fatores para o encerramento do evento. Apesar de eventos exclusivamente femininos ainda existirem e serem necessários, principalmente para mulheres muçulmanas que vivem em países não muçulmanos, para as iranianas ele deixou de ser tão indispensável. Atualmente, as atletas iranianas já competem internacionalmente na maioria das modalidades esportivas, com poucas restrições relativas apenas a esportes como a natação e a ginástica.

1.2 O futebol e a paixão iraniana

Como já comentado, tanto pela história do esporte desde a antiga Pérsia, como pelo número de medalhas conquistadas, a luta olímpica estilo livre é considerada pelos iranianos como o esporte nacional do país. No entanto, como sugere Chahabi (2002, p. 372), a conquista do primeiro lugar no campeonato mundial de luta de 1998 não causou tanta vibração quanto a simples participação da seleção de futebol na Copa do Mundo de 1998. Para o autor, o talento individual, expresso nas vitórias de atletas em esportes individuais, não causa a mesma emoção e espírito de união que as conquistas de modalidades coletivas. O alvoroço mundial em cima do futebol, principalmente com as largas transmissões da Copa do Mundo, também contribuem para que o esporte seja adorado em diferentes partes do globo.

No início do século XX, as escolas missionárias britânicas ensinavam futebol para a elite iraniana, enquanto os funcionários britânicos da Companhia Petrolífera Anglo-Iraniana apresentavam o esporte para as camadas mais populares. Segundo Chehabi (2002, p. 376), o futebol começou a ser valorizado a partir da década de 1920, porque se acreditava que os esportes coletivos poderiam ensinar as pessoas o valor da cooperação, algo que os iranianos consideravam em falta em sua sociedade. Contudo, o futebol não foi introduzido sem controvérsias. Os jogadores de futebol das classes mais baixas enfrentavam certa hostilidade, pois parte da população acreditava que o esporte era “o jogo dos infiéis”. Tanto a associação com os imperialistas britânicos, quanto os uniformes impróprios dos jogadores (que não seguiam os códigos de vestimenta islâmicos) faziam com que algumas pessoas se revoltassem contra os jogadores, chegando a agredi-los fisicamente (CHEHABI, 2002, p. 377).

A partir da década de 1960, a população já estava mais acostumada com o futebol, e a popularidade do esporte não parava de crescer. Um momento importante para o futebol no Irã foi uma partida contra Israel, em 1968, pela fase final da Copa da Ásia, que aconteceu em Teerã. Uma partida tão importante, contra um país rival na política, acontecendo em terreno

nacional, foi uma receita perfeita para que milhões de iranianos acompanhassem a transmissão pela televisão. O jogo acabou com a vitória da seleção iraniana por 2-1, garantindo o título da Copa da Ásia para o Irã, e tornando o esporte um completo fenômeno. Talvez essa seja a maior distinção do futebol de outros esportes. Não apenas presente em contextos locais, o futebol se tornou uma febre mundial, responsável por diversas emoções, fervor, e sentimentos nacionalistas. A população inteira de países se une para torcer, e jogos contra países "inimigos" se tornam combates patrióticos.

Nos anos 1990, tendo em vista uma maior representação do futebol iraniano no mundo, o técnico brasileiro Valdeir Vieira foi contratado para treinar a seleção. Sob o seu comando, a seleção iraniana conseguiu a classificação para a Copa do Mundo de 1998, gerando uma euforia nacional. Assim que o juiz apitou o final do jogo que garantiu a classificação, a população encheu as ruas de Teerã e de outras cidades grandes, indo inclusive até as casas dos jogadores para homenagear as suas famílias. Os iranianos aguardavam ansiosamente a volta da seleção para o país, então, o governo decidiu pedir para que todos fossem ao Estádio Azadi¹⁸ aguardar o time, que chegaria de helicóptero para a comemoração. Segundo Chehabi (2002, p. 397), o governo ressaltou que a segregação no estádio deveria ser mantida, afirmando que as mulheres poderiam assistir ao evento pela televisão.

Outro efeito da comoção futebolística é que as pessoas dificilmente levam em consideração o que as autoridades estatais esperam com relação a um comportamento adequado. Torcedores em êxtase com uma vitória não podem ser parados por nada. Deste modo, dos 120 mil iranianos que compareceram ao estádio, aproximadamente cinco mil eram mulheres, que obviamente não se importavam com manter o decoro ou respeitar as normas islâmicas. Algumas inclusive chegaram a retirar seus véus, desafiando as normas instituídas após a Revolução. Após esse evento, como relata Chehabi (2002, p. 397), a imprensa feminista aproveitou para pressionar o governo por mudanças, alegando que as mulheres também deveriam poder expressar seus sentimentos patrióticos.

Os acontecimentos do final dos anos 1990 fizeram com que o governo percebesse a importância do futebol, tanto como uma forma de manipulação política (os políticos poderiam ganhar mais aceitação ao se associarem com uma paixão do povo), quanto como uma maneira de unir a população. Chehabi (2002, p. 399), afirma que a febre do futebol no final da década de 1990 conseguiu unir “seculares e religiosos, homens e mulheres, pessoas da capital e das

¹⁸ O Estádio Azadi é o maior estádio iraniano. Localizado em Teerã, ele tem capacidade para 100 mil espectadores.

províncias”. Até mesmo membros da diáspora iraniana, que possuíam uma relação conflituosa com o regime em vigor, demonstravam alegria e orgulho da seleção de futebol.

Assim como na maioria dos países, quando falamos de futebol e paixão nacional no Irã, é o futebol masculino que vem em mente. É por causa da popularidade do esporte entre os homens, que eram os únicos que podiam jogar no início, que as mulheres também acabaram se interessando por assistir e por jogar o esporte. Mas quando e como começou o futebol feminino no Irã?¹⁹ As mulheres começaram a jogar futebol nas ruas, se juntando a times masculinos nos anos 1960. Como o interesse das mulheres pelo futebol só aumentava, a Federação Iraniana de Futebol decidiu enviar um grupo de mulheres para um treinamento da FIFA para que elas pudessem se tornar técnicas de futebol. Quando essas mulheres retornaram, a federação e os clubes masculinos decidiram formar times femininos. O Taj Club (atualmente Esteghlal) foi o primeiro a criar uma equipe de mulheres. Em seguida, durante os anos de 1968 a 1971, outros clubes como o Persépolis, o Deyhim, e o Oghab (todos de Teerã) também abriram oportunidades para as iranianas. Em 1970, foi organizado o primeiro jogo internacional para as iranianas, contra um time feminino italiano convidado para participar de uma partida no Irã contra o time do Taj.

Ao longo dos anos 1970 novos times foram surgindo em outras cidades. No entanto, fora da capital as atletas sofriam mais com a desaprovação da população mais conservadora. Apesar dos preconceitos enfrentados, segundo o site Football Dokht (2020), pelo menos dois jornais esportivos publicavam semanalmente notícias sobre o futebol feminino no país: o “Mundo Esportivo” e o “Universo Esportivo”. Além deles, a revista feminina *Zan-e Rooz* também fazia publicações sobre os esportes femininos.

Após a Revolução de 1979, os times de futebol feminino foram dissolvidos. Apenas treze anos depois, em 1992, o futebol feminino retornou a partir de jogos de futsal organizados pela Universidade Al-Zahra. Durante os anos 1990, principalmente através das ações de Faezeh Hashemi, o futebol de campo foi retornando. Tanto as ações de Hashemi, quanto o trabalho de Khadijeh Sepanchi na ICWSF, e a nomeação de Mohsen Safaei Farahani para a presidência da Federação de Futebol em 1998, estabeleceram as bases para o futebol feminino no país.

¹⁹ A trajetória histórica do futebol feminino no Irã será contada através de uma matéria de uma agência de notícias iraniana. Querendo conhecer mais sobre essa história, uma das atletas entrevistadas para essa pesquisa me enviou o link do artigo que será utilizado como referência. O site é iraniano e a matéria foi escrita em farsi, assim, o meu contato com ela só foi permitido graças a essa atleta. O artigo pode ser acessado através do link: Football Dokht (Garota do Futebol). História do futebol feminino no Irã + fotos. Teerã, 05 jan. 2020. Disponível em: <<https://footballdokht.ir/news/577-بال-ت-آري-خچه-عكس-ایران-در-زنان-فوتبال>>. Acesso em: 08 jun. 2020.

Enquanto alguns esportes já haviam retornado sua atividade e competições, outros considerados “pouco femininos”, como o futebol, tiveram maior dificuldade de serem reestabelecidos. O futebol gerava muita polêmica entre os conservadores, ainda não existia um *hijab* esportivo, e mesmo sendo praticado em locais exclusivamente femininos, o esporte era associado ao masculino. Foi preciso muito trabalho por parte das ativistas para convencer os líderes religiosos de que o futebol não faria mal às mulheres (PFISTER, 2006, p. 14). O futebol foi finalmente permitido em 1998, e o primeiro treinamento foi realizado em Teerã com mulheres de todas as idades. A primeira competição internacional da qual o time de futebol feminino participou foi o Campeonato Feminino da Federação de Futebol da Ásia Ocidental, em 2005.

Em sua pesquisa entre os anos 2001 e 2002 no Irã, Steel e Richter-Devroe (2003) tiveram a oportunidade de acompanhar o desenvolvimento do futebol feminino no país. No período em que estavam no Irã, o futebol de campo feminino ainda se encontrava em estado de subdesenvolvimento. O futebol havia sido permitido em 1998, e quatro times foram formados em Teerã, porém, a maioria das cidades ainda não permitia o esporte e não possuía qualquer equipe oficial. Steel e Richter-Devroe constataram que enquanto o futebol de campo ainda tinha um longo caminho a ser percorrido, o futsal já se encontrava em um desenvolvimento muito maior. Elas relatam: “Atualmente, as mulheres no Irã jogam futsal. [...] O jogo ocorre em ambientes fechados, permitindo que as jogadoras joguem de bermuda e camiseta enquanto a área de jogo é fechada para os homens” (STEEL; RICHTER-DEVROE, 2003, p. 317). Na época em que estiveram no país, havia 20 clubes de futsal feminino em Teerã e um mínimo de dois clubes em cada um dos 28 centros regionais diferentes em todo o país, totalizando 181 times inscritos pela federação.

Em 2002, havia ainda 270 técnicas qualificadas, 35 das quais são qualificadas no mais alto nível e 15 técnicas internacionais. Com relação às árbitras, havia apenas 24 profissionais qualificadas, mas Khadijeh Sepanchi reportou que novas árbitras estavam em treinamento em diversos níveis e que o interesse pela profissão vinha aumentando (STEEL; RICHTER-DEVROE, 2003, p. 318). As autoras ressaltam que os números iranianos eram muito positivos se comparados a outros países muçulmanos. De acordo com estatísticas da FIFA de 2002, nenhuma jogadora de futebol havia sido encontrada na Síria, Líbia ou Paquistão. Havia apenas 100 na Jordânia, 223 no Egito, 462 na Turquia e 1.650 no Iraque. Enquanto no Irã a FIFA estimava a existência de 2.520 jogadoras de futebol (nesse caso de futsal) em competições (STEEL; RICHTER-DEVROE, 2003, p. 318). Ao contrário do Irã, esses outros países muçulmanos não possuem o *hijab* compulsório, o que, por mais que pareça libertador,

pode impedir que as famílias e que as próprias mulheres se sintam confortáveis em praticar esportes. É claro que há outros fatores também, dado que estudos apontam que muitas comunidades muçulmanas não possuem interesse em uma “cultura física”, percebendo os esportes como algo banal (DAGKAS et al., 2011, p. 18).

Relatando sobre a sua experiência em um torneio da liga de futsal, Steel e Richter-Devroe (2003) mencionam que não podiam falar com as jogadoras até que todas fossem informadas sobre a sua pesquisa e que não podiam registrar imagens das partidas, isso porque durante o jogo as atletas não usavam o *hijab*. Contudo, as autoras afirmam que durante as cerimônias de premiação, tirar fotos e fazer vídeos era incentivado para todos que estavam presentes. A atmosfera do torneio era festiva e as autoras comentam terem ficado surpresas com o forte espírito de equipe e o senso de espírito esportivo entre as atletas, que torciam com entusiasmo pelos outros times e dançavam juntas entre as suas partidas, sem que isso atenuasse seu expressivo espírito competitivo. O relato das pesquisadoras me lembrou dos campeonatos no Brasil, assim como a atmosfera presente em competições internacionais como a Copa do Mundo ou os Jogos Olímpicos. Acredito que essas características se estendam a vários países e competições ao redor do mundo, já que os esportes no geral tendem a criar ambientes competitivos amistosos.

Durante o torneio de futsal, Steel e Richter-Devroe (2003) aproveitaram para perguntar a razão do entusiasmo das atletas pelo futsal/futebol. A maioria contou que haviam sido inspiradas pelos jogos masculinos internacionais que assistiam na televisão. Curiosamente, cada atleta da equipe Hamadan tinha escolhido um jogador famoso que elas gostariam de emular e se chamavam pelos seus nomes. Todas as jovens com quem conversaram relatavam serem incentivadas por suas famílias, com algumas delas afirmando ter aprendido suas habilidades com seus irmãos. A equipe do Hamadan contou que treinavam três vezes por semana, mas que as atletas estavam exigindo mais. Segundo as jogadoras, o futebol havia sido introduzido nas escolas havia um ano, e no ambiente escolar elas jogavam de *hijab*, visto que, apesar de as escolas para meninas serem fechadas ao público, os seguranças e alguns outros funcionários eram homens. As autoras questionaram se as atletas do torneio gostariam de jogar futebol de campo, e todas ficavam entusiasmadas com a ideia (STEEL; RICHTER-DEVROE, 2003, p. 319).

O campeonato nacional de futebol (de campo) feminino foi criado em 2007 com o nome de Liga de Futebol Feminino Kowsar. Doze times participam todos os anos da liga feminina, porém, a falta de investimentos e os problemas financeiros dos clubes fazem com que alguns times não consigam nem viajar para disputar as partidas em outras cidades. O

futebol feminino iraniano sofre muitas dificuldades, e é impossibilitado de crescer pela falta de investimento da federação, instalações inadequadas e insuficientes, a falta de cobertura na mídia, e a falta de patrocinadores (SHABANI; HASANI, 2017). Segundo Kimiya (Entrevista, 03/06/2020), jogadora de futebol, uma jogadora profissional da Liga Kowsar pode receber aproximadamente mil dólares por uma temporada de seis meses. Mesmo que esse já seja um valor baixo, alguns times possuem ainda menos recursos que outros e esse valor pode ser menor ou até inexistente dependendo da equipe. A mídia iraniana não transmite os jogos femininos, e os noticiários apenas apresentam os resultados e no máximo mostram fotos da seleção feminina. A falta de cobertura da mídia é um dos fatores que faz com que as atletas não consigam patrocinadores, fazendo com que o investimento em sua profissionalização seja muito pequeno.

Após a Revolução, os principais times de futebol masculino foram nacionalizados, enquanto os demais clubes foram filiados a empresas (normalmente estatais), ministérios ou órgãos estatais. De acordo com Chehabi (2002, p. 394), os dois times principais do país, o Esteghlal e o Persépolis, fazem parte da Organização de Educação Física e do Ministério da Indústria, respectivamente. Os nomes das outras equipes geralmente estão associados às suas filiações, como o Tractor Sport Club ou o Aluminium Arak Football Club. Os clubes femininos funcionam da mesma maneira, e normalmente estão associados aos times masculinos. Alguns exemplos de clubes femininos com nomes baseado em indústrias são o Refino de Gás Ilam e o Isfahan Steel Company. O clube mais vencedor e que conquistou o título neste ano se chama Shahrdari Bam, que traduzido para o português fica “Município de Bam”.

As mulheres enfrentaram e continuam enfrentando diversas dificuldades como jogadoras de futebol. Antes de a liga feminina ser criada, os conservadores que se colocavam contra a participação feminina no esporte alegavam que as mulheres não conseguiriam correr em campo por 90 minutos. A expectativa com relação à feminilidade da mulher e o seu cumprimento de um papel domiciliar de mãe e esposa complicam ainda mais a busca por uma carreira no esporte. Além das dificuldades sociais e financeiras, as atletas sofrem até com os horários dos seus jogos, que são determinados pela federação. As partidas femininas devem ocorrer pela manhã, porém, o sol já é forte, e as mulheres precisam utilizar o *hijab* e roupas que cobrem seus corpos completamente, ainda que estejam apenas na presença de outras mulheres. Mesmo com todas essas barreiras, que ultrapassam os obstáculos enfrentados em outros países asiáticos, Graine (2012, p. 106) comenta que o Irã tem uma porcentagem maior

de atletas ativas no futebol de campo do que o Japão, e maior número total de jogadoras (110 mil) do que a Coreia do Sul.

1.3 Sahar e a luta pelo futebol feminino em Isfahan

Após a Revolução, a prática de esportes por mulheres era estimulada considerando os benefícios à saúde. As meninas e mulheres realizavam exercícios físicos nas escolas e nas universidades, mas os homens conservadores nas posições de poder acreditavam que o esporte feminino não deveria ser praticado em nível de competição. Essa opinião estava embasada principalmente nas regras de vestimenta islâmica e na segregação de espaços entre os sexos. Os conservadores não concordavam com as mulheres poderem se exercitar na frente de homens, pois nos movimentos exigidos pelos exercícios, suas curvas e os detalhes de seus corpos ficariam proeminentes, e os homens que estariam assistindo poderiam ter cobiça em seus corações. Da mesma forma, como no Irã o uso do *hijab* é compulsório, as mulheres não poderiam aparecer em público sem o seu uso, mesmo durante a prática esportiva. Os conservadores acreditavam que seria difícil adaptar os uniformes para que as mulheres pudessem participar de campeonatos esportivos, e que mesmo com o uso de roupas que cobrissem seus corpos, seria complicado encontrar uma roupa que não fosse justa ou que não deixasse as “partes femininas” protuberantes.

De fato, hoje em dia, os uniformes de algumas modalidades não cumprem completamente os requerimentos desejados pelos religiosos conservadores, que continuam se opondo ao esporte feminino em competições. Porém, a sociedade no geral aceita e encoraja a participação feminina na arena esportiva profissional. As atletas, e mulheres que desejam se tornar atletas, continuam sofrendo com o preconceito relacionado a algumas atividades específicas (como o ciclismo), principalmente em cidades mais religiosas e conservadoras. Uma dessas cidades é Isfahan, que é a terceira maior cidade do Irã (com dois milhões de habitantes), e possui uma longa história desde a antiga Pérsia.

Ao entrar em contato com atletas iranianas, me deparei com o perfil de Sahar, uma ex-jogadora e atual treinadora de futebol de 32 anos, que lutou muito para que Isfahan permitisse times femininos de futebol. Assim como outras jogadoras com quem conversei, Sahar começou a jogar futebol na rua com seus amigos, quando tinha aproximadamente oito anos de idade. Durante seus anos escolares, além do futebol, ela se dedicava à prática de basquete e tênis de mesa. Todas as atletas entrevistadas relataram a prática de diferentes modalidades durante o ensino fundamental e médio. O Irã encoraja os exercícios físicos nas escolas; o

problema para as mulheres após a Revolução era a profissionalização dos esportes, algo que, como já mencionado, foi sendo conquistado a partir do início dos anos 1990.

No início dos anos 2000, Sahar era adolescente, jogava futebol, e sonhava com uma carreira no esporte. Nessa época, no entanto, até havia alguns times espalhados pelo país, mas o futebol feminino sequer possuía uma liga nacional. Em Isfahan, que é uma cidade muito religiosa, não havia qualquer time oficial de futebol feminino. As mulheres até podiam se juntar informalmente e formar uma equipe, mas a cidade não permitia jogos oficiais ou campeonatos. Sahar percebeu que se ela quisesse ser jogadora de futebol e garantir o futuro de outras tantas meninas que compartilhavam desse sonho, ela mesma precisaria tomar a liderança da situação.

Aos 18 anos, Sahar uniu suas amigas que jogavam futsal com suas amigas que jogavam futebol de campo e fundou uma equipe chamada Navid Gostar, o primeiro time de futebol feminino de Isfahan. Elas treinavam, mas eram impedidas de competir pelo conselho de futebol da cidade, que se opunha às vestimentas femininas utilizadas pelas jogadoras, e temia que os homens vissem “os membros” das mulheres jogando. Como lembra a jogadora: “Eu me esforcei tanto! Até que eu consegui convencer o conselho de futebol a realizar as partidas. Eu disse a eles que nós realizaríamos competições ao redor de Isfahan, para que os homens não pudessem ver as mulheres” (Entrevista, 10/06/2020). Após dois anos de insistência de Sahar, em 2008, o conselho finalmente aprovou sua ideia e o primeiro torneio provincial iniciou na cidade.

Sahar conta que até então ela era jogadora e técnica do time que criou. Contudo, no momento do primeiro jogo de seu time, o conselho e a organização não colocaram seu nome como técnica, e deram um crachá para ela apenas como jogadora. Após esse primeiro jogo, ela questionou o conselho, que lhe respondeu que ela teria que escolher entre ser jogadora ou técnica. Sahar optou por ser jogadora. O conselho, então, escolheu a filha do chefe do conselho de futebol (vamos chamá-la de Amineh) para ser a técnica do time. Essa é uma questão recorrente no Irã. Apesar de possuir leis formais, muito é desrespeitado e lidado conforme o desejo dos governantes das cidades ou das regiões. O mesmo acontece nos esportes; há muito nepotismo e corrupção por trás das decisões dos conselhos e das federações. As atletas de outras modalidades relataram situações similares, onde esportistas com menor rendimento se classificavam para competições por serem parentes de dirigentes ou de pessoas influentes nas federações e no governo.

Após a decisão do conselho de dar o cargo de técnica do time de Sahar para a filha do chefe do conselho, a atleta conta que ficou muito abalada por eles terem mentido para ela, já

que sempre esteve em seus planos que ela não continuasse como técnica. No primeiro jogo em que Amineh participou como técnica da equipe, Sahar percebeu que ela não possuía muito conhecimento sobre futebol. A nova técnica chegou a pedir para que ela organizasse o time e fizesse as substituições quando necessário. Sahar ficou tão irritada com a situação que decidiu não levar Amineh para a partida seguinte. No dia do segundo jogo, todas as atletas e a comissão técnica deveriam ir juntas para o local da partida utilizando um serviço de transporte providenciado pelo conselho. Sahar avisou a pessoa responsável pelo time, que ela chama de “líder do time”, que não levaria Amineh como técnica. A líder do time ficou com medo, pois o pai de Amineh poderia cortar a ajuda financeira e proibi-las de jogar. Sahar afirmou a supervisora que: “se o pai dela falar com você, fale para ele que a Srta. Maleki²⁰ mandou não levar ela. E eu aceito a responsabilidade por isso”. A líder do time concordou com a decisão de Sahar, e, assim, elas se dirigiram a partida naquele dia.

A firmeza de Sahar e seus talentos como técnica e jogadora compensaram, e a sua equipe não apenas ganhou aquele jogo, como também foi campeã do torneio provincial. É relevante lembrar que, em 2007, foi inaugurada a Liga Feminina de Futebol, desta forma, em 2008, após a vitória na província, o time de Sahar ganhou uma vaga para competir nacionalmente. Em suas palavras: “E pela primeira vez em Isfahan, Isfahan tinha um time de futebol feminino”. Sahar se orgulha muito de suas conquistas, porém me contou logo em seguida que sua equipe teve que passar a treinar em outra cidade, e sua família era contra a sua saída de Isfahan. Deste modo, após todo o seu esforço, Sahar teve de ficar para trás e deixar o seu time.

O time encontrou um patrocinador e trocou de nome, passando a se chamar Ayande Sazan Mihan. Após o seu primeiro ano no campeonato de acesso à primeira divisão, a equipe conseguiu avançar para a liga principal. Sahar conta que o time permaneceu competindo, porém sem conseguir conquistar o título nacional. Em 2017, sua amiga Zeinab se tornou a técnica do Ayande e ofereceu a posição de sua assistente a Sahar. Ela aceitou, e juntas elas conseguiram finalmente vencer a Liga Kowsar, se tornando campeãs nacionais. Sahar conta como esse foi o seu maior sonho se realizando. Recordando tudo o que ela havia passado, lutando por mais de uma década para que sua cidade pudesse não apenas gerar oportunidades para mulheres, mas também pudesse se orgulhar de suas atletas, Sahar relata com orgulho a sua conquista de levar a taça do campeonato feminino para Isfahan.

²⁰ O nome e sobrenome de Sahar foram alterados para manter a sua privacidade.

Após a vitória da liga nacional, antes do início da temporada de 2018, o Sepahan, principal clube masculino da cidade, assumiu o time. Assim, o Ayande Sazan Mihan se tornou Sepahan Ladies Football Club. É interessante perceber como mesmo havendo ganhado o campeonato feminino mais importante do país, a equipe não conseguiu se sustentar mais financeiramente, tendo que apostar na integração com o clube masculino. Essa é a realidade do futebol e de outros esportes femininos no Irã. As instalações são precárias, o investimento é baixo, e conseguir patrocinadores é quase impossível. Consequentemente, há muita instabilidade para as atletas iranianas, que, por mais que tenham um ótimo rendimento, permanecem sem qualquer segurança de que terão um time para jogar ou investimentos para continuar suas carreiras esportivas.

2. MULHERES E ATLETAS: AS TRAJETÓRIAS DAS IRANIANAS

Logo após o estabelecimento da República Islâmica do Irã, em março de 1979, foi anunciada a segregação de praias, piscinas e dos esportes em geral. O cenário político interno do país, o aumento do conservadorismo, e a guerra contra o Iraque fizeram com que os esportes femininos praticamente desaparecessem. A partir de muita luta individual das atletas, e da luta conjunta de atletas, ativistas e parlamentares feministas, as esportistas iranianas foram ganhando novamente seu espaço dentro do mundo esportivo. Durante a pesquisa, consegui entrevistar de maneira completa onze atletas de sete modalidades diferentes. Outras atletas chegaram a responder as perguntas iniciais ou até entrar em certos detalhes sobre as suas experiências com seus respectivos esportes, porém, por questões de dificuldade com a língua inglesa ou por preferirem não discutir questões consideradas mais polêmicas no país, algumas atletas desistiram de prosseguir com a entrevista.

Neste capítulo serão discutidas as trajetórias esportivas dessas onze atletas, assim como serão adicionados detalhes compartilhados por outras atletas através de conversas pela rede social Instagram, e detalhes adquiridos através de entrevistas previamente realizadas por mídias de notícias. Através de seus relatos, serão explorados os caminhos que levaram as atletas entrevistadas até seus respectivos esportes, suas motivações e sentimentos gerados pela atividade esportiva, as dificuldades enfrentadas ao adentrar uma arena majoritariamente masculina, e os conflitos e negociações que surgiram a partir de suas escolhas de serem atletas profissionais.

2.1 As experiências femininas no ciclismo

Desde a Revolução de 1979, andar de bicicleta se tornou um tema extremamente polêmico no Irã. Assim que o governo islâmico foi estabelecido, as mulheres foram proibidas de andar de bicicleta em público, algo que foi aos poucos sendo revertido e que hoje já é muito mais naturalizado, principalmente devido à participação feminina em competições nacionais e internacionais. Para os religiosos conservadores, as bicicletas deveriam ser proibidas para mulheres em público, uma vez que as formas femininas ficariam mais à mostra e o seu corpos representariam uma “tentação” ou uma “provocação” aos homens. Além de que a bicicleta forneceria um raio de liberdade maior para uma menina ou mulher, limitando a possibilidade de controle masculino (PFISTER, 2006). Assim, há mais de 40 anos as

mulheres vêm lutando pelo direito de andar de bicicleta como meio de transporte, como lazer, e como esporte profissional.

No Irã, e mais especificamente em Teerã, não há uma cultura forte com relação ao uso de bicicletas como meio de transporte. Em 2014, Samy Adghirni (2014, p. 40) alertou para a falta de ciclovias na capital e para a alta poluição no ar, que fazia com que fosse difícil para as pessoas pedalarem em meio aos carros. Esse mesmo entendimento também pode ser percebido por Mamdoohi e Amini (2021), que demonstram em sua pesquisa que os iranianos de Teerã não costumam utilizar bicicletas, e sugerem que o meio de transporte deveria ser incentivado no país, considerando os altos índices de poluição e o grande congestionamento do trânsito.

Mamdoohi e Amini (2021, p. 217), em sua pesquisa com 254 mulheres e 421 homens que trabalham e estudam em Teerã, constataram que entre as mulheres entrevistadas, 91,73% nunca andam de bicicleta, enquanto 7,48% usam a bicicleta para lazer e esporte. Entre os homens, 13,06% utilizam bicicleta para ir às compras, 5,46% usam para se locomover até instituições de ensino, e 24,23% pedalam por lazer e esporte. Dentre seus resultados, os autores observaram que iranianos que possuem carro ou que têm fácil acesso ao transporte público utilizam menos suas bicicletas. Ademais, eles notaram que enquanto os homens com pelo menos uma bicicleta em casa tinham uma tendência positiva a utilizá-las, para as mulheres, o acesso à bicicleta não produzia o mesmo resultado. Em sua pesquisa, Mamdoohi e Amini (2021, p. 219) chegaram à conclusão que, em Teerã, as mulheres consideram a bicicleta um veículo de recreação, e não um meio de transporte.

Apesar de atualmente serem comuns discussões relacionadas aos benefícios do uso de bicicletas para o meio ambiente e para uma vida sustentável, no Irã, a discussão sobre o uso de bicicletas é sempre intermediada por questões de religião e de gênero. Se pensarmos no passado do uso da bicicleta, vemos que no final do século XIX a bicicleta era considerada uma declaração de independência para as mulheres. Como Hargreaves (2003, p. 91-92) alega, o ciclismo era visto como uma atividade prazerosa que possuía elementos de excitação, algo que, para a época, eram afirmações um tanto ousadas. A bicicleta não apenas trouxe maior liberdade de locomoção para as mulheres, como também trouxe uma reforma no vestuário feminino. A expansão do uso da bicicleta impulsionou o movimento da “vestimenta racional”, levando as mulheres a abandonar os longos trajes vitorianos e a utilizar saias mais curtas e até calções que se assemelhavam a calças masculinas. Para Hargreaves (2003, p. 93), as novas formas de vestimentas projetadas para a bicicleta “permitiam às mulheres uma nova independência física e simbolizavam sua revolta contra as restrições”.

No Irã pós-Revolução, as vestimentas para as mulheres mudaram para se adequar ao que o Estado iraniano acreditava serem obrigações islâmicas, impondo uma dificuldade para as mulheres que andavam de bicicleta. Refletindo a partir de um ponto de vista da evolução das vestimentas no século XX, as iranianas sofreram certo retrocesso e tiveram que se adaptar a pedalar com blusas largas que chegam, pelo menos, até perto dos joelhos. Ao contrário de dar mais liberdade ao movimento das mulheres, as novas regras restringiram o corpo feminino. Além disso, o Irã também é um país com altas temperaturas na primavera e no verão, tornando a prática da atividade desconfortável. As ciclistas, em um primeiro momento, não tinham qualquer possibilidade de se tornarem profissionais, já que o Estado proibiu o esporte para as mulheres. Ao longo dos anos, as ciclistas foram lutando e conquistando seu espaço, conseguindo permissão para competir com um uniforme adaptado, que inclui o uso de mangas longas, calça *legging*, e uma saia por cima da calça que possui duas fendas ao meio (uma na parte da frente e outra na de trás) que permite uma melhor movimentação, ao mesmo tempo em que tenta obedecer às regras islâmicas. O uniforme oficial do Irã não é aprovado pelos religiosos conservadores, que acreditam que ele não cumpre com os requisitos de maneira adequada, sendo justo ao corpo e deixando as curvas das atletas à mostra.



Figura 4: Ciclistas profissionais iranianas e seus uniformes.
Fonte: Instagram / 2020.

Retornando ao final do século XIX, enquanto para as mulheres pedalar virou um símbolo de autonomia e liberdade, para os conservadores da época a atividade era considerada “indolente e indecente” com capacidade de “destruir a doce simplicidade da natureza de uma garota” e até levá-la à prostituição (HALL, 1971). De acordo com Hargreaves (2003, p. 95), a concepção puritana percebia o corpo feminino como uma fonte de pecado, fazendo com que o

movimento livre e sensual fosse visto como provocativo e trazendo um problema adicional para as mulheres. Apesar de essas questões parecerem distantes de uma realidade do século XXI, no Irã, a concepção dos religiosos conservadores continua estacionada no tempo, alegando os “perigos” para a sociedade em ter mulheres andando de bicicleta. Assim como os conservadores do século XIX, os conservadores iranianos dos dias de hoje acreditam que as formas femininas ficam mais à mostra quando estão pedalando e o vento bate em suas roupas, fazendo com que a atividade seja considerada sexualmente provocativa. Ademais, há uma crença entre famílias conservadoras de que ao andar de bicicleta as meninas e mulheres correriam o risco de perder suas virgindades, algo que também representaria um perigo moral para a sociedade.

As ciclistas entrevistadas não relataram possuir tais problemas com suas famílias, com todas as três afirmando terem apoio de seus familiares. Parisa e Elaheh, no entanto, contaram que quando decidiram treinar e competir no ciclismo, suas famílias expressaram preocupação, uma vez que sabiam que elas poderiam ser hostilizadas por religiosos e porque desejavam que elas seguissem carreiras profissionais com melhores oportunidades. Ambas as atletas relataram que inicialmente suas famílias não queriam que elas se tornassem atletas profissionais, já que é difícil que mulheres atletas recebam salário ou patrocínio. Por outro lado, em pesquisas realizadas com universitárias e mulheres que praticam esportes apenas como recreação, pôde ser percebido que há famílias mais conservadoras que se preocupam com a virgindade das mulheres na prática esportiva e que chegam a proibir suas filhas, irmãs ou esposas de praticarem atividades consideradas “perigosas”. Mirsafian e at. (2014, p. 961) constataram que a maioria das universitárias entrevistadas em sua pesquisa era proibida direta ou indiretamente por seus familiares de praticar esportes. Uma entrevistada comentou que sua mãe a havia proibido de praticar esportes como ginástica ou ciclismo pelo risco de a filha perder a virgindade. Enquanto outra entrevistada afirmou que gostava de ir à universidade de bicicleta, mas que seu irmão não a deixava mais andar por não aprovar que outras pessoas a vissem pedalando. Ladan Rahbari (2017) percebeu uma situação similar nos clubes de equitação de Teerã. Segundo a autora, as gerações mais jovens envolvidas no esporte estão questionando os discursos tradicionais que impedem o seu desenvolvimento atlético. Uma de suas entrevistadas mencionou que as mães das cavaleiras as diziam que elas podiam perder suas virgindades se elas pulassem de lugares altos. Como cita Rahbari (2017, p. 25) sobre sua entrevistada:

Nossas mães nos dizem que nós podemos perder nossa virgindade se nós pularmos de lugares altos (risadas). Todas as meninas [iranianas] já ouviram isso em algum momento de suas vidas. Minha mãe me fez acreditar que não apenas pular, mas andar de bicicleta e definitivamente andar a cavalo levariam ao mesmo resultado... Para nós [garotas iranianas] é sempre de alguma forma relacionado à virgindade e a ser decente, feminina.

Rahbari ainda comenta que apesar de as suas entrevistadas ouvirem tais mitos de seus familiares, nenhuma delas acreditava de fato neles. Algumas atletas entrevistadas para este trabalho expuseram que havia certa pressão nas iranianas para que fossem virgens e não ferissem a honra da família de qualquer maneira. Contudo, considerando os relatos das entrevistadas, é possível dizer a maioria delas, se não todas, vêm de famílias mais liberais, que as apoiam em sua profissão e que não as pressionam sobre casamento ou sobre serem femininas.

A questão do ciclismo no Irã, como já comentado, é particularmente complicada por causa dos conservadores que tentam incessantemente proibir que mulheres andem de bicicleta. No ano de 2020, diversas mulheres utilizaram a página no Facebook chamada *My Stealthy Freedom*²¹ para denunciar violações de direitos, abusos sexuais, e assédios sofridos nas ruas de várias cidades no Irã. Especificamente sobre o ciclismo, as iranianas publicam vídeos em que são abordadas pela polícia ou sofrem assédios de pessoas nas ruas por estarem andando de bicicleta, ainda que completamente cobertas e respeitando a lei do *hijab*. Outras iranianas aproveitam a página na rede social para divulgar vídeos de protesto, pedalando em suas cidades enquanto balançam seus véus ao vento em descumprimento da lei. Há relatos vindos de cidades menores, porém, a maioria tem origem na capital Teerã e em Isfahan, cidade grande e muito religiosa.

A jornalista responsável pela página no Facebook, Masih Alinejad (MY STEALTHY FREEDOM, 2020), publicou um vídeo no dia 12 de junho de 2020 onde abordava as diversas denúncias que vinha recebendo de ciclistas iranianas. Ela lembrou como cresceu escutando histórias e sendo ensinada sobre mulheres consideradas quase santas, como Zeinab e Fatemeh, que andavam de camelo. Alinejad questiona qual seria a diferença com relação às bicicletas.

²¹ A página *My Stealthy Freedom* foi criada em 2009 pela jornalista iraniana Masih Alinejad. Tudo começou quando ela postou uma foto sua dirigindo no Irã sem o *hijab* em sua página pessoal no Facebook. A descrição da foto dizia: “eu aposto que muitas mulheres têm fotos de suas liberdades secretas – esta sou eu no norte”. Mulheres iranianas então começaram a mandar fotos suas sem o véu para Alinejad, que recebeu tantas imagens dessas mulheres com seus pensamentos sobre o *hijab* compulsório que decidiu fazer uma página no Facebook só para isso. Na página da jornalista, que contém mais de um milhão de *likes*, são postados diariamente fotos e vídeos enviados por mulheres iranianas. Atualmente a página também denuncia variadas violações de direitos contra a população iraniana, tentando estabelecer uma conexão global através de suas postagens com legendas em persa, inglês e francês.

Se as mulheres sempre puderam andar de camelo e cavalo, parece contraditório que elas não possam andar de bicicleta. É curioso também que as mulheres podem andar de motocicleta, que é um meio de transporte muito semelhante às bicicletas.

A partir dos relatos dessas mulheres na página *My Stealthy Freedom* e das entrevistas com as atletas, pude perceber que apesar de ainda existir casos de assédio nas ruas com relação a mulheres andando de bicicleta, a situação em Teerã é muito melhor do que em cidades do interior, onde as tradições locais se sobrepõem as leis formais do Estado. As atletas entrevistadas relataram que há alguns anos atrás sofriam mais com violências verbais e físicas, mas que hoje em dia a situação está muito melhor, e que tanto na capital quanto em suas cidades não sofrem com o assédio.

Contando sobre a sua trajetória no ciclismo, Parisa (Entrevista, 23/06/2020), de 27 anos, lembra que sempre gostou de praticar esportes e que praticava diferentes modalidades em sua escola. Ela praticou um ano de taekwondo, um ano de natação, e chegou a jogar vôlei profissionalmente durante três anos. A atleta conta que apesar de amar os esportes anteriormente praticados, ela sempre se interessou mais por esportes ligados à natureza. Aos dezoito anos, Parisa e duas de suas amigas decidiram começar a pedalar. No início elas pedalavam por diversão, até que um dia, quando estavam em um parque, as três amigas foram abordadas por uma treinadora de ciclismo que percebeu que elas tinham talento e as convidou para participar de competições. Parisa conta que o discurso dessa treinadora a incentivou a buscar o ciclismo profissional. Gradualmente, a atleta foi notando competições na região, começou a se dedicar aos treinamentos, se juntou a equipe de um clube de sua cidade, até que conseguiu entrar na liga nacional profissional. Ela conta que começou a vencer campeonatos regionais, e, mais tarde, conquistou o título nacional no ciclismo de estrada e no *mountain bike*. Após suas vitórias, a ciclista foi convidada para a seleção nacional, por onde compete até hoje.

Ao ser questionada sobre a relação com a sua família, Parisa afirmou que eles sempre praticaram esportes, mas nunca profissionalmente. Ela comentou que, apesar de seus pais a incentivarem atualmente, quando era mais jovem eles insistiam que ela não devia praticar qualquer esporte como profissão. Em suas palavras: “infelizmente, os esportes profissionais não são valorizados no Irã. As atletas não têm seguro e nem salário. É por isso que meus pais sempre me disseram para não praticar esportes profissionalmente. Continuei pedalando apenas pelo meu amor e paixão” (PARISA, entrevista, 23/06/2020). Outras atletas relataram vivências similares, comentando sobre como a falta de incentivo e investimento financeiro faz com que suas famílias prefiram que elas busquem outras profissões. No entanto, as atletas

entrevistadas sempre enfatizam a sua paixão pelos esportes e como elas se sentem realizadas ao poder praticá-los profissionalmente.

Parisa me contou que conheceu seu marido, que também é membro da seleção iraniana do ciclismo, através de uma competição internacional. Ao refletir sobre algumas das dificuldades enfrentadas pelas atletas mulheres em sua jornada profissional, a ciclista discorreu sobre a dependência feminina no país com relação a figuras de autoridade masculina. Ela diz que nunca teve de passar por isso, mas que muitas mulheres que estão dispostas a praticar exercícios dependem da autorização de seus pais ou maridos. Parisa afirma que quando seu marido a pediu em casamento, ela impôs a condição de que só se casaria se em sua relação “não houvesse discriminação de gênero em qualquer aspecto da vida” e se o seu pretendente concordasse que eles deveriam “ajudar um ao outro tanto quanto [pudessem]”.

A ciclista Elaheh, também entrevistada para essa pesquisa, conta que ela andava de bicicleta desde pequena, mas que passou a competir apenas em 2014. A ciclista, atualmente com 31 anos, conta que até os seus oito ou nove anos de idade gostava muito de pedalar. Contudo, nos anos 1990 ainda havia um grande preconceito, e os religiosos que defendem uma proibição da atividade para as mulheres tinham muita força, então, ela decidiu parar. Durante seus anos escolares, a atleta praticou diversas modalidades esportivas. Ela lembra que gostava de realizar atividades físicas também enquanto estava de férias, no verão, mas sempre apenas como um *hobby*. Em sua família, assim como na de Parisa, o esporte não era uma opção de carreira, já que é extremamente difícil ganhar dinheiro com a profissão, e muitas atletas profissionais não recebem qualquer salário. A família de Elaheh se mantinha ativa fisicamente, e a encorajava a praticar esportes. No entanto, segundo a atleta, seus pais queriam que ela tivesse um bom futuro. “A perspectiva deles era você virar médica, engenheira ou algo assim. E eu deveria ser assim. Eu comecei a estudar engenharia civil e também tinha grandes sonhos” (ELAHEH, entrevista, 30/06/2020). Após a universidade, a ciclista ainda fez um mestrado em engenharia estrutural, e afirma que continua estudando para um dia se tornar uma designer de bicicletas.

Elaheh ressalta que, por mais que mantenha seu sonho ligado à engenharia, seu maior sonho era andar de bicicleta. “Eu era uma pessoa aventureira. E sempre sonhei em andar com a minha bicicleta ao redor do mundo, e explorar o mundo. Eu tinha muita curiosidade de saber mais sobre outras culturas, sobre o mundo, sobre a opinião de outras pessoas” (ELAHEH, entrevista, 30/06/2020). Deste modo, Elaheh insistiu em seu sonho e venceu múltiplas barreiras para conquistá-lo, sendo hoje uma das atletas iranianas mais premiadas. Ela afirma

que começou a pedalar profissionalmente por volta dos 18 ou 19 anos, e que na época todos estavam contra ela, porque não era permitido que mulheres andassem de bicicleta em sua cidade. De acordo com a atleta: “o ciclismo não era legalizado para as mulheres no Irã, e minha luta contra a cultura e as mentes conservadoras foi a mais difícil que eu tive que enfrentar em minha vida até o momento”.

A última ciclista com quem conversei se chama Maryam e é a mais nova entre as três entrevistadas, com 19 anos. Se expondo de maneira mais breve, a atleta explicou que começou a praticar o ciclismo como um esporte competitivo aos 16 anos, quando o marido de sua irmã a apresentou à modalidade. Durante a época da escola, ela costumava fazer patinação e basquete. Ao contrário das outras duas ciclistas entrevistadas, a família de Maryam a encorajou muito a seguir carreira no esporte. Ela contou que o seu cunhado é um ciclista muito famoso e reconhecido no país, então todo mundo em sua família se envolve e torce por ela também. A atleta ainda declara: “eu amo o ciclismo e ele se tornou uma parte da minha vida. O ciclismo fez com que eu conquistasse meus sonhos” (MARYAM, entrevista, 22/06/2020).

Durante as entrevistas, eu perguntei às três atletas sobre as dificuldades enfrentadas devido aos conservadores alegarem que seria ilegal no Islã que mulheres andassem de bicicleta. Quando eu comecei a pesquisa, eu já tinha conhecimento sobre a proibição após a Revolução, mas não compreendia como funcionava exatamente para as atletas do ciclismo, já que elas podem competir nacionalmente e internacionalmente, mas ao mesmo tempo podem ser proibidas de pedalar em suas cidades. Parisa, que vive em Tabriz, me explicou a situação do seu ponto de vista:

O ciclismo feminino é proibido em algumas cidades do Irã. Não é proibido legalmente, mas é proibido por alguns teólogos religiosamente. Os muçulmanos extremistas proíbem as mulheres de andar de bicicleta. Dizem que o ciclismo feminino causa a excitação sexual dos homens! Eu realmente sinto muito pelas opiniões ridículas de alguns extremistas que não permitem que as mulheres pratiquem seu esporte favorito com facilidade. Fazemos ciclismo profissional e participamos de competições internacionais; não prestamos atenção às crenças dos *mullahs*²². Porque se andarmos com o *hijab* islâmico, ninguém tem o direito legal de impedir nosso ciclismo (PARISA, entrevista, 23/06/2020).

Parisa ainda pontuou que em algumas cidades mais religiosas não é permitido que as mulheres andem de bicicleta, como em Mashhad, Isfahan e Yazd. Porém, ressaltou que em Teerã, Tabriz, ou outras cidades grandes, as mulheres pedalam com facilidade e sem

²² Termo usado para se referir a clérigos islâmicos locais ou líderes de mesquitas.

proibição. A partir dessa fala de Parisa, questionei as outras duas ciclistas sobre as suas cidades, já que Maryam vive em Isfahan e Elaheh mora em Shiraz, que é uma das maiores cidades iranianas. Maryam (Entrevista, 26/06/2020) relatou: “em Isfahan e nas cidades em volta eu era assediada no começo, mas agora está tudo bem. No começo as pessoas passavam e diziam que eu não deveria estar andando de bicicleta, mas agora elas não falam mais”. Ela ainda mencionou que as cidades citadas de Mashhad e Yazd, por serem mais religiosas, importunam mais as ciclistas. Já Elaheh me explicou sobre a sua situação em Shiraz, comentando sobre como mesmo que não esteja na lei, a polícia pode parar ou barrar ciclistas mulheres. Ela afirmou: “esqueça Mashhad e Yazd, está em todo o país. Se eles quiserem fazer isso, a polícia pode. É tão engraçado, é tão louco, mas é assim” (ELAHEH, entrevista, 30/06/2020).

Contando sobre a sua experiência em Shiraz, quando decidiu voltar a andar de bicicleta, Elaheh comenta:

Na época, todo mundo ficava irritado porque uma garota estava andando de bicicleta. Pelo menos em Shiraz, ninguém estava andando nas ruas. Então, meus pais também não iam aceitar que eu andasse de bicicleta, porque eles achavam que era muito perigoso para mim, que as pessoas me tratariam muito mal, e também que poderia fazer com que eu fosse presa pela polícia. Então demorei muito para convencer minha família de que era apaixonada por esse esporte. Eles queriam que eu desistisse (ELAHEH, entrevista, 30/06/2020).

Sobre a questão da polícia, ela explicou que no Irã uma permissão não significa que a lei vai te proteger. Como vemos no caso do ciclismo feminino, só porque é permitido, não significa que há uma lei específica sobre o assunto, que proteja as mulheres de proibições locais ou assédio. Ela afirmou que acredita que isso é um problema gerado pela mistura da política com a religião, porque as opiniões e desejos dos líderes e guias religiosos variam. Então, um defende que as mulheres possam pedalar, e outro não. Desta forma, como sugere Elaheh, quem é o responsável pela fiscalização, como a polícia, faz o que quer. O ciclismo ser permitido, inclusive em competições internacionais, não impede que conservadores assediem e até levem mulheres para a delegacia, porque na visão deles a atividade ainda seria religiosamente ilegal. Assim, em cada cidade, as autoridades podem agir de acordo com suas vontades e abusar de seus poderes.

Além de a polícia fazer o que bem quer, a população recebe certa autorização de religiosos, políticos, e juristas para assediar as ciclistas, já que eles fazem discursos declarando tal proibição aos olhos da religião. O procurador da cidade de Isfahan, por

exemplo, constantemente se pronuncia contra o ciclismo feminino, o que legitima o assédio praticado por cidadãos conservadores. Elaheh conta que além de a polícia a parar e levar até a delegacia, a própria população de sua cidade reagia de forma violenta contra ela: “eles me estapeavam, batiam...”. A atleta ainda narrou sua primeira experiência na rua:

No meu primeiro passeio na rua, lembro-me que quando fui, fiquei muito feliz. Eu estava fora de mim, sério, não consigo descrever a sensação. Lembro que estava um pouco lotado na rua, porque era feriado. E uma motocicleta, eles vieram e bateram no meu guidão como se quisessem me fazer cair no chão. Felizmente eu estava segurando meu guidão com força, provavelmente porque eu estava feliz, e nada aconteceu. Mas estava quase a ponto de cair e isso realmente me decepcionou pela primeira vez, mas aconteceu. E infelizmente isso ainda acontece (ELAHEH, entrevista, 30/06/2020).

Apesar das dificuldades enfrentadas pelas iranianas ao andarem de bicicleta, podemos perceber que ela continua simbolizando, como no século XIX, independência e liberdade. As atletas entrevistadas mencionaram que o ciclismo as fazia sentir bem e alegres, que o esporte trazia felicidade por ser praticado ao ar livre, que ele as aproximava da natureza, e fazia com que elas se sentissem livres. Todas as ciclistas mencionaram que apesar das dificuldades, principalmente financeira, o ciclismo era uma paixão. Considerando tudo o que elas enfrentam para praticar o esporte, inclusive os casos de violência verbal e as ameaças de policiais e outros oficiais, o ciclismo realmente representa uma paixão para essas mulheres, que aprendem e se desenvolvem cada vez mais, mesmo tendo que enfrentar tantos obstáculos.

Por mais que a cada ano a situação das mulheres ciclistas venha melhorando, as ações e os discursos conservadores contra a atividade continuam existindo. Parisa mencionou que ser atleta no Irã é difícil para homens e mulheres, visto que não há incentivo financeiro ou investimentos na área, mas que a situação das mulheres é sempre pior. No entanto, todas essas ciclistas afirmaram que elas conseguiram permanecer firmes, e que os desafios e obstáculos impostos pela sociedade só fazem com que elas sejam mais fortes. Após passarem por tantas dificuldades, elas se mostram orgulhosas de si mesmas, e se mantêm positivas de que as novas gerações vão poder desfrutar das oportunidades que elas abriram ao longo dos anos. Através dos relatos das entrevistadas que pertenciam a duas diferentes gerações de ciclistas, já podemos notar o quanto as lutas de Elaheh e Parisa tiveram efeitos positivos para que Maryam pudesse pedalar e competir com mais facilidade e apoio.

2.2 As trajetórias das atletas no mundo esportivo

As atletas entrevistadas possuíam diferentes origens. Algumas vinham de cidades grandes, outras de cidades pequenas; algumas vinham de famílias que praticam esportes por lazer ou profissão, outras de famílias que não gostam de esportes; algumas sempre tiveram apoio da família, outras tiveram de convencer suas famílias a aceitar uma carreira esportiva. Algo em comum entre todas as atletas foi a prática de diferentes modalidades ao longo de seus anos escolares. As escolas iranianas incentivam o esporte como parte da educação física, e, por mais que seja um desafio formar uma carreira profissional pela falta de investimento e reconhecimento midiático, muitas mulheres são estimuladas por suas famílias e professores a se tornarem atletas. Um detalhe importante dessa profissão no Irã é que, uma vez que o retorno financeiro é quase nulo, as esportistas precisam vir de famílias que tenham uma situação financeira confortável e que possam auxiliá-las em sua jornada.

Azadeh, de 16 anos, conta que praticou ginástica dos três aos onze anos de idade, até que a sua treinadora a apresentou ao kung fu, porque permitiria que ela se desenvolvesse mais na esfera esportiva. A ginástica é proibida para as iranianas em competições internacionais e tem pouca expressão no país. Assim, para que Azadeh pudesse ter uma chance real de carreira nos esportes, sua própria treinadora a guiou em direção à outra modalidade. Segundo a atleta, sua treinadora “achou que o kung fu seria legal, porque também precisa de flexibilidade, como na ginástica” (AZADEH, entrevista, 04/06/2020). Sobre a sua família, a lutadora afirmou que ninguém pratica kung fu, mas que todos sempre a encorajaram e a apoiaram. Em suas redes sociais, Azadeh publica muitas fotos com seus pais, normalmente passeando em viagens e durante as suas competições.

Ao contrário de Azadeh, que chegou ao kung fu por indicação de sua treinadora, e não por uma paixão pelo esporte, atletas como Sara, Mina e Farzaneh praticam seus respectivos esportes desde criança. Sara, jogadora de futebol de 20 anos, Mina, remadora de 17 anos, e Farzaneh, jogadora de squash de 16 anos, contam sobre o seu amor pelo esporte desde pequenas. Sara começou a jogar futebol na rua com seus amigos aos oito anos de idade. Aos treze anos passou a treinar futebol em um clube e, mais tarde, decidiu continuar sua carreira no futebol de campo. Ela conta que sempre teve afinidade com os esportes, que era boa em tudo que jogava e que, por isso, praticava diversos esportes na escola. Ao ser perguntada sobre como entrou em contato com o futebol, ela respondeu: “estava em minha alma”. Sobre o apoio de sua família, Sara comenta que acha incrível que ninguém de sua família pratique ou até goste de futebol, mas confirmou que sempre recebeu apoio deles em sua carreira.

Mina conta que amava água desde pequena. Ela praticava e ainda pratica canoagem, ciclismo e natação. A remadora conta que sempre amou nadar e praticar qualquer esporte que

envolvesse água. Aos catorze anos ela foi apresentada ao remo, e depois de apenas dois anos foi chamada para integrar a seleção nacional adulta. Ela é a integrante mais jovem a participar da seleção. Mina conta que seus pais sempre a ajudaram e tiveram um grande impacto em seu progresso. Já Farzaneh começou a jogar squash aos sete anos de idade. Uma amiga de sua mãe apresentou o esporte a sua família, e ela e seu irmão começaram a jogar. Segundo a atleta, seus pais sempre a encorajaram muito. Eles sempre assistem aos seus exercícios e competições, e ela relatou que sente que eles a ajudam a ter força e a não desistir, sempre a encorajando quando já está cansada e não consegue jogar. Praticando o esporte desde criança, Farzaneh é atualmente um dos maiores nomes do squash no Irã, competindo com atletas mais velhas e vencendo diversos campeonatos. Ela já venceu oito campeonatos nacionais e oito campeonatos internacionais pela modalidade. Mesmo se dedicando ao squash desde pequena, a atleta conta que também praticava outros esportes na escola e treinava badminton até alguns anos atrás. Farzaneh conta que mesmo se dedicando profissionalmente ao esporte, planeja cursar arquitetura na universidade quando terminar o ensino médio.

Assim como as outras atletas, Layla, atleta do tiro esportivo de 21 anos, sempre gostou de praticar esportes. Na escola, ela jogava basquete e badminton, mas esses esportes não eram sua paixão. Layla relata que amava o tiro e a esgrima, mas como não tinha esgrima em sua cidade, ela foi para o tiro aos dez anos. Sua família é praticante de tiro esportivo também, ainda que apenas como um *hobby*, e, segundo ela, sempre a incentivaram e a ajudaram a progredir. O tiro esportivo é um dos esportes mais inclusivos de mulheres no Irã. Após a Revolução, um dos primeiros esportes aprovados para a competição feminina foi o tiro, uma vez que ele já é convencionalmente praticado com roupas que cobrem o corpo inteiro, então não necessitava de adaptação.

O mesmo acontece com o esqui. As atletas mulheres podem treinar e competir com homens, já que as roupas utilizadas para a prática do esporte cobrem o corpo todo. O esqui é um dos esportes mais populares no Irã nas regiões de montanhas, e é muito comum que famílias iranianas esquiem em estações que não possuem qualquer forma de segregação. Elnaz, esquiadora de 29 anos, me contou que começou a praticar esqui em 2010. Durante a época da escola, ela fazia natação e ciclismo, chegando a competir nacionalmente na natação antes de migrar para o esqui cross-country. Ela conta que dez anos atrás começou treinando apenas nos finais de semana, mas que há oito anos passou a se dedicar exclusivamente ao esqui e treinar todos os dias. A esquiadora, que vive em Teerã, relatou que sua casa está a 60 quilômetros da montanha, e por isso, tem que dirigir 120 quilômetros todos os dias para ir e voltar de seus treinos. Elnaz é casada e tanto ela quanto seu marido são formados em

arquitetura. Ela possui mestrado também em arquitetura e trabalha com seu marido nas horas vagas. A atleta afirmou que conta com o apoio de toda a sua família, mas que no início foi difícil para ela entrar no mundo do esqui iraniano, porque, segundo ela, há uma “máfia no esqui”. Eu a indaguei sobre o que ela quis dizer com máfia e ela afirmou que algumas vilas que têm pistas de esqui não deixam ninguém que pretende seguir o esporte profissionalmente usar as pistas. Eles apoiam apenas os atletas locais e não deixam que outros esquiadores pratiquem lá. Elnaz conta que foi difícil se estabelecer como esquiadora profissional, mas que se sente feliz por ter persistido, pois hoje faz parte da seleção nacional e compete por todo o mundo.

Além de Sara, outras duas jogadoras de futebol foram entrevistadas: Kimiya, de 34 anos, e Sahar de 32 anos. De todas elas, Sara é a atleta mais nova, desfrutando de muitas oportunidades que não existiam quando Kimiya e Sahar começaram a praticar o esporte. A história de Sahar já foi contada em detalhes no capítulo 1, porém, podemos relembrar alguns aspectos de sua trajetória. A agora treinadora de futebol, Sahar jogava futebol com os meninos na rua desde os sete ou oito anos. Ela conta que amava jogar futebol e que aos quinze anos decidiu começar a treinar sério para competir. Como podemos recordar, a jogadora teve que lutar muito para formar um time em sua cidade, Isfahan, e para conseguir permissão das autoridades esportivas para competir regionalmente e nacionalmente. Além de jogadora, aos 20 anos ela tirou sua licença para poder treinar times de futebol profissionalmente. Nos seus anos escolares, Sahar também praticava basquete e tênis de mesa. A treinadora conta que sua família sempre a apoiou muito, incentivando Sahar a lutar por seus sonhos. Ela ainda conta que seu irmão também jogava futebol, mas que quando ele quis entrar em um clube profissional ele teve que trabalhar, e não conseguiu mais se profissionalizar. Talvez essa seja uma diferença relacionada aos papéis de gênero no Irã. Como o esporte é uma carreira difícil que normalmente não dá um bom retorno financeiro, e como no Irã ainda há uma cultura que defende o papel da mulher do ambiente doméstico, quando as meninas da família decidem ser atletas, seus pais percebem como uma oportunidade de suas filhas saírem de casa, explorarem o mundo e terem uma profissão. Para as iranianas pode ser difícil conseguir emprego, e é comum que as mulheres tenham alto grau de instrução, porém não trabalhem. Para os homens, por outro lado, espera-se que eles trabalhem e ganhem dinheiro para sustentar suas famílias, assim, dependendo da situação financeira das famílias, pode ser mais difícil incentivar um filho homem a ser atleta.

Assim como as outras jogadoras de futebol entrevistadas, Kimiya conta que desde criança sempre amou o futebol. Ela jogava o esporte com os meninos na rua, e relata que

quando estava na escola formou um time de futebol com suas colegas de classe. Na escola, além do futebol, a atleta conta que também jogava vôlei, mas que sua paixão sempre fora o futebol. Ela e suas amigas jogavam futebol no pátio da escola até que Kimiya cresceu e começou a treinar em um clube. Ela começou treinando futsal, mas depois de um tempo, a partir do conselho da técnica da seleção nacional que viu seu potencial, ela migrou para o futebol de campo. Na época ela entrou em um time chamado *Ilam Gas Refining*. Segundo a jogadora, depois de um tempo elas participaram da Liga Um, que na época era a única liga que existia. Mas depois de vários avanços no futebol feminino no Irã, a Premier League (Kowsar League) foi criada e ela e seu time conseguiram entrar na Premier League. Sobre seus desafios e conquistas, Kimiya relata:

Desde os meus quinze anos eu passei a vida inteira jogando futebol, e eu tive que lutar muito para conquistar meus objetivos. Em alguns momentos por causa da situação financeira precária da minha família, outros pela falta de apoio adequado no sentido geral dos esportes femininos. Mas graças a Deus, com a ajuda de Deus, da minha família e dos meus amigos, eu conquistei meus objetivos no futebol. Eu me tornei um membro da seleção feminina nacional aos dezenove anos. Na Premier League eu me tornei uma ótima jogadora, com influência e bem reconhecida. Atualmente eu ainda jogo futebol na Premier League, mas quando me aposentar quero me tornar uma técnica (KIMIYA, entrevista, 03/06/2020).

Sobre sua família, Kimiya afirmou que eles sempre a apoiaram e que todos em sua família amam assistir futebol. Seu pai e seus irmãos jogavam futebol apenas como recreação, e ela foi a única de sua família a seguir carreira profissional no esporte. É interessante notar que todas as três jogadoras de futebol entrevistadas afirmaram que jogavam desde aproximadamente os sete anos de idade com os meninos da vizinhança na rua. As três pontuaram que as pessoas se surpreendiam em ver uma menina em meio aos meninos, mas que os vizinhos viam a situação de maneira positiva. Sara (Entrevista, 08/06/2020) relatou: “eu jogava futebol na rua com os meninos e nenhuma outra menina jogava com a gente!! Eu era a melhor e os meninos imploravam para eu jogar com eles!! E você precisa saber que para outras pessoas era incrível ver uma menina jogando futebol!!!!”.

Dentre as trajetórias das atletas podemos perceber alguns pontos em comum. Algumas delas foram apresentadas ao esporte por membros da família ou de pessoas próximas à família, outras chegaram ao esporte através da recomendação de treinadoras, e ainda outras afirmaram que a sua escolha foi pessoal. Em sua pesquisa em Teerã, Rahbari (2017) percebeu que a participação de suas entrevistadas em esportes equestres não havia sido o resultado de escolhas individuais, sendo que oito entre as nove entrevistadas haviam chegado ao esporte

através de homens membros de suas famílias. Nesta pesquisa com atletas profissionais, todas as atletas já haviam praticado diversos esportes na escola, mas começaram a praticar os esportes onde hoje são profissionais por diferentes razões. Três atletas afirmaram que começaram a praticar seus respectivos esportes por causa de membros de suas famílias ou de pessoas próximas à família, três atletas chegaram a suas modalidades por recomendações de treinadoras, e cinco atletas afirmaram que foi uma escolha pessoal.

As três jogadoras de futebol relataram que elas jogavam o esporte desde criança como uma brincadeira e que sabiam que o futebol já estava dentro delas, em suas almas. Ou seja, desde crianças elas já demonstravam habilidade e tinham uma ligação e paixão muito forte pela modalidade, da mesma forma que vemos ser o caso de jogadores profissionais masculinos do Brasil. O futebol é um esporte de paixões muito fortes, onde diversos atletas já apresentam habilidades e coordenação motora desde muito cedo. Além delas, a ciclista Elaheh relatou que amava andar de bicicleta desde pequena e que sempre foi apaixonada pelo esporte. Já para Elnaz, o esqui não fez parte de sua vida desde pequena, no entanto, ela chegou à modalidade na adolescência por simples vontade própria de conhecer mais e aprender.

Outro ponto em comum entre elas tem relação com o papel da família em suas trajetórias. Enquanto as famílias de oito atletas as apoiaram a todo o momento e investiram em suas carreiras, as famílias de três atletas não concordaram com sua decisão de início, porém, mais tarde declararam seu apoio absoluto. É interessante notar que todas as atletas que relataram não ter o apoio de suas famílias no início são mais velhas, enquanto todas as seis atletas entre as idades de dezesseis e 21 anos enfatizaram o incentivo de suas famílias desde pequenas. As famílias de Parisa e de Elaheh não as apoiaram logo quando decidiram praticar o ciclismo, porque o ambiente no Irã era perigoso para meninas que andavam de bicicleta (por causa dos religiosos conservadores) e porque sabiam que o esporte feminino não oferece alto retorno financeiro. Já a família de Elnaz não a encorajou de início, porque nas montanhas próximas de sua casa havia o que eles chamam de “máfia do esqui”, onde pequenas vilas não deixam que atletas de fora treinem, incentivando apenas o desenvolvimento de residentes locais. Tanto no caso das ciclistas quanto no caso da esquiadora, assim que seus pais perceberam o quanto elas amavam seus esportes e o quanto elas se dedicavam, eles passaram a incentivá-las de maneira absoluta.

Ao serem perguntadas sobre a razão de gostarem de seus respectivos esportes, as atletas mencionaram diferentes qualidades, e geralmente associavam sua modalidade a sua personalidade. Muitas atletas comentaram sobre como a prática esportiva as ajuda a relaxar, ou as tornou pessoas mais responsáveis e persistentes. Azadeh (Entrevista, 04/06/2020)

afirma: “além de me dar prazer e tranquilidade, o kung fu também ensina lições de vida. Assim como você não desiste para o oponente e luta com todo o seu ser, assim também deve ser na vida”. Para Layla (Entrevista 09/06/2020), o tiro faz parte de quem ela é: “eu amo o tiro, porque eu cresci com esse esporte e ele é uma parte da minha vida agora. É um exercício relaxante, praticado em um lugar silencioso. O tiro me ajudou a ter mais responsabilidade e me fez mais madura”. Farzaneh (Entrevista, 02/06/2020) relatou sentimentos similares sobre o squash: “Quando eu jogo squash eu fico feliz e calma. Quando eu estou estressada o squash me relaxa e refresca a minha mente”. Além de as atletas mencionarem que os esportes as acalmam, podemos notar que elas também comentam sobre a atividade as tornarem mais maduras e fortes. Elnaz afirmou que ama o esqui “porque é um esporte difícil e desafiador. O esqui cross-country mudou o meu estilo de vida e o meu jeito de pensar, ele me fez mais paciente e me fez ter uma personalidade mais forte” (ELNAZ, entrevista, 27/05/2020).

Sara (Entrevista, 08/06/2020) também sugere que o futebol faça parte de quem ela é. Além de mencionar que ele sempre esteve em sua alma, ela afirma “o futebol construiu o meu corpo, o meu caráter, e a minha alma”. As outras jogadoras de futebol mencionaram razões semelhantes. Kimiya (Entrevista 03/06/2020) relatou que o futebol a faz feliz e que ele “fez a [sua] vida melhor, e [seu] espírito mais forte e renovado”. Para Sahar (Entrevista, 10/06/2020), a beleza do futebol está em ele ser um jogo empolgante e imprevisível, emocionando quem joga e quem o assiste.

Na opinião de Mina (Entrevista 26/06/2020), o remo mudou a sua vida completamente: “eu amo que quando você rema, você experimenta um sentimento muito prazeroso. Remar é um estilo de vida”. A atleta ainda me enviou uma imagem de uma publicação no Instagram, e declarou que este texto representava o seu verdadeiro sentimento sobre o esporte:

Pegada... Puxada... Finalização... Recuperação... Há mais no remo do que apenas os quatro estágios da remada. Mais do que apenas barcos e remos... O remo é um esporte de equipe, de poder, de paixão. É sobre trabalhar como um para alcançar um objetivo. Mas um remador não é um atleta comum: eles passam dias, anos, quilômetros para alcançar seus sonhos infinitos. Porque ganhando ou perdendo, os remadores NUNCA desistem de sua força, dedicação, determinação, perseverança e foco. Nem todo mundo tem o que é preciso para se tornar um remador... Nós temos orgulho em dizer: NÓS SOMOS REMADORES.

Nos relatos das atletas entrevistadas, algumas palavras e sentimentos comuns puderam ser verificados. Cinco atletas mencionaram que seus esportes eram prazerosos e as faziam se sentir bem, três atletas citaram como característica para gostar dos esportes a sensação de

tranquilidade e relaxamento, e três atletas comentaram que amam seus esportes porque eles as proporcionam desafios e porque são difíceis. Ademais, duas atletas mencionaram que elas amam os esportes, porque eles ensinam lições de vida, fazendo com que elas se tornassem mais responsáveis, flexíveis e determinadas; duas atletas afirmaram que o esporte as transformou e mudou suas vidas; e quatro atletas declararam que o esporte faz parte de suas vidas e de quem elas são.

O esporte tem um grande poder em trazer satisfação para quem o pratica, trazendo a tona sentimentos de prazer, tranquilidade e desafio. Ladan Rahbari (2017) percebeu em sua pesquisa que as atletas associavam os esportes equestres a adjetivos como “libertador”, “terapêutico” e “revigorante”, algo que ela concluiu que estaria ligado ao contato com o cavalo e à própria prática de uma atividade física. Jetzke e Mutz (2019) constataram que as atividades esportivas afetam o bem estar do sujeito que o pratica, relacionando sentimentos como “prazer”, “sociabilidade” e “relaxamento” como motivações que trazem efeitos positivos para os atletas. As atletas profissionais entrevistadas, além de buscarem a sensação de bem-estar, a liberdade e o relaxamento que os esportes propiciam, buscam também o prazer da competição e do desafio. A união entre esses sentimentos pode ser um dos fatores que as tornam não apenas profissionais bem sucedidas, mas também mulheres que têm o esporte como parte de suas identidades.

Todas as atletas demonstraram uma grande paixão por seus esportes, sempre ressaltando a importância de suas famílias em seu desenvolvimento, e pontuando os grandes desafios que tiveram de superar até se tornarem campeãs em suas modalidades. Eu tentei encontrar atletas de menor expressão durante a pesquisa, para poder ter outros pontos de vista sobre a atividade esportiva, porém, todas as que me responderam e aceitaram participar da entrevista foram atletas altamente reconhecidas e premiadas nacionalmente. A maioria das atletas possui medalhas internacionais também, com algumas das entrevistadas tendo participado dos Jogos Olímpicos.

2.3 Dificuldades enfrentadas pelas atletas e a igualdade de gênero

A paixão das atletas por seus esportes é sempre algo bonito e prazeroso de se ouvir. É incrível conhecer mais sobre as trajetórias e desafios enfrentados pelas atletas; todas são mulheres muito fortes que conseguiram alcançar sucesso em um meio majoritariamente masculino onde as mulheres são geralmente desvalorizadas. Ser uma atleta mulher não é fácil em qualquer lugar do mundo, mas em países em desenvolvimento, onde o incentivo ao

esporte tende a não ser uma prioridade, as barreiras se tornam ainda maiores. Durante a entrevista, questionei as atletas sobre as dificuldades enfrentadas por elas. Mais do que falar simplesmente sobre os seus casos em específico, elas relatavam as adversidades mais comuns encontradas por atletas mulheres no país, criticando em especial a atuação das federações esportivas nacionais.

Se escândalos de corrupção em federações internacionais gigantes como a FIFA acontecem, não é surpreendente que casos existam também em federações nacionais. O esporte gera dinheiro e prestígio, o que faz com que organizações e indivíduos tirem vantagens para si mesmos. Algumas atletas mencionaram que, por mais que a carreira esportiva feminina envolva muito mais dificuldades, os homens atletas também sofrem com a corrupção e o descaso do governo com relação aos esportes. Neste tópico, serão discutidas as dificuldades levantadas pelas atletas referentes à desigualdade de gênero, a questões financeiras, socioculturais e religiosas, à atuação das federações e do governo, a questões relacionadas à mídia e ao acesso às instalações esportivas.

Outras pesquisas acadêmicas também sugerem esses fatores como sendo os mais relevantes para a falta de interesse feminino nos esportes e para a dificuldade no acesso a atividades físicas no Irã. Jahromi (2011) e Saadatifard et al. (2019) demonstraram que a falta de instalações para mulheres, o alto custo de equipamentos e clubes privados, a falta de instrutoras experientes, a ausência de atletas na mídia, e a cultura social iraniana representam as principais barreiras para o acesso ao esporte recreativo pelas iranianas. Já Motameni et al. (2014) pontuam a falta de atenção das autoridades aos esportes femininos, a cultura patriarcal, as condições econômicas da população (em especial da população feminina), e a falta de investimento no desenvolvimento de instalações esportivas como as restrições mais relevantes. Para Shabani e Hasani (2017), que pesquisam especificamente o desenvolvimento dos esportes profissionais no Irã, as maiores barreiras enfrentadas pelas atletas profissionais são a falta de instalações de treinamento e competição, a falta de apoio à profissão esportiva, a falta de organização das federações e órgãos responsáveis, a falta de treinadores competentes e de oportunidades competitivas, e a falta de incentivo financeiro e de patrocínios.

Analisando as categorias em pauta temos: **Questão financeira:** As questões financeiras se referem a dois momentos da vida das atletas. Primeiramente, ainda que o Irã ofereça esportes nas escolas e equipamentos de ginástica em parques e praças, o desenvolvimento de atletas para competição muitas vezes está ligado a clubes privados e a altos investimentos em equipamento e treinamento. Ou seja, para se tornar uma atleta profissional, as mulheres normalmente já precisam ter famílias em boa condição econômica.

Em segundo lugar, a situação de atletas profissionais no Irã, especialmente de mulheres atletas, não é tão confortável financeiramente. Iranianas que seguem a profissão de atleta geralmente recebem salários muito baixos, ou até não recebem qualquer salário.

Com relação às atletas entrevistadas para esta pesquisa, todas afirmaram que pertenciam a classe média ou a classe média-alta. De fato, ao conversar com essas mulheres, pôde-se perceber que a maioria já havia praticado outros esportes em clubes ou até já havia competido profissionalmente em outras modalidades, algo que exige grandes investimentos. Observando seus estilos de vida no Instagram, também pude notar atletas profissionais que faziam parte de clubes privados equestres, que faziam viagens ao exterior ou intercâmbios em países ocidentais, e que exibiam um alto padrão de vida no geral. Essas atletas fazem parte dos 55% das entrevistadas que afirmaram pertencer à classe média-alta. Da mesma forma, essas atletas também demonstraram que ter boas condições financeiras em suas famílias permitia que elas pudessem investir em sua profissão sem se preocupar com ter contratos com clubes ou patrocinadores, proporcionando vantagens para elas no que diz respeito às atletas com situação econômica precária.

De acordo com Noora, atleta da patinação *freestyle* que não chegou a completar sua entrevista, o Irã é extremamente dependente do preço do dólar por causa das sanções econômicas, e por isso a prática dos esportes e seus equipamentos são muito caros. Consequentemente, nem todas as parcelas da população conseguem se tornar atletas profissionais. A jogadora de futebol Sahar também mencionou que como a moeda iraniana é desvalorizada perante o dólar e o euro, a importação de equipamentos e a participação em competições internacionais se torna muito difícil para as atletas.

Durante a pesquisa, algumas atletas me contaram sobre a sua situação com clubes e patrocinadores. Segundo Kimiya, o futebol feminino iraniano é muito bom e profissional, porém, por causa da falta de patrocínio financeiro adequado, o valor dos contratos das jogadoras é muito baixo. Apesar de as jogadoras serem tecnicamente bem reconhecidas na Ásia e da seleção de futsal já ter vencido os Jogos Asiáticos, uma jogadora de futebol da Liga Kowsar (que seria como a primeira divisão do Campeonato Brasileiro Feminino), por exemplo, pode receber aproximadamente mil dólares por uma temporada de seis meses. Algo que, mesmo considerando a valorização do dólar perante o rial iraniano não se revela um valor justo, já que equivaleria a menos de seis mil reais. Ademais, algumas equipes possuem menos recursos que outras, fazendo com que esse valor possa ser ainda menor ou até inexistente. Elnaz, esquiadora, declarou de maneira enfática que não recebe sequer um dólar

pelo esporte, demonstrando desapontamento com a situação dos atletas iranianos, que são extremamente desvalorizados.

As ciclistas Elaheh e Parisa relataram circunstâncias diferentes entre elas. Elaheh relatou:

Sobre a federação, eles não funcionam como você pode pensar. Tipo, eles apenas nos enviam para uma corrida e é isso. Eles não fazem nada. Eles não apoiam, eles não fazem nada. Nada! E isso é algo que eu reclamo e critico muito quando dou entrevistas para a mídia ou algo assim. Eu também digo a [mídia] que eles não fazem nada para ajudar esses esportes a crescer. [...] Eu não sou paga. Eu costumava ter uma equipe, tipo três anos atrás, mas agora não tenho mais. A situação foi piorando no Irã e muitas coisas foram abandonadas. Então eu não tenho nenhum patrocinador, e eu vou para as corridas sozinha. E não tenho o apoio de ninguém. E é muito caro para nós, porque a taxa de nossa moeda é muito baixa em comparação com dólares e euros, que eu preciso usar quando vou para as corridas (ELAHEH, entrevista, 01/07/2020).

A partir do relato de Elaheh, podemos perceber a diferença de se pertencer a uma classe social mais alta no Irã. A família de Elaheh é de classe média-alta, fazendo com que mesmo que ela não tenha patrocinadores ou um clube, ela possa arcar com as despesas de mais de um técnico (a ciclista afirmou que possui um técnico iraniano, um técnico holandês e fez referência a outros técnicos e membros de equipe), e com despesas relacionadas à viagens para competições. Em 2013, a atleta olímpica de tênis de mesa Neda Shahsavari reportou uma situação similar, afirmando que o problema fundamental que as jogadoras de tênis de mesa enfrentam é financeiro: “Eu treinei principalmente em Kermanshah [Irã Ocidental] com minha família. Meu pai teve que gastar milhares de libras para transformar nosso jardim em um salão de treinamento de tênis de mesa para que eu pudesse praticar” (SMALL MEDIA, 2013, p. 11).

A falta de apoio financeiro também faz com que os atletas profissionais de maneira geral busquem ganhar algum dinheiro com suas redes sociais, como o Instagram. Elaheh conta como o Instagram se tornou popular no Irã e como as atletas vêm usando a plataforma para promover seu trabalho e para ganhar dinheiro com publicidade. Assim, lojas de roupa, clínicas de estética, salões de beleza, marcas de suplementos, e diversas outras empresas aproveitam o número de seguidores das atletas para divulgar seus negócios, enquanto as atletas recebem pela divulgação dessas empresas. Segundo Elaheh (Entrevista, 04/07/2020), muitas atletas fazem isso para compensar não serem vistas em outras mídias.

Já Parisa, por outro lado, contou que recebe um pequeno valor do clube onde pratica como salário, mas que é difícil conseguir patrocinadores, “que é o que dá dinheiro”, porque a

mídia raramente divulga as atletas. “Infelizmente, os esportes profissionais não são considerados no Irã. Os atletas não têm seguro e nem salário. [...] A federação não dá qualquer direito aos atletas nacionais. Seja homem ou mulher, os atletas no Irã não têm seguro” (PARISA, entrevista, 23/06/2020).

Algumas atletas entrevistadas mencionaram que por mais que a situação dos atletas masculinos seja melhor financeiramente, eles também sofrem com a falta de investimentos e infraestrutura. Em 2020, dois casos emblemáticos ganharam destaque na mídia feminina e nas redes sociais. Em maio de 2020, a agência feminina de notícias esportivas IW Sports noticiou que as atletas iranianas do futsal, que haviam ganhado medalha de ouro nos Jogos Asiáticos de 2018, ainda não haviam recebido o valor do prêmio. Após a denúncia da agência jornalística e a repercussão nas redes sociais, uma empresa havia se solidarizado com o caso e presenteado as atletas com um valor simbólico (ISMAILI, 2020). Outro caso que ganhou atenção das atletas no Instagram foi o do atleta de escalada de velocidade Reza Alipour, que já venceu diversos campeonatos e detém o recorde mundial da modalidade. Apesar de possuir reconhecimento internacional por suas conquistas, Alipour denunciou em julho de 2020 através de sua página no Instagram que havia recebido um valor muito abaixo de seu prêmio pelo mundial. O escalador teria recebido o equivalente a 200 reais como recompensa após o governo ter tomado o valor de seu prêmio. Atletas profissionais mulheres compartilharam o relato de Alipour em suas próprias páginas, chamando atenção para as suas próprias situações equivalentes, onde além de o governo não investir e apoiar as atletas financeiramente, ele ainda toma suas premiações para si.

Assim como as pesquisas elaboradas por Saadatifard et al. (2019), Rahbari (2017) e Hargreaves (2003) constataram que o acesso das mulheres ao lazer e aos esportes está intrinsecamente ligado à questões socioeconômicas, os resultados deste estudo indicam que a baixa renda, as despesas com equipamentos, instalações e clubes privados, e a falta de investimento do governo e de patrocinadores são fatores que afetam os esportes profissionais femininos. Os esportes femininos no Irã normalmente são apropriados por classes mais altas, que possuem recursos para investir de maneira particular em seu desenvolvimento atlético. Ademais, a falta de divulgação da mídia faz com que seja difícil para as atletas encontrarem patrocinadores, que não sentem que os esportes femininos ofereçam um retorno comparável ao dos homens (SMALL MEDIA, 2013). As federações esportivas também são organizações que não apoiam as atletas, alocando pouco orçamento para os esportes femininos. A consequência dessas condições são a falta de treinadoras, a falta de instalações de qualidade, o

baixo número de jogos amistosos organizados, e a falta de apoio financeiro em competições internacionais.

Questão sociocultural: De acordo com Saadatifard et al. (2019, p. 87), os estereótipos socioculturais são o resultado da família, da sociedade e da educação escolar, que formam a base da cultura social. Para os autores, o Irã não possui uma cultura do esporte recreativo feminino, e percebem as questões socioculturais como uma das mais importantes barreiras ao progresso das iranianas. Mirsafian et al. (2014) perceberam resultados similares em sua pesquisa, enfatizando que as atitudes negativas das famílias e da sociedade possuem um valor alto na tomada de decisões pelas iranianas. Apesar de ambas as pesquisas terem considerado os esportes como recreação, durante minha pesquisa com atletas profissionais pude perceber o quanto os valores conservadores da sociedade iraniana representaram barreiras para o desenvolvimento dessas mulheres no âmbito esportivo. As atletas entrevistadas mencionaram que a sociedade iraniana vinha mudando, e que elas podiam perceber mais pessoas apoiando o esporte feminino. No entanto, elas enfatizaram que o país ainda tem um longo caminho a percorrer, e que as desigualdades de gênero perpetuadas pelo governo e algumas leis discriminatórias prejudicam o desenvolvimento de uma sociedade igualitária.

Para Saadatifard et al. (2019, p. 88), as barreiras culturais enfrentadas pelas iranianas incluem a cultura patriarcal da sociedade no geral, a cultura patriarcal na comunidade esportiva, o medo de ficar fora de casa, a preocupação com as atitudes negativas de outras pessoas, a perturbação feita por homens estranhos enquanto as mulheres estão fora de casa, e os pontos de vista sobre os efeitos negativos do esporte na aparência feminina. Todas essas barreiras culturais mencionadas fizeram parte do discurso das entrevistadas para esta pesquisa como dificuldades que elas enfrentaram em suas trajetórias. A cultura patriarcal foi comentada por diversas atletas, que afirmavam que tanto a cultura iraniana quanto a cultura patriarcal esportiva no mundo inteiro fazia com que fosse mais difícil para uma mulher se tornar atleta profissional, ser reconhecida por seu trabalho, e ser prestigiada ao redor do mundo. Para as atletas do futebol, suas referências de jogadores em quem se inspirar são em sua maioria homens, assim como elas sabem que os iranianos e as iranianas conhecem e admiram mais os “heróis²³” homens (STEEL; RICHTER-DEVROE, 2003).

O medo de ficar fora de casa também foi verificado durante a pesquisa. O medo relatado não foi por uma questão de segurança ou de como as pessoas julgariam uma mulher

²³ As atletas se referiam aos atletas profissionais homens e mulheres como heróis e heroínas. Observando as páginas no Instagram de outros atletas profissionais, as páginas de fãs de esportes e páginas de notícias esportivas, foi constatado que “heróis” e “heroínas” são termos comuns utilizados para se referir aos atletas profissionais no país.

vivendo sozinha longe de sua família, mas sim como uma insegurança e quase uma tristeza por não estar vivendo com a família. A jogadora de futebol Sara em um primeiro momento disse que vivia em Teerã com sua família, mas depois se corrigiu, dizendo que há aproximadamente cinco anos ela passou a treinar em Mazandaran e por isso vivia em um apartamento na cidade sozinha. Mesmo já estando há tanto tempo em outra cidade, Sara ainda considera que sua casa é em Teerã, onde está sua família, e relata ficar triste por não poder estar com sua família em todos os momentos e celebrações. A jogadora Sahar relatou uma experiência similar, afirmando que por mais que ainda viva com seus pais, ela fica triste quando começam as competições e ela precisa viajar e se dedicar aos treinos, não conseguindo, assim, participar das festas e cerimônias com sua família. Sahar (Entrevista, 09/06/2020) ainda afirmou: “Nós iranianos somos muito dependentes de nossas famílias”.

Relativo à perturbação de homens estranhos ao estarem fora de casa, as três atletas do ciclismo relataram sobre como já sofreram por andarem de bicicleta. Os conservadores iranianos se sentem no direito de importunar e ofender mulheres por estarem pedalando, sendo que, como relatou Elaheh, até a polícia pode agir levando as ciclistas para a delegacia. Na primeira semana de março de 2021, agências de notícias divulgaram que homens haviam assediado e atacado fisicamente escaladoras em Isfahan, impedindo que os alpinistas de ambos os sexos continuassem com a atividade na ocasião. O esporte vem se tornando popular e as autoridades de Isfahan começaram a se incomodar com as mulheres escalando rochas da região, sendo que um líder religioso influente da cidade afirmou que as mulheres deveriam se limitar a prática do esporte em ginásios fechados (MY STEALTHY FREEDOM, 2021).

Há ainda dificuldades culturais referentes às crenças de que o esporte é uma arena masculina e que, ao praticar esportes, as mulheres estariam se tornando mais masculinas, ou estariam tentando se encaixar em um mundo que não as pertence. Mirsafian et al. (2014, p. 961) perceberam em seu estudo que as restrições culturais nos esportes femininos estão especialmente ligadas à como o esporte é associado ao masculino e considerado adequado apenas para homens, o que afeta muito as atitudes das famílias com crianças do sexo feminino. Segundo Mirsafian et al. (2014, p. 965), as famílias iranianas respeitam os valores e normas culturais e religiosos prevalecentes, o que faz com que muitas delas tenham atitudes negativas em relação ao esporte feminino. As universitárias entrevistadas pelos autores relataram que seus familiares proibiam direta ou indiretamente a sua prática esportiva, colocando obstáculos em seu desenvolvimento.

Essa dificuldade geralmente está relacionada ao grupo social que a atleta pertence e a sua família. As famílias das atletas profissionais normalmente as apoiam, até porque sem o

seu apoio financeiro as atletas dificilmente conseguiriam ser profissionais. Deste modo, nesta pesquisa não foi observada tal dificuldade, uma vez que as atletas profissionais entrevistadas são apoiadas e incentivadas por suas famílias. Diversos estudos indicam que as iranianas que praticam esportes costumam ter maior apoio social de sua família quando comparado a mulheres que não são atletas (MIRSAFIAN et al., 2014; NAGHDI, 2011). Para Naghdi et al. (2011), a atitude positiva das famílias, especialmente dos homens (pais e irmãos) em relação ao esporte seria crucial para o desenvolvimento de atletas profissionais e para a participação de mulheres em atividades físicas no geral. Todas as atletas entrevistadas para este estudo afirmaram que recebem grande apoio e que são muito próximas de suas famílias. Suas contas no Instagram revelam tal proximidade, com as atletas publicando diversas fotos com seus pais e suas mães, demonstrando muito amor e gratidão pelo apoio que oferecem às suas carreiras atléticas.

Questão religiosa: O fator religião está muito ligado à dificuldade de mulheres praticarem esportes no Irã e se tornarem profissionais. A questão religiosa está diretamente conectada às questões culturais, já que a cultura iraniana é fortemente influenciada pelas crenças islâmicas do governo e da população. Apesar de as atletas entrevistadas não sofrerem muitas pressões religiosas dentro de suas famílias, é importante notar que elas existem e são uma grande barreira para que as iranianas se tornem profissionais. Em grande parte do país é comum que clérigos de alto escalão expressem seu desdém pela prática esportiva feminina, tentando proibir, por exemplo, que mulheres sejam ciclistas, alpinistas, jogadoras de futebol, e atletas no geral. Esses religiosos muitas vezes acreditam que as mulheres até podem fazer exercícios físicos para se manterem saudáveis, mas são contra a prática da atividade de maneira profissional e em público. Uma transmissão televisiva de uma competição feminina de artes marciais em 2013 despertou a ira de autoridades religiosas como o aiatolá Abdullah Javadi Amoli, que afirmou: "A virtude de uma mulher ou uma menina não está em estender a perna para chutar alguém e nos trazer medalhas" (THE GUARDIAN, 2015).

As fontes religiosas não mencionam qualquer proibição para a prática de esportes por mulheres. Na realidade, as escrituras relatam que o Profeta recomendava a atividade física, em especial a natação e o arco e flecha para mulheres e homens (AHMED, 1992; JAWAD, 2011; SAADATIFARD et al., 2019). Contudo, como menciona Saadatifard et al. (2019, p. 89), apesar de o Islã enfatizar a alegria, a saúde, e os exercícios na sociedade, suas regras foram utilizadas de uma maneira deturpada que prejudica a presença de mulheres nos esportes. Além disso, essa situação é especialmente verdadeira em cidades pequenas, onde as questões culturais se interligam com mais força às crenças religiosas.

As atletas entrevistadas relataram que recebem apoio de suas famílias, no entanto, quanto a questões religiosas, as atletas casadas mencionaram que são pressionadas por suas famílias e amigos para terem filhos. Contudo, elas se mantêm firmes de que o esporte é sua prioridade. No contexto geral da sociedade, as atletas reclamaram de autoridades religiosas ou políticas religiosas que tentam impedir os esportes femininos e dificultam o desenvolvimento de atletas, principalmente em cidades menores e mais conservadoras. Assim como criticam a cultura religiosa vigente que distorce as palavras das fontes religiosas e também tenta desestimular as atletas mulheres. As atletas que participaram da pesquisa reiteraram que a religião islâmica não é um problema para elas, mas sim as atitudes de governantes e líderes religiosos que usam a religião para promover seus próprios preconceitos e discriminação contra mulheres.

Federações e governo: As federações no Irã foram muito criticadas pelas atletas participantes da pesquisa, que destacaram as falhas das organizações ao não oferecerem suporte financeiro e ainda exercer um papel controlador sobre as atletas durante competições. A ciclista Elaheh critica a falta de apoio da federação, que não fornece qualquer ajuda financeira para as atletas em competições internacionais. Já Parisa critica o fato de as federações esportivas se importarem mais com os atletas homens do que com as mulheres. Segundo a ciclista, “por exemplo, dez homens são enviados às competições asiáticas, mas eles nem mandam mulheres às vezes, ou mandam apenas uma mulher” (PARISA, entrevista, 23/06/2020). Layla, atleta do tiro, explicou que um problema que a afeta diretamente é o controle dos oficiais da federação sobre as competidoras. De acordo com ela:

A federação e os oficiais que nos acompanham em viagens não gostam que as mulheres se movimentem muito nos dormitórios, eles não nos permitem entrar e sair muito. Isso tem a ver com o presidente da nossa federação, porque eu já vi que em outras modalidades as atletas não têm esse problema. No Irã, as autoridades se envolvem muito na vida das pessoas, especialmente das mulheres, e isso tem um efeito negativo nos esportes. Os oficiais não se importam com comida ou com a nossa acomodação, e atletas que vivem em dormitórios ficam em condições muito difíceis.

Layla ainda contou sobre uma situação de corrupção no esporte, onde a federação favorece atletas por seu nome ou influência, impedindo atletas com melhores resultados de competir. No capítulo 1, relatamos um caso similar, onde a jogadora e treinadora de futebol Sahar explicou que o conselho esportivo de sua cidade não queria permitir que ela fosse a técnica de seu time, privilegiando a filha do chefe do conselho que não possuía qualquer conhecimento sobre a modalidade. Segundo Layla, essa atitude é comum no tiro esportivo:

Aqui nós temos alguns atletas que eles dão muita atenção. Eles eram bons no passado, mas agora seus recordes caíram e eles continuam dando atenção a eles. Isso acontece de maneira igual com os atletas homens e mulheres. Eles dão mais atenção aos atletas que eles amam, e que foram bons atletas no passado. E não importa se o seu rendimento ainda é bom, eles são mandados para todas as competições. Os oficiais favorecem os atletas ricos também. Todo mundo que é rico participa de todas as competições, e por causa disso eu não pude participar de algumas competições. Às vezes eles me registram para uma competição, e pegam meu passaporte e meu visto também, mas não me mandam, porque eles mandam outra atleta em meu lugar, apesar de suas marcas serem menores que as minhas.

Como mencionado por Layla, esse é um problema enfrentado por mulheres e homens atletas. O Irã é um país que incentiva os esportes nas escolas, mas não o valoriza como profissão. Como internacionalmente as competições esportivas envolvem muito prestígio, pessoas ricas ou com influências políticas tiram vantagem do sistema corrupto para se promover no mundo esportivo. As federações percebem os esportes apenas como uma maneira de mostrar a sua imagem e trazer reconhecimento para indivíduos de elite, não se importando com talentos ou até com recompensar financeiramente os seus atletas. Assim, é até mais fácil que os atletas sejam enviados a competições por contatos, já que esses atletas, por sua vez, não se incomodariam com a federação tomando qualquer dinheiro de premiação ou de participação em eventos.

Em sua pesquisa, Saadatifard et al. (2019) perceberam o mesmo com relação às federações. Segundo os autores, além da falta de investimento e controle das equipes femininas, a gestão desportiva no Irã é realizada majoritariamente por homens. Há mulheres que são contratadas para alguns cargos nas federações, mas os postos de gerência para mulheres são normalmente cerimoniais, impedindo que elas tenham qualquer poder de decisão (SAADATIFARD et al., 2019, p. 91). Desta forma, pouco dinheiro e atenção são dados às atletas femininas, criando uma barreira que leva a uma menor participação de mulheres nos esportes.

Quanto ao papel do governo na promoção dos esportes femininos, as atletas entrevistadas apresentaram diferentes perspectivas. Quatro atletas afirmaram que há pouca desigualdade de gênero nos esportes, afirmando que o governo não promove e prejudica atletas de ambos os sexos ao não investir no esporte e, ainda, ao se apropriar dos valores das premiações conquistadas em competições. Para as atletas Azadeh e Farzaneh a desigualdade de gênero existe no mundo inteiro, entretanto, a situação das atletas mulheres vem melhorando e se tornando cada vez mais igualitária. Para Layla, como já mencionado acima, a diferença não está em ser mulher ou homem, mas sim em ser um atleta famoso ou influente

no país. Assim, as federações e o governo apoiam mais atletas ricos e de famílias influentes. Em um momento após a sua entrevista, Layla publicou em seu Instagram um vídeo com um texto onde afirmava que seu maior desejo era que o Estado, a federação e a mídia tratassem o tiro da mesma maneira que outros esportes mais populares, como o futebol, são tratados. A remadora Mina percebe a desigualdade da mesma forma que Layla, declarando que: “No Irã, muita atenção é dada ao futebol. E há uma diferença entre o futebol e outras modalidades”.

Já da perspectiva de Sara, jogadora de futebol, apesar de o esporte ser o mais popular entre a população, o governo só dá atenção para o futebol masculino. Deste modo, a desigualdade não seria devido à modalidade em si, mas sim devido ao gênero dos atletas. Além de Sara, as outras seis atletas entrevistadas também afirmaram que há, sim, uma discriminação de gênero por parte do governo com relação aos esportes femininos. Elaheh afirmou que o governo promove uma cultura que coloca os homens acima das mulheres, fazendo com que outros setores da sociedade também não invistam nas modalidades femininas e prejudicando o esporte de uma maneira geral. Parisa, Maryam, Sahar, Kimiya, e Elnaz acreditam que o governo privilegia os atletas masculinos, sugerindo que os homens possuem melhores condições de treinamento, melhores instalações para treinar e melhores incentivos financeiros. Além de que os atletas homens aparecem mais na mídia e são tratados como heróis, o que resulta em melhores contratos e patrocinadores. É importante lembrar que a mídia iraniana é estatal, por isso as atletas criticam a mídia junto com o governo.

Além da falta de interesse do governo nos esportes femininos, as atletas comentaram as dificuldades financeiras resultantes de questões políticas, como as sanções econômicas ao Irã e a alta do dólar. O mesmo foi constatado por Saadatifard et al. (2019, p. 90), que relataram que as relações políticas do país e as sanções econômicas internacionais contra o Irã afetam o orçamento e os custos gastos em esportes recreativos. Ademais, em consonância ao relato das atletas, os autores verificaram que as atitudes dos políticos iranianos em relação aos esportes femininos afetam os recursos destinados às modalidades, as instalações destinadas à prática esportiva feminina, e as escolhas dos dirigentes das organizações esportivas.

Outro problema relacionado ao governo são as leis do país que discriminam as mulheres em diversos setores da sociedade. Por exemplo, o *hijab* compulsório ao mesmo tempo em que permitiu que muitas meninas e mulheres participassem da vida pública, aumentando o número de mulheres nas escolas, nas universidades e no mercado de trabalho, também prejudicou uma parcela da população que não é muçulmana ou que não percebe o *hijab* como uma obrigação religiosa. O uso do *hijab* pode ser um fator que desestimula mulheres a praticarem esportes ao ar livre e a transformarem o esporte em carreira, visto que

as altas temperaturas do país entre os meses de abril e outubro dificultam as atividades físicas para elas. A questão do *hijab* será discutida mais a fundo no capítulo 3, no entanto, é importante reconhecê-lo como uma das dificuldades mencionadas pelas atletas.

De acordo com Mirsafian et al. (2014, p. 961), o *hijab* e as vestimentas islâmicas impedem que as universitárias pratiquem esportes e exercícios físicos, já que os códigos de vestimenta não são adaptáveis a todas as atividades físicas e também por ser difícil para as mulheres se adaptarem com essas roupas, principalmente nas estações quentes do ano. Uma de suas entrevistadas afirmou: “Eu odeio ter que usar o *hijab* depois de nadar e voltar para a rua no verão, o tempo está quente e é tão difícil para mim, por isso prefiro fazer outras atividades” (MIRSAFIAN et al., 2014, p. 962). Como indagou Elaheh, imagine praticar esportes com a cabeça e o pescoço cobertos, utilizando mangas compridas e calças, com uma saia ou bermuda por cima das calças durante o dia, quando o sol está forte. De fato, não é uma tarefa simples para as atletas. Uma crítica de Sara é que os jogos de futebol feminino acontecem pela manhã, quando o sol já é forte, e que as jogadoras precisam se cobrir completamente, mesmo que as partidas só possam acontecer na presença de outras mulheres. Mina, da mesma maneira, reforçou a dificuldade e o desconforto do uniforme para as atletas do remo, que treinam no verão, em um calor extremo, utilizando lenços e longos vestidos. Outras atletas também comentaram sobre a dificuldade de se mover com os uniformes islâmicos e a questão do calor, no entanto, a maioria reforçou que já se acostumou a utilizá-lo. Para esportes como o esqui, o tiro esportivo e o kung fu, o *hijab* não influencia o desempenho das atletas, uma vez que são esportes praticados com uniformes compridos ou não exigem muito movimento, como no caso do tiro. Contudo, mesmo as atletas que afirmaram não terem suas performances prejudicadas enfatizaram que o *hijab* pode ter mais impacto em outras modalidades, e que ele pode, sim, ser um fator que desencoraja meninas a entrarem no mundo esportivo.

Para a esquiadora Elnaz, o *hijab* é uma das maiores dificuldade enfrentada pelas mulheres no geral. Ela se posicionou contra o uso compulsório do *hijab*, e contou que, por mais que ele não a atrapalhe no inverno, durante o verão, quando ela treina com *rollerski*²⁴, as vestimentas islâmicas a incomodam muito. Ademais, atletas como Azadeh e Fatemeh, reforçam que a obrigatoriedade do *hijab* discrimina contra atletas de modalidades como natação e ginástica, que são proibidas de competir internacionalmente por causa do uniforme.

²⁴ O *rollerski* é uma forma de treinamento de esqui durante o verão, quando não há neve nas montanhas, que pode ser descrito como “esqui com rodinhas” e que simula a modalidade do esqui cross-country no asfalto. Além de ser uma alternativa de treinamento, o *rollerski* já se tornou uma modalidade de competição.

Se referindo às dificuldades relativas à ação do Estado, as atletas Sahar, Azadeh, Elaheh, e Sara, pontuaram que, de maneira geral, a maior dificuldade das atletas e das mulheres iranianas é a discriminação de gênero. Para Sara, as dificuldades estão relacionadas à falta de direitos e de escolhas, e as limitações. Esse seria um problema enfrentado por mulheres em qualquer âmbito da sociedade iraniana. O controle estatal é algo que dificulta que mulheres sigam carreiras profissionais e consigam ver uma vida que não envolva a constituição de uma família. Sara ainda comentou que alguns exemplos da falta de direitos seria a obrigatoriedade do uso do *hijab*, a proibição de que mulheres assistam a jogos e campeonatos masculinos (e vice-versa), e o baixo investimento financeiro nos esportes femininos. De acordo com Sahar (Entrevista, 10/06/2020):

No geral, as dificuldades vêm por causa da desigualdade de gênero. Os homens assinam contratos melhores. Os homens não podem assistir aos nossos jogos e nós não podemos assistir aos deles. As mulheres são proibidas de entrar nos estádios. A TV só passa os jogos masculinos. [...] As nossas maiores dificuldades são a falta de instalações, a falta de patrocinadores, a não transmissão dos esportes femininos na televisão, e etc.

Para Azadeh, a maior dificuldade para atletas mulheres também é a discriminação de gênero. A atleta comentou sobre as proibições governamentais de esportes como a natação e a ginástica em competições internacionais devido à falta de uniformes islamicamente apropriados, e também menciona que os homens atletas possuem melhores condições de treino e mais apoio financeiro. Azadeh acrescenta que: “a maioria das mulheres gostaria de ter preparo físico e um corpo saudável e bonito. No Irã, isso pode ser difícil por causa das restrições de academias e de regras que proíbem a participação de mulheres em alguns esportes”. Ela ainda recorda que até alguns anos atrás, as mulheres não podiam participar das modalidades da luta olímpica estilo livre e do levantamento de peso, tanto por questões de vestimentas, quanto por serem esportes com foco na força e que fazem com que os corpos femininos se assemelhem aos masculinos. O fisiculturismo e o levantamento de peso vêm ganhando cada vez mais a simpatia de mulheres iranianas, algo que rompe ainda mais com as barreiras estéticas e de desempenho estipuladas pelas autoridades do país (RAHBARI, 2019a). Azadeh finaliza esclarecendo que, enquanto as modalidades da luta olímpica e do levantamento de peso já são permitidas para as mulheres, o boxe permanece proibido.

Elaheh também lembra sobre as proibições da prática de alguns esportes e da falta de competições femininas até meados dos anos 2000. A ciclista conta: “houve um tempo em que nós mulheres não tínhamos corridas. Eu estava pedalando, esperava que tivéssemos corridas

como os homens, mas não tínhamos” (ELAHEH, entrevista, 30/06/2020). Ela relembra que uma vez uma corrida foi organizada e que ela chegou em primeiro lugar com uma grande diferença, porém, o governo e a federação se recusaram a tratar as ciclistas como os seus colegas homens, proibindo que elas competissem internacionalmente.

Além da lei sobre o *hijab* e outras regulamentações discriminatórias, duas atletas mencionaram a lei do passaporte como prejudicial às mulheres e às atletas, em particular. A lei do passaporte afirma que uma mulher só pode viajar para fora do país caso o seu pai (se for solteira) ou o seu marido (se for casada) não se opuser à viagem. Caso um marido proíba sua esposa de viajar, por exemplo, essa mulher pode entrar na justiça para pedir uma autorização de viagem, uma vez que a lei do país permite que as mulheres solicitem a autorização a um juiz, que pode permitir a viagem apesar da vontade do pai ou marido. Parisa mencionou que a dependência feminina de figuras de autoridade masculina é um problema enfrentado por muitas iranianas. Ela afirmou que não possui tal problema em sua família, mas que já viu acontecer casos de atletas que foram barradas de viajar para competições internacionais. A remadora Mina também conta que já presenciou muitos casos de atletas que foram proibidas de sair do país por seus maridos.

Há casos recentes no Irã de atletas que foram impedidas de viajar por seus maridos. Em setembro de 2015, a jogadora e estrela da seleção de futsal Niloufar Ardalan foi proibida por seu marido (um apresentador televisivo) de viajar para a Copa da Ásia, que acabou sendo vencida pela equipe iraniana. Em novembro do mesmo ano, Ardalan seria proibida novamente de participar do mundial na Guatemala, no entanto, ela decidiu levar sua luta para a justiça. A mobilização para que Ardalan pudesse ir ao campeonato foi nacional. Mulheres e homens iranianos fizeram campanha em suas redes sociais reivindicando que a jogadora pudesse viajar. O apelo funcionou, e 72 horas antes de embarcar para a Guatemala, Ardalan recebeu seu passaporte (ESPN, 2016). Após seu retorno ao Irã, Niloufar Ardalan entrou com pedido de divórcio e atualmente compartilha a guarda de seu filho. Um caso mais recente ocorreu em fevereiro de 2021, quando a ex-atleta e treinadora de esqui alpino, Samira Zargari, foi proibida por seu marido de viajar para o mundial na Itália (VAHDAT, 2021). Em sua conta no Instagram (“samira.zargari”), Zargari publicou fotos da equipe e desejou boa sorte para as esquiadoras, levando diversas iranianas a comentarem em suas fotos demonstrando apoio à treinadora e incentivando que ela se divorcie de seu marido. Uma de suas seguidoras comentou: “Liberte-se desse Neandertal e vá em direção aos seus desejos e objetivos”.

Questão estrutural: Ao longo das críticas das atletas sobre as desigualdades e as dificuldades enfrentadas, diversas vezes surgiu o tema das instalações esportivas. Antes de

virarem atletas profissionais, as entrevistadas já sofriam com esse problema, e até hoje precisam lidar com a falta de investimentos, e com o fato de que o governo privilegia os atletas masculinos disponibilizando os melhores nos centros de treinamento para eles. Depois da Revolução de 1979, os esportes femininos praticamente deixaram de existir por causa da segregação. A separação de espaços entre homens e mulheres determinou uma divisão entre o que poderia ser utilizado por homens e o que poderia ser utilizado por mulheres. Os ônibus, por exemplo, são ocupados na parte da frente por mulheres, e na parte de trás por homens. Quando Khomeini determinou a segregação de praias, piscinas e dos esportes em geral em março de 1979 (SEDGHI, 2007, p. 201), os homens receberam de presente todas as instalações esportivas do país. Mesmo se as mulheres quisessem treinar, não havia espaço para elas. A partir da luta das ativistas e atletas, as iranianas conquistaram o direito de utilizar alguns ginásios em horários específicos, até que ficou estabelecido que alguns lugares seriam exclusivos para mulheres, enquanto outros permaneceriam com uma divisão de horários ao longo do dia. Obviamente, nessa divisão os homens ganharam os melhores equipamentos, instalações e horários.

Atualmente no Irã, as mulheres que desejam frequentar academias têm a opção de utilizar estabelecimentos exclusivos para mulheres, que normalmente são mais caros e não estão disponíveis em todo o território, ou frequentar academias mistas nos horários pré-determinados. As atletas entrevistadas relataram utilizar academias exclusivas para mulheres que são preparadas para o desenvolvimento de atletas profissionais. Já outras atletas, utilizam a academia ou fazem seus exercícios nos ginásios destinados ao treinamento de suas modalidades, que também são espaços exclusivamente femininos. Apesar de não utilizarem academias mistas, algumas entrevistadas comentaram que uma barreira ao desenvolvimento de novas gerações é a divisão dos horários das academias. A maioria das academias no país é mista, e demonstram a discriminação e a desigualdade entre homens e mulheres. As mulheres devem utilizar as academias durante o período da manhã até o meio-dia. Durante a tarde e a noite, elas são destinadas aos treinos dos homens. Isso significa que mulheres que trabalham, estudam, ou possuem outras responsabilidades não conseguem frequentar as academias.

De acordo com os estudos de Saadatifard et al. (2019), a falta de equipamentos e instalações é um dos motivos mais importantes para as mulheres não praticarem exercícios no Irã. Os fatores relacionados às instalações incluem a falta de acesso aos pavilhões esportivos e academias exclusivas para mulheres, o custo e a falta de equipamentos de ginástica, os horários inadequados das academias mistas, e a falta de investimento nas instalações esportivas femininas (SAADATIFARD et al., 2019, p. 93). Em sua pesquisa com

universitárias iranianas, Mirsafian et al. (2014) chegaram as mesmas conclusões. Os autores relataram que em algumas universidades, as mulheres também só podiam utilizar as instalações atléticas durante o período da manhã, no entanto, durante esse mesmo horário, muitas delas tinham aulas da faculdade. Em outras universidades, as instalações esportivas ficam disponíveis para as universitárias durante apenas dois dias da semana. Ademais, apesar de o número de mulheres superar o número de homens nas universidades iranianas, quando há espaços exclusivos para elas nos centros universitários, a qualidade das instalações e dos equipamentos é inferior (SAADATIFARD et al., 2019, p. 93). Segundo uma das universitárias entrevistadas: “Tudo é para os homens neste país, se eles tivessem que praticar esportes com o *hijab*, e participassem apenas pela manhã, eles não participariam de nenhum esporte” (MIRSAFIAN et al., 2014, p. 962).

Como já mencionado em outro tópico, as atletas Parisa, Maryam, Sahar, Kimiya, e Elnaz reclamaram sobre como seus colegas homens possuem melhores condições de treinamento, melhores instalações e equipamentos, e maiores investimentos financeiros. Em sua pesquisa, Shabani e Hasani (2017) constataram que o quinto maior fator que afeta o desenvolvimento de equipes profissionais no país são as instalações e os equipamentos. Mesmo no âmbito profissional, os homens recebem privilégios com relação às suas instalações e condições de trabalho, fazendo com que o esporte feminino tenha maior dificuldade em se desenvolver.

Mídia: Outro fator extremamente importante para o desenvolvimento dos esportes femininos profissionais e recreativos no Irã é a mídia. Durante a pesquisa, as atletas foram questionadas se os esportes femininos apareciam na mídia e o que a mídia fala sobre as mulheres nos esportes. Não apenas em resposta a essas questões, mas as atletas abordaram diversas vezes o papel que a mídia deveria fazer para a divulgação e normalização (no sentido de tornar normal ou comum) dos esportes femininos no Irã. Todas as atletas mencionaram a mídia com um meio onde havia discriminação contra mulheres e afirmaram que a não aparição de atletas mulheres na mídia prejudicava o desenvolvimento dos esportes femininos.

Como grande parte da população é religiosa e existem muitas crenças equivocadas sobre o assunto, a mídia seria o canal mais importante para romper preconceitos e estimular o desenvolvimento do esporte feminino. Além disso, a mídia é reconhecida globalmente como uma ferramenta poderosa na criação de culturas na sociedade, tendo o poder de influenciar positivamente milhões de pessoas e de estimular uma cultura esportiva em um país (KNIJNIK; SOUZA, 2007; SAADATIFARD et al., 2019). As questões envolvendo a mídia e

os esportes femininos no Irã serão trabalhadas mais a fundo no capítulo 4, porém, vale colocá-lo aqui como um fator relevante que traz dificuldades e que foi discutido pelas atletas.

As atletas entrevistadas explicaram que a mídia, em particular a televisão, dedica bastante tempo aos esportes masculinos, porém não passa vídeos ou reportagens sobre os esportes femininos. Normalmente os programas televisivos apenas mencionam os resultados das competições femininas, no máximo colocando uma foto de alguma atleta completamente coberta. A televisão não transmite as partidas e campeonatos femininos sob a justificativa de que as mulheres não estariam apropriadamente vestidas, já que mesmo cobertas, os movimentos feitos por elas nas atividades físicas ainda deixariam seus corpos em evidência. Parisa explicou que por causa do *hijab* a mídia não mostra as atletas, e assim faz com que elas valham menos. Segundo a ciclista, as corridas do ciclismo não aparecem “de jeito nenhum”, porque elas usam roupas justas em sua prática. O mesmo vale para competições internacionais de qualquer esporte. Como as atletas mulheres de outros países não estão vestidas de maneira “islamicamente apropriada”, a mídia não mostra qualquer imagem. É importante notar, novamente, que há regras islâmicas para as vestimentas masculinas também. Contudo, o Estado se preocupa apenas com o que as mulheres vestem, deixando os atletas masculinos usarem uniformes justos e curtos como os competidores de qualquer país não-islâmico que vemos em eventos internacionais. Por essa razão, a mídia também não vê qualquer problema em divulgar vídeos e imagens de homens praticando esportes e atividades físicas. Na imagem abaixo, podemos visualizar os uniformes femininos e masculinos da seleção iraniana de ciclismo. A diferença de tratamento com relação a esses uniformes demonstra claramente a discriminação e a desigualdade de tratamento de homens e mulheres.



Figura 5: Ciclistas da seleção iraniana sendo premiados em uma competição.
Fonte: Instagram / 2016.

Quando as mulheres se destacam em campeonatos nacionais e internacionais, elas até chegam a ser convidadas para participar de entrevistas ao vivo em programas de televisão. Elaheh mencionou que gosta quando ela é chamada para participar de programas ao vivo, porque as emissoras explicam como ela deve estar vestida e, assim, ela pode se adequar e participar de transmissões tranquilamente. As pesquisas de Saadatifard et al. (2019) e Mirsafian et al. (2014) demonstram que as mulheres que praticam esportes por recreação se sentem desestimuladas a praticar atividades físicas por essa falta de interesse e promoção da mídia. As iranianas entrevistadas pelos autores comentaram que há uma hegemonia dos esportes masculinos na televisão e que as leis restritivas impostas pelo Estado prejudicam a divulgação das atletas de maneira eficaz e atraente para a população. Segundo uma das entrevistadas de Saadatifard et al. (2019, p. 92), “os cinegrafistas não fazem um close-up durante as filmagens de jogos de vôlei feminino. Mesmo na imprensa e em jornais, fotos de mulheres ou são tiradas de muito longe ou são mostradas em roupas formais! Assim como na televisão”. Deste modo, as mulheres iranianas não conhecem muito sobre as atletas de seu país e não se sentem estimuladas em acompanhar os esportes femininos.

Mirsafian et al. (2014, p. 962) averiguaram que os programas de televisão têm um impacto nas atitudes das universitárias em relação ao esporte e ao exercício físico. Várias de suas entrevistadas reclamaram da falta de informações sobre o esporte feminino e a falta de cobertura de competições femininas. A aparição de mais atletas na mídia contribuiria para o desenvolvimento dos esportes recreativos e profissionais. Além de que, como pontuam as atletas entrevistadas para esta pesquisa, a divulgação de suas competições e conquistas incentivaria o investimento de patrocinadores e do próprio Estado em suas modalidades. Para Saadatifard et al. (2019, p. 92), seria necessário promover a cultura por meio da publicidade do esporte feminino em locais públicos (como na mídia, em parques, e em ônibus urbanos), da exibição de programas esportivos sobre mulheres e da cobertura do esporte feminino, e do uso de imagens de atletas bem sucedidas em propagandas publicitárias.

Outro ponto levantado pelas atletas participantes desta pesquisa que se relaciona a mídia é a falta do conhecimento das heroínas pela população, e em especial por meninas e mulheres iranianas. Aqui é interessante comentar que me surpreendeu o termo utilizado no Irã para se referir aos seus atletas profissionais. Aqui no Brasil, nós admiramos nossos atletas e torcemos muito por eles. Ainda que de maneira majoritária os atletas em destaque e adorados pela população sejam homens, eu nunca havia visto um atleta ou uma atleta ser referenciado como “herói”. No Irã, tanto a população e o senso comum, quanto artigos acadêmicos

utilizam as palavras “herói” e “heroísmo” como sinônimos de atleta e de desenvolvimento de atletas, respectivamente (Cf. SHABANI; HASANI, 2017). Essas palavras são utilizadas para exaltar as conquistas dos atletas e para defender a sua importância na sociedade.

Para a remadora Mina, a “falta de grandes heroínas e de confiança” são duas das maiores dificuldades enfrentadas pelas atletas. Em outro momento da entrevista, ela comentou novamente sobre a falta de heroínas, ou seja, em como ela sente que há poucas mulheres atletas em quem se inspirar. Segundo a remadora, “a atenção e a cobertura da mídia ajudariam muito as atletas. Assim como as garotas amam as celebridades, elas podem amar as heroínas. Mas elas precisam primeiro conhecê-las e saber o quanto elas trabalham duro para serem as heroínas de suas próprias vidas”. Mina comenta também sobre a falta de confiança nas mulheres: “confiar que as meninas podem ser as melhores e ajudá-las mentalmente pode levar a um crescimento significativo”. Farzaneh também comentou sobre a falta de confiança nas meninas e mulheres, afirmando que o maior conhecimento sobre os benefícios do esporte e o maior reconhecimento de atletas faria com que as meninas se sentissem mais confiantes em si mesmas para seguirem os seus sonhos.

O pensamento de Mina está de acordo com o que escrevem Knijnik e Souza (2007). Os autores apontam a capacidade da mídia de criar e de promover ídolos esportivos, fazendo com que eles se tornem modelos para muitas crianças e jovens. A mídia também é uma grande responsável pela divulgação e incentivo ao esporte e a um estilo de vida saudável. Knijnik e Souza (2007, p. 38) alertam, no entanto, que pesquisas ao redor do mundo demonstram que as meninas e mulheres não têm muitas atletas em quem se inspirar, já que, por mais que as atletas sejam bem-sucedidas, suas conquistas são frequentemente ignoradas pela mídia. Essa falta de exposição faz com que a sociedade não conheça as atletas mulheres e acredite que seus desempenhos esportivos não sejam merecedores de atenção. A falta de presença midiática também reforça o pensamento de que o âmbito esportivo é um domínio masculino, onde os únicos heróis e casos de sucesso são homens.

Em sua pesquisa em uma universidade, Shavarini (2006) percebeu que não havia qualquer menção ou homenagem a mulheres iranianas no campus universitário, embora o número de mulheres na universidade seja maior do que o de homens, e diversas iranianas sejam aclamadas ao redor do mundo e dentro do próprio país. A autora, então, passou a questionar as universitárias, buscando conhecer quem elas admiravam e viam como exemplos a se inspirar. Todas as entrevistadas por Shavarini respondiam “minha mãe” ou “a Fátima” (filha do Profeta Muhammad). Shavarini (2006, p. 50) percebeu então que as jovens se inspiravam em mulheres que representam papéis tradicionais femininos de cuidado do lar e da

família, que são fortemente prescritos na sociedade iraniana. Mulheres bem sucedidas em âmbitos acadêmicos, no mercado de trabalho, no esporte, e em outras áreas de excelência não são promovidas por essas estudantes. Consequentemente, as jovens iranianas carecem de exemplos para se inspirar que não sejam suas mães ou ícones religiosos. O que leva Shavarini a argumentar que seja difícil para as iranianas se afastarem das tradições e de noções mais tradicionais sobre o papel das mulheres na sociedade.

O mesmo acontece na arena esportiva. Ainda que existam páginas no Instagram dedicadas às atletas iranianas (algumas das quais incluem a palavra “heroína” em seus nomes de usuário), e por mais que as atletas entrevistadas possuam alguns milhares de seguidores, é fato que apenas uma minoria de mulheres iranianas conhece essas atletas e pode se sentir inspirada por suas conquistas. Pesquisas como as de Saadatifard et al. (2019) e de Mirsafian et al. (2014) demonstram que mesmo as iranianas mais jovens não se interessam pelos esportes como recreação, e muito menos consideram os esportes como uma possibilidade de carreira profissional. Para Mirsafian et al. (2014, p. 964), é difícil para as meninas e jovens iranianas conhecerem e apreciarem os esportes quando as atletas mais bem sucedidas não aparecem na mídia e não são famosas ou populares entre a população no geral. O único programa relacionado ao esporte feminino na televisão é o breve noticiário esportivo, que não mostra imagens ou vídeos do desempenho de atletas femininas ou qualquer outro aspecto de suas vidas. Por outro lado, a mídia cobre os treinamentos, competições, e o dia-a-dia de atletas masculinos famosos. Além de transmitir partidas de futebol e campeonatos masculinos internacionais. Desta forma, as únicas imagens e modelos de vida que as iranianas têm são de homens, ou de mulheres que são ícones religiosos.

Levando em conta a produção bibliográfica sobre o assunto e os relatos apresentados pelas atletas que participaram desta pesquisa, fica claro que a mídia é um dos meios que mais prejudica as atletas, e que ela é também o meio com maior potencial para mudar a concepção da sociedade sobre os esportes femininos e sobre as mulheres de maneira geral. Apesar de ser a ferramenta que melhor pode aumentar a conscientização da população, fornecer exemplos de vida, e moldar os valores sociais da sociedade, a mídia iraniana não assume um papel positivo no desenvolvimento de uma cultura esportiva feminina, se apresentando, assim, como um obstáculo para que meninas e jovens possam mudar suas atitudes.

Todas as dificuldades apontadas pelas atletas surgiram na pesquisa de Shabani e Hasani (2017), que foi realizada com atletas, treinadores e gestores ligados às seleções nacionais. Os autores reuniram as dificuldades enfrentadas e os fatores que são eficazes na promoção e desenvolvimento dos esportes nacionais profissionais. As soluções verificadas

pelos autores foram a identificação e o investimento em talentos; o investimento em equipes e campeonatos de base; o apoio e o investimento financeiro; o investimento em treinadores de elite e o desenvolvimento da profissão; o investimento em instalações e equipamentos; o incentivo a competições e eventos amistosos para desenvolver os atletas através da competição com os melhores em suas modalidades, assim como para ajudar a desenvolver treinadores e técnicas não exploradas; e a melhora na gestão de organizações e federações (SHABANI; HASANI, 2017). Os fatores explorados pelos autores estão todos relacionados a melhorias nas gestões e aos investimentos no desenvolvimento do esporte, algo que, realizado de maneira eficiente, poderia trazer mais dinheiro e prestígio para o país. Contudo, o descaso do governo e das federações com o esporte, e mais especificamente com o esporte feminino, faz com que as atletas não desenvolvam completamente seu potencial e se sintam constantemente negligenciadas por um Estado que as usa apenas para divulgação política própria e que, não apenas deixa de investir nelas, como também toma os valores conquistados em suas premiações.

Mirsafian et al. (2014, p. 964) concluem que as universidades vêm tentando mudar a situação e estimular mais suas estudantes a praticar atividades físicas, a atitude da maioria das universitárias em relação ao esporte e ao exercício não se tornou mais positiva, uma vez que seu ambiente social, cultural e religioso se manteve o mesmo. As atletas profissionais entrevistadas nesta pesquisa possuem uma visão diferente sobre o assunto. Como elas estão inseridas no meio esportivo, conseguem notar mudanças positivas no cenário cultural e social. Todas as entrevistadas pontuaram que ainda são necessárias muitas mudanças, em especial na cultura da população, porém, elas ressaltam que até alguns anos atrás a situação das atletas era muito pior, e que hoje em dia já notam um maior apoio da sociedade em suas carreiras. Além de a própria percepção através do meio em que estão inseridas, outro fator que pode ter contribuído para a visão mais positiva das atletas sobre a sociedade são as redes sociais. Através do Instagram, as atletas recebem atenção e carinho da população, algo que não era possível alguns anos atrás.

Em sua pesquisa sobre mulheres fisiculturistas no Instagram, Rahbari (2019a) também identificou que muitos iranianos oferecem apoio às atletas através de comentários e curtidas nas redes sociais, apesar de haver comentários negativos também. Na página de notícias IW Sports e das atletas entrevistadas, os comentários são positivos, em sua maioria de mulheres que apoiam suas heroínas. Nos Jogos Olímpicos de 2016 no Rio de Janeiro, a lutadora de taekwondo Kimiya Alizadeh foi medalhista de bronze na modalidade e foi a primeira iraniana a conquistar uma medalha olímpica. Em janeiro de 2020, a atleta decidiu ir embora do Irã e se

estabeleceu como refugiada na Alemanha. Na época, sua publicação no Instagram contando de sua decisão contou com alguns ataques de pessoas que acreditavam que ela estaria abandonando seu país e seria uma traidora. Contudo, a grande maioria dos comentários apoiava e enaltecia a lutadora, declarando que se orgulhavam dela e que ela merecia conquistar todos os seus sonhos. Em março de 2021, a página IW Sports publicou que Kimiya havia se tornado cidadã alemã, mas que havia decidido não competir nos Jogos Olímpicos de 2020 (que serão realizados em Tóquio em 2021) pela Alemanha, mas sim pela delegação olímpica dos refugiados. A publicação gerou milhares de comentários de iranianas e iranianos que reforçavam sua admiração e orgulho pela atleta. Deste modo, as redes sociais abriram novas oportunidades para as atletas iranianas divulgarem seus trabalhos e receberem apoio da população, algo que elas sempre sonharam e que demonstra certa evolução da percepção dos iranianos com relação ao esporte feminino.

Retomando a situação de Kimiya, em sua publicação de despedida do Irã, a atleta declarou que ama o país e sua população, mas que estava cansada de ser censurada e da opressão do Estado iraniano que a utilizava como propaganda positiva do país ao redor do mundo. De acordo com o relato publicado por Kimiya no dia 11 de janeiro de 2020 em seu Instagram (“kimiya.alizade”):

Eu sou uma das milhões de mulheres reprimidas no Irã que praticam há anos. Eles me levaram para onde quiseram. Eu usei tudo o que eles disseram. Repeti cada frase que eles ordenaram. Eles me confiscaram sempre que quiseram. Eles colocaram minhas medalhas sobre o *hijab* obrigatório e as atribuíram à sua própria administração e tato.

Eu não era importante para eles. Nenhum de nós é importante para eles, somos ferramentas. Só essas medalhas de metal são importantes para comprar de nós e explorar politicamente a qualquer preço que fixem, mas ao mesmo tempo, para humilhar, dizem: A virtude de uma mulher não está em esticar as pernas!

Considerando a vida difícil e a falta de investimento e de reconhecimento pelo governo iraniano, algumas atletas possuem esse mesmo desejo de Kimiya de se mudar do país. Durante a entrevista com as atletas profissionais, duas delas afirmaram que gostariam de sair do Irã: Sahar e Elnaz. Eu havia questionado Sahar sobre o que ela pensava de uma reforma nas leis do país. A jogadora, então, afirmou que já se conformou com o país onde vive e que não acredita que o Irã mudaria de forma drástica, e, por isso, ela gostaria de emigrar. Sahar (Entrevista, 14/06/2020) contou que estava pensando sobre o progresso do futebol no Irã e sobre os seus estudos: “Eu não vejo mais qualquer motivação em mim mesma. Eu sou uma mulher de sucesso no meu país, conquistei muitas coisas com o futebol,

mas não quero mais ficar aqui. Quero morar em outro país. Mas a imigração é difícil”. Sahar afirmou que chegou a tentar se mudar para o Canadá, mas que não havia conseguido. Ela disse que com o salário que as atletas e treinadoras ganham no Irã não tem como economizar para viajar à Europa ou outros países, e que, por isso, precisaria solicitar um visto através da educação, e precisaria que o país em questão pudesse cobrir os valores do curso.

Sahar possui um mestrado em educação física e uma carreira como treinadora de futebol, no entanto, acha que seria difícil conseguir um emprego no Canadá e tem medo de que eles não a aceitariam. Ela afirma que para se mudar do Irã precisaria de um bom emprego, com um bom salário, porque o custo de vida em outros países é alto. A atleta ainda relatou que possui uma prima que vive nos Estados Unidos e que trabalha na Google, e um primo que vive na Alemanha e é engenheiro da Mercedes. Ela conta que ambos conseguiram residência permanente e não pensam em voltar ao Irã. O sonho de Sahar é o mesmo de seus primos, mas a jogadora acredita que em sua área não haja muitas oportunidades. Contudo, ela planeja continuar tentando encontrar oportunidades fora do país, já que não percebe uma melhoria significativa de sua condição no futuro.

A esquiadora Elnaz também expressou desejo de emigrar. Um dia de manhã, antes de responder algumas perguntas que eu a havia enviado, Elnaz (Entrevista, 23/06/2020) disse que havia visto uma notícia sobre o Brasil na televisão iraniana na noite anterior e que havia se lembrado de mim. Eu comentei que se o Brasil estava em manchetes internacionais não deveria ser por um bom motivo. Ela explicou que a reportagem estava mostrando protestos contra o governo brasileiro, mas também manifestações a favor do presidente. Eu comentei brevemente com ela sobre a situação do Brasil, explicando que estávamos passando por momentos difíceis com o governo, e ela me questionou se eu não planejava sair do Brasil e me mudar para a Europa ou Estados Unidos. Eu respondi que gostaria de morar na Europa, mas que era complicado sem uma cidadania europeia, e perguntei se ela pensava em se mudar do Irã. Elnaz respondeu que sim, que ela e seu marido pretendem se mudar para a Espanha e que eles já estão vendo vistos e se planejando. Em outro momento, quando eu a questionei se ela planejava ter filhos, a esquiadora afirmou: “eu não pretendo ter filhos no Irã, porque aqui não tem futuro para nenhum humano! Então a gente está se planejando para nos mudarmos para a Espanha em dois anos, e então lá nós planejamos ter filhos. O Irã não é um bom país para se ter um bebê” (ELNAZ, entrevista, 14/10/2020).

Apesar de não representarem a maioria das atletas entrevistadas, as opiniões de Sahar e de Elnaz podem demonstrar como algumas atletas expressam desejo de buscar uma vida melhor em outros países. A situação econômica e política no Irã faz com que elas sintam que

não há um futuro no país. Elnaz, especificamente, pensa nos filhos que pretende ter e as oportunidades que eles terão no Irã. A maioria das atletas que participaram da entrevista se mantém esperançosa com relação às mudanças positivas no pensamento da sociedade e na atuação do governo, porém, algumas atletas já perderam a esperança de que o país possa se transformar verdadeiramente.

3. GÊNERO E ISLÃ

Para compreendermos as relações entre gênero e esportes no Irã, não podemos negligenciar a importância da religião islâmica no país. O Irã é uma República Islâmica, ou seja, é um país que segue as leis e as convenções estipuladas no Islã. Demograficamente falando, 90% da população iraniana segue a religião estatal, o Islã xiita, 8% segue o Islã sunita, e os últimos 2% são divididos entre cristãos, zoroastras, judeus, baha'is, hindus, e outras religiões (TOHIDI, 2010, p. 376). Além de ser a religião seguida pela maior parte da população, é preciso entender que o Islã não é apenas uma crença religiosa, mas sim um completo sistema organizacional da sociedade. O Islã possui um código de leis e de comportamentos revelados por Deus, e toda a sociedade islâmica, como no Irã, está inserida nesse sistema. Nenhuma instituição social existe à parte da religião, portanto, todas as políticas públicas, alterações na lei, e regulamentos esportivos dependem das fontes escriturárias islâmicas. Como pontua Jawad et al. (2011, p. 27): “Do ponto de vista islâmico, a religião não faz parte da vida, mas é toda a vida”.

De acordo com Dagkas et al. (2011, p. 16-17), “a religião é um domínio pouco pesquisado como uma influência sobre o self social e as culturas corporais, especialmente nas áreas de educação e esporte”. Dada a importância do Islã em culturas muçulmanas, é fundamental que a influência da religião sobre os indivíduos não seja ignorada. Ademais, enquanto globalmente temos uma ausência de pesquisas que consideram a pertinência da religião no mundo esportivo, em sociedades islâmicas, por sua vez, o esporte é pouco explorado academicamente por ser um assunto considerado supérfluo. O mesmo acontece com relação à própria prática esportiva, que algumas culturas acreditam ser algo desnecessário, principalmente para mulheres, que são designadas ao cuidado do lar e da família. Para as meninas muçulmanas de diversos lugares do mundo, esse entendimento pode desestimular a sua prática de atividades físicas e a busca por uma carreira no meio esportivo.

Enquanto Dagkas et al. (2011, p. 18) sugerem que muitas comunidades muçulmanas não possuem um interesse geral no que eles chamam de “cultura física”, Adghirni (2014) demonstra que no Irã, diferente da maioria, a população valoriza hábitos saudáveis, tanto na alimentação quanto na prática de exercícios físicos. Os iranianos possuem uma boa relação com os esportes, tendo costume de praticar atividades ao ar livre, principalmente nas várias montanhas que existem no país. As atividades físicas para mulheres, como em outros países, sofreram com a intervenção de conservadores, que acreditavam no papel primordial da mulher como mãe e esposa. No entanto, ao longo dos anos, as mulheres foram conquistando cada vez

mais espaço, chegando hoje a valorizar muito mais a profissão de atleta e a disputar medalhas internacionalmente.

Como em todos os outros aspectos da vida social, a religião islâmica tem grande influência na percepção da prática esportiva no Irã. Isso acontece porque ter fé e levar a vida de uma maneira compatível com os preceitos do Islã é a principal responsabilidade de um muçulmano. Qualquer outra atividade – como trabalhar ou praticar esportes – deve vir em segundo lugar e não pode interferir nos deveres com a fé.

Para compreendermos mais sobre o Islã e sua influência nas sociedades atuais, precisamos conhecer sobre a *shari'a* (lei islâmica), que tem influência em diversos países e que é a fonte do direito no Irã. A *shari'a* é um código que compreende os direitos e deveres civis e religiosos, orientando os seres humanos em todas as dimensões de suas vidas. Ela é composta pelas disposições encontradas no Alcorão, que foi o texto relevado por Deus ao Profeta Muhammad e é o Livro Sagrado dos muçulmanos, e na *sunnah*, que são os modos do Profeta, ou seja, os seus costumes, ditos e feitos. Outro elemento importante do direito islâmico é o *fiqh*, que é a jurisprudência islâmica.

Aqui convém ressaltar a diferença entre o *fiqh* e a *shari'a*, que são muitas vezes confundidos até mesmo pelos muçulmanos. A *shari'a* é a lei islâmica, que utiliza o Alcorão e a *sunnah* como base, e é considerada imutável. Já o *fiqh* representa as interpretações humanas da *shari'a*, que têm o objetivo de responder as dúvidas dos muçulmanos com relação a assuntos específicos e que vão surgindo ao longo do tempo. Como o *fiqh* é uma obra humana, ele varia de acordo com as diferentes escolas de pensamento, e pode ser contestado e alterado. Os debates com relação às leis de família e os direitos das mulheres liderarem uma oração na mesquita, por exemplo, são questões de *fiqh*. Por essa razão, o *fiqh* pode ser diferente em cada país ou região, o que reflete nas diferentes experiências vividas por mulheres muçulmanas ao redor do mundo.

Contestando as interpretações masculinas e discriminatórias das fontes religiosas, as feministas islâmicas buscam melhorar a condição de vida das mulheres em países muçulmanos. No Irã, a antropóloga Ziba Mir-Hosseini é uma das feministas mais importantes que trabalha com a reinterpretação do *fiqh*. Ela afirma que muitas vezes os juristas islâmicos ignoram propositalmente a diferença entre a *shari'a* e o *fiqh*, impondo as suas visões da jurisprudência como a palavra divina. Como lembra Amara (2007, p. 534), há uma distinção entre o “Islã como um sistema de crenças e o Islã como uma forma cultural, interpretada, concebida e manipulada por Estados-nação, movimentos políticos e diferentes grupos de interesse para legitimar sua agenda política, conduta social e práticas (às vezes pré-

islâmicas)”. Os juristas e líderes políticos muitas vezes distorcem os princípios do Islã a seu favor, concedendo privilégios aos homens e discriminando mulheres em diversos setores da sociedade.

Com relação à prática de atividades físicas e de esportes, não há qualquer proibição nos textos sagrados para mulheres. Na realidade, há *hadiths*²⁵ que relatam que o Profeta Muhammad defendia uma vida saudável e encorajava o ensinamento da natação, arco e flecha e equitação para todas as crianças (PFISTER, 2003; AGHAEI et al., 2014). Os textos contam que o Profeta Muhammad e sua esposa Aisha cavalgavam juntos e apostavam corridas a pé, mencionando ainda que ela ganhava dele. Há também relatos de que na época de Muhammad as mulheres andavam de camelo e lutavam em guerras, demonstrando que não havia restrições de atividades para mulheres e que elas se mantinham fisicamente ativas (AHMED, 1992; JAWAD, 2011).

Apesar de encorajar o desenvolvimento físico a todos, a religião islâmica desencoraja (e em alguns casos proíbe) atividades que possam causar danos ao corpo. Como menciona Aghaei et al. (2014, p. 5), esportes como a ginástica podem causar danos à medula espinhal se o limite for excedido, assim como o boxe pode ser perigoso. Assim, os juristas islâmicos revisam os aspectos legais dos esportes e podem ter visões distintas sobre quais atividades seriam apropriadas aos muçulmanos.

No Irã, é importante ressaltar que apesar de os investimentos no esporte não atingirem o esperado pela população, e dos diversos conflitos vivenciados pelas mulheres na prática esportiva, a Constituição Iraniana coloca a atividade física como uma das prioridades da nação. O artigo III da Constituição afirma que é dever da República islâmica direcionar todos os seus recursos para os objetivos contidos no artigo, tais como: “educação e treinamento físico gratuitos para todos em todos os níveis, e a facilitação e expansão do ensino superior” (IRÃ, 1979). No mesmo artigo são ainda citados: o desenvolvimento do espírito da investigação e da ciência; a eliminação do imperialismo; a eliminação de qualquer forma de despotismo, autocracia e monopolização do poder; a garantia das liberdades políticas e sociais; a garantia da democracia; a abolição de todas as formas de discriminação; e a garantia dos direitos múltiplos de todos, “tanto mulheres como homens”, e da igualdade de todos perante a lei. Com base no artigo III, podemos verificar que o treinamento físico e as instalações para atividade física são gratuitos e assegurados pelo Estado. Da mesma forma, podemos notar que a educação física não apenas recebe lugar de destaque no texto

²⁵ Relembrando que os *hadiths* são relatos dos ensinamentos do Profeta Muhammad e histórias de seus costumes e modos de vida.

constitucional, como também é colocada na mesma matriz que o desenvolvimento do ensino superior, demonstrando o valor do desenvolvimento físico, cognitivo e intelectual para a cultura islâmica iraniana.

Os cientistas esportivos islâmicos e as feministas islâmicas também defendem essa ideia presente na Constituição, alegando que a religião apoia a participação feminina na esfera esportiva, e que o direito à educação física faz parte do desenvolvimento de todos os muçulmanos. Como comenta Jawad et al. (2011, p. 32), o “Islã é um modo de vida que exige o desenvolvimento holístico dos seres humanos com atenção à espiritualidade, bem como ao bem-estar físico e intelectual”. As autoras ainda reforçam que, como a busca pelo conhecimento e desenvolvimento físico, intelectual e espiritual é um princípio para todos os muçulmanos, as mulheres possuem os mesmos direitos à educação e à prática de atividades físicas que os homens.

Há mulheres muçulmanas, acadêmicos e religiosos, no entanto, que acreditam que as mulheres só podem praticar esportes se elas respeitarem os requisitos religiosos relacionados à modéstia, como o uso de vestimentas apropriadas. De acordo com o Alcorão, todos os indivíduos devem cobrir suas partes íntimas, já que um dos princípios do Islã é a modéstia para ambos os sexos. Há ainda uma crença comum de que deve haver segregação de espaços entre os sexos, o que significaria que os homens e mulheres não poderiam praticar exercícios físicos na frente um do outro.

Devemos lembrar que o Islã se espalhou pelo mundo inteiro, sendo experimentado de maneiras diferentes ao redor do globo. O tratamento de mulheres em comunidades islâmicas varia conforme o lugar, com algumas sociedades sendo mais desiguais e discriminatórias que outras. Deste modo, apesar de não haver qualquer proibição para mulheres praticarem atividades físicas no Islã, há casos de conservadores que acreditam que, mesmo com seus corpos cobertos e em espaços segregados, os esportes poderiam corromper a moral, e que a sua prática seria um desrespeito à modéstia exigida pelo Islã. Assim, a limitação da fisicalidade das mulheres tem relação com a interpretação equivocada dos ensinamentos religiosos. Por outro lado, é importante ressaltar que há muitos clérigos mais liberais que defendem a igualdade de gênero promovida no Alcorão, e que defendem a atividade física para todas as pessoas pela sua importância para a saúde e para o desenvolvimento físico, cognitivo e social.

Da mesma forma em que há diferentes escolas de pensamento islâmico e diferentes percepções sobre a religião em diferentes países e culturas, precisamos compreender que as mulheres muçulmanas não são um grupo homogêneo. Há tanto diferenças que correspondem

às mais variadas culturas e contextos históricos vividos, como diversidade de pensamento dentro de cada comunidade. É importante sempre reconhecer a existência de uma multiplicidade de interpretações do Islã e de níveis de religiosidade que fazem com que cada mulher perceba sua religião e seus deveres de maneiras diferentes. Questões como classe social, religiosidade, cultura, e apoio familiar são todos fatores que moldam diferentes atitudes com relação à atividade esportiva. Para algumas mulheres, a prática vem sem muitos obstáculos, mas para outras os desafios são múltiplos. Assim, é de extrema relevância que a participação esportiva de mulheres muçulmanas seja inclusiva e não discriminatória, tanto dentro de seus próprios países quanto no ambiente internacional.

3.1 Negociando a prática esportiva a partir da religião

Há uma ampla variedade de maneiras nas quais as mulheres percebem e vivem a sua religiosidade, assim como há inúmeras vivências em diferentes países com relação aos direitos femininos. Há países muçulmanos seculares que buscam afastar até vestimentas tradicionais islâmicas dos espaços públicos, como a Turquia; há países que são influenciados pelo Islã, mas que em sua lei e em sua cultura também possuem influência ocidental; e há países islâmicos, como o Irã, que seguem a *shari'a* e buscam se afastar do Ocidente e de seus valores. Na Turquia, desde a década de 1920 há conflitos relacionados à tradição islâmica e a secularidade do Estado, com as mulheres tendo que lutar pelo direito de usar o *hijab* em cargos públicos e nas escolas/universidades. No Irã, ao contrário, desde a Revolução de 1979 as mulheres são obrigadas a utilizar o *hijab*, e lutam pelo direito de escolher como se vestir.

O mesmo acontece com outros direitos femininos, inclusive no âmbito esportivo. Enquanto alguns países vão proibir os esportes para as meninas e mulheres, outros até incentivam. Recentemente veio a público a história de uma mulher afegã chamada Rozma Ghafouri que foi a vencedora regional da Ásia do Prêmio Nansen 2020 do ACNUR, órgão da ONU para refugiados. Rozma vive atualmente no Irã, onde está refugiada com sua família, e conta como era seu sonho ser jogadora de futebol, mas no Afeganistão era proibida de jogar por ser menina. Atualmente com 29 anos, Rozma é treinadora de futebol no Irã, onde também criou uma organização para incentivar a educação e a prática de esportes entre a população de risco de sua comunidade (ACNUR, 2020). Embora o Irã seja considerado um país conservador e desigual em questão de gênero, o governo investe muito em educação, e as mulheres possuem muito mais oportunidades do que em outros países da região.

Nas diásporas, as mulheres muçulmanas também têm de lidar com conflitos entre a sua religião e o país ocidental onde nasceram ou onde vivem. Enquanto em alguns países as muçulmanas lutam pelo direito de não usarem o *hijab* caso desejem, em países europeus elas precisam lutar pelo direito de estudar, trabalhar e praticar esportes usando o *hijab*. A França, por exemplo, é um dos principais países onde a xenofobia impede que meninas e mulheres muçulmanas ocupem espaços públicos enquanto utilizam vestimentas islâmicas. Contudo, ao longo dos últimos anos, novas portas vêm se abrindo para essas mulheres no contexto esportivo. Nos Jogos Olímpicos de 2016, Ibtihaj Muhammad ficou conhecida como a primeira atleta muçulmana a utilizar o *hijab* enquanto competia pela seleção dos Estados Unidos. Ibtihaj ainda marcou história ao ganhar uma medalha olímpica (de bronze) na modalidade da esgrima durante a competição. Em 2018, vimos a empresa Nike lançar um *hijab* esportivo para atletas muçulmanas que sentiam dificuldade em seus exercícios por não existir uma vestimenta apropriada no mercado, como a patinadora artística emiradense Zahra Lari, que estreou o *hijab* da marca nos Jogos Olímpicos de Inverno do mesmo ano. No ano seguinte, em 2019, a Nike ainda lançou um *hijab* esportivo específico para a prática da natação, modalidade em que as mulheres muçulmanas mais sofrem para se adequar aos padrões islâmicos.

Seja pela obrigação do uso de vestimentas islâmicas, como no Irã, ou pela fé e afirmação da identidade religiosa de muçulmanas ao redor do mundo, o *hijab* faz parte da vida de milhões de mulheres. Dentro e fora do Islã, o seu uso é constantemente debatido e geralmente causa polêmica em diversos países. Enquanto alguns Estados obrigam o seu uso, outros o proíbem; enquanto religiosos conservadores o percebem como um dever islâmico, uma parcela das mulheres acredita que seu uso seja opcional. No Alcorão há dois conjuntos de *ayat* (versos) que discorrem sobre o assunto:

Ó Profeta, diz às tuas esposas, tuas filhas e às mulheres dos crentes que (quando saírem) se cubram com as suas mantas [*jilbāb*]; isso é mais conveniente, para que se distingam das demais e não sejam molestadas; sabeis que Allah é Indulgente, Misericordiosíssimo. Se os hipócritas e os que abrigam a enfermidade em seus corações, e os intrigantes, em Medina, não se contiverem, ordenar-te-emos combatê-los; então, não ficarão nela, como teus vizinhos, senão por pouco tempo. (33:59-60)

Dize aos crentes que recatem os seus olhares e conservem os seus pudores, porque isso é mais benéfico para eles; Allah está bem inteirado de tudo quanto fazem. Dize às crentes que recatem os seus olhares, conservem os seus pudores e não mostrem seus atributos, além dos que normalmente aparecem; que cubram o colo com seus véus [*khumūr*] e não mostrem os seus atributos, a não ser aos seus esposos, seus pais, sobrinhos, às mulheres suas servas, seus criados isentos das necessidades sexuais, ou às crianças que não discernem a nudez das mulheres... (24:30-31)

Segundo Barlas (2002, p. 55), essas duas *ayat* se referem a duas noções diferentes sobre a cobertura do corpo. As primeiras *ayat* (33:59-60) tratam de uma situação específica do tempo e lugar, em que as mulheres deveriam se cobrir em público para demonstrar que eram muçulmanas, e assim serem reconhecidas entre os fiéis e não sofrerem assédio. O uso do véu era também uma demonstração de uma mulher livre e crente, assim, não era permitido que escravas o utilizassem²⁶. As segundas *ayat* (24:30-31) expõem a questão do *hijab* de uma maneira geral, indicando que homens e mulheres devem cobrir suas partes íntimas, já que um dos princípios do Islã é modéstia para ambos os sexos. Nesse caso, homens e mulheres devem manter o pudor na frente de desconhecidos. Barlas ainda pontua que o Alcorão não utiliza a palavra “*hijab*” nessas *ayat*, mas *jilbāb* (manto) e *khumūr* (xale), que são vestimentas que tradicionalmente não cobrem completamente o corpo de uma mulher. Além disso, as *ayat* 33:59-60 não mencionam qualquer punição às mulheres que não usarem um *jilbāb*, mas deixam claro que os homens que não se contiverem, e assediarem ou forem violentos com as mulheres, serão punidos.

Há muitas discussões em volta do *hijab* pelos exegetas; enquanto alguns defendem o uso do véu para cobrir os cabelos, outros defendem que as mulheres devem utilizar a burca, que é um estilo de vestimenta que cobre o corpo inteiro (dos cabelos e do rosto, até os pés) e ainda pode vir acompanhado do uso de luvas. Na época do Profeta o véu não era obrigatório, assim como as mulheres que o utilizavam não cobriam seus corpos completamente. Independentemente do tipo de véu que uma mulher escolha utilizar, Barlas (2002, p. 55) reitera que “o *jilbāb* não tem como objetivo *esconder* as mulheres muçulmanas livres dos homens muçulmanos, mas torná-las *visíveis*, e conseqüentemente reconhecíveis, pelos homens *jāhili*”²⁷ (grifo da autora).

Outro aspecto importante é que há duas noções diferentes de *hijab*: existe um *hijab* físico, representado pelo véu e pelas vestimentas modestas, e existe um *hijab* simbólico, relativo ao olhar. Os versos 24:30-31 do Alcorão determinam que ambos os homens e as mulheres devem “recatar seus olhares”, no entanto, muitos muçulmanos ignoram as prescrições para os homens, e acentuam as prescrições para as mulheres. O *hijab* é algo muito mais espiritual do que físico, e pensar nele como um lenço ou uma vestimenta feminina é muito limitado. É importante notar que o *hijab* é mencionado primeiramente para os homens,

²⁶ É sempre importante lembrar que o véu era utilizado em diversas partes da região, por diferentes religiões. Em diferentes locais também era um símbolo de mulheres crentes (do Islã ou outras religiões), e também era um distintivo para mulheres da elite.

²⁷ *Jahiliyyah* é como é chamada a comunidade pré-islâmica, o termo se traduz como “idade da ignorância”.

e na *ayah* seguinte para as mulheres. Desta forma, a responsabilidade primária é do homem, de se comportar de forma virtuosa e olhar para as mulheres apenas com respeito. Ademais, o Islã não permite que qualquer pessoa obrigue ou force uma mulher a utilizar o *hijab*. O Alcorão e os *hadiths* comprovam que o Profeta nunca julgou ou agrediu qualquer mulher, muito menos pela roupa que estava vestindo, mas ele repreendia os homens que desrespeitavam mulheres de qualquer forma, e ordenava que eles abaixassem seus olhares.

Com relação às vestimentas, também mencionadas nessas *ayah*, ambas as mulheres e os homens devem se vestir de forma modesta, sem realçar as suas partes íntimas. No entanto, nas sociedades islâmicas normalmente há uma obsessão com o corpo feminino, enquanto as restrições para o corpo dos homens são ignoradas. É muito comum os homens utilizarem calças apertadas em países do Golfo, por exemplo. Além disso, enquanto as mulheres precisam adequar seus uniformes e utilizar o *hijab* em eventos esportivos, os homens continuam vestindo os uniformes tradicionais ocidentais em todas as modalidades. Nesses casos, há um afastamento dos valores religiosos em detrimento de prática culturais e sociais.

Essa questão do *hijab* e das vestimentas islâmicas que cubram o corpo das mulheres, tão importante para algumas atletas, pode trazer desafios para a cultura esportiva ocidental, que deve se ajustar à realidade das atletas (JAWAD et al., 2011, p. 35), o que por muito tempo representou um problema grave para as esportistas muçulmanas. As mulheres muçulmanas não apenas precisam adaptar os seus uniformes para que se adequem aos ideais islâmicos, como também precisam enfrentar políticas e regulamentos internacionais que proíbem o uso do *hijab* em alguns países e/ou competições. Dois casos marcantes aconteceram com a seleção feminina iraniana de futebol e a seleção feminina de basquete do Catar. Em 2011, a FIFA proibiu que a seleção iraniana de futebol feminino participasse das eliminatórias dos Jogos Olímpicos de 2016 por causa das vestimentas das jogadoras, que cobriam seus cabelos. Enquanto o chefe da Federação Iraniana de Futebol alegou que as roupas utilizadas haviam sido autorizadas no ano anterior, a FIFA nunca explicou exatamente a razão da proibição, alegando ser uma questão de segurança, como o uso de brincos, por exemplo. Algo similar aconteceu em 2014, durante os Jogos Asiáticos na Coreia do Sul, quando a seleção feminina de basquete do Catar foi obrigada a se retirar da competição. A razão apresentada pelo Comitê Organizador foi de que os árbitros não haviam recebido instruções para permitir que as jogadoras cobrissem seus cabelos durante as partidas.

Além das vestimentas, outra barreira à participação atlética de mulheres muçulmanas é o ambiente competitivo, normalmente visível também para homens. Muitas mulheres muçulmanas não se sentem confortáveis em praticar esportes na frente de homens

desconhecidos, já que seus corpos podem ficar à mostra em algum momento, o tecido pode ficar justo em seus corpos durante algum movimento, ou até o esporte que praticam pode não ter um uniforme completamente apropriado segundo suas crenças islâmicas. Benn et al. (2011) discorrem em diversos momentos sobre como em comunidades de diáspora a falta de oferta de espaços segregados em aulas de educação física e na prática de esportes pode ser uma barreira para mulheres que preferem espaços segregados. As autoras ressaltam ao longo do livro a importância de que as pessoas que trabalham no meio esportivo respeitem as diferenças e as escolhas das muçulmanas, criando ambientes inclusivos, e que as federações internacionais demonstrem um compromisso com a inclusão, adaptando os regulamentos sobre os uniformes. Ademais Benn et al. (2011) ressaltam a importância da realização de competições exclusivas para mulheres, como o *Women's Islamic Games* no Irã, projeto de Faezeh Hashemi, e o *GCC Women's Games* organizado pelos países do Golfo, que permitem que as mulheres representem seus países e disfrutem de suas paixões pelo esporte, sem ferirem suas crenças religiosas.

Da perspectiva das fontes sagradas do Islã, não há qualquer indicação de que os espaços públicos devam ser segregados entre os sexos. Barlas (2002, p. 158) argumenta que as *ayat* 24:30-31 acima mencionadas, que falam sobre o *hijab* e sobre recatar os olhares, demonstram que o Islã não prega uma segregação de espaços entre os homens e as mulheres, pois se as mulheres estivessem excluídas dos espaços públicos ou afastadas dos homens de qualquer maneira, ou até completamente cobertas, não seria necessário abaixar o olhar. Se essas *ayat* existem é porque os dois sexos estão livres para olhar uns aos outros. A partir das reinterpretações propostas pelas feministas, podemos perceber que interpretações das fontes escriturárias por exegetas muçulmanos levaram a leituras incorretas e discriminatórias (WADUD, 1999), que estabeleceram a segregação de espaços como a regra em alguns lugares. Como sugere Jawad et al. (2011, p. 35), essas “interpretações conservadoras de textos islâmicos combinados com sobreposições culturais continuam a impedir ou restringir as mulheres de participar em muitas esferas da vida, incluindo a atividade física”.

De qualquer maneira, ainda que nem todas as atletas muçulmanas vejam problema com os uniformes ocidentais e acreditem na necessidade de espaços segregados, há mulheres que se sentem mais confortáveis em espaços exclusivamente femininos, e suas vozes precisam ser ouvidas e respeitadas. É interessante notar como esse acaba sendo um problema enfrentado principalmente por muçulmanas que vivem em países ocidentais, que não compreendem e que não oferecem espaços adequados para as crenças islâmicas. Em países como o Irã, que já seguem a lógica islâmica, o conflito não se encontra dentro do país (que

exige o *hijab* e a segregação), mas sim nas competições internacionais que colocam barreiras às atletas muçulmanas.

Durante as entrevistas com atletas iranianas, eu as questionei sobre suas experiências, seus sentimentos, e possíveis conflitos gerados a partir da conciliação entre a religião e a prática de esportes. Nós também conversamos sobre o uso do *hijab* durante seus treinos e competições, e como funcionava a segregação de sexo em seus esportes específicos. Apesar de determinar a segregação entre os homens e as mulheres na maioria dos aspectos da vida pública, cada esporte no Irã possui regras diferentes com relação à separação dos espaços entre os sexos.

Sobre o uso do *hijab*, é importante entender que há uma pluralidade muito grande de perspectivas sobre o seu uso dentro do Irã. Há mulheres não muçulmanas que não veem sentido em seu uso; há mulheres muçulmanas que não são praticantes da religião, e que não gostam de usar o *hijab* porque ele não faz parte de suas crenças; há mulheres muçulmanas que são praticantes, mas que não percebem o *hijab* como uma obrigação religiosa; e há ainda mulheres muçulmanas que acreditam que o *hijab* é um dever religioso ou que ele faz parte de sua identidade muçulmana, e por isso são a favor de seu uso. Algumas mulheres mais conservadoras, normalmente mais velhas, acreditam que o uso do *hijab* deveria permanecer compulsório no Irã. Enquanto as mulheres mais liberais, e também as feministas, entendem que o *hijab* deveria ser uma escolha individual no país.

Das onze atletas entrevistadas, quatro afirmaram que continuariam usando o *hijab* mesmo se ele não fosse compulsório. Essas quatro atletas eram praticantes dos seguintes esportes: kung fu, remo, squash e futebol. Todas elas afirmaram que era difícil praticar esportes utilizando o *hijab*, mas que ele fazia parte de suas crenças e que elas aprenderam a se acostumar com ele durante suas atividades físicas. Como sugeriu Azadeh (Entrevista, 04/06/2020): “De acordo com a minha própria religião e minhas próprias crenças, o uso do *hijab* é normal para mim e ele se tornou normal para nós como atletas”. Farzaneh, atleta do squash, acrescentou que ela ama o *hijab* e que não acha que ele complica a sua vida. Ela reconheceu que algumas atletas não gostam do *hijab* porque ele é difícil, e afirmou que, de fato, ele pode ser difícil, mas que parte da beleza do *hijab* está na sua dificuldade. Para Mina, o problema das vestimentas islamicamente apropriadas é que elas são obrigatórias apenas para as mulheres, enquanto os homens, que também deveriam obedecer a prescrição da modéstia, são livres para vestirem o que quiserem.

Cada pessoa tem uma opinião diferente [sobre o *hijab*]. O *hijab* tem um significado diferente para mim. Eu me visto de uma maneira que ele não me atrapalha. Todo mundo ama usar roupas confortáveis. Nós praticamos no verão em um calor extremo com lenços e longas roupas. Nós definitivamente gostaríamos de nos vestir como as outras atletas no mundo. Mas é a lei do meu país, e eu acato a ela para ter paz de espírito. Acredite em mim, o *hijab* não é tão difícil. Nós estamos acostumadas a ele e não há uma escolha. Se não fosse uma lei, eu ainda o usaria como todo mundo. É claro que os homens usam o que eles querem no esporte, e isso é um pouco irritante. Isso porque Deus também menciona o *hijab* para os homens no Alcorão e diz que os homens, como as mulheres, deveriam usar o *hijab* (MINA, entrevista, 27/06/2020).

Quatro atletas entrevistadas declararam que se o *hijab* não fosse obrigatório, elas deixariam de usá-lo. Essas quatro atletas eram praticantes dos seguintes esportes: tiro, ciclismo, futebol e esqui. No tiro e no esqui o *hijab* não prejudica de qualquer maneira o desempenho atlético, assim, o motivo dessas atletas está completamente relacionado às suas crenças pessoais. Essas atletas mencionaram que gostariam de ser “livres”, e que achavam o uso do *hijab* mais uma forma de controle do governo, que elas consideram autoritário. Como pontua Layla (Entrevista, 11/06/2020), “as pessoas vão odiar qualquer coisa que seja forçada a elas, e como o *hijab* é obrigatório no nosso país, a maioria das pessoas não gosta dele”. Segundo a jogadora de futebol Sara (Entrevista, 08/06/2020):

Eu juro que 90% das meninas e mulheres iranianas odeiam o *hijab* compulsório, mas ninguém pode dizer nada porque você não tem direitos civis e você não pode se mostrar relutante a nada!! Por exemplo, nós devemos usar o *hijab* islâmico em jogos nacionais, mas é muito difícil porque futebol é um jogo difícil e você precisa correr por 90 minutos!!! [...] E essa regra absurda vale para dentro da liga nacional feminina também!!!

Como Sara menciona, enquanto os homens não possuem qualquer restrição de vestimentas no momento em que praticam esportes, as atletas mulheres não podem deixar de se cobrir nem nos campeonatos regionais e nacionais, onde apenas mulheres podem participar e assistir às partidas. Ou seja, mesmo que os espaços sejam segregados, as mulheres precisam cobrir seus corpos completamente. Enquanto isso, os jogos masculinos são transmitidos pela televisão estatal e espera-se simplesmente que as mulheres não os assistam. Como conta Brooks (1995, p. 31) sobre sua experiência no Irã, sempre que ela questionava os homens que conhecia sobre os jogos masculinos serem transmitidos nacionalmente, mesmo que seus uniformes não fossem islamicamente apropriados, eles respondiam: “até este governo sabe que há um limite. Pode-se pedir a um país que faça muitos sacrifícios, mas esperar que os homens abram mão dos jogos de futebol seria levar as coisas longe demais”.

As outras três atletas entrevistadas (representantes do ciclismo e do futebol) não responderam sobre as suas crenças individuais. Conversando com essas atletas me pareceu que elas simplesmente não sabiam dizer se deixariam de usar o *hijab* caso ele não fosse compulsório. Enquanto algumas iranianas têm bem claro seus valores, outras ficam em conflito sobre a sua religião, a imposição do Estado, e as dificuldades enfrentadas como atletas que usam o *hijab*. Como o *hijab* é obrigatório, elas não precisam refletir sobre como se sentem sobre ele dentro da religião. Parisa, atleta do ciclismo, afirmou que “o *hijab* nos dá uma boa sensação de que estamos longe dos olhares dos homens vulgares, mas parece um pouco difícil usar o *hijab* em todos os lugares. É difícil fazer exercícios com o *hijab*” (PARISA, entrevista, 23/06/2020). Elaheh do ciclismo e Sahar do futebol apenas responderam que acreditam que todas as mulheres deveriam ser livres para escolher como se vestir, e que, caso fossem livres, elas respeitariam as opções de todas as mulheres, já que usar ou não o *hijab* é uma escolha pessoal ligada à religião de cada uma.

Ao serem perguntadas se o *hijab* afeta de alguma forma seus desempenhos atléticos, a maioria das atletas respondeu simplesmente que estão acostumadas ou que é difícil praticar esportes com ele. Algumas atletas responderam positivamente, reforçando a dificuldade de praticar esportes completamente cobertas no calor do Irã. Elaheh (Entrevista, 04/07/2020) respondeu meu questionamento com uma risada e disse: “Eu deixo isso para você! Um dia ande de bicicleta ou pratique qualquer esporte que você pratique, mas faça o que eu digo: cubra a cabeça e o pescoço, mangas compridas e calças, e também uma saia por cima das calças...”. Ela ainda acrescentou: “Faça isso por volta do meio-dia, sob o sol, quando está quente. Você não tem permissão para abrir o zíper da sua camisa”. Para Maryam (Entrevista, 24/06/2020), também atleta do ciclismo, o *hijab* atrapalha seu desempenho, porque “as roupas e uniformes são muito importantes no ciclismo”. Mas ela afirma estar feliz de ter conseguido ter sucesso mesmo com essas restrições.

As atletas do esqui, do tiro, e do kung fu afirmaram que o *hijab* não influencia em seus desempenhos atléticos. Contudo, elas destacaram que o *hijab* pode ter maior impacto em outras modalidades, e que ele representa um incômodo para muitas atletas. Layla (Entrevista, 10/06/2020), atleta do tiro, comentou que:

Como a nossa modalidade tem uniformes específicos que já cobrem o nosso corpo e nós não nos movemos muito, o *hijab* não tem um efeito negativo. Mas há algumas modalidades que são muito ativas, como o futebol. O *hijab* nessas disciplinas irrita as atletas. Também há um número de modalidades que não podem participar de competições internacionais por causa do *hijab*, como ginástica e natação.

Todas as entrevistadas se mostraram muito conscientes das dificuldades enfrentadas pelas atletas mulheres de diversas modalidades. Mesmo as que diziam que não usariam o *hijab*, enfatizaram que respeitam o posicionamento de quem usaria, pois ele é uma escolha pessoal baseada na fé. Elas também se mostraram muito conscientes quanto ao *hijab* atrapalhar mais algumas modalidades do que outras; e mesmo que ele não impactasse sobre seus esportes específicos, elas ressaltavam que o *hijab* atrapalhava em esportes de mais alto rendimento e reconheciam que muitas atletas sofriam com seu uso. As participantes da pesquisa demonstravam grande solidariedade e união com suas colegas atletas. Ademais, a maioria das atletas entrevistadas mencionou o *hijab* como uma das maiores dificuldades enfrentadas por mulheres que desejam se tornar atletas profissionais, e também como um indicador da desigualdade de gênero no país, dado que os homens não são cobrados no que diz respeito aos seus uniformes.

Lutadora de kung fu, Azadeh comentou sobre o preconceito enfrentado pelas atletas em competições internacionais, visto que algumas federações internacionais já barraram mulheres de competirem com o *hijab*. Azadeh, que praticou ginástica artística dos três aos onze anos de idade, e outras atletas ainda comentaram sobre o Irã proibir que mulheres atletas participem de competições internacionais em modalidades onde o *hijab* seria mais difícil de aplicar, como a própria ginástica e a natação. Elas apontaram que o país possui diversos talentos nessas modalidades, mas que a proibição do uso de outros tipos de uniforme faz com que as atletas saiam prejudicadas. Algumas atletas entrevistadas comentaram que praticavam ginástica ou natação durante seus anos escolares, mas que sabiam que eram esportes sem futuro profissional. Elas criticam o governo e o *hijab* nesse sentido, e acreditam que as atletas de todas as modalidades merecem oportunidades e igualdade.

Quanto à segregação entre os sexos nos esportes iranianos, logo após a Revolução ela foi estabelecida de maneira integral. No entanto, ao longo dos anos, as mulheres foram conseguindo cada vez mais romper as barreiras da segregação. Em alguns esportes onde homens e mulheres podem treinar e competir cobertos, a segregação é praticamente inexistente. Enquanto em esportes onde os corpos podem ficar mais à mostra, a segregação é mais rígida. As atletas entrevistadas comentaram algumas mudanças no decorrer dos anos, explicando que atualmente, dependendo da modalidade, elas podem ser treinadas por homens, algo que era impossível antigamente.

Há esportes que possuem segregação completa, como no futebol e no kung fu, onde as mulheres só podem ser treinadas por mulheres, separadamente dos homens, e não podem

assistir aos treinos ou competições masculinas. No ciclismo, Parisa explica que os ginásios são separados entre os sexos, mas que os ciclistas de estrada podem treinar juntos. Com relação à seleção nacional, ela afirmou que até 2018 eles tinham sessões de treino separadas na pista, mas atualmente treinam juntos. Os atletas vão às competições juntos também e podem assistir às competições uns dos outros. Foi inclusive em uma competição internacional que Parisa conheceu seu marido, que também é ciclista pela seleção iraniana. A também ciclista Elaheh relatou que quando elas competem, os dormitórios precisam ser separados entre os homens e as mulheres, e que isso pode ser um problema, pois não é possível em todos os lugares. Ela ainda contou que possui um treinador holandês e um iraniano: “Eu tenho treinadores homens, o que não era permitido anteriormente, mas meu treinador principal e eu lutamos muito por isso e agora é aceito”. Ela falou que a sua situação é complicada, porque não é permitido treinar nas academias ou nos ginásios com um treinador homem, então muito trabalho é feito de forma remota.

Dois esportes onde não há qualquer segregação são o esqui e o tiro. Como ambas são modalidades praticadas com o corpo completamente coberto, não há restrições ou problemas com relação a um ambiente misto. Layla, do tiro, contou que eles têm uma série de tiros que se chama “mix”, onde um homem e uma mulher formam uma equipe mista. As mulheres também podem assistir às competições masculinas e vice-versa. Outro esporte que pareceu tranquilo com relação ao convívio misto foi a patinação slalom. Durante a pesquisa, conversei com algumas atletas da patinação, porém, todas acabavam deixando de responder as perguntas em algum momento. A atleta com quem eu mais conversei se chama Nilou e tem 16 anos. Ela relatou que é treinada por um técnico homem, que treina todos os patinadores juntos. Eles também podem assistir às competições uns dos outros sem problemas. No Instagram, Nilou publica diversas fotos tanto do ambiente misto de treino, quanto de momentos de lazer onde homens e mulheres convivem juntos.

Há ainda esportes que proíbem certas interações entre mulheres e homens, mas permitem outras. No remo, por exemplo, Mina me contou: “Durante as nossas horas que estamos remando, todos nós praticamos juntos e competimos uns com os outros. Por acaso, quando nós treinamos com os homens, nós estabelecemos melhores recordes que eles”. No Instagram de Mina e de Hani (outra remadora) é comum ver fotos com homens durante e após os treinos. Enquanto elas precisam estar com seus corpos cobertos, os homens utilizam bermudas acima dos joelhos e camisetas justas de manga curta. Mina ainda comentou que além da prática mista, o técnico da seleção nacional é um homem. Contudo, não é possível

que mulheres compareçam às competições masculinas, assim, elas só podem assistir pela televisão.

3.2 A religião e o esporte feminino iraniano

Ao longo da pesquisa foram tratados alguns temas com as entrevistadas relacionados à religião. Duas questões foram relativas ao *hijab* e à segregação de gênero, abordados no tópico acima. Outros pontos levados em conta foram o feminismo islâmico e os direitos das mulheres na *shari'a*, que serão abordados neste tópico. Quando entramos no assunto feminismo, para muitas mulheres pode ser contraditório envolver a religião. No entanto, em países muçulmanos, o surgimento do feminismo islâmico durante a década de 1980 representou uma tentativa de conciliar a evolução dos direitos femininos com a religião dominante, que, como já mencionado, constitui um aspecto fundamental da identidade de grande parte da população. Para compreender os avanços nos direitos das mulheres no Irã, inclusive no âmbito esportivo, é fundamental que se tenha um mínimo de conhecimento sobre esse movimento feminista e sua relação com a religião.

Seguindo a definição de Margot Badran (2009, p. 242), o feminismo islâmico é o discurso e a prática feminista articulada dentro de um paradigma islâmico. Ele parte do pressuposto de que o Alcorão prega a justiça e a igualdade para todos os seres humanos, e de que o seu discurso foi corrompido ao longo dos séculos por homens muçulmanos que desejam manter-se em uma posição de privilégio na sociedade. Os primeiros textos acadêmicos sobre o que se tornaria conhecido como “feminismo islâmico” foram escritos na década de 1980, porém, o termo só começou a ser utilizado no Irã no início dos anos 1990. Autoras como a socióloga Fatima Mernissi demonstravam como as fontes islâmicas haviam sido distorcidas em sociedades patriarcais e incentivavam uma reinterpretação coerente com os valores de justiça e igualdade presentes no Islã. No entanto, foram outras muçulmanas intelectuais, acadêmicas, jornalistas, advogadas, dentre outras, que se utilizaram dessas obras para assumir uma nova perspectiva feminista que chamaram de feminismo islâmico. O termo foi surgindo simultaneamente em diversas regiões do mundo, tanto em países muçulmanos como nas diásporas.

Badran (2009, p. 232) destaca que os discursos feministas apareceram juntamente com a chegada de novas tecnologias da informação. A chegada da internet permitiu a circulação de ideias em tempo real através do mundo inteiro em uma velocidade nunca vista antes. Além das novas tecnologias, a expansão da educação na década de 1980 permitiu que as iranianas

ganhassem uma nova perspectiva e consciência de seu lugar na sociedade (KIAN, 2010). As mulheres de origens mais religiosas começaram a perceber que as ações do governo não condiziam com a sua percepção da religião, e que as leis iranianas eram injustas e discriminatórias. Essas mulheres acreditavam na palavra do Alcorão, e não compreendiam como os ideais de justiça e igualdade presentes em seu texto haviam sido tão deturpados pelo regime.

De acordo com Tohidi (2010, p. 15), o crescimento do movimento feminista e a política mais moderada da década de 1990 não poderia ter ocorrido sem algumas mudanças demográficas e econômicas nas décadas antecedentes. A autora cita mais especificamente a rápida urbanização entre os anos 1960 e 1980, o volume de jovens no país, o aumento da alfabetização feminina, a diminuição da taxa de fertilidade, a melhora na saúde das mulheres, o aumento da participação das mulheres na economia, e o maior acesso a informação.

A partir de uma reinterpretação justa dos textos sagrados e da adequação das leis nacionais, as feministas islâmicas pretendem construir um país igualitário e democrático. As feministas, assim como alguns aiatolás, acreditam que o Islã tem a capacidade de se adaptar e progredir ao longo do tempo, e que as leis devem refletir as mudanças da sociedade (MOTAHHARI, 2008). Assim, a ideia não é tornar o Irã um país secular, mas adotar as leis islâmicas de uma forma que não discrimine qualquer minoria, e que permita que todas as diferentes convicções vivam em harmonia.

No âmbito esportivo, é preciso lembrar que após a Revolução de 1979 os esportes femininos praticamente deixaram de existir (PFISTER, 2003). Além de não ser uma prioridade financeiramente, considerando a guerra contra o Iraque (1980-1988), a segregação sexual imposta pelo regime significava que as mulheres agora precisavam ser treinadas por técnicas mulheres, assim como havia a necessidade de juízas, dirigentes e outras funcionárias, que ainda não haviam sido preparadas. A partir dos anos 1980 e durante a década de 1990, os esforços das ativistas resultaram na volta da participação feminina em campeonatos nacionais e internacionais. Uma das principais figuras desse processo de luta e de conquista de espaços para mulheres atletas foi Faezeh Hashemi, filha do ex-presidente Rafsanjani.

Como conta Brooks (1995), em 1985, uma aliança de mulheres começou uma campanha para trazer de volta o esporte feminino no Irã. Várias ativistas eram ex-atletas que se viam sem opções de reverter a situação e decidiram pedir ajuda às ativistas religiosas, que conseguiam dialogar com os religiosos no governo. Faezeh Hashemi, que sempre praticou esportes em sua casa e era encorajada por seu pai, decidiu tomar a liderança dessa luta e negociar a volta dos esportes para as mulheres. Ela fundamentou seus argumentos em fontes

religiosas, que incentivavam a saúde e o desenvolvimento pleno de todos os seres humanos. Em sua tentativa de convencer os líderes do governo, Hashemi também argumentava que a República Islâmica poderia se mostrar superior ao antigo regime do xá ao promover a prática esportiva para todas as mulheres, e não apenas para uma elite corrupta. Segundo Brooks (1995, p. 204), graças a esses esforços, o governo iraniano permitiu a abertura de instalações esportivas exclusivamente para mulheres em certos horários, estimulou os esportes nas escolas, e segregou espaços públicos para que as mulheres pudessem praticar suas atividades sem a presença masculina.

Outro ponto que Faezeh Hashemi precisou debater muito com as autoridades para conseguir abrir espaços para mulheres foi a questão das competições internacionais. Uma vez que os espaços não eram segregados e as roupas utilizadas não eram islamicamente apropriadas, o Estado iraniano não permitia que as mulheres participassem de eventos fora do país. Os religiosos conservadores alegavam que as mulheres muçulmanas que competiam internacionalmente estariam ferindo a moral religiosa e não representavam o Islã. Hashemi, então, argumentou que o Irã poderia servir de exemplo para o mundo, levando atletas devidamente cobertas para competir e demonstrando como ter sucesso mesmo seguindo os preceitos religiosos. Ademais, Hashemi afirmou que se o Irã não deixasse suas atletas participarem desses eventos seguindo as regras de vestimenta islâmicas, o Ocidente continuaria impondo suas regras e modos de vida “imorais e opressores” através da arena esportiva (BROOKS, 1995, p. 205). Nessa época, como os uniformes ainda estavam em processo de adaptação, apenas as atletas do tiro recebiam a permissão de competir fora do Irã. Faezeh Hashemi, então, teve a ideia de criar uma competição exclusivamente para mulheres, onde as atletas poderiam estar em um ambiente completamente segregado e não precisariam se preocupar com o *hijab*. Desta forma surgiram os Jogos Islâmicos Femininos (*Women's Islamic Games*) de 1993, realizado em Teerã pela Federação Islâmica de Esporte Feminino (IFWS).

Ao conversar com as atletas sobre o feminismo, apenas Maryam, atleta do ciclismo de 19 anos, afirmou que se considera uma feminista. Todas as atletas foram perguntadas se elas se consideravam feministas, se elas acreditavam que o movimento feminista havia conquistado mudanças positivas para as mulheres, e se elas já haviam participado de manifestações ou protestos ligados ao direito das mulheres. Além de responder afirmativamente à primeira pergunta, Maryam ainda afirmou que apoiava o movimento feminista e acreditava que a situação das mulheres havia melhorado no Irã por causa do

movimento. Ela disse que nunca participou de manifestações, pois eles nunca haviam acontecido em sua cidade.

Três atletas não responderam “sim” ou “não” para a pergunta direta sobre se elas consideravam feministas. Parisa, ciclista de 27 anos, comentou que ainda não havia participado de qualquer protesto ou movimento, mas que ela exigia “veemente” a igualdade entre homens e mulheres. Ela continuou: “na minha vida pessoal, tento evitar a discriminação de gênero e luto contra ela. A condição de meu casamento era que não houvesse discriminação de gênero na vida e que devêssemos ajudar uns aos outros tanto quanto pudermos”. Azadeh (atleta do kung fu de 16 anos) e Sara (jogadora de futebol de 20 anos), apenas afirmaram que acreditavam que homens e mulheres deveriam ter os mesmos direitos e que deveriam ser iguais em todos os aspectos da sociedade. Ambas as atletas, assim como todas as onze entrevistadas, afirmaram que nunca haviam participado de manifestações em prol dos direitos das mulheres.

Ao ser perguntada se ela se considerava uma feminista, Layla, atleta do tiro de 21 anos, declarou: “eu não me considero nada, mas eu quero que homens e mulheres tenham sempre os mesmos direitos”. Elnaz, Elaheh e Mina responderam “não” para a pergunta, mas explicaram que defendiam a igualdade de gênero nos esportes e na sociedade em geral. Elnaz, esquiadora de 29 anos, afirmou: “eu não sou feminista, mas eu sou uma defensora dos direitos das mulheres”. Tanto Kimiya quanto Sahar, ambas jogadoras de futebol, responderam a pergunta considerando que ser feminista era ser uma ativista dos direitos das mulheres. As duas atletas comentaram que não gostavam de política e que não se metiam muito em questões políticas, por isso também nunca haviam ido a manifestações. Kimiya completou: “eu não gosto nem um pouco de política. Eu não me considero uma feminista completa, mas eu tento defender a igualdade de gênero e eu tenho uma paixão pela igualdade salarial entre os homens e as mulheres”.

Elaheh, que também não se considera feminista, relatou sobre como desde que entrou no ciclismo luta muito pela igualdade de gênero nos esportes, e por melhores condições e incentivos financeiros para as mulheres atletas. Ela explicou que quando decidiu pelo ciclismo como profissão, ainda não havia corridas para mulheres no Irã. Elaheh lutou muito para ter espaço no esporte e demonstrar, através do seu esforço, que as mulheres eram capazes de competir e de ganhar. Em suas palavras: “Eu realmente me esforcei e pressionei muito para provar que as mulheres podem ir muito longe, para que [o governo e a federação] comesçassem a nos apoiar”. Ela continuou pontuando que naquela época, e até hoje, um de seus problemas é que ela se sente sozinha nessa luta. Ela foi a primeira ciclista no Irã a ser

campeã e sente que é a única que tenta constantemente forçar os limites para “avançar, para dar passos à frente, para melhorar e progredir”. A atleta comentou que outras ciclistas não fazem nada para mudar a condição das mulheres no esporte, e completou que “é muito difícil fazer isso sozinha”.

A maioria das atletas, por mais que não se considerassem feministas, sempre reforçavam que defendiam a igualdade de gênero e os direitos das mulheres. O termo feminista nem sempre é utilizado pelas mulheres, seja porque elas não se interessam muito pelo tema, ou porque o feminismo é associado ao ativismo, ao Ocidente, ou até possui certa conotação negativa por não ser bem compreendido por algumas pessoas.

A outra pergunta sobre feminismo feita às atletas questionava se elas acreditavam que o movimento feminista havia conquistado mudanças positivas para as mulheres no Irã. Mesmo afirmando não serem feministas, as atletas declararam que o movimento havia conquistado mudanças e havia afetado positivamente a vida das mulheres. Para Elnaz, “o movimento já conquistou mudanças boas, mas os direitos ainda não mudaram completamente e nós precisamos agir mais”. As respostas das outras atletas também foram nesse sentido. Elas falavam que haviam conquistado mudanças, e que acreditavam que o movimento ainda alcançará muito mais, porém, sempre mencionavam que a luta das mulheres ainda estava longe de acabar, e que muitas mudanças ainda precisavam acontecer.

Mina e Layla comentaram sobre a conquista recente do movimento feminista no âmbito esportivo. No Irã, as mulheres não podem assistir a partidas de futebol masculino nos estádios, tanto pelos uniformes utilizados pelos jogadores, quanto pelo ambiente considerado moralmente impróprio para mulheres, já que as pessoas tendem a utilizar palavrado de baixo calão durante as partidas (CHEHABI, 2002, p. 395). Visto que o futebol é o esporte mais popular no país, as mulheres nunca se contentaram em ficar de fora do espetáculo. Desde a proibição, as iranianas se vestem de homens para entrar nos estádios disfarçadas, entram escondida com torcedores de times rivais, e já entraram em confronto com a polícia diversas vezes ao serem barradas de entrar nos jogos (SEDGHI, 2007). Há inclusive um filme que fala sobre o assunto, chamado *Offside*. O filme de 2006, do diretor Jafar Panahi, tem um grupo de torcedoras iranianas como protagonistas que tentam entrar no estádio Azadi vestidas como homens para assistir à partida do Irã contra o Bahrein pelas eliminatórias da Copa do Mundo. O filme demonstra de uma maneira leve e descontraída os meios pelos quais essas mulheres torcedoras negociam, resistem e se inserem nessa esfera esportiva dominada pelo masculino (TOFFOLETTI, 2014, p. 77).

Ao longo dos anos, diversas torcedoras entraram em confrontos por causa da proibição de mulheres em competições masculinas. Em março de 2019, uma torcedora iraniana chamada Sahar Khodayari foi presa após tentar entrar em um estádio de futebol vestida como um homem em Teerã. Em setembro do mesmo ano, quando foi ao tribunal para a sua audiência, Khodayari ateou fogo em seu próprio corpo, falecendo uma semana após o incidente. A sua morte levou a uma onda de protestos e pressão nacional e internacional para que o Irã passasse a permitir a entrada de mulheres em estádios (AL JAZEERA, 2019). Um mês depois do ocorrido, em outubro de 2019, a FIFA ordenou que o Irã permitisse a entrada de mulheres em partidas oficiais da federação. Assim, três mil e quinhentas mulheres puderam assistir à partida da seleção iraniana contra a seleção do Camboja pelas eliminatórias da Copa do Mundo de 2022.

As atletas entrevistadas Mina e Layla mencionaram essa permissão para as mulheres assistirem aos jogos da FIFA como uma das conquistas recentes do movimento feminista iraniano no âmbito esportivo. As duas atletas reforçaram a importância do movimento para pressionar a FIFA a ordenar que o Irã retirasse a proibição sob pena de suspensão da seleção iraniana. Entretanto, apesar de exaltar o importante papel do movimento feminista, Layla criticou a grande atenção dada ao *hijab*. A atleta do tiro acredita que há questões mais importantes a serem reivindicadas, e que a não obrigatoriedade do uso do *hijab* não deveria ser uma prioridade.

Ao longo da entrevista, as atletas foram questionadas sobre qual seria a sua religião e, no momento em que nós discutíamos sobre feminismo, eu as perguntava se elas acreditavam, assim como as feministas islâmicas, que uma reinterpretação da lei iraniana baseada nos preceitos de justiça e igualdade do Islã poderia ser positiva para as mulheres. Das onze entrevistadas, seis concordaram que deveria haver uma reinterpretação da lei islâmica, quatro deram respostas mais negativas, e uma afirmou que uma reinterpretação “talvez ajudasse” a situação das mulheres no país.

A maioria das atletas que participaram da entrevista afirmou que a sua religião era o Islã, às vezes especificando que era o Islã xiita, a mesma religião oficial do Estado. No entanto, duas atletas comentaram que em suas identidades estava escrito que sua religião era o Islã e que elas não poderiam mudar de religião se quisessem. Sara, jogadora de futebol, disse: “Na minha identidade diz que eu sou muçulmana; mas se eu puder falar de coração, eu não sei qual é a minha religião verdadeira!! [...] Nós não pudemos escolher ou mudar a nossa religião no Irã!! Por causa de nosso governo cruel!!!”. A ciclista Elaheh se pronunciou de maneira

similar, declarando que: “No Irã você não pode mudar sua religião se estiver escrito que você é muçulmana em sua certidão de nascimento quando você nasce. Então eu sou muçulmana”.

No geral, as atletas possuíam visões diferentes com relação à religião. Algumas atletas se mostravam mais religiosas, reforçando que ao contrário do que o Estado prega, o Islã é bom para as pessoas. Outras atletas já eram menos religiosas, demonstrando em alguns momentos um afastamento da religião, mas também comentando que o problema não era o Islã em si, mas sim o modo em que o governo se utilizava da religião para impor ações discriminatórias. Apenas uma atleta se colocou de maneira mais enfática contra o governo ser islâmico. Mesmo afirmando ser muçulmana, Elnaz se mostrou completamente contra a obrigatoriedade do uso do *hijab*, e afirmou que a religião não poderia melhorar os direitos das mulheres, e que apenas o estabelecimento de valores seculares humanitários poderia transformar o Irã de verdade.

Das atletas que concordam com uma reinterpretação da lei islâmica, Azadeh falou que “no Islã as mulheres são muito valorizadas, mas o governo não respeita isso. De acordo com o Alcorão, as mulheres também devem receber os mesmos direitos concedidos aos homens”. Ela ainda sugeriu que o Irã vem progredindo, e que os direitos estão cada vez mais igualitários. Para a atleta não há um conflito entre a prática esportiva por mulheres e a religião islâmica.

Em acordo com a visão de Azadeh, Kimiya, Maryam e Mina também defendem uma reinterpretação e consideram o Islã igualitário. Kimiya afirmou: “eu concordo que deveria haver uma nova interpretação da lei, porque o Islã não permite qualquer opressão às mulheres”. Já Mina declarou que o Alcorão “fala de igualdade entre homens e mulheres, e diz que todos são iguais e se distinguem a partir de suas boas ações. O governo interpretou as leis islâmicas de uma forma errada que discrimina as mulheres e eu concordo com uma reinterpretação justa do Islã”. Do mesmo modo, Maryam acredita que o regime iraniano deturpou a palavra divina, comentando que “o Islã é bom, mas apenas se usado de forma apropriada. Há algumas pessoas que fazem coisas em nome do Islã, mas que não representam o Islã verdadeiro”.

Layla, atleta do tiro, aproveitou a questão para tecer duras críticas ao governo e a sua associação ao termo islâmico:

No Islã não há coerção. O nosso país se intitula como um país islâmico, mas nada islâmico é observado pelo governo. Eles dizem que o Irã é uma República Islâmica, mas o fato é que é um governo militar. Nosso lema é independência e liberdade, mas isso é tudo o que nós não temos. [...] A lei ser islâmica ou secular não é o problema, mas sim quem impõe a lei. Por exemplo, na Constituição, protestar é um direito de

toda a população, mas eles não permitem, mesmo com coordenação e informação. Os direitos das mulheres estão inscritos na Constituição e na lei islâmica, mas eles não são implementados pelo governo. Um problema com a Constituição do Irã é o *hijab* compulsório para as mulheres, que não é obrigatório na lei islâmica para as mulheres.

A ciclista Parisa me contou que fez faculdade de teologia, pois tinha curiosidade de conhecer “a verdadeira religião do Islã”. Na universidade, a atleta percebeu que nenhuma religião é inerentemente ruim, e que o governo iraniano não representava o verdadeiro Islã. Sobre uma reinterpretação, Parisa afirmou que a lei deveria ser alterada para que nenhuma mulher sofresse qualquer abuso por seus maridos: “Em minha opinião, a maioria das leis no Irã é a favor dos homens, e as mulheres na sociedade têm menos direitos do que os homens. Conheço muitas mulheres que suportam as adversidades de seus maridos pelo resto da vida porque a lei não as apoia”. Ela ainda continuou, mencionando como na cultura iraniana antiga as mulheres eram muito respeitadas, mas que depois da Revolução de 1979, “as autoridades governamentais tentaram manter as mulheres em casa para que os homens sempre estivessem no poder. Eles sabem que as mulheres são muito poderosas, por isso estão sempre com medo de que elas ganhem poder”²⁸. Parisa ainda afirmou que tem um bom pressentimento sobre as verdadeiras leis islâmicas. Ela disse ser cética com relação a algumas crenças, mas que ela possui um desejo de corrigir crenças religiosas conservadoras e literais.

Conversar com Parisa foi muito interessante, pois pude relembrar diversas questões que havia estudado para a minha monografia na graduação. Por ter um diploma em teologia, a atleta falava de uma maneira muito racional sobre a religião, conseguindo ponderar sobre o que a religião de fato defendia, e como o Estado iraniano funcionava na prática. Parisa criticou a desigualdade de direitos no Irã, argumentando que mesmo sendo atletas profissionais ou trabalhando em outras áreas, as mulheres acabam sobrecarregadas com a dupla jornada, sendo responsáveis pelo cuidado do lar, dos filhos, e do marido. Ela ainda mencionou o preconceito que muitas famílias têm com suas filhas mulheres, e como a procriação é considerada o único valor e dever de uma mulher. Refletindo sobre a religião, Parisa condenou a visão de que as mulheres deveriam ficar restritas ao ambiente doméstico, e alegou que extremistas existem em qualquer religião, e que suas concepções não podem ser tidas como a religião verdadeira.

Durante minha monografia, consegui explorar mais a fundo a religião islâmica, abordando diversas questões essenciais para a compreensão do Islã. Um importante aiatolá foi

²⁸ Essa mesma reflexão pode ser constatada em Mernissi (2013).

Morteza Motahhari, que influenciou profundamente os ideais da Revolução em 1979, e foi responsável por formar e liderar o Conselho da Revolução Islâmica, que era encarregado de gerir a Revolução. Apesar da época em que viveu e de sua ligação com a Revolução, Motahhari era um homem coerente e moderado, defendendo a igualdade e justiça presentes no Islã. Segundo o filósofo e aiatolá, os homens eram obrigados a pagar o dote e uma pensão alimentícia às mulheres, isso porque, por mais que uma mulher trabalhe ou tenha boa condição financeira, ela não possui qualquer responsabilidade com sua família nesse sentido. A responsabilidade de prover para sua família é exclusiva do homem, e todos os bens que uma mulher tenha pertencem exclusivamente a ela.

Outra razão para a obrigatoriedade da pensão alimentícia por parte do marido é que, por determinação da natureza, a mulher é quem tem de suportar a dor, o sofrimento e o desgaste de energia inerente ao nascimento da geração seguinte. A este respeito, a função natural do homem é só um ato de prazer e nada mais. É a mulher quem suporta os incômodos da menstruação, quem carrega o fardo do período de gravidez e as indisposições próprias desse estado, é ela quem enfrenta as dificuldades do parto e os perigos decorrentes do mesmo, é ela quem amamenta e cuida da criança. Tudo o que acaba de ser dito esgota o vigor físico e nervoso da mulher, e mina a energia que ela teria gasto a trabalhar para ganhar dinheiro (MOTAHHARI, 2008, p. 202).

As mulheres não apenas possuem o direito de serem sustentadas por seus maridos e de receberem uma pensão para seus gastos pessoais, como também têm o direito de receber um salário por seu trabalho doméstico. Como já discutido em Moretão (2016, p. 66), uma versão revisada de 1991 da lei do divórcio estabeleceu que se o casamento não possuir um contrato de divisão de bens, o marido deve pagar a sua esposa o salário ou os salários equivalentes ao trabalho doméstico realizado durante o casamento. De acordo com Zahra Shoja'i, consultora de *Women's Affairs* de Khamenei, o Islã aprova esse salário, porque o “Islã não requer que as mulheres trabalhem em casa de graça. Uma mulher merece pagamento pelo trabalho doméstico” (SEDGHI, 2007, p. 231). Durante minha entrevista com Parisa, a ciclista também mencionou essas questões ao tratar da religião. Segundo ela, a lei islâmica é muito benéfica para as mulheres, já que inclui os direitos ao dote e à pensão. Parisa (Entrevista, 23/06/2020) comenta:

Conforme a lei islâmica, a mulher não tem qualquer obrigação de trabalhar fora de casa. A mulher também não tem o dever de criar um filho, sendo responsabilidade do pai de criar a criança. Uma mulher pode até receber dinheiro de seu marido para amamentar seu bebê, porque não é trabalho dela. A mulher também não tem o dever de fazer as tarefas domésticas e, se ela fizer isso em casa, poderá receber dinheiro do marido em troca. As crenças islâmicas afirmam que é melhor para a mulher

trabalhar em casa e para o homem fora de casa. Mas as mulheres não têm qualquer obrigação de fazer o trabalho doméstico.

É claro que na prática todos esses direitos são mais difíceis de serem cumpridos. Muitas mulheres nem possuem o conhecimento da lei, e os homens recebem diversos privilégios na sociedade patriarcal. Além disso, por mais que seja recomendado pelo Estado um cenário ideal onde as mulheres fiquem mais reclusas ao lar, a situação econômica do Irã faz com que, em primeiro lugar, os casais tenham mais dificuldade de casar, e, em segundo lugar, que as mulheres precisem trabalhar para ajudar com o sustento da família.

Outra ciclista que participou da entrevista, Elaheh, demonstrou um afastamento da religião. Ela foi uma das atletas que comentou que era muçulmana porque era o que sua identidade dizia. Quando eu a questionei sobre a religião no Irã, ela afirmou que não sabia falar muito sobre o assunto, que não era muito ligada na religião. Apesar disso, Elaheh comentou em mais de um momento que o problema do país não era a religião em si, mas o governo corrupto e autoritário. Ela declarou: “Não é um problema com a religião, mas nós temos uma cultura aqui que privilegia os homens”. Ela explicou também que a lei não necessariamente vale em todo lugar. Existe uma lei formal no papel, mas nas cidades menores ou mais religiosas, a polícia e o governo seguem o que eles acham que é correto baseado nas suas crenças conservadoras. Então, no caso dela, mesmo que seja permitido andar de bicicleta, em sua cidade ela corria risco de ser levada para a delegacia. Assim, ela defende mudanças na lei para que o país se torne mais justo e democrático, sem a corrupção que tanto prejudica as mulheres.

Apesar de possuírem visões divergentes sobre a religião, as atletas entrevistadas concordaram que as dificuldades enfrentadas por elas vinham do governo, e não da religião em si. Essas esportistas enfatizaram que não é o Islã que impede a prática esportiva feminina, mas sim os políticos e religiosos conservadores que tentam desencorajar as mulheres a partir de uma perspectiva discriminatória do que eles percebem como a religião. Algumas atletas ainda mencionaram que acreditam que a religião é justa e igualitária, que ela valoriza as mulheres e não as oprime. Para Hargreaves (2007, p. 88), os corpos das mulheres muçulmanas no esporte são vivenciados a partir de diferentes interpretações ideológicas do Islã, o que faz com que uma das barreiras para a sua participação esportiva seja a oposição de líderes islâmicos (nas mesquitas e no governo) que exercem o poder em diferentes comunidades.

Considerando as respostas das atletas entrevistadas, podemos verificar que nenhuma delas coloca as crenças religiosas como uma razão direta para a diferença de gênero nos esportes. No entanto, elas pontuaram alguns entendimentos culturais normativos de corpos femininos que podem ser influenciados pelas crenças religiosas, assim como levantaram a questão do *hijab* compulsório, que é uma lei estatal baseada na religião, ainda que muitos acadêmicos e mulheres muçulmanas do mundo inteiro acreditem que ele não seja prescrito como uma obrigação. É importante recordar que, além de ser a lei do Irã, para muitas mulheres muçulmanas, as crenças e valores religiosos dão sentido às maneiras como estruturam e levam suas vidas, assim, o Islã não pode ser ignorado ou deixado de lado nas discussões sobre a participação feminina na arena esportiva.

4. A CONSTRUÇÃO DO CORPO FEMININO

Como afirma Jung (1996, p. 4), os seres humanos muitas vezes subestimam o fato de o corpo ser o “nosso posicionamento, a nossa base no mundo”²⁹, fazendo parte tanto da esfera natural como social. Através do corpo estabelecemos relações sociais com o mundo, já que é por meio dele que nos tornamos visíveis e reconhecemos uns aos outros. Além de estabelecer relações sociais, o corpo também é influenciado e concebido por meio dessas relações. As relações sociais determinam a aparência e o comportamento esperado de um corpo em determinado momento e lugar. Quando pensamos em questões como raça, classe e gênero, percebemos também que as relações sociais diferenciam os corpos a partir dessas diferentes categorias. Os corpos são construídos, por exemplo, como femininos ou masculinos, sendo tipificados e hierarquizados através das relações sociais e de poder existentes em uma sociedade.

O corpo é um objeto de poder, podendo ser controlado, adestrado e moldado, tornando-se dócil e útil para a sociedade (FOUCAULT, 1999). A partir desse pensamento de Foucault e das discussões sobre a prática feminina de exercícios físicos, podemos pensar em como a padronização dos corpos femininos está ligada às normas e às relações de poder estabelecidas socialmente. O padrão esperado para o corpo feminino varia conforme o tempo e o lugar, porém, podemos afirmar que atualmente existe uma referência ocidental muito forte que se espalha por diferentes partes do mundo e estipula o corpo feminino ideal como magro e tonificado. Esse padrão é produzido e reproduzido através de diferentes meios, como a mídia, as indústrias relacionadas à estética corporal, e o próprio âmbito esportivo, que transmitem expectativas referentes à beleza de um corpo. As mulheres, por sua vez, são influenciadas e disciplinadas a acatar esse padrão estético, tendo como retorno privilégios e maior aceitação entre seus pares.

Segundo Foucault (1999, p. 207), através da disciplina, os corpos são comparados, diferenciados, hierarquizados, homogeneizados e excluídos. Ou seja, os corpos são normalizados. A partir da homogeneização, os indivíduos reconhecem um no outro qualidades físicas similares que proporcionam um sentimento de pertencimento e integração social. A estética corporal se torna uma maneira de reconhecer a si mesmo na sociedade. Ainda de acordo com Foucault (1999), as pessoas tendem a esconder seus defeitos e realçar suas qualidades físicas para se encaixar de maneira mais próxima ao padrão ideal, algo que

²⁹ JUNG, 1994, p. 4. Tradução livre da autora. Texto original: “the body is our placement, our foothold in the world”.

atualmente é exacerbado nas redes sociais e no uso de aplicativos de edição de fotos que reforçam padrões estéticos inalcançáveis.

Seguindo essa lógica, podemos concluir que o corpo não é uma entidade material, natural e autoevidente, mas sim, como sugere Judith Butler, uma construção social (SALIH, 2015, p. 42). Sendo assim, o corpo está sempre suscetível à normalização de Foucault e às hierarquias sociais que são estabelecidas – dentre outras categorias – pelo gênero. Goellner (2010, p. 74) explica que o corpo é educado por meio de um processo contínuo e meticuloso pela mídia, a medicina, a escola, a religião, e o esporte. Através da socialização, os corpos são instruídos sobre como devem se portar, sobre as práticas e comportamentos adequados, sobre higiene, saúde, e beleza. Os sujeitos precisam lidar constantemente com as recomendações e instruções sobre como devem ser, podendo sofrer constrangimentos caso não se encaixem nos padrões determinados pela sociedade.

Silvana Goellner (2008) também discorre sobre como o corpo nunca é apenas um corpo, ou seja, ele não é constituído apenas por elementos biológicos como ossos e músculos. O corpo é, do mesmo modo, resultado de seu entorno: das roupas utilizadas, de intervenções realizadas, do estilo do cabelo, dos sentidos a ele incorporado, dos seus gestos, das suas crenças, e de outros diversos fatores externos. Como a autora explica, não é a biologia que define um corpo, mas sim “os significados culturais e sociais que a ele se atribuem” (GOELLNER, 2008, p. 28). O corpo faz parte da sociedade onde vive, e portanto, não pode existir independentemente do tempo, do espaço, da cultura, ou de condições sociais, econômicas, étnicas, e religiosas. Desta forma, os estudos feministas se tornam extremamente importantes na compreensão dos corpos, que são reconhecidos apenas enquanto corpos “generificados” (ADELMAN, 2003, p. 449).

O mundo dos esportes é muito interessante para pensar essas relações, uma vez que os corpos masculinos são percebidos como fortes e agressivos de maneira geral, enquanto os corpos femininos são normalmente associados à fragilidade e à passividade. Contudo, na arena esportiva, os corpos femininos entram em conflito com essa noção a partir do momento em que precisam ser fortes, ágeis, e competitivos. Ao mesmo tempo, ainda há claramente uma expectativa de gênero produzida sobre o corpo feminino, que se deve manter magro e não excessivamente musculoso, mantendo certa delicadeza.

O âmbito esportivo produz e reproduz normas generificadas de aparência e conduta, sendo uma das maiores fontes de afirmação da masculinidade hegemônica. Para Dunning e Maguire (1997, p. 321), os esportes e os contextos esportivos são “lugares socialmente aceitos para o ensino, a expressão e a perpetuação dos *habitus* (ou maneiras de ser), das identidades,

do comportamento e dos ideais masculinos”. Os autores dissertam sobre o espaço marginalizado ocupado pelas mulheres nos esportes, algo vinculado à construção social da feminilidade e da imagem das mulheres como biologicamente mais fracas e com desempenho físico inferior aos homens. Mesmo ocupando os espaços tradicionalmente masculinos, como os esportes, as mulheres ainda sofrem com os padrões de feminilidade e heteronormatividade impostos pela sociedade. A partir dos estudos feministas, no entanto, podemos perceber que as justificativas normalmente associadas à natureza ou biologia feminina se revelam falsas, dado que o corpo é um produto de socialização constante, ou de uma “*repetição estilizada de atos*” (BUTLER, 1988, p. 519, grifo da autora), que impõe padrões de comportamento e aparência física.

Os estudos de gênero são de grande importância para a compreensão das relações sociais e de poder ao redor do corpo. Segundo Thomas Laqueur (2001, p. 19), na época pré-Iluminista havia um “modelo de sexo único”, onde “ser homem ou mulher era manter uma posição social, um lugar na sociedade, assumir um papel cultural, não ser organicamente um ou outro de dois sexos incomensuráveis”. O autor sugere que antes do século XVII, sexo era uma categoria sociológica e não ontológica. Entretanto, a partir do século XVIII, a visão determinista biológica ocidental de homens e mulheres como dois sexos opostos se tornou o discurso dominante. Como demonstra Elizabeth Grosz (1998, p. 124), essa diferenciação se traduz “*não* na base da diferença (saussuriana ‘pura’), mas em termos de oposição ou distinção dicotômica; não, isto é, como contrários (‘A’ e ‘B’), mas como contraditórios (‘A’ e ‘não-A’).” Portanto, o homem seria o completo, o normativo, enquanto a mulher não é apenas a diferente, mas a inferior, a partir da ausência do normativo.

Esse binarismo cria uma relação hierárquica entre o masculino (universal) e o feminino (Outro). Como analisa Sherry B. Ortner (1979), a mulher normalmente é associada à natureza, enquanto o homem é associado à cultura. A autora explica que a cultura transcende as condições naturais e as transforma para seus propósitos, sendo assim superior à natureza. Susan Bordo (2000, p. 11) explica como Simone de Beauvoir distingue no mundo social os homens ocidentais, que são “aqueles que ocupam a posição não específica do ‘essencial’, do universal, do humano”, e o Outro, que são “aqueles que são definidos, reduzidos e marcados por sua diferença (sexual, racial, religiosa) em relação à norma”. Para Beauvoir (2011, p. 193), toda a representação do mundo é produto dos homens, que o descrevem de seu próprio ponto de vista e confundem a sua percepção com a verdade absoluta. Deste modo, todo o ponto de vista do Outro é colocado em uma categoria da diferença, do particular, e do periférico.

Bordo comenta que o viés masculinista representa o conhecimento “legítimo”, ou seja, livre de subjetividade e parcialidade. Deste modo, quando homens discorrem sobre algum assunto, como quando Foucault fala sobre a disciplina do corpo requerido no treinamento de um soldado, isso é lido como um discurso neutro em relação ao gênero. Contudo, quando uma mulher discorre sobre algum assunto, como o corpo, o trabalho dela é lido como tendo implicações somente para mulheres. Segundo a autora, “o corpo masculino torna-se o próprio Corpo enquanto o corpo feminino permanece marcado por suas diferenças” (BORDO, 2000, p. 15).

Como podemos perceber, a oposição e hierarquização entre o feminino e o masculino resultam em consequências práticas na sociedade, como a noção de que os homens pertencem ao domínio público, onde características como a racionalidade e a objetividade são valorizadas, enquanto as mulheres pertencem ao privado, e são caracterizadas como emotivas e subjetivas. Ademais, como lembra Ortner (1979, p. 110), as atividades femininas tendem a ser desvalorizadas e confinadas ao âmbito doméstico, como na questão da culinária ou educação. Enquanto essas mesmas atividades, quando praticadas por homens, são fontes de admiração e realização financeira. Em função disso, profissões como chef de cozinha ou professor universitário acabam dispondo de mais homens em posições de maior renome do que mulheres.

Assim como as diferentes esferas da sociedade – desde as ciências até as artes – foram influenciadas pela dicotomia natureza/cultura, o mesmo pode ser observado no mundo esportivo, onde também há uma marginalização das experiências femininas. A história demonstra como as mulheres se esforçaram para combater os significados biológicos atribuídos ao seu corpo para poderem participar de atividades esportivas como lazer, como disciplina da educação, ou de maneira profissional. Como aponta Hargreaves (2003, p. 7), a história da sociologia do esporte reflete o longo histórico da dominação masculina do discurso acadêmico e dos esportes modernos.

Os esportes foram e são comumente associados a características tradicionalmente vinculadas ao masculino, como a força, a velocidade, a agressividade, e a competitividade. As características que demarcam o feminino, como a delicadeza e a docilidade, são comumente utilizadas para desqualificar a participação de mulheres na arena esportiva, que teriam habilidades naturalmente inferiores aos homens. Um ponto comentado por Knijnik e Souza (2007, p. 39) é que esportes que necessitam de competências como a flexibilidade, o equilíbrio ou a graça são não apenas associados às mulheres, como também ficam em segundo plano, já que não representam “esportes de verdade”. Assim como, ressaltam os autores, as

performances e os corpos dos homens são estabelecidos como o padrão e a meta para a medição de todas as conquistas esportivas, ao passo que as mulheres acabam servindo como uma referência negativa. Para Hargreaves (2003, p. 7), essas crenças fazem com que seja muito difícil transcender as suposições tradicionais que afirmam que as diferenças entre os sexos são biológicas e não culturais, que alegam a existência de esportes apropriados para homens e mulheres especificamente, e que sugerem que a superioridade esportiva masculina seja algo “natural”.

Os estudos feministas de gênero vêm para quebrar esses pressupostos vigentes no âmbito esportivo, demonstrando a relevância do meio social na construção da feminilidade e da masculinidade, e na imposição de limites às capacidades atléticas femininas. Da mesma forma, o feminismo percebe a esfera esportiva como um espaço político de resistência, onde as relações de gênero entram em conflito e as mulheres reivindicam sua condição de sujeito (GOELLNER, 2013, p. 49).

A utilização do gênero como categoria de análise é muito importante para a análise esportiva, já que “o gênero é um campo primário no interior do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado” (SCOTT, 1995, p. 88). Ademais, como demonstra Goellner (2007, p. 3), é através da “lente de gênero” que podemos perceber como as diferenças biológicas são utilizadas para fundamentar desigualdades sociais que na realidade são um produto da própria sociedade e de suas relações de poder.

4.1 Corpo, sexualidade e esportes no Irã

Além de pensar o corpo como resultado de fatores externos, como o tempo e espaço onde vive, e as relações de cultura e poder que agem sobre ele em determinado contexto, uma especificidade do corpo feminino é que ele tem sido utilizado historicamente por Estados em seus projetos políticos (RAHBARI et al., 2019b). Desde a colonização do Oriente Médio no século XIX por países europeus, o corpo das mulheres muçulmanas tem sido utilizado tanto por países ocidentais quanto por seus próprios países como símbolo de opressão e de liberdade, com o objetivo de promover agendas políticas. As colonizações do Egito e da Argélia pela Inglaterra e França, respectivamente, demonstraram claramente como as mulheres muçulmanas foram eleitas pelos colonizadores como os maiores símbolos do atraso e da barbárie dos países africanos. Líderes ingleses e franceses se referiam ao *hijab* e às vestimentas islâmicas como provas da opressão sofrida pelas mulheres locais, ainda que as

mulheres de seus próprios países estivessem lutando pelo sufrágio feminino e pela igualdade de gênero.

No Egito, Lorde Cromer (cônsul-geral inglês), foi defensor da “elevação” dos egípcios através da retirada do véu das mulheres, ao mesmo tempo em que foi o responsável por restringir e dificultar a educação das egípcias, se posicionando contra a formação de mulheres na medicina. Leila Ahmed (1992, p. 153) recorda que enquanto ele defendia um discurso de libertação das mulheres no Egito, alegando que os egípcios eram atrasados por seu tratamento com relação às mulheres, na Inglaterra ele foi um dos fundadores e chegou a ser presidente da “*Men’s League for Opposing Women’s Suffrage*”. Além disso, na Inglaterra, os homens da elite apontavam para as mulheres egípcias e defendiam seus direitos como uma forma de distrair as mulheres britânicas de suas próprias reivindicações. O mesmo acontecia na Argélia durante a ocupação francesa, quando os europeus retiravam o véu das argelinas em cerimônias públicas para “libertá-las”, enquanto se opunham a libertação das mulheres francesas.

Na época da colonização, os homens da elite egípcia também passaram a defender a “libertação” das mulheres de suas vestimentas islâmicas. Esses homens não acreditavam que seu país poderia ser moderno sem que as mulheres fossem levadas em consideração pelo Estado. No entanto, essa percepção vinha de uma crença no discurso colonialista de que seus países eram atrasados e de uma tentativa de se enquadrar na modernidade. Como Houria Bouteldja (2017, p. 3) argumenta, os homens defendiam uma “libertação” das mulheres porque queriam ser mais parecidos com os colonizadores, queriam ser aceitos pela elite branca, não porque acreditavam de fato na igualdade de gênero. Seus objetivos não tinham em mente as mulheres, uma vez que eles não abdicariam seus privilégios voluntariamente. O mesmo ocorreu no Irã, principalmente no início do século XX, quando o país tentava se tornar moderno e os homens da elite acreditavam que as mulheres deveriam retirar seus véus, ao mesmo tempo em que se opunham a igualdade jurídica para elas.

Como delineado por Foucault (1988) a partir da noção de biopolítica, os Estados utilizam diferentes formas de regulação e de tecnologias disciplinares para controlar os corpos e as populações. Esse controle dos corpos também é realizado através de discursos políticos que visam a construção das nações e o nacionalismo. Rahbari et al. (2019b, p. 1417) explica que apesar de Foucault não ter especificado de que maneira os corpos femininos são controlados por projetos nacionalistas, a sua análise do corpo e da sexualidade como loci de poder tem sido usada pelas feministas contemporâneas para refletir as complexas relações entre gênero e poder. Yuval-Davis (1993, p. 622) discute diferentes teorias sobre o

nacionalismo e a construção das identidades nacionais, mencionando, por exemplo, a reprodução de um discurso de uma “era de ouro nacional”, onde se busca um retorno a um passado (mítico ou histórico), cuja reconstituição se torna a base para as aspirações nacionalistas. A autora também reflete sobre as relações entre gênero e nação, argumentando a importância da mulher no discurso nacionalista que exalta o homem com atributos ligados à força e ao poder, enquanto à mulher são atribuídas qualidades de maternidade e reprodução da herança étnica, cultural e nacional. Yuval-Davis (1993, p. 627) ainda sugere que as mulheres são percebidas como “guardas de fronteira” simbólicos que estão relacionados a códigos culturais particulares de vestimentas e comportamentos, assim como a conjuntos de costumes mais elaborados.

As discussões promovidas por Yuval-Davis (1993) podem ser percebidas na prática no Irã. Desde o início do século XX, o corpo feminino passou a ocupar uma posição de protagonismo na agenda política nacional, especialmente nos projetos políticos de modernização e revolução cultural (RAHBARI et al., 2019b, p. 1418). Seguindo a onda secular turca, Reza Xá defendia que o Irã só se tornaria um Estado moderno a partir da ocidentalização dos costumes e da melhoria nos direitos das mulheres. O monarca iraniano decretou a proibição do uso do *hijab* por mulheres, alterou seu próprio nome para Pahlavi com o intuito de “reviver” a herança persa antiga, e tentou afastar o país de sua cultura islâmica (MORETÃO, 2016). Para Rahbari et al. (2019b), Reza Xá tinha como objetivo fortalecer a identidade iraniana com base em uma noção nacionalista secular do passado iraniano, negando a identidade baseada na religião. Para tanto, Rahbari et al. mencionam a importância do papel da mulher iraniana para o xá como símbolo da modernidade e secularidade do país. As imagens das mulheres, agora sem o *hijab*, viraram a propaganda do governo para demonstrar como o Irã era progressista.

É impressionante pensar como até os dias de hoje, no século XXI, essas mesmas imagens de mulheres iranianas antes da Revolução de 1979 são utilizadas pela mídia ocidental como prova de um retrocesso iraniano. Um passado onde as mulheres eram “livres” por poderem utilizar minissaias é exaltado, sem levar em consideração a maioria da população feminina que vivia na miséria e não frequentava espaços públicos por estes não serem islamicamente apropriados. Da mesma forma em que divulgam imagens de mulheres “livres” e sorrindo nos anos 1970, essas mesmas agências de notícias divulgam imagens atuais de mulheres iranianas apenas vestindo xadores e roupas pretas, em fotografias onde se encontram com semblante triste, ignorando a multiplicidade de cores e experiências vividas no Irã.

Após a Revolução de 1979, as mulheres continuaram sendo utilizadas pelo regime iraniano como símbolos da agenda política e do nacionalismo, porém, com um papel inverso. Ao invés de representarem a modernidade e secularismo do país, as mulheres viraram as representantes da religião, da modéstia e da esfera doméstica. As iranianas ganharam um simbolismo, se tornaram as representantes da Revolução, e um antigo lema voltou a ser proferido: "a mulher representa a castidade da sociedade" (SEDGHI, 2007, p. 201). Assim como Yuval-Davis (1993) se refere às mulheres como as guardiãs da fronteira, Sedghi (2007, p. 209) afirma que a nova mulher muçulmana adquiriu novas responsabilidades: "ela se tornou a guardiã da religião, do Estado e da sociedade, todos os quais requeriam o uso do véu ou do *hijab*, e ela simbolizava o nacionalismo e o ethos antiocidente".

Seja através do discurso ocidental ou através do discurso nacional islâmico iraniano, os corpos das mulheres muçulmanas acabaram sendo utilizados para promover interesses políticos, passando a representar símbolos de liberdade e opressão, de nacionalismo ou imperialismo. As mulheres sem véu representam a liberdade, enquanto as mulheres com véu simbolizam a opressão. Dentro do Irã, o inverso pode ser percebido. As iranianas são exaltadas como mulheres livres e modestas, que possuem valor para a sociedade e podem se desenvolver nos âmbitos científico e espiritual, enquanto as mulheres ocidentais são oprimidas pelo modo de vida capitalista, são um símbolo do consumismo, tendo seus corpos apresentados na mídia e na publicidade como uma ferramenta para o prazer masculino.

Além de pensar nesses corpos como instrumentos de poder, é importante ter em mente que os corpos são tanto inscritos pela cultura como veículos da cultura, o que significa que, querendo ou não, os valores sociais e religiosos são incorporados e legitimam a aparência, as ações e os comportamentos das populações (DAGKAS et al., 2011). Os valores culturais de uma sociedade também influenciam na construção de corpos masculinos e femininos ao longo da vida. Em processos de socialização, os indivíduos adquirem identidades feminina e masculina de acordo com os arranjos de gênero prevalecentes, sendo direcionados para comportamentos e aparências relativos aos seus gêneros específicos. A sociedade iraniana possui, de maneira geral, uma forte divisão entre o que se espera de um homem e de uma mulher. Segundo Rahbari (2017, p. 25), no Irã há uma ênfase cultural nos valores femininos, como virgindade e castidade, por exemplo. Esses ideais são propagados pelo governo e pelos líderes religiosos como diretrizes do Islã, ainda que alguns líderes religiosos e estudiosos discordem dessa visão dicotômica entre os sexos.

No âmbito esportivo, essas definições de gênero são reproduzidas, uma vez que elas são desenvolvidas no contexto das relações e espaços culturais. As atividades físicas estão

entrelaçadas com as estruturas, normas e ideais de uma sociedade, refletindo sempre a ordem e a hierarquia de gênero dessa sociedade (RAHBARI, 2017). Hargreaves (2003, p. 149) ressalta como as vivências esportivas das crianças são influenciadas pelos princípios de gênero, e como as crianças aprendem, mesmo indiretamente, que certas atividades são mais apropriadas para meninas enquanto outras são indicadas aos meninos. Esportes que enfatizam equilíbrio, flexibilidade e graciosidade são geralmente associados ao feminino, e países como o Irã tendem a incentivar mais a prática desses esportes na educação física de meninas (SAADATIFARD et al., 2019). Ademais, no Irã, por mais que as meninas tenham aulas de educação física nas escolas, pesquisas apontam que após os anos escolares as mulheres deixam de praticar atividades físicas por diversos fatores, sendo um deles o fator sociocultural, já que a sociedade e as famílias muitas vezes preferem que as mulheres não pratiquem exercícios físicos em público (por uma questão moral religiosa conservadora) e porque os esportes ainda são vistos como uma arena masculina (MIRSAFIAN et al., 2014; RAHBARI, 2017; SAADATIFARD et al., 2019). Para Goellner (2007, p. 4), ao determinar traços biológicos como determinantes de atividades apropriadas para mulheres, discursos como esses “operam como mecanismos de exclusão e inclusão em diferentes modalidades esportivas, posicionam as mulheres, e demarcam seus espaços de sociabilidade”.

Ainda relativo ao corpo feminino e às expectativas relacionadas ao gênero, os estereótipos de feminilidade se apresentam como um grande obstáculo para a entrada de meninas e mulheres iranianas na esfera esportiva (MIRSAFIAN et al., 2014; RAHBARI, 2017). A feminilidade é um conceito socialmente construído que determina a aparência e o comportamento das mulheres (BORDO, 1993). Como demonstra Krane (2004, p. 316), a feminilidade muda de acordo com o tempo e o lugar, podendo haver ainda diferentes percepções relacionadas à raça e orientação sexual. Ainda que existam diversas feminilidades, Krane aponta para a existência de uma feminilidade hegemônica ocidental, construída a partir de um ideal branco, heterossexual e de classes mais altas. Essa feminilidade hegemônica é responsável pela determinação do corpo feminino ideal como “magro e tonificado”, além de também estabelecer padrões de vestimenta, de comportamento, e de valores para as mulheres.

Através de mecanismos sociais – como a representação da imagem feminina na televisão, nos editoriais de moda e nas redes sociais –, os ideais de feminilidade são construídos e reproduzidos. Esses estereótipos são, então, incorporados pelas mulheres, que entendem que seu comportamento e aparência podem ser aceitos e admirados a partir do cumprimento de padrões femininos. Silvana Goellner (2013, p. 48) percebe esse processo

também dentro da esfera esportiva, já que os esportes são igualmente fontes de produção e reprodução de masculinidades e feminilidades.

Apesar de existirem diferentes formas de feminidade ao redor do mundo, a cultura globalizada e as novas tecnologias de informação tornaram certos padrões mundiais, os quais Krane (2004) chama de feminilidade hegemônica ocidental. No Irã, existe mais de uma forma de expectativa com relação aos papéis de gênero e à feminilidade. Por um lado, temos o discurso religioso conservador do governo, que reflete a opinião de uma grande parcela da sociedade (que também é religiosa e mais conservadora), e que acredita que as mulheres devem seguir um padrão de comportamento e aparência baseado na modéstia, mantendo sua castidade, e cumprindo um papel domiciliar de mãe e esposa. Por outro lado, temos uma parcela da população mais liberal, que pode ser religiosa ou não, e que normalmente vem de camadas sociais mais altas. Esses indivíduos muitas vezes pautam seus ideais de comportamento e beleza em padrões ocidentais, valorizando mais uma estética magra, defendendo o uso de maquiagem, e realizando procedimentos estéticos, aspectos que são vistos como uma degradação da moral e dos bons costumes por conservadores religiosos.

Entrando mais a fundo na questão da aparência das mulheres no Irã, é importante ter conhecimento das leis referentes às vestimentas. Desde a Revolução de 1979, qualquer mulher em território iraniano deve cobrir seu corpo quase completamente e deve usar um véu sobre os cabelos, ainda que este seja solto e deixe parte dos cabelos à mostra. O código de vestimentas iraniano deve ser obedecido por homens e mulheres. No entanto, apesar de a religião estipular que os homens devem cobrir seus corpos da parte que vai do umbigo até o joelho com roupas largas, não há uma lei que determine exatamente o que um homem deve vestir, assim como não há punições para eles. Os homens podem, por exemplo, utilizar jeans justos e praticar esportes de bermudas e roupas curtas sem qualquer problema (PFISTER, 2003). No que diz respeito às mulheres, há uma lei específica que torna o uso do *hijab* compulsório, com punições em casos de desvio da lei³⁰. A regra afirma que as mulheres devem, sempre que estiverem em público, cobrir a maior parte do corpo, inclusive seus cabelos. As mulheres mais liberais ou ocidentalizadas utilizam o véu quase caindo, deixando grande parte dos cabelos à mostra (Figura 6). Essa é uma maneira utilizada pelas iranianas

³⁰ O artigo 638 do Código Penal diz: “Quem violar explicitamente qualquer tabu religioso em público, além de ser punido pelo ato, também deve ser preso de dez dias a dois meses, ou deve ser açoitado (74 chicotadas). Nota: as mulheres que aparecem em público sem um *hijab* adequado devem ser presas de dez dias a dois meses ou pagar uma multa de 50.000 a 500.000 rial”. Na prática, as mulheres só são presas ou enfrentam penalidades caso estejam protestando. Se uma mulher deixa seu véu cair ou o tira em algum momento e algum oficial percebe, normalmente a mulher é apenas repreendida ou levada até uma delegacia, mas não recebe multa em dinheiro nem vai presa.

para demonstrar seu descontentamento com o regime e com as leis. As atletas às vezes encontram outras maneiras de cobrir seus cabelos, utilizando bonés (Figura 7), capuzes de moletons ou casacos de frio, e toucas.



Figura 6: Atletista iraniana usando um véu amarelo
Fonte: Instagram / 2020



Figura 7: Atletas iranianas usando boné
Fonte: Instagram / 2020

Outras partes do corpo feminino que devem se manter cobertas são: o colo, os ombros, a parte dos braços até o cotovelo, a barriga, e as pernas até quase o final da canela (é possível usar roupas que mostrem um pouco das canelas). As regras valem tanto para quem vive no Irã, quanto para quem está apenas visitando³¹. A partir dessas delimitações, as iranianas buscam diferentes maneiras de se expressarem através de suas roupas e acessórios. Há mulheres mais religiosas, que se cobrem de forma mais modesta e seguem os códigos estipulados com maior rigor, porém, há também mulheres que estilizam as normas, utilizando roupas que se encaixam no ideal do Estado, mas que têm uma tendência mais *fashion*. Há ainda mulheres que utilizam diferentes estilos, muito ligados a modas ocidentais. A moda iraniana também varia de acordo com a idade. Analisando diferentes perfis no Instagram, podemos notar adolescentes com camisetas ou moletons largos e calças jeans justas, enquanto mulheres entre os vinte e quarenta anos de idade se vestem de maneira mais elegante. As blogueiras de moda normalmente se vestem de maneira muito *fashion* em público, mas sempre respeitando a lei, enquanto em suas vidas privadas às vezes aproveitam para se vestir

³¹ Há relatos em blogs de viagem de brasileiras que saíram com roupas que não cobriam as pernas como exigido, elas explicam que policiais as abordaram e pediram para retornar aos seus hotéis para trocar de roupa. Segundo esses relatos, os policiais não as ameaçaram ou as trataram mal, apenas explicaram a situação e pediram sua colaboração.

de maneira completamente ocidental e publicam fotos onde não cobrem os cabelos e não seguem os requisitos determinados pela lei iraniana. Abaixo, podemos analisar algumas imagens de mulheres que vivem na capital Teerã.



Figura 8: Exemplos de moda em Teerã
Fonte: Instagram / 2020



Figura 9: Adolescentes em Teerã em vídeo publicado no Instagram.
Fonte: Instagram / 2020



Figura 10: Diferentes estilos de jovens em Teerã
Fonte: Grigvovan / 2017.

O governo iraniano muitas vezes desaprova as escolhas de estilo das iranianas. Há denúncias de mulheres que são paradas pela polícia ou que são assediadas por outros cidadãos iranianos pelas roupas que usam, no entanto, a moda se torna mais variada a cada ano, e muitas mulheres defendem o seu direito de se expressar através de suas roupas. Em junho de 2020, a página do Facebook *My Stealthy Freedom* (2020) publicou uma matéria onde explicava que o chefe de polícia de Teerã, Nader Moradi, declarou que com a chegada do verão muitas marcas de roupas e mulheres não seguiam as regras de vestimenta à risca,

utilizando roupas com tecidos transparentes (Figura 11) e inapropriadas para a cultura iraniana e islâmica.



Figura 11: Mulher iraniana utilizando um casaco com transparência.
Fonte: My Stealthy Freedom / 2020

As regras sobre o uso de roupas específicas pela população do sexo feminino pode gerar certa surpresa quando pensamos na diferença para meninas e para mulheres adultas. Seguindo a *shari'a*, a lei iraniana determina que as meninas precisam cumprir seus deveres islâmicos a partir dos nove anos de idade, enquanto os meninos só precisam cumprir seus deveres a partir dos quinze anos. Isso significa que a partir dos nove anos as meninas já precisam começar a utilizar o *hijab* e a cumprir outros deveres, como as cinco orações diárias e o jejum durante o Ramadã (BROOKS, 1995, p. 101). Como poderá ser percebido ao longo da leitura deste trabalho, no Irã, existem muitas leis escritas que não valem literalmente na prática. Desta forma, as meninas não necessariamente precisam utilizar vestimentas islâmicas a partir dessa idade. De acordo com os próprios iranianos e com estrangeiros que vivem no país, as meninas só passam a usar o *hijab* em público quando entram na puberdade e começam a desenvolver características corporais de mulheres adultas. Por exemplo, se uma menina tem nove anos e é mais alta, ou se parece mais velha, ela deve usar o *hijab*, porém, se uma menina de onze anos for pequena e tiver características físicas mais infantis, não precisa usar o *hijab*. Mas quem define isso? A própria família e a sociedade. Algumas meninas podem começar a sofrer agressões verbais nas ruas de indivíduos conservadores (ainda que essa seja uma exceção, e a maioria da população iraniana não se importe com as roupas que uma menina usa). Com a idade, todas as meninas vão passando a usar o *hijab*, então já vai se criando também um costume entre os grupos de meninas e adolescentes.

Até a idade de usar as vestimentas islâmicas, as meninas iranianas podem se vestir como qualquer menina que vemos na Europa ou no próprio Brasil. Como referência, podemos observar a foto da filha de um atleta iraniano publicada em seu Instagram (Figura 12). Nas escolas há regras diferentes dependendo da localização. Algumas cidades mais religiosas já cobram o uso de vestimentas islâmicas desde o primeiro ano escolar, enquanto outras cidades e escolas exigem o *hijab* apenas com nove anos, ou até mais tarde. O governo iraniano estabelece que as meninas não precisam usar o *hijab* em escolas completamente segregadas (sem qualquer funcionário homem) e que tenham muros altos onde não se possa observar as meninas pelo lado de fora.



Figura 12: Filha de um atleta iraniano em Shiraz.
Fonte: Instagram / 2020.

Para as mulheres adultas, o véu pode significar muitas vezes uma forma de opressão estatal, já que ele representa uma forma de controle dos corpos femininos. As regras para a vestimenta feminina são as mesmas desde a Revolução, porém, dependendo do presidente e do governo no poder, a cobrança se torna mais leve ou mais dura. Um dos órgãos de controle do país é a polícia moral, que foi criada logo após a Revolução e é formada por guardas revolucionárias mulheres que visam o controle e a repressão de comportamentos sociais impróprios. Essa polícia tem como principais alvos mulheres com roupas consideradas impróprias ou com o véu mal colocado, e comportamentos inadequados entre os sexos (SEDGHI, 2007, p. 216). A ação dessa polícia normalmente envolve levar as mulheres com roupas indevidas para a delegacia, onde são repreendidas por um delegado, e onde é chamado algum familiar para levar roupas apropriadas à delegacia, caso seja necessário (ADGHIRNI, 2012).

De acordo com Adghirni (2012), a abordagem das agentes é auxiliada por policiais homens armados, que acompanham a van utilizada pela polícia moral. As agentes precisam de apoio, porque às vezes não conseguem enfrentar sozinhas os eventuais ataques por parte dos cidadãos indignados que tentam livrar as mulheres iranianas de embarcar na van. Essa ação conjunta por parte da população é muito comum em relatos de estrangeiras e dos próprios canais de notícia iranianos, como a página no Facebook *My Stealthy Freedom*. Apesar de o Estado iraniano ser conservador e comumente autoritário, a população iraniana é conhecida por ser simpática, educada, e por defender outros cidadãos de ações estatais violentas. Grande parte da população não compactua com as ações e violações de direitos por parte do Estado e de suas agências de segurança pública.

Como comentado acima, o controle do Estado depende em parte do governo em vigor. Em governos liberais, como o do presidente Khatami (1997-2005), as mulheres usavam roupas mais coloridas e menos conservadoras, enquanto em governos conservadores como o de Ahmadinejad (2005-2013) há uma maior repressão e rigidez nas regras. Atualmente, com o governo Rouhani (2013-) há novamente uma maior liberdade para as mulheres, que pode ser observada também através de suas vestimentas. Logo após a Revolução, o Irã quis se afastar completamente do Ocidente, banindo tudo que fizesse referência, principalmente, aos Estados Unidos. Usar roupas como calças e jaquetas jeans, passar maquiagem, ou portar um walkman eram consideradas atitudes ocidentais, e por isso também eram utilizados como forma de protesto por mulheres nos anos 1980. Atualmente, com o avanço da globalização e das tecnologias de informação, se torna cada vez mais difícil fazer com que o país viva em uma cultura isolada, assim, além das vestimentas terem sido flexibilizadas (usar calças jeans já não é mais um problema), podemos observar também um crescimento dos esportes femininos, por exemplo.

O próprio desenvolvimento dos esportes femininos teve uma forte ligação com as vestimentas aprovadas no Irã. Em um primeiro momento os esportes foram banidos por causa das roupas e da segregação de gênero, porém, a partir da resistência das mulheres, insistindo em praticar esportes e adaptar seus uniformes, o Estado foi aos poucos permitindo a volta de campeonatos nacionais e internacionais. Atualmente, os uniformes das atletas não necessariamente condizem com as crenças dos religiosos conservadores, já que os uniformes do ciclismo e do atletismo, por exemplo, são justos e ressaltam as formas dos corpos das atletas. Mesmo com as dificuldades impostas, as iranianas conseguiram se impor e abrir um espaço que não existia para mulheres, e que ainda não existe completamente em outros países muçulmanos mais conservadores. O fato de as iranianas conseguirem competir em eventos

internacionais demonstra para as outras meninas e mulheres do país que é, sim, possível mudar certas regras, progredir, e conquistar âmbitos antes proibidos. A participação feminina nos esportes ainda ajuda a transformar a mentalidade da população mais conservadora, que vai aos poucos admirando e apoiando as atletas.

Enquanto nos ambientes públicos e nas competições as atletas precisam utilizar uniformes islâmicos aprovadas pelo Estado, em academias exclusivamente femininas e clubes esportivos os códigos de vestimenta oficiais são deixados de lado. Nas montanhas onde se pratica esqui ou em clubes de equitação, por exemplo, os ambientes são mistos e os códigos de vestimenta são abertamente violados. Em ambos os casos o governo iraniano possui conhecimento das violações, mas escolhe ignorar o que acontece nesses ambientes por serem espaços elitizados. Para Rahbari (2017, p. 26), as cavaleiras dos clubes de equitação do Irã desfrutam de liberdade na escolha de roupas, o que faz com que elas sintam uma sensação de liberdade ao praticar o esporte.

As vestimentas no Irã vêm se tornando mais liberais desde a década de 1980 (quando havia uma maior repressão do Estado), dentre outras razões, pelo avanço da globalização e da moda ocidental. Além das vestimentas, o comportamento das iranianas com relação aos ideais de beleza também se transformaram. Novos procedimentos estéticos surgem todos os dias, assim como novos aplicativos de edição de fotos, que prometem “consertar” tudo o que o público feminino pode perceber como “inadequado” em suas aparências. Novas dietas e novos exercícios físicos se unem a tais procedimentos, em um movimento que parece deixar cada vez mais longe a linha de chegada para o “corpo perfeito”.

Segundo Pfister (2006), o ideal de um corpo esguio é difundido no Irã, assim como em todos os lugares ao redor do mundo. A autora menciona uma conferência em 1999 sobre os esportes femininos em Teerã, onde muitos palestrantes enfatizaram a importância da atividade física para adquirir uma boa forma física. Festle (1996, p. 269) aponta para uma tendência *fitness* que promove uma alimentação saudável, a prática regular de exercícios, enquanto Hargreaves (2003, p. 159) ressalta, além disso, as tendências de depilação, maquiagem, tinturas de cabelo, e cirurgia plástica, que reforçam um padrão estético para o corpo feminino que reproduz um sistema heterossexual dominante, que também permeia o mundo esportivo. Para Bordo (1993, p. 186) a preocupação com gordura, dieta e magreza pode funcionar como “um dos mecanismos mais poderosos de normalização do nosso século, assegurando a produção de ‘corpos dóceis’ que se automonitoram e autodisciplinam”.

No Irã, ao mesmo tempo em que o Estado defende o uso de roupas largas e pretas, e se opõe ao uso de maquiagem e alterações estéticas no corpo (que iriam contra a modéstia

islâmica), o país se torna uma das maiores referências do mundo em cirurgias plásticas e um dos maiores em números de rinoplastias por ano. Apesar de ser um país conservador, a indústria da beleza está crescendo em um nível sem precedentes (KALANTAR-HORMOZI et al. 2016; TEHRAN TIMES, 2019). Diversas mídias de outros países da Ásia exaltam os procedimentos iranianos por sua qualidade e baixo valor perante o dólar, considerando o país a nova capital da beleza. Não apenas são realizadas mais de 150 mil rinoplastias em iranianas e iranianos anualmente, como o país recebeu cerca de 500 mil pacientes estrangeiros para o que é chamado de “turismo médico” em 2018 (TEHRAN TIMES, 2019). Segundo Rahbari (2019a), 80% das cirurgias plásticas realizadas em iranianas são rinoplastias. Além de possuir números altíssimos em rinoplastias, o Irã ainda possui um alto número de outras cirurgias plásticas e de procedimentos estéticos como aplicações de botox e ácido hialurônico para a redução de rugas, diminuição das maçãs do rosto e aumento dos lábios.



Figura 13: Torcedoras iranianas em jogo de futebol fora do país
Fonte: BBC / 2019

Para Steel e Richter-Devroe (2003, p. 316) o crescimento do interesse em cuidar da aparência e da forma física no Irã também surge como uma forma de protesto contra as restrições do Estado que são impostas ao comportamento e a aparência feminina. As iranianas sentem um forte controle estatal sobre seus corpos e reagiriam adotando outras tendências estéticas e tentando assumir certo controle de suas aparências. No entanto, ao mesmo tempo em que a valorização do corpo e da beleza pode representar uma resistência às atitudes autoritárias do governo iraniano, essas mulheres iranianas acabam recaindo ao outro lado da opressão estética: o de sempre querer se manter jovem e bonita, realizando diferentes procedimentos estéticos para alterar suas aparências. Ao de certa forma resistir ao controle estatal, elas acabam se enquadrando e reforçando os padrões de feminilidade normativa e a

atual cultura do corpo que vigora no Ocidente e em muitos países do mundo (ADELMAN, 2003; HARGREAVES, 2003; BORDO, 1993).

Ao contrário da maioria dos países, que tem em sua própria mídia nacional um dos maiores reguladores dos corpos femininos, promovendo uma erotização desses corpos, a mídia iraniana é estatal e defende a modéstia nas mulheres. Uma vez que a modéstia da mulher é defendida, pouca atenção é dada aos ideais de beleza. A mídia iraniana, é claro, também regula os corpos femininos, promovendo a castidade e o seu papel na família e no lar. Contudo, as tendências estéticas de procedimentos e cirurgias acabam aparecendo mais nas redes sociais, onde há uma maior liberdade e contato com os modos de vida do Ocidente.

O ponto de vista do Estado iraniano é não apenas se apresentar contra esses modos de vida ocidental, mas também defender uma superioridade do estilo de vida islâmico, onde as mulheres seriam valorizadas por seu cérebro e desenvolvimento intelectual e espiritual, ao invés de sua aparência. Além da valorização da importância de seu papel na família e na propagação da cultura e educação das gerações futuras. A religião islâmica de fato promove o desenvolvimento pleno das mulheres e defende a igualdade de gênero (MERNISSI, 2013), entretanto, o discurso do Estado iraniano fica muito distante da realidade prática da vida no país, onde as mulheres enfrentam diversos obstáculos para o seu desenvolvimento acadêmico, para a sua participação política e no mercado de trabalho, nos esportes, nas artes, e em inúmeros outros setores da sociedade (SEDGHI, 2007; MAHDI, 1995). A feminilidade normativa no Irã ainda representa o ideal do Estado, que implica um comportamento padrão onde as mulheres devem manter a virgindade até o casamento, se comportarem de maneira modesta, não terem contato próximo com homens de fora do círculo familiar, e se dedicar a uma vida doméstica e ao seu papel de mães e esposas. Na questão da aparência, espera-se que as mulheres sejam modestas e bem cuidadas, se vistam com roupas largas e opacas, não usem maquiagem, não pintem as unhas, e não chamem a atenção em público.

Segundo Ladan Rahbari et al. (2019b) o controle do Estado iraniano é forte ao ponto de se criar “pânicos morais” quando as mulheres violam as normas da jurisdição e também as normas subentendidas, que seriam essas expectativas com relação ao comportamento e aparência feminina, que não estão na lei escrita. As autoras explicam que pânicos morais são “reações coletivas da sociedade ao condenar algo, criando relatórios sensacionalistas e demônios populares que são responsabilizados pela indignação pública. O pânico moral tem implicações sociais e políticas que podem encorajar mais vigilância e controle” (RAHBARI et al., 2019b, p. 1422). Os pânicos morais acontecem quando as iranianas, por exemplo, aparecem em fotos sem o *hijab* fora do Irã, participam de algum esporte considerado proibido

para mulheres (como o boxe ou o fisiculturismo), protestam contra alguma lei, ou subvertem de qualquer maneira os princípios políticos e morais do país. Rahbari et al. (2019b) se aprofundam sobre três casos onde houve um pânico moral no Irã, o primeiro quando uma atriz iraniana cumprimentou um homem com um beijo no rosto no Festival de Cannes, o segundo quando uma atriz iraniana estava dando uma entrevista e acabou revelando uma tatuagem feminista em seu braço ao ajustar seu microfone, e o terceiro caso, mais geral, relativo a entrada de mulheres em estádios durante jogos masculinos.

Os três casos apresentados pelas autoras são apenas exemplos de debates constantes que acontecem no Irã cada vez que uma ou mais mulheres se destacam de alguma maneira negativa, chamando atenção das forças de segurança e da mídia. Os casos trabalhados por Rahbari et al., assim como tantos outros, giram em torno da resistência e da agência das mulheres contra o controle corporal do regime religioso. As torcedoras iranianas são um caso emblemático no país há décadas, uma vez que essas mulheres apaixonadas por esportes se recusam a cumprir os regulamentos discriminatórios existentes. Da mesma forma, as atletas que se recusam a aceitar o tratamento do governo e das federações (como o caso já comentado da lutadora de taekwondo Kimiya Alizadeh), denunciando sua oposição ao autoritarismo, são demonizadas pela mídia e geram longos debates sobre o papel da mulher não apenas dentro do Irã, mas como representantes da nação iraniana para fora do país. Rahbari et al. (2019b) explicam que quando um pânico moral é criado, as escolhas e comportamentos das mulheres são interpretados como política e moralmente representantes da nação e, portanto, estariam abertas à avaliação coletiva. Ademais, as representações das mulheres pela mídia estatal nesses casos revelam uma natureza biopolítica do Estado, onde os corpos e a sexualidade das mulheres são direcionados apenas para a maternidade e a procriação (RAHBARI et al., 2019b, p. 1430).

Em suas discussões, Rahbari et al. (2019b) elaboram a questão de as mulheres serem um fator importante na construção da identidade nacional iraniana. Nos discursos nacionalistas contemporâneos, o corpo feminino é considerado um local sagrado onde as diferenças de gênero são exaltadas para a construção de uma “mulher ideal como âncora reprodutiva na família”. Somente ao cumprir o seu papel nesse modelo patriarcal as mulheres podem atingir sua verdadeira dignidade, escapando os tratamentos depreciativos sofridos por elas no Ocidente. Para Rahbari et al. (2019b, p. 1431), essa sacralidade pode ser interrompida por modificações corporais individuais manifestadas em locais públicos, como a tatuagem feminista de Taraneh Alidoosti, ou quando as mulheres habitam espaços tradicionalmente masculinos, como no caso das atletas e das torcedoras. Ainda de acordo com Rahbari et al.

(2019b) as imagens do corpo das mulheres muçulmanas iranianas defendem a identidade nacional através de um apelo a uma uniformidade de práticas corporais. O discurso nacionalista percebe a existência de uma pluralidade de imagens como uma ameaça a unidade nacional. No entanto, apesar de os pânicos morais trazerem à tona o discurso nacionalista e religioso, às vezes reforçando medidas autoritárias, eles também revelam que os corpos indisciplinados das mulheres são vistos pelo Estado como locais de poder e contradiscursos quando aparecem em espaços públicos.

A expectativa do Estado com relação ao corpo e à feminilidade e os pânicos morais aparecem com força no âmbito esportivo, exigindo um comportamento e uma aparência padrão para as atletas, principalmente quando participam de eventos internacionais. Essa pressão sobre os corpos femininos aparecem muito nas discussões sobre o esporte ser um domínio masculino e sobre a possível masculinização da figura feminina ao praticar atividades físicas, em especial quando praticam esportes em alto nível. Historicamente, os esportes sempre foram domínio dos homens. Os primeiros estudos sociológicos colocaram a atividade esportiva como uma maneira de disciplinar corpos masculinos e reforçar ideais de masculinidade, e até os dias de hoje as construções em torno dos esportes e do masculino permanecem. Através da prática desportiva, os homens encontram um tempo para juntar os amigos, conversar e fazer “coisas de homens”. O mesmo acontece no momento de assistir a eventos esportivos, quando competições profissionais masculinas são motivos para o encontro de homens em bares. As mulheres, por outro lado, normalmente são pouco bem vindas nesses ambientes, sendo acusadas de “estragar o momento” ou de não compreenderem o suficiente de algum esporte.

No campo esportivo, a aquisição de força e habilidades atléticas sempre foi positiva para os homens, que ganham reconhecimento e admiração a partir delas. Para as mulheres, no entanto, é incentivado que, mesmo que participem de atividades esportivas, não deixem de lado a graciosidade e a beleza. Ademais, o desenvolvimento muscular do corpo e as habilidades esportivas eram considerados nocivos, e até hoje podem ser vistos com preconceito e estigma. Mesmo no século XXI há uma percepção de que ter muitos músculos não é algo “feminino”, e que mulheres com traços masculinos afastarão possíveis pretendentes para o casamento (RABARI, 2017, p. 26). Para atletas profissionais, expressar a feminilidade da maneira normativa heterossexual pode, inclusive, significar maior apoio de fãs e privilégios com relação a patrocinadores e cobertura midiática, uma vez que elas corroboram as “expectativas socialmente construídas para o comportamento feminino e a aparência das esportistas” (KRANE, 2004, p. 316). Ser atleta e ser bonita, ser atleta e ser

feminina, ser atleta e ser esposa, ser atleta e ser mãe, são todos fatores que contribuem para uma maior aceitação das atletas iranianas pela mídia e pelo público.

Dentro do mundo esportivo, as mulheres atletas são confrontadas o tempo todo com a contradição de que precisam, ao mesmo tempo, ser fortes e femininas, não podendo deixar que seus corpos sejam percebidos como excessivamente masculinizados pela atividade competitiva. Essa relação cria um conflito para as atletas, que podem estar sujeitas a discriminações por não performarem a feminilidade da maneira “correta” e serem percebidas como desviantes do feminino e da heterossexualidade. Enquanto algumas atletas estão sujeitas a essa discriminação, outras, que por sua vez expressam sua feminilidade da maneira esperada, conquistam privilégios.

Exceto em raras ocasiões, as modalidades femininas recebem um *status* inferior e são deslegitimadas perante o ambiente instituído de virilidade (CAMARGO; KESSLER, 2017). Para Jennifer Hargreaves (2003) o corpo esportivo masculino (forte, agressivo e musculoso) é tido como o ideal, se tornando um símbolo de masculinidade contra o qual as mulheres são comparadas e inferiorizadas. Retomando o pensamento de Connell (1987), Hargreaves (2003, p. 145) ressalta que a masculinidade hegemônica reforça a dominação das mulheres e a superioridade masculina. Seguindo essa mesma linha, Camargo e Kessler (2017, p. 193) sugerem que os corpos de atletas mulheres são geralmente inferiorizados em termos de desempenho e objetificados no que se refere à beleza, deixando-as a difícil tarefa de se destacarem em meio às práticas viris e recebendo um *status* de inferioridade perante esse ambiente viril, eficaz e heteronormativo.

Segundo Mary Jo Festle (1996, p. 265), historicamente, as atletas têm de lidar com dois tipos de percepção sobre a sua participação nos esportes: que seu desempenho atlético é inferior e nunca será equivalente ao dos homens por causa de suas diferenças físicas e fisiológicas; e que as mulheres sofrem com uma “masculinização” através da prática esportiva (principalmente da prática de alta intensidade), o que as tornam “anormais” ou lésbicas. Cahn (2015, p. 5) acredita que as atletas desenvolvem estratégias pessoais de como resolver essas tensões com relação ao preconceito social de que o esporte as torna mais masculinas. Segundo a autora, algumas atletas se esforçam para demonstrar sua feminilidade através de suas roupas, comportamentos, e interesses fora do esporte. Outras optam por abraçar o que a sociedade considera como masculinidade, acreditando que seus modos agressivos durante a prática são perfeitamente consistentes com a condição de ser mulher. Outras ainda escolhem um meio-termo, se expressando conforme os ideais de feminilidade, mas ao mesmo tempo tentando ampliar os limites da feminilidade para que ela inclua as atividades esportivas.

Essas observações de Cahn (2015) são bem refletidas no Irã. Ainda que as atletas entrevistadas para essa pesquisa não tenham afirmado possuir uma grande preocupação com relação à masculinização, são evidentes as diferenças entre as performances de feminilidade em diversos esportes. Ao final da pesquisa eu não consegui realizar entrevistas com qualquer atleta do vôlei, eu cheguei a iniciar conversas, mas elas sempre acabavam deixando de me responder. De qualquer maneira, tendo acesso a seus perfis pessoais no Instagram, ficou claro que elas se apresentam de uma forma que valoriza a feminilidade normativa, algo perceptível através de suas roupas, sua maquiagem, seu cuidado com a estética corporal, e seu comportamento em momentos pessoais. A maioria das atletas que se encontram no Instagram e que foram observadas para esta pesquisa se comportam como o meio-termo elaborado por Cahn, se expressando de uma maneira que não vai contra as expectativas da República Islâmica, sendo femininas, mas também trazendo a estética esportiva para o que consideram essa feminilidade. Essas são atletas que publicam fotos mais relacionadas ao seu esporte, normalmente vestindo seus uniformes, mas também publicando fotos de sua vida pessoal, onde mantêm características do esporte ao mesmo tempo em que estão bem arrumadas. Outras atletas, que discutiremos em um breve momento, optam por abraçar o que a sociedade percebe como masculinidade, defendendo a compatibilidade entre seus estilos e ser mulher.

De qualquer maneira, o medo e o preconceito com relação às expectativas de gênero permanecem no Irã (PFISTER, 2003). Espera-se que atletas mulheres se mantenham femininas, sem desenvolver músculos, força, agilidade e agressividade no mesmo nível que os homens. Para Knijnik e Souza (2007, p. 40), as atletas muitas vezes sentem receio em parecerem masculinas quando praticam esportes, principalmente esportes associados ao masculino como o futebol e o basquete. É importante para essas atletas serem aceitas como mulheres e como atletas de elite, por isso, elas sentem a necessidade de usar acessórios e de se comportar de uma maneira tradicionalmente feminina. Embora as atletas iranianas entrevistadas não tenham demonstrado esse receio, acredito que enquanto algumas delas de fato não veem problema em talvez transgredir as barreiras originalmente aceitas da feminilidade no país, outras sentem essa necessidade de se adequar apreendida por Knijnik e Souza sem perceberem, seria algo involuntário para elas. Acredito que esta pode ser uma possibilidade, considerando como nós mesmas, mulheres brasileiras, também às vezes não notamos, mas trocamos nossa roupa ou adicionamos acessórios para nos encaixar melhor em certos contextos, e podemos nos sentir inseguras caso não estejamos “femininas” em determinada situação.

Apresentar características desviantes do que a sociedade percebe como feminino pode gerar diversas discussões no meio esportivo e na sociedade, como demonstra Cahn (2015). A autora conta como o sucesso da tenista Martina Navrátilová durante os anos 1980 não era interpretado como um exemplo de talento, trabalho árduo, e regime de treinamento de última geração. De acordo com Cahn, os americanos não conseguiam desassociar o conceito de superioridade atlética ao corpo masculino, gerando diversas teorias rebuscadas sobre como ela era um produto da ciência, da tecnologia, e ainda, como ela representava um “defeito cromossômico”. Ainda no século XXI nos deparamos com casos similares, como percebido por Rahbari (2019a) em sua pesquisa com iranianas fisiculturistas. A autora analisou comentários em publicações no Instagram de uma fisiculturista reconhecida e de uma página dedicada à divulgação de fisiculturistas iranianas, verificando diversos comentários que questionavam a sexualidade e o gênero das atletas, afirmando que elas seriam “intersexuais” e que deveriam “trocar de gênero”. Há ainda casos ao redor do mundo onde atletas que possuem alto rendimento são proibidas de participar de competições por possuírem naturalmente altos níveis de hormônios masculinos, por exemplo. Ademais, casos de atletas transexuais continuam sendo alvo de debates e regulamentos preconceituosos que tentam manter estáticas as concepções de gênero dicotômicas.

Em contrapartida, ao mesmo tempo em que ainda exista um medo de que as mulheres possam se tornar mais semelhantes ao sexo oposto através dos esportes (pelo menos no Irã), outros críticos da presença feminina na arena esportiva temem que as mulheres possam “feminilizar” o esporte, “diluindo seu conteúdo masculino e erodindo a fronteira entre as esferas de atividade masculina e feminina” (CAHN, 2015, p. 3). Se para alguns homens essa era uma desvantagem da participação de mulheres nos esportes, para as mulheres tal fato abre a possibilidade de conceber relações de gênero mais igualitárias. A partir da prática de esportes, as mulheres desafiam as expectativas relacionadas aos seus corpos e aos limites impostos pela sociedade ao seu comportamento e à sua feminilidade. Como pontua Adelman (2003, p. 448), o esporte representa uma “ameaça séria ao mito da fragilidade feminina”, uma vez que ele expõe as mentiras por traz do discurso biológico da diferença entre os sexos.

Considerando as tradições culturais iranianas, que através das famílias e das comunidades mais religiosas limitam a atividade física de mulheres, qualquer ato que confronte e desafie os valores tradicionais acaba representando uma resistência. As mulheres iranianas, de forma geral, são reconhecidas em diversos trabalhos acadêmicos como um grupo de resistência que sempre permaneceu na luta contra as imposições do regime, não se deixando abalar pelo controle e pelas limitações da República Islâmica (SEDGHI, 2007;

TOHIDI, 2016; RAHBARI et al., 2019b). Contudo, ainda que as mulheres iranianas estejam ocupando seus espaços, e inclusive dominando o âmbito acadêmico (RAHBARI, 2016a; MERNISSI, 2013), ainda há um longo caminho a ser percorrido em relação a outras esferas da vida social, como o mundo esportivo.

Dentro da sociedade iraniana, as famílias possuem diferentes opiniões sobre a participação de suas filhas no esporte, o que significa que há mulheres que são incentivadas e apoiadas por suas famílias mais liberais, enquanto famílias mais conservadoras têm abordagens mais restritivas. De acordo com Mirsafian et al. (2014) e Rahbari (2017), muitas famílias restringem a atividade física das mulheres a espaços privados, como quartos de uma casa e quintais. Como pontua Rahbari (2017, p. 26), “espera-se que as meninas aprendam a relação entre seus corpos e esses espaços seguros assim que chegarem à puberdade; caso contrário, o processo de feminização é considerado problemático”.

No estudo de Rahbari (2017) com cavaleiras, a autora percebeu que o conceito estereotipado de feminilidade representa um grande obstáculo para a entrada de meninas e mulheres na arena esportiva. O mesmo pôde ser notado por Saadatifard et al. (2019) e por Mirsafian et al. (2014). Em sua pesquisa com mulheres iranianas sobre as barreiras enfrentadas no contexto de esportes recreativos, Saadatifard et al. (2019, p. 88) constataram que a cultura patriarcal das famílias e da sociedade iraniana, o medo de ficar fora de casa, a preocupação com as atitudes negativas de outras pessoas em público, a perturbação que podem sofrer por estranhos quando saem de casa, e os pontos de vista negativos sobre os resultados da prática esportiva no corpo e comportamento das mulheres são todos fatores que dificultam a inserção de mulheres no contexto esportivo. Uma de suas entrevistadas comentou sobre a diferença de tratamento de homens e mulheres no esporte: “Pode-se dizer que quase 90% das diferenças são produto da família e da comunidade educacional. Há uma forte perspectiva patriarcal no país” (SAADATIFARD et al., 2019, p. 89).

Ao pesquisar as atitudes de mulheres universitárias com relação à prática de esportes em Teerã, Mirsafian et al. (2014) também perceberam o posicionamento da sociedade e das famílias sobre o que representaria uma feminilidade ideal para as mulheres como um obstáculo. As suas entrevistadas mencionaram as atitudes negativas das pessoas no que se refere à aparência e o comportamento de mulheres nos esportes, enfatizando o medo que sentem do governo e da polícia de serem repreendidas por “regras não escritas” que proibiriam a atividade física feminina. Uma de suas entrevistadas comentou: “As pessoas pensam que as mulheres que praticam esportes nos parques, ou que caminham nas montanhas com roupas esportivas (e com *hijab*) são muito fáceis, ou no melhor dos casos pensam apenas

que essas mulheres não têm crenças religiosas”. Enquanto outra afirmou: “Não podemos correr ou praticar esportes livremente nas ruas ou parques porque tememos que os policiais nos prendam. Usamos *hijab*, mas na maioria das vezes preferimos não praticar” (MIRSAFIAN et al., 2014, p. 960).

No que concerne às atitudes das famílias com relação às expectativas de gênero e de feminilidade, algumas entrevistadas mencionaram que suas famílias as proibem de andar de bicicleta ou de praticar esportes no geral por não ser uma atividade “para mulheres”. Algumas entrevistadas afirmaram que seus pais permitem a prática de atividades físicas apenas no ambiente doméstico, enquanto outras enfatizaram a preocupação da família com o “perigo” dos esportes, de desvirtuar as mulheres ou de existir a possibilidade de elas “perderem a virgindade” durante atividades mais pesadas (MIRSAFIAN et al., 2014, p. 961).

Outro ponto interessante apresentado na pesquisa foi a preocupação de algumas universitárias, não com a estética do corpo, mas apenas com a aparência do rosto e de suas roupas. Como no Irã as mulheres devem cobrir seus corpos, algumas iranianas não incluem um corpo esbelto em seu conceito de feminilidade. Uma entrevistada de Mirsafian et al. (2014, p. 962) comentou: “Eu não me importo com a ideia das pessoas sobre a forma inadequada do meu corpo. Porque, meu corpo está coberto por *hijab* e ninguém pode vê-lo”. Enquanto outra alegou: “Neste país, mulher bonita é quem tem um rosto bonito e boa maquiagem, e roupas boas e da moda. A forma do corpo e o ajuste do corpo não são importantes, porque ninguém pode ver. Ele é coberto pelo *hijab*”. Assim, além dos discursos negativos em torno dos esportes para mulheres como perigosos ou masculinizantes, há uma crença de que como o corpo está coberto, o importante seria manter um rosto bonito e roupas da moda, o que também desestimula as mulheres a praticarem atividades físicas.

A realidade apresentada por essas pesquisas, no entanto, não reflete a experiência das atletas profissionais entrevistadas neste trabalho. Como já comentado, há famílias mais conservadoras e mais liberais no Irã. Para que uma mulher se torne uma atleta profissional no país acaba sendo necessário um grande apoio da família, já que é ela que vai precisar investir financeiramente, e também é ela a barreira mais direta à prática de esportes femininos. Ao contrário das famílias que não permitem o desenvolvimento esportivo de suas filhas por acreditarem que o esporte é uma arena masculina, alguns pais das atletas entrevistadas tinham apenas ressalvas quanto ao retorno financeiro de sua profissionalização. De qualquer maneira, pensando no contexto geral do país e não apenas nas atletas profissionais que são, de certa forma, privilegiadas por seu contexto familiar, os papéis tradicionais de gênero dominam as percepções sobre os esportes, desestimulando um maior engajamento feminino em atividades

físicas, limitando as possibilidades de desenvolvimento atlético de mulheres, e impedindo um maior desenvolvimento do esporte profissional feminino em si. Para Rahbari (2017), para que a arena esportiva iraniana seja mais igualmente apropriada é de extrema importância que os conceitos tradicionais de feminilidade e masculinidade sejam repensados, para que assim possam desafiar a hegemonia masculina na cultura e nos esportes.

Quanto à questão da feminilidade, algumas atletas com quem conversei afirmaram que acreditavam que a prática esportiva as tornavam mais masculinas. A entrevistada Parisa, atleta do ciclismo, acredita que a prática de esportes em nível profissional altera os hormônios femininos, assim, as mulheres exibiriam características ou comportamentos associados ao masculino, como a agilidade, a força, a agressividade e a competitividade. Em suas palavras: “As mulheres secretam naturalmente muitos hormônios masculinos quando se exercitam” (PARISA, entrevista, 23/06/2020). Ela também afirmou que algumas atletas fazem uso de hormônios e de doping³², o que alteraria a sua constituição natural.

Ao analisar as páginas de diversas atletas no Instagram, tanto da capital quanto de cidades pequenas do interior, pude notar que a maioria das atletas de elite se apresenta com características femininas, normalmente utilizando pouca maquiagem, e sempre com boa aparência. Assim como em outros países, há diferenças relativas ao esporte praticado. Jogadoras de vôlei, por exemplo, publicam fotos e vídeos com mais maquiagem, com lenços coloridos, portando acessórios, e demonstram no geral uma preocupação com sua estética e beleza. Jogadoras de outras modalidades de equipe e individual possuem aparências diversas. Podemos perceber diversos estilos através de suas contas em redes sociais e de aparições na mídia, desde mais modestos e conservadores, mais masculinizados, mas feminilizados, mais ocidentalizados, e assim por diante. Quando questionadas, as atletas entrevistadas não relataram sentir uma pressão social para se adequar às normas de feminilidade. Do mesmo modo, elas não expressaram desejo de se portarem de uma maneira mais feminina para compensar a possível masculinidade do esporte, como percebido em Adelman (2003).

Miriam Adelman (2003, p. 457) expõe a sua pesquisa com jogadoras de vôlei brasileiras, explicando como elas apresentaram uma preocupação com a masculinização de seus corpos. As jogadoras entrevistadas por Adelman enfatizaram a sua feminilidade e a sua vaidade, utilizando esportes como o futebol e o handebol para exemplificar de forma negativa como algumas modalidades podem deixar o corpo das mulheres com uma aparência

³² Em agosto de 2020, uma atleta iraniana quatro vezes campeã mundial de kung fu foi pega no doping e recebeu uma proibição de participar de competições por quatro anos. Ao acompanhar as notícias esportivas iranianas percebi que não é tão recorrente, porém, todos os anos há casos de atletas (homens e mulheres) banidos de esportes por causa do doping.

masculina. Tendo esse ponto de vista de atletas brasileiras, levei para a minha pesquisa questionamentos similares para as atletas iranianas. Considerando a influência da feminilidade normativa em mulheres do mundo inteiro, perguntei às minhas entrevistadas mais de uma vez sobre como elas percebiam a feminilidade, se elas se sentiam pressionadas pelo Estado ou por suas famílias e amigos a manter uma imagem “feminina”, se elas já haviam sofrido algum tipo de preconceito por serem mulheres atletas, e se elas sentiam qualquer tipo de preocupação relacionada à masculinização de seus corpos. Quando eu fazia esses questionamentos e as respostas eram sempre negativas, eu reformulava a pergunta e utilizava exemplos dos esportes brasileiros para que não restassem dúvidas sobre o que eu estava falando. Eu citei mais de uma vez o caso de como o futebol no Brasil é considerado um esporte “masculino”, enquanto o vôlei seria “feminino”, algo que eu inclusive cresci escutando nas escolas em que estudei. Eu mencionei como jogadoras de futebol eram consideradas mais masculinas pela sociedade brasileira, enquanto jogadoras de vôlei se esforçavam para demonstrar a sua feminilidade e se afastar da associação com o masculino.

De todas as formas, a resposta era sempre a mesma. Desde as atletas de 16 e 17 anos que ainda se encontram na escola, até atletas de 32 e 34 que já viveram muito do esporte, a resposta era sempre que elas não sentiam qualquer tipo de incômodo nesse sentido. Todas as atletas com quem conversei possuíam críticas à falta de igualdade, à falta de recursos e investimentos, e a diversas outras questões que envolviam as disputas entre serem mulheres e serem atletas. Contudo, nenhuma delas expressou qualquer medo ou receio relacionado à sua feminilidade. Algumas jogadoras de futebol que possuem características mais masculinas (algo que elas mesmas mencionaram), não viam problema em serem dessa forma e diziam não possuir qualquer tipo de conflito relacionado a isso com seus familiares e amigos. Enquanto as atletas com traços mais femininos tinham duas respostas: 1) que o esporte as fazia mais masculinas do que mulheres não atletas, mas que isso não influenciava em como elas se percebiam como mulheres também femininas; 2) que o esporte não influenciava de qualquer maneira a sua feminilidade. A segunda resposta veio de atletas do tiro, do esqui e do squash – todos esportes que não possuem diferenças explícitas com as modalidades masculinas.

As entrevistadas mencionaram achar normal que atletas mulheres exibissem características tradicionalmente masculinas durante a atividade esportiva, mas que isso não influenciava necessariamente em sua aparência. Como atletas profissionais, elas passam a maior parte de seu tempo treinando, portanto, utilizando roupas adequadas para a prática de seus esportes. As únicas atletas que demonstraram possuir uma relação diferente com as questões de feminilidade são as jogadoras de futebol, que geralmente se apresentam de uma

maneira mais masculinizada. No entanto, elas também relataram não sentir uma pressão social para se adequarem a uma feminilidade normativa, porque dentro de sua cultura esportiva elas representariam a norma.

As mulheres acabam muitas vezes masculinizadas pela cultura futebolística. De acordo com a entrevistada Sahar (Entrevista, 17/09/2020), as jogadoras de futebol iranianas se comparam aos homens e desejam ser iguais a eles, deste modo, elas muitas vezes acabam adotando certos estilos e maneiras de ser como os jogadores homens³³. Algumas mulheres usam maquiagem e possuem uma aparência mais feminina, como a própria Sahar, mas a maioria não liga muito para essa parte estética. As outras duas jogadoras de futebol que entrevistei, e outra com quem conversei, já apresentavam características consideradas mais masculinas. Elas usam roupas mais masculinas, no estilo “boleiro”, e possuem cabelos curtos ou até cortados em estilos vistos em jogadores de futebol masculino ao redor do mundo. Analisando diversos perfis do Instagram de jogadoras de futebol, pude perceber que muitas aderiam a esse estilo mais masculino, ou a um estilo feminino, porém menos vaidoso. Mesmo jogadoras casadas com homens apareciam na maioria das fotos sem maquiagem, e com estilos mais práticos.



Figura 14: Estilo de algumas jogadoras de futebol iranianas.
Fonte: Instagram / 2020.

Antes de entrar em mais detalhes sobre a questão da feminilidade e heterossexualidade no mundo esportivo iraniano, gostaria de enfatizar a dificuldade de tratar deste tema academicamente. Quando caracterizamos as atletas como femininas ou masculinas é pensando

³³ Essa tentativa de se inspirar e de se assemelhar a jogadores homens também foi percebida por Steel e Richter-Devroe (2003).

no senso comum difundido em nossas sociedades, e também no que as próprias entrevistadas mencionaram. Entretanto, é importante lembrar que as identidades são subjetivas e variadas, não podendo ser encaixadas em compartimentos singulares e dicotômicos. Adelman (2006, p.12-13) alerta para os perigos da reprodução de dicotomias que homogeneizam as categorias “homem” e “mulher”, e este trabalho busca, de fato, não reforçar qualquer estereótipo de gênero ou classificar as atletas entre “femininas” e “masculinas”. O que se pretende aqui é compreender as percepções da sociedade iraniana e das atletas com relação a essas categorias e reconhecer as complexidades existentes em torno do tema.

Há um pensamento de certa maneira popular entre pessoas de diferentes partes do mundo de que há esportes mais masculinos e outros mais femininos. Como demonstra Hargreaves (2003, p. 169), as imagens que definem esportes apropriados para homens como aqueles que envolvem força e agilidade, e esportes apropriados para mulheres como aqueles que envolvem graça e beleza “têm um significado simbólico e ideológico, porque são baseadas em suposições heterossexuais convencionais”. Para a autora, no âmbito esportivo a heterossexualidade é vista como a norma, como a única orientação “natural” e aceitável. Assim, como os ideais de feminilidade normativa excluem características como força física e musculosidade, as atletas mulheres muitas vezes sentem a necessidade de se conformar às imagens dominantes de feminilidade heterossexual, sob o risco de serem tratadas de forma depreciativa caso não se adequem a essas convenções (HARGREAVES, 2003). A partir dessas noções sobre feminilidade e heterossexualidade, podemos analisar como esse pensamento é traduzido no contexto iraniano.

Como já comentado, no Irã, a cultura e a sociedade são muito influenciadas pela religião islâmica, fazendo com que expectativas com relação à feminilidade e o papel das mulheres na sociedade também sejam determinados através de discursos religiosos. Tradicionalmente, espera-se que homens e mulheres cumpram algumas normas religiosas, como o respeito à modéstia, a utilização de roupas não muito chamativas, a segregação entre os sexos, o casamento, e o sexo apenas dentro do casamento. Ainda é esperado que os homens sejam os provedores da família, enquanto as mulheres sejam responsáveis pelo cuidado da casa e dos filhos. A população iraniana segue esses costumes de maneiras diversas; há famílias mais seculares ou liberais, e outras que são mais conservadoras e religiosas. De qualquer maneira, esse seria o comportamento esperado pelos líderes religiosos no governo, que possuem uma visão estrita e binária do que deveria ser um homem e uma mulher.

No Irã, a lei islâmica representada pela *shari'a* determina a homossexualidade como ilegal. Assim, a heterossexualidade não é apenas uma norma social, mas uma lei, o que a

torna compulsória em todo o país. Na religião islâmica, o casamento é um dos elementos mais importantes, sendo considerado quase uma obrigação para os fiéis. Na concepção tradicional, para que os indivíduos satisfaçam essa convenção e formem uma família, é necessário que o casal seja constituído por um homem e uma mulher. Para compreender essa visão, podemos utilizar as reflexões elaboradas por Gayle Rubin (1975, p. 179) sobre a “economia política” do sexo. Segundo a autora,

Num nível mais geral, a organização social do sexo baseia-se no gênero, na obrigatoriedade da heterossexualidade, e na repressão da sexualidade da mulher. Gênero é uma divisão dos sexos imposta socialmente. É um produto das relações sociais de sexualidade. Os sistemas de parentesco baseiam-se no casamento. Eles, assim, transformam pessoas do sexo masculino e pessoas do sexo feminino em “homens” e “mulheres”, sendo que cada um é uma metade incompleta que só pode completar-se ao se unir à outra.

Esse é exatamente o ponto de vista que podemos encontrar em grande parte dos religiosos iranianos. Toda a sociedade se baseia no casamento entre um homem e uma mulher, que se completam ao formar um casal. Seguindo essa lógica, podemos passar ao próximo ponto importante para o entendimento da política sexual iraniana. Não apenas esse pensamento de Rubin condiz com as crenças dos clérigos, mas também a sua apreensão sobre a população indígena dos mohaves e seu “travestismo institucionalizado”. Rubin (1975, p. 181-182) conta que os mohaves permitiam que uma pessoa trocasse de sexo, assim, uma pessoa “transformada poderia tomar uma esposa ou um marido de seu próprio sexo (do ponto de vista anatômico) e do sexo oposto (do ponto de vista social)”. Segundo esse raciocínio, o que chamaríamos de um casamento homossexual, seria considerado um casamento heterossexual na concepção mohave.

Isso é mais ou menos o que acontece no Irã. Como há uma obrigatoriedade da heterossexualidade, caso um indivíduo iraniano deseje se relacionar com uma pessoa do mesmo sexo, ele é obrigado a realizar cirurgia de redesignação sexual, caso contrário essa pessoa estaria infringindo a lei (NAJMABADI, 2008, 2014; RAHBARI, 2016b). A consequência disso é que pessoas homossexuais, que não se consideram transgênero, são forçadas a passar por um processo cirúrgico e hormonal de transição de sexo para se adequar a heterossexualidade compulsória. Segundo Rahbari (2016b, p. 1770), de acordo com a lei iraniana, uma pessoa homossexual ou transgênero deve se vestir e se portar de acordo com as regras convencionais para o seu sexo original até que passe pela cirurgia de redesignação. A autora ainda comenta que há um estigma em torno dos transexuais, principalmente em

instituições de ensino masculinas, já que é ainda mais ultrajante que um homem tenha aspectos femininos do que o contrário.

No âmbito esportivo, as relações e a performatividade de gênero por parte das mulheres em alguns esportes acabam se tornando debates nacionais, gerando um pânico moral (RAHBARI et al., 2019b). Parte da população iraniana conservadora acredita que deve se posicionar contra a construção do corpo feminino atlético em alto nível, pois as relações dicotômicas vigentes sofreriam com essas anomalias, e a sociedade poderia se tornar caótica. Para Aas (2006, p. 153), os corpos são vistos cada vez mais como locais de exatidão e precisão (*“accuracy and precision”*), refletindo as identidades atribuídas, o que faria com que as transgressões dessas identidades pudessem criar inconveniências sociais e resistência na sociedade de maneira geral. De acordo com Rahbari (2019a, p. 596), as transgressões relativas à aparência feminina e a performatividade de gênero ameaçam e perturbam a estabilidade do sexo biológico e, como uma consequência, a hegemonia “natural” da heterossexualidade e do patriarcado.

Ao conversar com uma jogadora de futebol chamada Kimiya, tive maior contato com as questões complexas que envolvem a percepção iraniana sobre a feminilidade e a heterossexualidade compulsória. Irei adentrar com mais profundidade em nossa entrevista para que possamos compreender as várias camadas que circundam o raciocínio do país sobre o assunto. Kimiya é uma jogadora de futebol de 34 anos da cidade de Ilam. Já no início de nossa conversa, a jogadora explicou que era muçulmana xiita e reforçou seus valores religiosos. Também logo no início, quando começamos a conversar, Kimiya deu indícios de que se sentia atraída por pessoas do mesmo sexo. Ela me perguntou se eu era casada, e quando eu respondi que não, ela disse que achava bom eu ser solteira, porque ela não se dava muito bem com pessoas casadas. Ela falou isso de uma maneira descontraída, adicionado *emojis* de risada ao final de sua fala.

Ao longo da entrevista, ela de vez em quando interrompia as perguntas, me questionando se eu estava falando com outras jogadoras de futebol, se elas me pediam fotos de mim mesma, perguntando o que eu achava dela e se eu a achava bonita. Kimiya foi a minha segunda entrevista, e eu ainda estava com receio de que não ia conseguir muitas atletas dispostas a participar da pesquisa, assim, mesmo um pouco desconfortável com a situação, eu não descartei sua entrevista. Eu ignorava suas perguntas e comentários mais pessoais, desviava do assunto, ou reafirmava que assim como ela havia mencionado sobre os iranianos, os brasileiros também eram muito simpáticos e que fazíamos amizade com facilidade. Ao

final da entrevista, fiquei feliz de ter persistido, pois suas colocações foram extremamente importantes para que eu compreendesse melhor as questões de sexualidade no Irã.

Durante as entrevistas, eu sempre perguntava às atletas sobre suas percepções sobre feminilidade e masculinidade nos esportes, citando como exemplo o caso de que no Brasil o futebol normalmente é visto como um “esporte de homem”, enquanto o vôlei seria um “esporte de mulher”. Em resposta, Kimiya relatou que “com o tempo, algumas meninas podem desenvolver um comportamento e moral masculinos e, em alguns casos, algumas meninas do futebol até passaram por cirurgia de mudança de gênero” (KIMIYA, entrevista, 03/06/2020). Em seguida, eu a perguntei se essas mulheres sofriam algum preconceito por terem feito a transição. A jogadora respondeu afirmativamente, explicando que algumas pessoas possuem melhores condições familiares e vivem em cidades com tradições locais mais tranquilas, o que facilita a realização da cirurgia e a sua adaptação posterior. Porém, esclareceu Kimiya, algumas pessoas são impedidas de realizar a cirurgia de redesignação, porque suas famílias são mais rigorosas e pela falta de condições adequadas, o que tornaria a vida mais difícil e geraria um desconforto.

A questão da homossexualidade é um grande tabu no Irã, e mesmo que no contexto do futebol feminino seja algo mais recorrente, ainda há um receio de falar sobre o assunto. Ao conversar com Sahar sobre a questão da feminilidade nos esportes, comentei que no Brasil havia uma associação das jogadoras de futebol com o masculino, e que as atletas eram muitas vezes vistas como lésbicas. Sahar me respondeu que as jogadoras iranianas comumente desenvolviam características masculinas e se assemelhavam aos homens, mas que ela não poderia dizer se elas são lésbicas ou não, porque ela não queria perguntar sobre as suas vidas (SAHAR, entrevista, 17/09/2020). Desta forma, enquanto algumas atletas se sentem mais confortáveis em conversar sobre o assunto, ou em expressar sua sexualidade, outras preferem assumir quase uma postura “*don't ask, don't tell*”.

Outra pergunta sempre levantada na entrevista, era se as atletas acreditavam que seus respectivos esportes haviam mudado suas vidas. Geralmente, as respostas que surgiam tinham a ver com o crescimento pessoal delas como mulheres e com os prazeres proporcionados pela atividade física. Além desses fatores, Kimiya afirmou que o futebol mudou sua vida inteira, e que ela gostava dessas mudanças, acrescentando que: “Apesar de os meus modos e comportamentos terem se tornado mais masculinos, eu ainda amo o futebol. O futebol fez a minha alma, o jeito que eu me visto e meus desejos completamente masculinos”. A partir dessa fala, e do que a jogadora já havia comentado sobre a masculinização de algumas atletas, podemos perceber que ela atribui as suas características masculinas ao futebol. Kimiya chega

até a dizer que o futebol fez os seus desejos masculinos, ou seja, ela atribui inclusive a sua sexualidade à prática da modalidade. É curioso pensar que, enquanto talvez a grande maioria das pessoas LGBTI+ não associaria a sua sexualidade a algum fator determinante (como a prática de um esporte específico), em um país onde fugir à norma é tabu, e onde a religião detém uma grande influência, talvez haja um sentimento de necessidade de se justificar. O futebol pode ter surgido nesse discurso como uma maneira rápida e simples de explicar o porquê de uma mulher se vestir de certo modo, e talvez possa ser a justificativa que fará com que oficiais do governo, da federação, ou da polícia relevem um comportamento considerado tradicionalmente desviante.

Questionada sobre questões relacionadas à igualdade de gênero, Kimiya afirmou que o patriarcado e a discriminação de gênero estão presentes no mundo inteiro, e que ela defende que haja uma igualdade entre os homens e as mulheres. Ela mencionou que acredita que deveria haver uma reinterpretação da lei islâmica, já que o Islã não permite qualquer opressão contra mulheres. É importante que tenhamos em mente tudo o que Kimiya comentou sobre a sua crença religiosa, a sua defesa da igualdade de gênero, e seus pensamentos sobre o futebol e seu fator masculinizante para compreendermos melhor a sua fala sobre o *hijab*, que será explorada em seguida. A atleta declara:

Eu não tenho problema com o *hijab*, mas mesmo se eu não o usasse, eu não seria uma anomalia na sociedade, porque se eu estiver sem o *hijab*, ninguém vai reconhecer que eu sou uma garota e todos vão pensar que eu sou um garoto. Então essa questão de que remover o *hijab* em público possa ser um problema se torna sutil. Mas outras garotas que têm aparência feminina, se elas tirarem seus *hijabs*, elas podem causar anomalias na sociedade e transformá-la em um caos.

Como podemos notar, na percepção de Kimiya, as mulheres não usarem o *hijab* em público pode ser uma fonte de caos na sociedade. Contudo, se as mulheres possuírem características masculinas, o choque social de ver uma mulher sem o seu véu se tornaria ameno. Essa fala da jogadora me revelou um ponto de vista que eu não havia pensado. É muito interessante perceber o raciocínio por trás do pensamento religioso no Irã. Há uma preocupação muito maior com as aparências do que com de fato seguir uma lógica filosófica ou uma regra religiosa. Assim, quando estudiosos islâmicos afirmam que a homossexualidade é um pecado, o Estado iraniano cria uma brecha nessa regra, e permite que, contanto que a aparência do corpo esteja de acordo com a sexualidade de um indivíduo (através de cirurgia e hormônios), casais originalmente do mesmo sexo possam se relacionar. Ou quando a tradição fala sobre uma obrigatoriedade do *hijab*, mulheres como Kimiya interpretam que o *hijab* só

seria obrigatório para mulheres femininas, e que mulheres que utilizam roupas mais masculinas e possuem cabelos curtos estariam escusas por causa de sua aparência.

Aqui também entra a questão do estigma abordada por Rahbari (2016b). Como a República Islâmica do Irã espera que as pessoas se vistam e se comportem de maneira modesta, é mais fácil para uma mulher se passar por um homem. A população no geral e a polícia não se atêm a particularidades de outras pessoas, desde que elas não chamem atenção. Os policiais e governantes mais conservadores se opõem às mulheres que usam roupas chamativas, por exemplo, mesmo que essas roupas reforcem os ideais de feminilidade normativa. Isto é, o problema no país não é necessariamente alguém desviar de sua expectativa de gênero, mas sim que a sua aparência não respeite os valores de modéstia defendidos pela religião e pelo Estado. Assim, qualquer mulher ou homem que usem roupas mais discretas passam despercebidos e não vão encontrar problemas nesse sentido. O ponto que Rahbari levanta, de que para homens a homossexualidade e a transexualidade é mais difícil, é porque é mais complicado e menos provável que um homem passe despercebido como uma mulher por sua altura ou características físicas mais marcantes. Portanto, seguindo a lógica de Kimiya, homens gays ou mulheres transexuais poderiam causar anomalias e caos na sociedade.

A questão trans no Irã aparece como uma polêmica também no cenário esportivo internacional. Em setembro de 2015, mídias jornalísticas reportaram que oito jogadoras da seleção nacional de futebol feminino seriam na realidade homens aguardando pela cirurgia de redesignação sexual (ANDERSON e TRAVERS, 2017). Essa não foi a primeira vez que o time feminino iraniano foi denunciado. Em 2010, houve uma investigação relacionada à goleira da seleção nacional, e, em 2014 houve uma denúncia de que quatro jogadoras ainda não haviam completado a transição. Ainda em 2014 o governo determinou a obrigatoriedade da realização de testes em equipes femininas, resultando nas reportagens de 2015. O comitê médico da federação de futebol afirma que não há qualquer problema em pessoas transexuais competirem em modalidades esportivas, desde que passem pelo tratamento hormonal e realizem a cirurgia.

Há diversos trabalhos acadêmicos e notícias jornalísticas sobre a questão da transexualidade no Irã. De acordo com Barford (2008), o Irã havia se tornado o segundo país com mais números de cirurgias de redesignação sexual no mundo, ficando atrás apenas da Tailândia. As cirurgias de redesignação sexual no Irã são realizadas por hospitais particulares, porém, o governo possui uma verba para dar apoio à cirurgia, à terapia de reposição hormonal e ao acompanhamento psicossocial, assim como determina que os planos de saúde cubram

todas as despesas também. Contudo, na prática essa situação é diferente, já que o governo não possui verbas para todos e as pessoas passam anos na fila esperando pela cirurgia e pelos outros tratamentos, assim como há planos de saúde que dificultam, ou até se recusam a cobrir os custos por considerarem uma cirurgia cosmética (BAGRI, 2017). A questão trans no Irã gera muitos debates e poderia ser longamente discutida, porém, tendo em vista o foco deste trabalho, essas discussões precisarão ser trabalhadas em pesquisas futuras.

No cenário esportivo, além de verificarmos a questão a partir do ponto de vista da jogadora de futebol Kimiya, podemos pensar também na relação do fisiculturismo feminino, estudado por Rahbari (2019a). A autora realizou um estudo através do Instagram, analisando duas páginas: uma página dedicada a fãs do fisiculturismo feminino e a página particular de uma das fisiculturistas iranianas mais conhecidas no país, Shirin Nobahari³⁴. Assim como as jogadoras de futebol, que transgridem as normas mais relativas ao seu comportamento e à aparência de suas vestimentas, as fisiculturistas representam um ataque às convenções tradicionais de gênero através da constituição física de seus corpos, ameaçando o senso de realidade da sociedade.

Ao analisar as publicações no Instagram e os comentários escritos pelos usuários da rede social, Rahbari (2019a) verificou que a maioria dos usuários que questionavam a performatividade de gênero das atletas eram homens, que indagavam se as fisiculturistas seriam intersexuais e rejeitavam seus corpos musculosos “não naturais” e “feios”. Um usuário comentou: “Elas obviamente têm problemas [de gênero]; elas perceberão isso e mudarão de gênero mais tarde”; enquanto outro escreveu: “Irmão! Apenas mude seu gênero e deixe todos à vontade” (RAHBARI, 2019a, p. 596). Outros comentários enfatizavam que o esporte havia transformado as mulheres em homens, e também afirmavam que as fisiculturistas haviam “sacrificado sua feminilidade pelo seu campeonato” (RAHBARI, 2019a, p. 597).

Como pode ser notado, as mulheres, em especial as atletas, ainda são julgadas por ideais de beleza pela população, que se sentem desconfortáveis com a quebra dos valores considerados padrão. Para Rahbari (2019a), esses comentários demonstram a indignação e o pânico moral criados pela subversão de categorias corporais associadas ao gênero binário e à sexualidade. As fisiculturistas são percebidas como lésbicas e são encorajadas por parte dos usuários do Instagram a trocarem seus gêneros, uma vez que demonstram essa capacidade de

³⁴ Além de analisar a página do Instagram da atleta, Rahbari (2019a, p. 598) menciona que a fisiculturista não utiliza o *hijab* em suas publicações, e explica que em 2017 ela chegou a ser presa por publicar fotos e vídeos “não islâmicos” de seus treinos e vida pessoal.

transgredir os limites determinados pela sociedade. Enquanto este foi o caso para a pesquisa realizada com fisiculturistas no Instagram, é importante pontuar que nas páginas de jogadoras de futebol analisadas por esta pesquisa não foi constatado qualquer comentário depreciativo à aparência ou comportamento das atletas. Utilizando ferramentas de tradução, pude averiguar que tanto mulheres quanto homens que comentavam em suas fotos e vídeos apenas desejavam sucesso e demonstravam carinho pelas atletas. Os comentários pareciam vir de pessoas próximas às atletas ou de pessoas que admiravam o esporte, não sendo encontrado qualquer comentário abusivo que questionasse seu gênero ou sexualidade. Talvez a razão para isso seja que as futebolistas chamem menos atenção do que as fisiculturistas, ou talvez os perfis das atletas verificados por esta pesquisa sejam de atletas com menos reconhecimento ou fama nacional.

As questões ligadas ao corpo feminino e a sexualidade no Irã estão muito ligadas aos princípios e discursos nacionais. Desta forma, é muito interessante utilizar as reflexões de Rahbari et al. (2019b) sobre o pânico moral. Os pânicos morais, como já comentado, são reações coletivas da sociedade que condenam atitudes consideradas desviantes da norma, criando discursos sensacionalistas e demônios populares, justamente instigando o pânico na ordem social. Essa criação do pânico tem como objetivo manter a sociedade coesa e unida nos ideais conservadores que colocam barreiras sobre a ação e corporalidade feminina, podendo ter como consequência um maior controle estatal. No entanto, como aponta Rahbari et al. (2019b, p. 1431) os pânicos morais também revelam que os corpos indisciplinados das mulheres são vistos pelo Estado como locais de poder. Assim, podemos constatar que as mulheres iranianas, seu posicionamento, e a sua recusa em deixar de ocupar espaços públicos, de fato, representam uma ameaça para o Estado e para os valores conservadores da sociedade. Ainda que possamos debater sobre a feminilidade hegemônica e a necessidade de algumas mulheres e atletas em se adequar aos padrões de aparência e comportamento, a prática esportiva feminina no Irã representa, sim, uma resistência. Como alegam Camargo e Kessler (2017, p. 193), os corpos femininos no esporte configuram corpos não legitimados que **“insistem em existir”** (grifo nosso). Em um país com características autoritárias como o Irã, essa insistência se torna ainda mais significativa, uma vez que as atletas tiveram que negociar muito a sua entrada no meio esportivo, e continuam tendo que lidar constantemente com os obstáculos do governo e da sociedade para o seu desenvolvimento atlético.

Essa resistência pode ser percebida tanto pela reação do governo, da mídia e da sociedade através dos pânicos morais, como também através dos discursos nacionalistas iranianos que enfatizam sempre a importância social da mulher. Rahbari et al. (2019b)

acrescenta que o Estado iraniano retrata o Ocidente como hipermasculinizado, patriarcal e imperial, que busca violar o corpo feminino. A partir de um discurso decolonial, o Irã se coloca como o contraponto do Ocidente, que seria um lugar onde os corpos das mulheres são vendidos e erotizados apenas para o prazer masculino. O feminismo, do mesmo modo, é tratado e criticado como um produto ocidental, que age como uma ferramenta colonial e que visa disseminar essas versões da feminilidade. O Irã, ao contrário, estaria preocupado com a família, com a pureza, e com a proteção de suas mulheres.

Para Rahbari (2017, p. 29), para que o esporte feminino possa se desenvolver cada vez mais no Irã, é de extrema importância que haja mudanças nos conceitos tradicionais de feminilidade e masculinidade, e no papel da mulher na economia, bem como seu acesso a recursos. A igualdade de gênero no esporte, em qualquer lugar do mundo, exige uma mudança cultural e política nas sociedades. Para as iranianas, a luta pela ocupação de um espaço tradicionalmente masculino vem se mostrando dura, porém, efetiva. Todas as atletas entrevistadas demonstraram otimismo com relação ao futuro do esporte feminino, ainda que as denúncias contra os costumes e as leis do país sejam recorrentes.

4.2 A mídia e as redes sociais iranianas

Tanto no Irã, quanto em grande parte do mundo, as mulheres ocupam uma posição de inferioridade no âmbito esportivo, onde são sempre comparadas ao ideal de desempenho dos homens. Essa percepção e tratamento inferior de atletas mulheres são refletidos nas condições financeiras e materiais do esporte feminino, assim como também na maneira em que elas são vistas e tratadas (CAMARGO e KESSLER, 2017, p. 197). Os argumentos utilizados para defender a inferioridade da performance atlética feminina são normalmente pautados em supostas diferenças biológicas entre os sexos, que fazem com que as mulheres possuam um rendimento menor, assim como fazem com que suas partidas ou apresentações não sejam interessantes e, portanto, não haveria um retorno financeiro suficiente para o incentivo das modalidades femininas. Kessler (2015, p. 58-59) aponta para um discurso cíclico presente na mídia, no mundo esportivo e entre a população geral, que afirma que as atletas femininas não apresentariam boas performances porque não recebem incentivos financeiros, ao mesmo tempo em que, por terem um “mau” desempenho, não conseguiriam atrair público, mídia e investimentos. Assim, gera-se uma impressão de que o esporte feminino não teria como progredir, o que reforça a sua invisibilidade. Para Hargreaves, os meios de comunicação também tendem a usar uma linguagem que caracteriza os esportes femininos e suas atletas

como Outros, infantilizando-as e menosprezando as suas realizações. Como a autora sugere, a mensagem transmitida é de que “os esportes masculinos são a coisa ‘real’ e os esportes femininos, em comparação, não são importantes” (HARGREAVES, 2003, p. 166).

Além da inferiorização relacionada ao seu desempenho, as atletas ainda precisam lidar com a objetificação de seus corpos. Ainda que o Irã seja diferente de muitos países (inclusive do Brasil), uma vez que os princípios islâmicos relacionados à modéstia fazem com que as mulheres não tenham seus corpos erotizados pela mídia, os corpos femininos não deixam de ser debatidos pela imprensa estatal iraniana, que é um importante meio de controle para o regime. Os veículos de comunicação possuem um grande papel na produção dos discursos dominantes sobre o que significa ser um homem ou uma mulher, assim como são um dos maiores responsáveis pela reprodução dos significados da masculinidade e feminilidade nos esportes. Como demonstram Knijnik e Souza (2007, p. 35-36), ao produzir diversos tipos de imagem, a mídia estabelece padrões estéticos e de comportamento, além de ser ela quem “cria, reforça e destrói heróis esportivos, transmite imagens positivas ou negativas sobre os atletas, suas realizações e eventos”. Para os atletas, a mídia é quem cobre seus eventos e garante a sua publicidade, podendo atrair investimentos e trazer reconhecimento popular.

Apesar de possuir um papel tão importante para os esportistas profissionais, a mídia é falha na divulgação de imagens positivas femininas. Ao ligar uma televisão no Brasil ou no Irã, é muito raro que encontremos transmissões de eventos ou divulgações de resultados de atletas mulheres em canais esportivos. No Brasil, apesar de termos inúmeros programas televisivos dedicados ao futebol, quase nunca ouvimos falar sobre o futebol feminino e questões relacionadas ao desempenho, resultados, e negociações de atletas. Os próprios repórteres ao se depararem com a necessidade de entrevistar jogadoras da seleção nacional se embaralham para saber de seus históricos, e chegam a não saber sequer o nome de algumas delas. Ademais, além de não terem espaço na mídia, Knijnik e Souza (2007, p. 40) expõem que os homens são mais frequentemente citados na imprensa por suas conquistas, sua competitividade, sua força física e psicológica, e por sua coragem e resistência. Enquanto as mulheres recebem mais citações relacionadas à sua aparência física, sua feminilidade, sua conduta não competitiva, e seus relacionamentos pessoais.

No Irã, a mídia televisiva é estatal, e por isso funciona de forma um pouco diferente da mídia brasileira, por exemplo. Como explica Adghirni (2014, p. 177-178), a *Islamic Republic of Iran Broadcasting* (IRIB), cujo diretor é escolhido pelo líder supremo em pessoa, é uma das peças centrais da máquina ideológica do regime. A lei determina que a IRIB possua o monopólio das emissoras de rádio e televisão, sendo responsável pelos diversos canais e

programas iranianos. Adghirni comenta que a IRIB é “surpreendentemente liberal”, transmitindo produções hollywoodianas (ainda que editadas quando necessário), programas de plateia com participantes e público misto, reportagens sobre teatro e cinema, e séries e novela internacionais. O jornalista ressalta o destaque dos esportes masculinos na programação, que divulgam não apenas os campeonatos nacionais e seus atletas, como também competições estrangeiras, como a liga de basquete americana (NBA).

Quanto aos esportes femininos, a mídia (TV, rádio, jornal, revista, etc.) cobre de uma maneira muito menor do que os esportes masculinos. De acordo com Mirsafian et al. (2014, p. 955), apenas insignificantes 2% dos programas e notícias esportivas estão relacionados às modalidades femininas. Os canais de televisão não podem cobrir os eventos esportivos femininos, a não ser que os códigos de vestimenta estipulados pelo Estado sejam completamente cumpridos. Competições nacionais de tiro esportivo, por exemplo, não apresentariam problema. Contudo, a imprensa também deixa de divulgar essa modalidade por um descaso pelo o esporte feminino e pela desvalorização das mulheres no campo esportivo de forma geral, algo também percebido em países não islâmicos, como o próprio Brasil. A falta de cobertura da imprensa é um problema amplamente discutido pelas atletas (PFISTER, 2003; JAHROMI, 2011; SAADATIFARD et al., 2019), principalmente porque a não divulgação de seus eventos e desempenhos faz com que menos pessoas conheçam e torçam por elas, assim como também faz com que os patrocinadores não apoiem o esporte feminino.

Ainda que as mulheres estejam usando o *hijab* durante seus campeonatos, o governo e a mídia estatal não acreditam que deva haver uma exibição dos corpos femininos durante as atividades físicas, pois seus corpos podem ficar à mostra em algum momento, ou suas curvas podem se tornar proeminentes. Na concepção do Estado, não seria apropriada a divulgação de imagens de mulheres sem que elas estejam devidamente cobertas e enquanto elas estejam se movimentando de forma ativa. Por outro lado, entrevistas com atletas e sua participação em programas televisivos são permitidas. Ao longo da pesquisa, tive contato com vídeos de reportagens e entrevistas concedidas pelas atletas. Quando elas apresentam bons resultados ou se classificam para torneios internacionais, não é incomum que as mídias locais as convidem para participar de programas na televisão. Algumas das entrevistadas publicaram em suas contas do Instagram vídeos de suas participações em *game shows* com suas famílias, enquanto outras publicaram vídeos de entrevistas concedidas a *talk shows*. Layla, atleta do tiro esportivo, publicou um vídeo de uma matéria jornalística com a seleção iraniana do tiro que havia se classificado para os Jogos Olímpicos. Na ocasião, a reportagem gravou os atletas em seu local de treino, onde homens e mulheres praticam juntos.

Segundo Azadeh, lutadora de kung fu, as competições femininas não são transmitidas na televisão, no entanto, ela acredita que a mídia cobre bem os resultados obtidos pelas atletas. Mina, atleta do remo, acrescentou que a mídia até cobre os desempenhos das esportistas quando elas conquistam medalhas, mas que comparado aos homens, elas aparecem muito pouco. Para Jahromi (2011), apesar de as mulheres serem marginalizadas nos meios de comunicação, a cobertura midiática vem aumentando ao longo dos anos, assim como a atenção do público vem gradualmente crescendo. A autora destaca que ainda que as regras para divulgação de imagens de mulheres e a desvalorização do esporte feminino façam com que as atletas tenham menos recursos financeiros e sejam menos conhecidas pela população, há também um lado positivo. Esses fatores, que estão associados à segregação de gênero, levaram a uma qualificação de algumas mulheres iranianas para abraçar todos esses empregos relacionados ao esporte (JAHROMI, 2011, p. 119). Observando as atletas e as mídias de notícias esportivas femininas no Instagram, pude perceber as diferentes oportunidades de emprego para mulheres nesse meio. Como a segregação é obrigatória, as atletas, as treinadoras, as juízas, as organizadoras, as dirigentes, as jornalistas, as fotógrafas, e todas as outras funcionárias são mulheres.

As atletas afirmam que a mídia possui um papel muito importante em apresentá-las à população e aos patrocinadores, contudo, como ela apenas expõe seus resultados e suas imagens são pouco vinculadas, elas não recebem muitas oportunidades de investimentos e são pouco conhecidas nacionalmente. As três jogadoras de futebol que participaram da pesquisa afirmaram que seria um sonho a televisão transmitir as partidas femininas. Como o futebol é o esporte mais popular no país, é muito comum que os iranianos acompanhem os jogos masculinos pela televisão, porém, a modalidade feminina nunca é transmitida, e as imagens das partidas da liga principal não são compartilhadas no YouTube ou em outros meios da internet. Após me contar sobre isso, Sara, jogadora de 20 anos, completou: “é tão vergonhoso!”. Para Sahar (Entrevista, 10/06/2020):

Os meios de comunicação não se importam com os esportes femininos. Eles até reportam alguns resultados, apresentam algumas jogadoras, falam sobre transferências e alguns times internacionais. Mas isso acontece muito pouco. Esse é um dos problemas que enfrentamos como atletas mulheres, a falta de transmissão na mídia faz com que seja muito difícil nós conseguirmos patrocinadores e investimentos.

As ciclistas entrevistadas, Parisa e Elaheh, explicaram que nenhuma competição feminina das modalidades do ciclismo pode ser transmitida pela televisão. Elas comentaram

que como a cultura religiosa é contra o uso de bicicletas por mulheres e como as roupas que usam para competir são justas, as suas competições não se enquadram no que é apropriado para ser transmitido. Elaheh adicionou que em competições internacionais ainda há o fato de que as atletas de outros países não utilizam roupas islamicamente apropriadas, então a IRIB não permite que elas sejam visíveis na mídia. A maior justificativa para que os eventos femininos não sejam transmitidos é o uso do *hijab* de maneira apropriada. Continuando a relatar sobre os esportes femininos na televisão, Elaheh afirmou que “é normal que falem apenas sobre o resultado. Como um relatório para qualquer corrida que tivermos. Mas não somos exibidas na televisão, eles apresentam apenas fotos ou um pequeno clipe”. Ambas as atletas do ciclismo, assim como algumas atletas de outras modalidades, mencionaram que a falta de atenção da mídia dificulta que elas consigam patrocinadores, o que faz com que elas tenham muitas dificuldades de se manterem em suas carreiras.

Para Layla, o problema não é apenas que a mídia não valoriza e divulga as atletas mulheres, mas também que há uma diferença de tratamento conforme a modalidade praticada. Assim como vemos no Brasil uma maior atenção dada ao futebol, enquanto outras modalidades são raramente mencionadas, o mesmo acontece no Irã. Segundo Layla, o país privilegia o futebol e alguns outros esportes, fazendo com que o tiro, por exemplo, raramente apareça na mídia. Para a atleta, a maior diferença de tratamento pelo governo e pela mídia estaria ligada ao esporte praticado. Em outubro de 2020, Layla publicou um vídeo de uma reportagem realizada com os atletas do tiro que pertencem à seleção nacional iraniana. Devido à barreira linguística, não pude compreender os comentários do jornalista, porém, Layla fez algumas anotações em sua publicação que pude traduzir com a ajuda de ferramentas on-line. A atiradora esportiva afirmou:

Talvez hoje em dia nosso maior desejo seja a igualdade entre as equipes da seleção iraniana, e não entre o Irã e outros países... É o nosso desejo mais trivial. Não queremos mais que a nossa situação seja como a dos atiradores de outros países... Queremos que a nossa equipe olímpica seja como as outras equipes olímpicas da República Islâmica do Irã.

Como podemos perceber pela entrevista concedida e pelos comentários da atleta divulgados em sua rede social, sua maior crítica não é ao Estado iraniano por ser islâmico ou por uma comparação com as condições de outros países. A maior crítica de Layla é que o Estado, as federações e a mídia não tratam as equipes do tiro da mesma forma que as equipes de outros esportes mais populares são tratadas.

Apesar de a mídia iraniana não divulgar e enaltecer as atletas mulheres, ela ainda possui uma grande função normatizadora ao defender e promover a modéstia e um papel doméstico para as mulheres. Enquanto no Brasil se busca vender uma imagem feminina mais sexualizada, no Irã o Estado busca divulgar, através de sua mídia estatal, os ideais de modéstia islâmicos, ao mesmo tempo em que busca criticar a libertinagem propagada pelo Ocidente e sua mídia que visam sempre o lucro.

A modéstia tem um papel central na religião islâmica, ainda que os fiéis possuam diferentes concepções sobre o que ela significa exatamente. Normalmente a modéstia no Islã significa ser uma pessoa humilde, que tenha um pensamento coletivo, que seja solidária e ajude outras pessoas, que não eleve muito a voz, que saiba controlar sentimentos de raiva, e que seja uma pessoa moderada de forma geral. A modéstia envolve a maneira como uma pessoa se veste, mas também se reflete na fala e no comportamento pessoal. No Islã, a modéstia é por vezes considerada como um fator que distingue o ser humano dos outros animais. Os seres humanos possuem a capacidade de controlar seus instintos, possuem vergonha e um senso do que é certo e errado, ao contrário de outros animais. A modéstia é, assim, um instrumento regulador da sociedade, que visa manter um comportamento moral e ético entre os indivíduos.

Para o governo iraniano, os líderes religiosos que se opõem aos modos de vida ocidentais, e a população religiosa mais conservadora, os homens e as mulheres devem se vestir e se comportar de maneira modesta. No caso das mulheres, isso significa utilizar roupas largas que escondam suas formas, fazer uso do *hijab*, e não usar muita maquiagem (alguns religiosos se colocam completamente contra o uso de maquiagem). Como é obrigatório no país se vestir de maneira apropriada de acordo com os preceitos do Islã, assim como há uma segregação sexual instituída, o Estado e a mídia não sexualizam o corpo feminino. Espera-se que as mulheres deixem a imagem de seus corpos para o ambiente privado, e não chamem atenção para as suas formas femininas em público. Para compreendermos melhor sobre a posição dos líderes iranianos, podemos observar as publicações na rede social Twitter do líder supremo Ali Khamenei. Em 2018, no dia internacional da mulher, Khamenei publicou uma série de *tweets* onde discorreu sobre as mulheres no Ocidente e no Irã.

Na lógica islâmica, existe uma estrutura para definir os papéis das mulheres. Uma #mulher islâmica é aquela que tem fé e castidade e conduz a parte mais importante da educação humana. Ela influencia a sociedade, alcança crescimento científico e espiritual: Ela é a diretora do núcleo familiar.

Hoje, de acordo com o modelo ocidental, as características mais procuradas de uma #mulher envolvem sua capacidade de atrair fisicamente os homens e satisfazê-los: uma imagem proeminente (retratada na sociedade) da mulher ocidental é sua nudez.

O modelo ocidental para as mulheres é um símbolo do consumismo, dos cosméticos, de se exibir para os homens como uma ferramenta de excitação sexual masculina. Tudo o que eles alegam, incluindo injustiça de gênero e assim por diante, é apenas conversa. A realidade é diferente.

Uma mulher pode ter presença ativa e profunda influência nas arenas sociais – assim como as mulheres iranianas são muito influentes. As características da mulher iraniana de hoje incluem modéstia, castidade, eminência, protegendo-se de abusos de homens, abstendo-se de se humilhar para satisfazer os homens (KHAMENEI, 2018).

Já em 15 de maio de 2020, dia internacional da família, Khamenei afirmou:

Na cultura ocidental, uma #mulher deve se expor aos homens para ser uma fonte de prazer para eles! Existe forma mais grave de opressão?! Eles chamam isso de '#liberdade', e o contrário eles chamam de 'cativeiro'! Ao contrário, a vestimenta modesta das mulheres lhes traz respeito.

A nudez e a exploração das mulheres para o prazer dos homens levaram à destruição de famílias e ao enfraquecimento da base familiar no Ocidente. Quando a família é enfraquecida e destruída em uma sociedade, a corrupção se torna institucionalizada nessa sociedade. #DiadaFamília (KHAMENEI, 2020).

O pensamento de Khamenei contra as mulheres serem apenas fontes de prazer para os homens e de serem utilizadas pelo consumismo ocidental como produtos é, de fato, relevante. Assim como a sua afirmação de que as mulheres iranianas são importantes para a sociedade e devem buscar crescimento científico e espiritual é notável. No entanto, o líder iraniano erra ao querer estabelecer uma superioridade para as mulheres que cobrem seus corpos, e defender que ao cobri-los elas estariam se valorizando ou se protegendo de assédios e violências. Usar as mulheres como objetos ou usá-las como propaganda política são ambos pensamentos retrógrados e nocivos. As mulheres deveriam poder ter oportunidades de se desenvolver na esfera pública usando qualquer roupa que desejassem, já que seu valor não está vinculado a sua aparência.

O líder supremo iraniano concorda de certa forma com o que fala Hargreaves (2003) sobre o uso da imagem das mulheres pelo ocidente. A autora critica a obsessão pelo corpo feminino e o uso de imagens de mulheres que visam o consumismo e o lucro. Ademais, Hargreaves (2003, p. 159) critica a fabricação de roupas esportivas que pretendem promover uma imagem feminina sexy, e sugere que essa é uma das maneiras através das quais os esportes se tornaram ligados à comercialização do corpo e da sexualidade feminina. Embora a

visão do líder religioso se coloque contra uma objetificação das mulheres, ela ainda é oprimida, uma vez que seu discurso no Twitter não condiz com a forma na qual as mulheres são tratadas no Irã. As iranianas não possuem uma presença tão ativa na esfera pública como desejariam, já que o machismo institucionalizado no país continua tentando restringir as mulheres a um papel de esposas e mães. Da mesma forma, Khamenei acredita que através da modéstia as iranianas estariam se protegendo do olhar e da violência masculina, porém, é óbvio que uma vestimenta não protege qualquer mulher de assédios e violações. Além disso, no Irã ainda é comum casos de feminicídio e de crimes de honra, onde os homens que cometem tais crimes contra mulheres de suas famílias muitas vezes não sofrem punições. O Irã não sexualizar as mulheres como acontece em outros países do mundo não faz com que ele seja menos opressor.

Aproveitando os exemplos do uso do Twitter pelo Líder Supremo iraniano, é interessante discutir a relação da República Islâmica com a internet e as redes sociais. Enquanto a mídia *mainstream* sempre teve um papel relevante na criação e divulgação de discursos políticos que fortalecem os princípios morais do regime iraniano (principalmente no controle das imagens femininas), a chegada da internet no país fez com que o governo tentasse tomar o controle das novas mídias sociais para a promoção desse imaginário político. Desde 2001, o Irã instituiu uma severa censura na internet, limitando o acesso a plataformas como o Facebook, YouTube e Twitter, assim como censurando a busca *on-line* por temas como sexualidade, direitos humanos, feminismo e política (RAHBARI et al., 2019b, p. 1421). As representações das mulheres na internet têm sido condicionadas às regulações estatais, que visam promover, dentre outras questões, uma oposição ao Ocidente libertino. Para tanto, Rahbari et al. (2019b, p. 1422) sugerem que o Estado não apenas utiliza de censura e limitação do acesso a discursos políticos alternativos, como também ele próprio possui um engajamento ativo nas mídias on-line.

Apesar da censura e da criação de um ambiente on-line hostil, ironicamente, o Irã possui o sétimo maior número de usuários do Instagram no mundo, com um terço da população do país utilizando a rede social em 2018 (FINANCIAL TRIBUNE, 2018). O país não apenas possui um alto número de usuários, como também os próprios líderes políticos e religiosos fazem uso das redes sociais para promover seus interesses. No entanto, o governo espera que os usuários, e principalmente as usuárias, façam uso da internet respeitando os preceitos islâmicos. Ou seja, para os governantes e religiosos é imprescindível que as mulheres mantenham a modéstia on-line, sempre cobrindo seus cabelos e com uma aparência mais recatada. Ao analisar os perfis das atletas no Instagram, e acabar também descobrindo e

visitando o perfil de diversos outros iranianos e iranianas, é fácil perceber que há bastante liberdade nesse meio. Ao mesmo tempo em que existem diversos perfis mais discretos, há centenas de blogueiras, modelos, e pessoas que fazem do Instagram a sua fonte de renda, lucrando com a divulgação de sua própria imagem e da imagem de marcas através de publicidade.

Isso não significa que essas mulheres vivam sem riscos. Em 2016, as autoridades iranianas prenderam oito modelos que publicavam fotos de si mesmas sem o *hijab*, utilizando vestimentas mais ocidentais, e se comportando de uma maneira não apropriada para os padrões estatais. As modelos foram acusadas de terem perfis “não-islâmicos”, e tiveram suas contas no Instagram tomadas pelas autoridades. Na ocasião, o promotor da corte de crimes cibernéticos, Javad Babaei, afirmou em uma entrevista televisiva que as mulheres estavam “criando e disseminando uma cultura imoral e não islâmica”, complementando que eles haviam descoberto que “aproximadamente 20% do Instagram no Irã é dominado pelo círculo de modelos” (WARREN, 2016). De fato, assim como em diversos países do mundo, há uma onda de influenciadores digitais que vêm ganhando espaço, sendo constituída principalmente de pessoas da elite, que divulgam seus modos de vida mais luxuosos enquanto lucram com a publicidade de marcas de diversos setores. Para o governo iraniano, pouco importa o que os homens vão divulgar em suas redes, o que realmente importa é a divulgação de imagens por mulheres que vão contra as leis do país e ameaçam a autoridade antidemocrática. Como já mencionado, as mulheres iranianas são muito utilizadas pelo regime como as guardiãs da moral e do nacionalismo, o que faz com que seus atos de rebeldia levem a pânico morais, como explica Rahbari et al. (2019b).

No caso das atletas entrevistadas para esta pesquisa, muitas possuem perfis públicos³⁵ no Instagram. Ao buscar possíveis entrevistadas, esse foi um dos fatores que levei em consideração, já que um perfil público indica que a pessoa se sente mais tranquila em divulgar suas fotos e vídeos. Desta forma, enviei solicitações de mensagem majoritariamente para perfis públicos, ainda que tenham sido realizadas entrevistas com atletas que possuíam perfil privado também. As atletas entrevistadas que possuem perfis públicos normalmente publicam fotos e vídeos com maior cuidado com relação à sua aparência. Ainda que em um momento ou outro apareçam sem *hijab*, na maioria das vezes elas respeitam as regras do país por medo de sofrerem algum tipo de represália, porém, durante nossas conversas, elas acabavam me

³⁵ No Instagram, perfis públicos são perfis abertos para todos que acessarem a página em questão. Ao contrário, perfis privados são fechados ao público. Nesse caso, é necessário que se envie uma solicitação para seguir o perfil privado e aguardar a autorização do dono do perfil para, então, conseguir acessar as fotos e outros conteúdos disponíveis.

enviando fotos em momentos mais privados, onde não faziam uso do *hijab*. As entrevistadas com perfis privados já se sentiam mais confortáveis em publicar fotos quebrando as regras iranianas, já que elas determinavam quem poderia segui-las.

Algo que pude observar mais nos perfis das jogadoras de vôlei foi que muitas delas possuíam duas contas no Instagram: uma pública e uma privada. A primeira atleta com quem conversei, a jogadora chamada Ava, tem um perfil público, onde possui milhares de seguidores, e outro privado, reservado a amigos e familiares. Durante os meses de 2020 eu seguia apenas seu perfil público, onde Ava compartilha alguns momentos de sua vida privada, porém, divulga na maior parte do tempo imagens e vídeos relacionados à sua profissão. Como eu já tinha acesso à sua conta pública, não sabia que ela também tinha uma conta privada, até que em janeiro de 2021 ela me enviou uma solicitação para seguir meu perfil (que é privado) com sua conta privada. Neste perfil, Ava compartilha apenas fotos sem o *hijab*, em momentos muito mais descontraídos com sua família e amigos, trazendo outro lado de sua vida para o público que a segue na rede social. Através de nossas conversas por WhatsApp, Ava já me enviava fotografias consideradas mais liberais pelo governo, porém, me admirou que ela separasse sua vida nas redes sociais. A partir de seu perfil encontrei muitas outras atletas que também possuíam duas contas no Instagram.

Além de separarem suas vidas em perfis diferentes, algumas usuárias iranianas do Instagram que preferem manter suas contas abertas contratam empresas de tecnologia da informação para fazer a “segurança do perfil”, descrevendo sobre a questão em sua biografia³⁶. Outras atletas, e usuários da rede no geral, colocam em sua biografia a frase: “Sigo as leis da República Islâmica” entre *emojis* da bandeira iraniana. Essa frase pôde ser encontrada nos mais variados perfis de pessoas públicas, em contas abertas e fechadas. Tanto o fato de terem uma empresa responsável pela segurança, quanto de escreverem a frase acima em suas biografias, não alterava o conteúdo das publicações. Alguns perfis de mulheres que continham essas descrições, de fato, tinham cuidado em seguir as leis iranianas. Contudo, outras não se preocupavam em publicar fotos cobertas, divulgando diversas imagens onde apareciam sem o *hijab*, ainda que afirmassem seguir as leis. No caso da utilização de uma empresa de segurança, muitas contas de mulheres que continham tal descrição eram perfis que violavam as regras do país. Eu não entrei em contato com essas mulheres por não serem atletas, porém, me pareceu que a segurança era justamente para o caso de terem algum problema com as autoridades.

³⁶ Pequeno sumário localizado abaixo do nome de usuário, onde a pessoa pode fazer uma breve descrição sobre si mesma, colocar informações de contato, ou escrever algo sobre seu perfil.

Enquanto falávamos sobre as mulheres atletas e a mídia, Elaheh levantou um ponto que pude perceber em minha pesquisa através do Instagram. Como a rede social se tornou muito popular no Irã, é comum que atletas façam propagandas para marcas de roupas, comidas saudáveis e suplementos, ou divulguem serviços de academias, clínicas de estética, e cabelereiros, por exemplo. O Instagram se tornou uma maneira através da qual as atletas podem divulgar seus trabalhos e vitórias, assim como permite que elas recebam maior reconhecimento da sociedade. Há diversas páginas dedicadas à divulgação de notícias esportivas femininas, assim como muitas páginas apenas divulgam imagens das atletas para exaltá-las. Segundo Elaheh (Entrevista, 04/07/2020):

A mídia social está se tornando muito popular no Irã. Tipo, o Instagram é tão popular. Infelizmente, para alguns atletas, é difícil impulsionar suas carreiras, eu acho, porque elas estão fazendo mais coisas de moda do que promovendo seu estilo de vida de atleta e seu esporte. E com isso, no Irã você pode facilmente conseguir seguidores como uma garota e se tornar conhecida. Muitas atletas estão fazendo isso para compensar por não serem vistas em outras mídias.

Além do Instagram e de outras redes sociais, as atletas profissionais aparecem nos sites de notícia e blogs dedicados exclusivamente à divulgação dos esportes femininos. Outros meios de comunicação, como a mídia impressa, também divulgam o trabalho das atletas, ainda que em menor proporção. De acordo com Elaheh, é mais fácil dar entrevistas para revistas e jornais porque eles utilizam fotos e já explicam para as atletas como elas precisam se vestir para que eles possam publicar. A ciclista afirmou que já participou de muitas entrevistas nas mídias iranianas.

É também através das redes sociais que as atletas se manifestam contra o governo e as federações em questões relacionadas aos esportes, ou questões políticas. Em 2020, algumas das atletas entrevistadas se uniram a uma campanha nacional e internacional contra a execução de três homens que haviam sido presos por participarem de um protesto contra o governo em novembro de 2019. Da mesma maneira, também em 2020, algumas atletas se posicionaram na campanha contra a execução do atleta de luta olímpica estilo livre, Navid Afkari, que foi acusado falsamente de assassinato após participar de protestos contra o governo em 2018.

Com relação ao âmbito esportivo, algumas atletas com quem eu entrei em contato durante a pesquisa usam a plataforma do Instagram para se manifestar contra as injustiças que sofrem. No período da pesquisa, durante os anos de 2020 e início de 2021, alguns casos se sobressaíram. Em julho de 2020, a lutadora de kung fu Soheila Mansorian denunciou, através

de seu Instagram, o mau tratamento que havia recebido no complexo esportivo onde treinava, após ser impedida de entrar no local por não ter renovado sua carteirinha durante a pandemia da COVID-19. Mansorian, que assim como suas duas irmãs é campeã mundial de kung fu, expôs o quanto havia se dedicado para provar para todas as meninas e mulheres que elas podiam ser atletas e campeãs usando o *hijab*, e o quanto ela havia superado os obstáculos que o país impunha, apenas para continuar sendo destrutada e tendo barreiras impostas por questões técnicas irrisórias. Seu caso chamou muita atenção na rede social, e diversas atletas entrevistadas manifestaram sua solidariedade à lutadora, expondo o quanto ficavam chateadas de terem sempre que lutar contra barreiras em suas carreiras.

Outro caso, ainda em 2020, foi quando uma das maiores atletas de escalada no gelo decidiu abandonar o esporte profissional. Zeinab Moosavi, medalhista de prata nos Jogos Asiáticos, enfatizou os obstáculos que havia enfrentado, inclusive a falta de apoio da Federação de Montanhismo e Escalada Esportiva e seus pontos de vista masculinos. A escaladora criticou a falta de suporte financeiro, a falta de um ginásio dedicado ao esporte, e os esforços da federação de impedir que ela viajasse para competições internacionais. Praticando o esporte sem um treinador, Moosavi ficou inconformada que a federação não permitiu que ela participasse de dois grandes campeonatos internacionais, mesmo que ela fosse independentemente. Após suas reclamações, a federação ainda a convocou até a sua sede para lhe dar uma advertência, fazendo com que a atleta desistisse de competir profissionalmente (NCRI, 2020).

No dia 18 de março de 2021, Forough Abbasi, esquiadora olímpica de 27 anos, publicou sua despedida da seleção nacional de esqui em sua conta no Instagram. A atleta afirmou em seu texto que estava cansada da humilhação, da discriminação, e da falta de recursos financeiros. Ela agradeceu as pessoas do mundo esportivo que se empenhavam em melhorar o esporte feminino, mas ressaltou que sua decisão veio após um longo caminho de discriminação, desprezo, e dificuldade de realização profissional das modalidades femininas. Abbasi finalizou afirmando que espera que o esporte feminino possa brilhar no futuro e que deseja que mais mulheres se envolvam na profissão.

Além desses casos, diversos outros apareceram nas mídias esportivas femininas. Nos últimos anos, a atleta do taekwondo Kimiya Alizadeh, a jogadora de xadrez Ghazal Hakimifard, as Grandes Mestres de xadrez Dorsa Derakhshani e Mitra Hejazipour, a lutadora de boxe Sadaf Khadem, e a jogadora de futsal Shiva Amini representam exemplos de atletas iranianas que tiveram que abandonar seus esportes ou sair do país em busca de melhores oportunidades. Por vezes sendo banidas de praticar seus esportes (por ferirem alguma lei), por

outras deixando o esporte por decisão própria, as atletas que abandonam o esporte profissional normalmente se manifestam sobre sua situação através do Instagram, por ser um local onde há maior liberdade de expressão. Uma vez que a mídia tradicional iraniana é controlada pelo Estado, é óbvio que as atletas não recebem espaço para se manifestar contra o governo e as federações. Pelo contrário, nessas mídias, as atletas que afrontam o Estado e deixam o país são consideradas desertoras antinacionalistas.

Apesar de terem que viver em um ambiente hostil, entrando em conflito com o governo e com as federações, as atletas iranianas continuam praticando e competindo, reforçando seu espaço no mundo esportivo. Enquanto se mantêm firmes no esporte, elas usam o Instagram para tornar suas práticas esportivas visíveis. Nas redes sociais, as atletas encontraram um local onde podem se expressar mais livremente, tanto em questão de imagem, publicando fotos que por vezes ferem leis e normas sociais, quanto em questão de discurso, onde podem publicar textos e imagens de protesto, contando sua história para o mundo. Como menciona Rahbari (2019a), em um país onde o espaço público é altamente regulamentado, o espaço digital oferece uma plataforma alternativa para a performance corporal e a expressão de identidades.

Devido às censuras, os meios de comunicação oficiais do Estado se tornam fontes importantes de poder discursivo que definem as possibilidades e o que é legítimo para o corpo de uma mulher. Como pontua Rahbari et al. (2019b, p. 1431), esse discurso não tolera resistências alternativas ou tentativas de redistribuição de poder. Assim, o Estado bloqueia o acesso a interpretações e narrativas alternativas, monopolizando o discurso. No entanto, apesar dessa hegemonia discursiva dos veículos oficiais, é relevante ressaltar que a mídia online também possui a capacidade de democratizar os discursos e o poder. Mesmo com as tentativas de censura e repressão, a internet é um lugar onde a informação é transmitida de uma maneira muito rápida, e onde as pessoas podem participar ativamente através de curtidas, comentários, e compartilhamentos, o que faz com que este seja um espaço com grande potencial de mobilização civil, política e social (como vimos, inclusive, nos eventos da Primavera Árabe).

Para Rahbari et al. (2019b, p. 1432), além da resistência on-line, os próprios veículos de comunicação oficiais, em todos os seus meios, permitem um contradiscurso, ainda que de forma não intencional. Isso porque nos pânicos morais, como explicam Rahbari et al., as práticas de gestão do corpo feminino são diretamente problematizadas, com uma cobertura midiática generalizada. Assim, ao mesmo tempo em que reforçam o discurso hegemônico e levam a um aumento da violência e controle, esses pânicos criam um impulso inesperado ao

trazer os casos de resistência para o primeiro plano. Os corpos das mulheres, que geralmente se encontram ausentes da mídia oficial, tornam-se centrais e ocupam novas geografias de conhecimento na internet. Rahbari et al. (2019b, p. 1432) ainda sugerem que essa presença feminina desafia a estabilidade do corpo e revela a possibilidade de dissidência e o surgimento de corpos alternativos.

Dessa forma, a internet e as redes sociais se tornam locais de resistência cada vez maiores, desempenhando um importante papel para as mulheres, que utilizam a mídia digital como um espaço público alternativo na falta de espaços off-line. O espaço cibernético permite que discursos e formas alternativas de feminilidade sejam expressos de forma mais livre, e abre maiores possibilidades de comunicação, diálogo, e de competição com as narrativas convencionais. Como afirma Rahbari (2019a, p. 599), em um contexto onde os espaços públicos são controlados e monitorados, reforçando os entendimentos binários tradicionalistas e estritos de feminilidade e masculinidade, a presença digital e a visibilidade de mulheres atletas expandem os limites da feminilidade corporificada e criam relatos alternativos de o que o corpo feminino e a feminilidade poderiam se tornar. Para as atletas, redes sociais como o Instagram se apresentam como veículos essenciais, permitindo que elas possam expressar suas vozes, se unam em redes e percebam que não estão sozinhas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atletas iranianas precisam lidar constantemente com diversas questões e dificuldades surgidas da cultura e dos valores religiosos do país. Apesar das limitações impostas pelo Estado e seus governantes conservadores, as fontes sagradas islâmicas enfatizam a importância da igualdade de oportunidades para as mulheres, tendo em vista seu pleno desenvolvimento espiritual, intelectual e físico. No Irã, após a Revolução de 1979, ao mesmo tempo em que existiram diversas tentativas de estimular a restrição da mulher ao lar, o espaço público foi tornado islamicamente apropriado com os novos códigos de vestimenta e comportamento, fazendo com que a maioria das iranianas (que é muçulmana) se sentisse confortável em estabelecer uma vida pública. A educação foi estimulada para todas as classes e regiões, as mulheres começaram a ocupar mais cargos públicos, e até os esportes femininos (já nos anos 1990) foram encorajados pensando na democratização da atividade física que antes era restrita a elite.

Ao longo das últimas décadas, as iranianas tiveram êxito nos âmbitos científico, literário, artístico e acadêmico, superando o número de homens nas graduações e pós-graduações. No entanto, mesmo apresentando sucesso em diferentes áreas, o Irã ainda está longe de estabelecer condições igualitárias para as suas cidadãs, e as mulheres continuam sofrendo com a falta de oportunidades no mercado de trabalho e com a baixa representação política feminina no parlamento. Enquanto elas representam mais de 60% das admissões nas universidades, as iranianas ocupam apenas 6% dos assentos no parlamento (PNUD, 2020). Para Mernissi (2013), essa desigualdade nos campos do emprego e da política levaram as mulheres de diversos países muçulmanos ao mundo da ciência. Originalmente publicada em 1994, sua obra revela que, na época, 32,6% dos cientistas e técnicos no Irã eram mulheres (MERNISSI, 2013, p. 132).

O âmbito esportivo iraniano permanece dominado pelos homens, assim como em grande parte do mundo, fazendo com que as mulheres ainda ocupem um espaço secundário, seja como atletas, treinadoras, ou dirigentes. Contudo, apesar das dificuldades, limitações, e da hostilidade de parte da sociedade, as iranianas persistem, criando, como diz Cahn (2015), “uma tradição esportiva feminina vibrante”. Após gerações de mulheres disputando espaços nos esportes recreativos e profissionais, e até de mulheres que lutam por seus espaços como torcedoras em eventos esportivos, hoje elas podem disfrutar muito mais os benefícios e prazeres oferecidos pela atividade esportiva. Apesar das dificuldades e dos caminhos que

ainda precisam ser traçados, as iranianas conquistaram grandes mudanças na arena esportiva, marcando definitivamente a sua presença em um ambiente tradicionalmente masculino.

Dentre as dificuldades apresentadas neste trabalho, é interessante lembrar que as iranianas, por estarem em um país islâmico e, na maioria das vezes, serem muçulmanas, precisam ultrapassar diversos obstáculos, como os códigos de vestimenta, as atitudes em relação ao corpo relacionadas à modéstia, os exercícios realizados durante o mês de jejum do Ramadan, e a limitação de recursos. Segundo Mirsafian et al. (2014, p. 955), apenas 30% do orçamento de cada federação esportiva está relacionado ao esporte feminino, porém, mesmo esse valor não é totalmente destinado ao esporte feminino. Um fator que constitui ao mesmo tempo um obstáculo e uma oportunidade é a segregação de gênero instituída no país.

Parte da razão para a mudança nas atitudes mais tradicionais que originalmente proibiam o esporte feminino foi, paradoxalmente, as políticas de segregação e de exigência do uso do *hijab*. A segregação prejudicou uma minoria de pessoas que não seguem os preceitos islâmicos ou que são muçulmanas, mas não acreditam que a religião prescreva essas normas. Por outro lado, para a maioria religiosa do país, a segregação e o uso do véu representaram uma maior liberdade e inclusão na sociedade. A exclusão dos homens tornou o ambiente mais seguro e confortável para as mulheres cujas crenças requerem segregação de gênero para praticar esportes, e ainda contribuiu para que as parcelas mais conservadoras da sociedade afrouxassem suas normas. Como pontua Jahromi (ela mesma sendo uma mulher iraniana bem sucedida no campo da educação física e do esporte), a conciliação da participação feminina nos esportes com regulamentações islâmicas mais rígidas foi acompanhada pelo desenvolvimento de uma infraestrutura que capacitou muitas mulheres em diversos níveis de participação: treinamento, ensino, gestão, organização e administração (JAHROMI, 2011, p. 122).

Além de questões ligadas ao que o Estado interpreta serem regulamentos islâmicos, o desenvolvimento do esporte feminino também acaba limitado pela atitude que permeia grande parte do mundo de que o desenvolvimento de competências atléticas e a competição são, de alguma forma, contrários ao papel tradicional de uma mulher. Essa questão também influencia nos investimentos do Estado e da federação, assim como a percepção da mídia de que os esportes femininos não seriam apropriados para divulgação televisiva, por exemplo, o que também acarreta em um menor interesse e conhecimento da população sobre a atividade esportiva das mulheres. Como já discutido, esses fatores levam a baixos investimentos de patrocinadores, criando um ciclo de difícil interrupção, já que os esportes femininos são menos desenvolvidos por receberem menos recursos, e recebem menos recursos por não

serem desenvolvidos em comparação com os esportes masculinos, que representariam a norma ou o ideal.

Mesmo com as adversidades, o esporte feminino iraniano vem conseguindo crescer e se desenvolver, muitas vezes atraindo fãs e apoiadores através das redes sociais. As atletas profissionais no Irã persistem, confrontando os governos locais e as federações e, em diversos momentos, tendo que depender de suas famílias para custear suas viagens para competições. O esporte é uma paixão para essas mulheres, e simboliza uma liberdade que elas se recusam a perder. Ao perseverarem, essas atletas se mantêm determinadas a forjar novas definições, e a transformar a sociedade em que vivem. Atuando em um meio masculino, que também pode servir como opressor ao reforçar ideais de feminilidade ao corpo e comportamento das atletas, elas desafiam, contestam e renegociam as convenções de seu país. As falas das atletas entrevistadas sugerem que a prática esportiva pode se tornar um local de ressignificações sobre o que significa ser mulher, podendo-se argumentar que ser mulher e ser atleta representa uma transgressão no contexto iraniano, contribuindo, ao mesmo tempo, para o enfraquecimento dos conceitos normativos e para o empoderamento dessas mulheres.

É importante também pontuar a importância das redes sociais, e mais especificamente do Instagram, nesse questionamento e ressignificação das expectativas que circundam as mulheres iranianas. Os espaços digitais podem desempenhar um papel relevante para a visibilidade e o acesso a discursos não convencionais sobre feminilidade, assim como sobre o corpo e a fisicalidade das mulheres. No Irã, o ciberespaço se torna essencial para a contestação dos discursos oficiais do Estado, uma vez que o cenário político no país normalmente é autoritário e repressivo. Por meio das redes sociais, as iranianas e os iranianos conseguem se expressar de maneira mais livre, podendo dialogar e competir com as narrativas oficiais. Como aponta Rahbari (2019a), em um contexto onde a imagem e o comportamento das mulheres no espaço público são controlados e monitorados visando o cumprimento dos entendimentos binários tradicionais de feminilidade, a presença e visibilidade digital das atletas impulsionam os limites da feminilidade hegemônica e criam discursos alternativos a respeito do que o corpo feminino e a feminilidade podem se tornar.

Através desta pesquisa, eu busquei conhecer e apresentar de maneira mais geral o panorama do esporte feminino profissional no Irã. Ainda que as atletas entrevistadas não possam representar a totalidade das experiências e realidades vividas no país, as suas falas nos ajudam a compreender o contexto iraniano onde o esporte é desenvolvido, assim como as vivências dessas mulheres, os obstáculos que enfrentam, as negociações que precisam realizar, e a resistência que elas estabelecem frente ao Estado. A partir de suas trajetórias e

das dificuldades enfrentadas por elas, podemos perceber que os obstáculos aparecem em diferentes frentes. As atletas participantes mencionaram a questão financeira, a questão sociocultural, a questão religiosa, a questão estrutural, e as limitações provenientes do Estado (principalmente através das leis), das federações, e da mídia. Mesmo com essas variadas barreiras, que dificultam a prática da atividade física feminina assim como o seu desenvolvimento profissional, essas mulheres não deixam de ocupar o espaço que reivindicam. Ainda que elas não recebam para competir, ou que tenham que usar o *hijab* e vestimentas que cubram seus corpos, essas atletas resistem, lutando por melhorias na esfera esportiva, para mudar o pensamento da sociedade com relação ao esporte feminino, e para abrir cada vez mais oportunidades para as novas gerações.

As atletas entrevistadas também comentaram sobre a religião islâmica, argumentando que a religião em si não impede as mulheres de praticarem exercícios físicos, mas que o Estado e a cultura patriarcal iraniana seriam os responsáveis por limitar a atividade feminina em diversas esferas da sociedade. Enquanto as mulheres muçulmanas no geral vão viver a sua identidade religiosa de diferentes maneiras, no Irã elas são obrigadas a seguir as leis, tendo que usar sempre as vestimentas e uniformes esportivos aprovados pelo Estado, assim como tendo que respeitar as regras relacionadas à segregação sexual. Desta forma, mesmo as atletas que não acreditam que essas sejam normativas da religião devem seguir as determinações, precisando se ajustar em suas competições.

Todas as dificuldades enfrentadas pelas atletas se refletem na sociedade iraniana como um todo. A expectativa cultural sobre o papel de uma mulher, de como o seu corpo deve aparentar e se comportar, a feminilidade hegemônica, a preocupação com a virgindade e com a modéstia, todos são fatores de controle sobre o corpo feminino. Mesmo vivendo nesse contexto, em um país com um Estado autoritário que se agarra ao tradicionalismo, as iranianas persistem, sempre se adaptando e mostrando para o mundo inteiro sua força e determinação.

Em todos os capítulos apresentados nesta pesquisa pôde ser percebida uma relação entre controle e resistência. Seja através de atitudes do Estado, da mídia, das famílias, ou da sociedade, há uma expectativa quanto à aparência e ao comportamento de uma mulher no Irã. Assim como há um contramovimento por parte das atletas, que insistem em existir em um espaço hostil repleto de desafios. Deste modo, o esporte feminino no Irã demonstra um potencial emancipatório, uma vez que as experiências físicas contrastam com as restrições da ideologia do regime.

Na visão de Tohidi (2016), uma vez que a estrutura autoritária do Irã não permite grandes mobilizações e mudanças drásticas, o ativismo iraniano se manifesta principalmente por meio da presença das mulheres na esfera pública, resistindo às políticas de segregação e às ideologias estatais que pretendem confinar as mulheres ao lar. Tohidi (2016, p. 81) ressalta a importância do “poder da presença” quando as mulheres ocupam espaços no mercado de trabalho, nas universidades, na prática esportiva, e na política. Esse conceito de Tohidi do “poder da presença” é muito importante para entender a luta das mulheres no Irã. Se as estruturas autoritárias do regime não permitem mobilizações grandiosas, as iranianas ocupam espaços e demonstram todos os dias que elas não serão ignoradas ou excluídas da esfera pública.

Para Rahbari et al. (2019b), as mulheres iranianas apresentaram o primeiro e mais eficaz desafio contra o governo após a Revolução de 1979 e, apesar da derrota inicial (com as leis discriminatórias sendo ratificadas), elas continuaram criticando ativamente o Estado, criando campanhas, usando o potencial das fontes islâmicas para reformar a condição das mulheres, e marcando sua presença em diferentes esferas da sociedade. Rahbari et al. (2019b, p. 1419) acreditam ainda que as mulheres continuam sendo o grupo de resistência política mais duradouro até hoje. Essa resistência acaba aparecendo mais e sendo mais significativa justamente por esse “poder da presença”, que Rahbari (2019a) chama de “resistência cotidiana”.

Mernissi (2013, p. 132) afirma que as mulheres iranianas encontraram “mil maneiras de reivindicarem o espaço público”, sugerindo que as imposições relacionadas ao véu e a tentativa de exclusão das mulheres de espaços, como algumas profissões e o mundo esportivo, só fizeram com que elas se tornassem mais politizadas e ousadas, se recusando a se deixarem intimidar ou assustar pelas autoridades. Seja usando o *hijab* de maneiras que mostram grande parte do cabelo, ocupando cada vez mais vagas nas universidades, trabalhando mesmo que de forma autônoma, negociando sua participação em competições internacionais, financiando seus próprios treinos e viagens para torneios, criando competições esportivas exclusivas para mulheres, e denunciando os abusos através das redes sociais, as iranianas permanecem exigindo o seu espaço.

Nos esportes, as atletas seguem ultrapassando limites e fazendo grandes conquistas. Rahbari (2019a) acredita na importância da “resistência cotidiana”, que utiliza as atividades cotidianas, como os esportes, como locais de contestação social. A autora cita como exemplos dessa resistência os desafios às proibições de comparecimento a estádios e eventos esportivos masculinos, e a participação das atletas em atividades proibidas, como a participação em

competições internacionais de fisiculturismo e seu treino em ambientes privados. Embora Rahbari (2019a) mencione apenas esses dois casos, dando ênfase ao seu objeto de estudo, o fisiculturismo, a própria prática de esportes, mesmo nas modalidades que são permitidas, representa uma resistência. Nos anos 1980, todos os esportes foram banidos para as mulheres, sendo a sua resistência e perseverança a razão pela permissão atual. Ademais, a sociedade ainda vê com maus olhos a liberdade feminina e a prática esportiva de mulheres, com muitas iranianas sendo proibidas por suas famílias de praticar atividades físicas. Assim, os esportes femininos ainda representam uma forma de resistência, pois é a partir deles que elas lutam por mais liberdade e demonstram o seu “poder da presença”.

Para concluir, é importante notar que considerando a complexidade do objeto, a metodologia empregada, e as escolhas de coleta de dados, não é possível realizar suposições generalizadas. As descobertas deste estudo não podem ser generalizadas como as vivências de todas as atletas profissionais no Irã, e muito menos como representativos da população feminina iraniana no geral. As atletas entrevistadas eram, em sua maioria, mulheres de grandes centros urbanos, pertencentes às classes média e média-alta, com alto nível de educação, e solteiras. Todos esses fatores podem impactar muito em como as mulheres acessam o mundo esportivo e como suas experiências são vividas. O apoio da família aliado a esses fatores socioeconômicos demonstram um privilégio dessas mulheres. Deste modo, deve-se presumir que mulheres de outras origens sociais, que vivam em regiões menos urbanas ou desenvolvidas, que pertençam a camadas sociais mais baixas, e que sejam de comunidades mais religiosas, possuam diferentes crenças, atitudes e experiências com relação ao esporte.

A barreira linguística e o fato de eu não ter conseguido realizar minha pesquisa no Irã também fizeram com que a pesquisa se tornasse limitada, ainda que muito pôde ser apreendido a partir das conversas com as atletas e a observação do meio cibernético. Ademais, muitas questões seguem inexploradas, enquanto outras que foram levantadas podem ser aprofundadas em pesquisas futuras. Para este trabalho, eu pretendi trazer um panorama geral dos esportes femininos no Irã, conhecer mais essas mulheres e o que elas têm a dizer, buscar novos entendimentos sobre a cultura e realidade iraniana, assim como poder refletir sobre a nossa realidade brasileira, não tão distante quanto possa parecer em um primeiro momento. O meu interesse pelo Irã já vem há anos, e eu planejo seguir com minhas pesquisas no próprio país, onde eu posso desenvolver a língua e aprofundar as diversas questões apresentadas pelas atletas durante as entrevistas, como a questão trans e a sexualidade, a questão das torcedoras que lutam para entrar nos estádios, e a questão das redes sociais como locais de agência. Além de poder explorar as próprias particularidades do país, que apresenta

leis e regulamentos que não são cumpridos na prática, como a questão do contato entre os sexos, que supostamente deveriam ficar afastados, assim como os eventos e outros momentos clandestinos que fazem parte do cotidiano iraniano.

REFERÊNCIAS

AAS, Katja F. 'The body does not lie': Identity, risk and trust in technoculture. **Crime, Media, Culture**, Thousand Oaks, v. 2, n. 2, p. 143-158, 2006.

ACNUR. Treinadora afegã ajuda jovens refugiadas a encontrarem novo caminho no Irã. Shiraz, 14 out. 2020. Disponível em: <<https://www.acnur.org/portugues/2020/10/14/treinadora-afega-ajuda-jovens-refugiadas-a-encontrarem-novo-caminho-no-ira/>>. Acesso em: 14 out. 2020.

ADELMAN, Miriam. Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 445-465, jul.-dez. 2003.

_____. Mulheres no Esporte: Corporalidades e Subjetividades. **Movimento**, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 11-29, jan.-abr. 2006.

ADGHIRNI, Samy. **Os iranianos**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

_____. A polícia moral iraniana em ação. Folha de S. Paulo, São Paulo, maio 2012. Disponível em: <<http://samyadghirni.blogfolha.uol.com.br/2012/05/16/a-policia-moral-iraniana-em-acao/>>. Acesso em: 04 maio 2020.

AGHAEI, Najaf et al. Sports Rights Laws in Iran. **Journal of Applied Environmental and Biological Sciences**, Cairo, v. 4, n. 2, p. 1-7, 2014.

AHMED, Leila. **Women and Gender in Islam: Historical Roots of a Modern Debate**. New Haven: Yale University Press, 1992.

ALCORÃO. Português. **O significado dos versículos do Alcorão Sagrado**. Trad. EL HAYEK, Samir. São Paulo: Marsam Editora Jornalística, 1994.

AL JAZEERA. FIFA boss Infantino calls on Iran to lift stadium ban on women. Doha, 19 set. 2019. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/sports/2019/09/19/fifa-boss-infantino-calls-on-iran-to-lift-stadium-ban-on-women/>>. Acesso em: 4 dez. 2020.

AMARA, Mahfoud. An Introduction to the Study of Sport in the Muslim World. In: HOULIHAN, Barrie (ed.). **Sport and Society: A Student Introduction**. Thousand Oaks: Sage, 2007. p. 532-552.

ANDERSON, Eric; TRAVERS, Ann (ed.). **Transgender Athletes in Competitive Sport**. 1. ed. Abingdon: Routledge, 2017.

ASGHARI, Elham. Iranian swimmer Elham Asghari: 'My 20km record has been held hostage'. [Entrevista concedida a] Saeed Kamali Dehghan. **The Guardian**, Londres, 5 jul. 2013. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2013/jul/05/iranian-swimmer-elham-asghari>>. Acesso em: 29 jul. 2020.

BADRAN, Margot. **Feminism in Islam: Secular and Religious Convergences**. 1. ed. Londres: Oneworld Publications, 2009.

BAGRI, Neha T. “Everyone treated me like a saint”—In Iran, there’s only one way to survive as a transgender person. **Quartz**, Nova Iorque, 19 abr. 2017. Disponível em: <<https://qz.com/889548/everyone-treated-me-like-a-saint-in-iran-theres-only-one-way-to-survive-as-a-transgender-person/>>. Acesso em: 20 fev. 2021.

BARFORD, Vanessa. Iran's 'diagnosed transsexuals'. **BBC News**, Londres, 25 fev. 2008. Disponível em: <<http://news.bbc.co.uk/2/hi/7259057.stm>>. Acesso em: 20 fev. 2021.

BARLAS, Asma. “**Believing woman**” in Islam: Unreading patriarchal interpretations of the Qur’an. 1. ed. Texas: University of Texas Press, 2002.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Nova Iorque: Vintage Books, 2011.

BENN, Tansin; PFISTER, Gertrud; JAWAD, Haifaa (ed.). **Muslim Women and Sport**. Abingdon: Routledge, 2011.

BORDO, Susan. **Unbearable Weight**: Feminism, western culture, and the body. Berkeley: University of California Press, 1993.

_____. A feminista como o Outro. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 10-29, 2000.

BOUTELDJA, Houria. We, Indigenous Women. **E-flux**, Nova Iorque, n. 84, set. 2017. Disponível em: <<https://www.e-flux.com/journal/84/151312/we-indigenous-women/>>. Acesso em: 10 jul. 2020.

BROOKS, Geraldine. **Nove Partes do Desejo**: O Mundo Secreto das Mulheres Islâmicas. Tradução de Luis Leiria. 1. ed. Editora Griphus, 1995.

BUTLER, Judith. Performative Acts and Gender Constitution: An Essay in Phenomenology and Feminist Theory. **Theatre Journal**, Baltimore, v. 40, n. 4, p. 519-531, 1988.

CAHN, Susan K. **Coming on Strong**: Gender and sexuality in women’s sport. 2 ed. Chicago: University of Illinois Press, 2015.

CAMARGO, Wagner X.; KESSLER, Cláudia S. Além do masculino/feminino: gênero, sexualidade, tecnologia e *performance* no esporte sob perspectiva crítica. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 47, p. 191-225, jan. 2017.

CHEHABI, Houchang E. A Political History of Football in Iran. **Iranian Studies**, Londres, v. 35, n. 4, p. 371-402, outono 2002.

_____. The banning of the veil and its consequences. In: CRONIN, Stephanie (ed.). **The Making of Modern Iran**: State and society under Riza Shah, 1921-1941. Londres: Routledge, 2005. p. 203-221.

DAGKAS, Symeon et al. Reaffirming the values of physical education, physical activity and sport in the lives of young Muslim women. In: BENN, T.; PFISTER, G.; JAWAD, H. (ed.). **Muslim Women and Sport**. Abingdon: Routledge, 2011. p. 13-24.

DUNNING, Eric; MAGUIRE, Joseph. As relações entre os sexos no esporte. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 5, n. 2, p. 321-348, 1997.

ERDBRINK, Thomas. Iran will allow women in sports stadiums, reversing a much-criticized rule. *The New York Times*. Nova Iorque, 4 abr. 2015. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2015/04/05/world/middleeast/iran-will-allow-women-in-sports-stadiums-reversing-a-much-criticized-rule.html>>. Acesso em: 4 dez. 2020.

ESPN. How an Iranian soccer star fought to play for her national team. Londres, 2016. Disponível em: <https://www.espn.co.uk/video/clip/_id/17124272>. Acesso em: 18 fev. 2021.

FESTLE, Mary Jo. **Playing Nice: Politics and Apologies in Women's Sports**. 1. ed. Nova Iorque: Columbia University Press, 1996.

FINANCIAL TRIBUNE. Iran Ranked World's 7th Instagram User. Teerã, 04 fev. 2018. Disponível em: <<https://financialtribune.com/articles/economy-sci-tech/81384/iran-ranked-world-s-7th-instagram-user#:~:text=Nearly%2030%25%20of%20Iran's%2080,for%20the%20photo%2Dsharing%20app>>. Acesso em: 09 fev. 2021.

FLICK, Uwe. **Desenho da Pesquisa Qualitativa**. Tradução de Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FOOTBALL DOKHT (Garota do Futebol). História do futebol feminino no Irã + fotos. Teerã, 05 jan. 2020. Disponível em: <<https://footballdokht.ir/news/577-در-زنان-فوتبال-خجهی-دار-ءكس-رانىا.html>>. Acesso em: 08 jun. 2020.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GOELLNER, Silvana V. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. Gênero e esporte na historiografia brasileira: balanços e potencialidades. **Revista Tempo**, Niterói, v. 17, n. 34, p. 45-52, jan.-jun. 2013.

_____. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de Formação RBCE**, Porto Alegre, v. 1, n. 2, p. 71-83, mar. 2010.

_____. Histórias das mulheres no esporte: o gênero como categoria analítica. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 15., 2007, Recife. Anais do XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte. Recife: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2007, p. 1-10.

GRAINEY, Timothy F. **Beyond Bend It Like Beckham: The global phenomenon of women's soccer**. 1. ed. Lincoln: University of Nebraska Press, 2012.

GROSZ, Elizabeth. **Jacques Lacan: A feminist introduction**. 4. ed. Nova Iorque: Routledge, 1998.

HALL, M. Anne. The Role of the Safety Bicycle in the Emancipation of Women. In: PROCEEDINGS OF THE SECOND WORLD SYMPOSIUM ON THE HISTORY OF SPORT AND PHYSICAL EDUCATION, 1971, Banff. p. 245-49.

HARGREAVES, Jennifer. **Heroines of Sport**: The politics of difference and identity. Londres: Routledge, 2002.

_____. **Sporting Females**: Critical Issues in the History and Sociology of Women's Sport. Londres: Routledge, 2003.

_____. Sport, exercise, and the female Muslim body: negotiating Islam, politics and male power. In: HARGREAVES, Jennifer; VERTINSKY, Patricia (eds.). **Physical Culture, Power, and the Body**. Londres: Routledge, 2007. p. 74-100.

HINE, Christine. **Virtual Ethnography**. 2. ed. Londres: Sage, 2001.

IRÃ. Constituição (1979). Constituição da República Islâmica do Irã. Teerã, 1979.

IRANIAN STUDENTS' NEWS AGENCY. یخارجی‌ها رسانه در "زوم‌با" تیمم‌نوع بازتاب (Reflexo da proibição da Zumba na mídia estrangeira). 29 maio 2017. Disponível em: <<https://www.isna.ir/news/96032916324/>>. Acesso em: 20 jan. 2021.

ISMAILI, Hamed. است سرچاپش لف و ت با ف دراسیون بدهی گ رف تیم؛ هیه بوش ملی دخ تران (Meninas em trajes nacionais: A dívida da Federação de Futsal está em vigor). **IW Sports**. Teerã, 11 maio 2020. Disponível em: <<https://iwsports.ir/47890/تهیه-بوش-ملی-دخ-تران>>. Acesso em: 06 jun. 2020.

JAHROMI, Maryam K. Physical activities and sport for women in Iran. In: BENN, Tansin; PFISTER, Gertrud; JAWAD, Haifaa (ed.). **Muslim Women and Sport**. Abingdon: Routledge, 2011. p. 109-124.

JAWAD, H et al. Islam, women and sport. In: BENN, T.; PFISTER, G.; JAWAD, H. (ed.). **Muslim Women and Sport**. Abingdon: Routledge, 2011. p. 25-40.

JUNG, Hwa Yol. Phenomenology and body politics. **Body & Society**, Londres, v. 2, n. 2, p. 1-22, 1996.

KALANTAR-HORMOZI, Abdoljalil et al.. Interest in cosmetic surgery among Iranian women: the role of self-esteem, narcissism, and self-perceived attractiveness. **European Journal of Plastic Surgery**, Cham, v. 39, p. 359-364, 2016.

KESSLER, Cláudia S. **Mais que Barbies e ostras: uma etnografia do futebol de mulheres no Brasil e nos Estados Unidos**. 375 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

KHAMENEI, Ali. Na lógica islâmica, existe uma estrutura para definir os papéis das mulheres. Teerã, 8 mar. 2018. Twitter: @khamenei_ir. Disponível em: <https://twitter.com/khamenei_ir/status/971691788539973632>. Acesso em: 19 set. 2020.

_____. Na cultura ocidental, uma #mulher deve se expor aos homens para ser uma fonte de prazer para eles. Teerã, 15 maio 2020. Twitter: @khamenei_ir. Disponível em: <https://twitter.com/khamenei_ir/status/1261381243888951297>. Acesso em: 19 set. 2020.

KIAN, Azadeh. Islamic Feminism in Iran: A new form of subjugation or the emergence of agency? **Critique Internationale**, Paris, v. 46, n. 1, p. 45-66, 2010.

KIAN-THIÉBAUT, Azadeh. Princesas, sufragistas, islâmicas, laicas, onguistas, escritoras - a luta feminista no Irã: entrevista com Azadeh Kian-Thiébaut. [Entrevista concedida a] Carmem Rial. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16, 1, p. 145-169, jan./abril 2008.

KNIJNIK, Jorge D; SOUZA, Juliana, S. S. A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo, v.21, n. 1, p. 35-48, jan./mar. 2007.

KOZINETS, Robert V. On netnography: initial reflections on consumer research investigations of cyberculture. **Advances in Consumer Research**, New York, v. 25, p. 366-371, 2002.

KRANE, Vikki *et al.* Living the Paradox: Female Athletes Negotiate Femininity and Muscularity. **Sex Roles**, Berlin, v. 50, n. 5/6, p. 315-329, mar. 2004.

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o Sexo**. Corpo e Gênero dos Gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

MAHDI, Ali Akbar. The Iranian Women's Movement: A Century Long Struggle. **The Muslim World**, Delaware, v.94, p.427-448, out. 2004.

_____. Reconstructing gender in post-revolutionary Iran: transcending the Revolution? **Middle East Insight**, Cleveland, v. 11, n. 5, p. 68-72, 1995.

MAMDOOHI, Amir R; AMINI, Vajihe. Bicycle Demand: A gender analysis for Tehran, Iran. **IJTE**, Teerã, v. 8, n. 3, p. 211-223, jan. 2021.

MERNISSI, Fatima. **Nasci num Harém**: As mil noites de Xerazade. Alfragide: Edições ASA, 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O Desafio da Pesquisa Social. In: _____. (org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 9-29.

MIR-HOSSEINI, Ziba. **Islam and Gender**: The Religious Debate in Contemporary Iran. 1. ed. Princeton: Princeton University Press, 1999.

MIRSAFIAN, Hamidreza et al. Attitude of Iranian Female University Students to Sport and Exercise. **Iranian Studies**, Londres, v. 47, n. 6, p. 951-966, 2014.

MOGHISSI, Haideh. **Feminism and Islamic Fundamentalism**: The limits of postmodern analysis. 2. ed. Londres: Zed Books, 2002.

MORETÃO, Amanda S. **Entre a Modernidade e a Tradição**: Empoderamento feminino no Irã e na Turquia. 1. ed. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

MOTAHHARI, Morteza. **Os direitos das mulheres no Islam**. São Paulo: Centro Islâmico no Brasil, 2008.

MOTAMENI et al. Identifying and prioritizing the barriers for women's sports activities. **Sport Management Studies**, Teerã, v. 6, n. 24, p. 111-130, 2014.

MY STEALTHY FREEDOM. **A caça às bruxas da República Islâmica do Irã às mulheres “mal-veladas” se torna mais tola a cada dia.** Nova Iorque, 15 jun. 2020. Facebook: StealthyFreedom. Disponível em: <<https://www.facebook.com/StealthyFreedom/posts/3664998760180858>>. Acesso em: 15 jun. 2020.

MWSF (Muslim Women's Sports Foundation). **Women's Islamic Games.** Londres, 2015. Disponível em: <<http://www.mwsf.org.uk/history1.html>>. Acesso em: 08 jan. 2021.

NAGHDI, Asadallah et al. A study on socio-cultural barriers of women's participation in sports, a case study: 20-40 year-old female athletes and non-athletes in Hamadan province. *Women in Development and Politics*, Teerã, v. 9, n. 1, p. 147-163, 2011.

NAJMABADI, Afsaneh. **Professing Selves: Transsexuality and Same-Sex Desire in Contemporary Iran.** 1. ed. Durham: Duke University Press, 2014.

_____. Transing and Transpassing Across Sex-Gender Walls in Iran. *Women's Studies Quarterly*, Nova Iorque, v. 36, n. 3-4, p. 23-42, 2008.

NCRI. Sports Federation of Iran frames female ice climber champion. Teerã, 26 fev. 2020. Disponível em: <<https://women.ncr-iran.org/2020/02/26/sports-federation-of-iran-frames-female-ice-climber-champion/>>. Acesso em: 11 nov. 2020.

ORTNER, S. Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura? In: ROSALDO, Michelle Z; LAMPHIRE, Louise (Orgs.). **A mulher, a cultura e a sociedade.** Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1979, p. 95-120.

PAIDAR, Parvin. **Women and the political process in twentieth-century Iran.** 1. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

PFISTER, Gertrud. Women and sport in Iran: Keeping goal in the *hijab*? In: HARTMANN-TEWS, Ilse; PFISTER, Gertrud (ed.). **Sport and Women: Social issues in international perspective.** Londres: Routledge, 2003. p. 207-223.

_____. Islam and Women's Sports. *SangSaeng*, Seul, n. 16, p. 12-15, 2006.

_____. Women and Sport in Islamic Countries. *Forum for Idraet*, Copenhagen, v. 26, n. 1, p. 35-49, 2010.

PNUD. Gender Inequality Index (GII). Disponível em: <<http://hdr.undp.org/en/content/table-4-gender-inequality-index>>. Acesso em: 20 jan. 2021.

POLIVANOV, Beatriz. Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos conceitos. *Esferas*, Brasília, v. 2, n. 3, jul.-dez. 2013.

POLK, William R. **Understanding Iran.** Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2009.

RAHBARI, Ladan. Women in Higher Education and Academia in Iran. *Sociology and Anthropology*, San Jose, v. 4, n. 11, p. 1003-1010, 2016a.

_____. Sexuality in Iran. In: SHEHAN, Constance L (ed.). **The Wiley Blackwell Encyclopedia of Family Studies.** 1. ed. Chichester: John Wiley & Sons, 2016b. p. 1769-1772.

_____. Women's Agency and Corporeality in Equestrian Sports: The Case of Female Leisure Horse-Riders in Tehran. In: ADELMAN, Miriam; THOMPSON, Kirrilly (ed.). **Equestrian Cultures in Global and Local Contexts**. Cham: Springer, 2017. p. 17-33.

_____. Pushing gender to its limits: Iranian women bodybuilders on Instagram. **Journal of Gender Studies**, Abingdon, v. 28, n. 5, p. 591-602, 2019a.

RAHBARI, Ladan et al. The female body as the bearer of national identity in Iran: a critical discourse analysis of the representation of women's bodies in official online outlets. **Gender, Place and Culture**, Abingdon, v. 26, n. 10, p. 1417-1437, 2019b.

RUBIN, Gayle. The Traffic in Women: Notes on the "Political Economy" of Sex. In: REITER, Rayna R (ed.). **Toward an Anthropology of Women**. Nova Iorque: Monthly Review Press, 1975. p. 157-210.

SAADATIFARD, Elahe et al. The Context of Recreational Sports for Women in Iran. **Annals of Applied Sport Science**, Teerã, v. 7, n. 1, p. 83-95, 2019.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Tradução de Guacira Lopes Louro. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

SCOTT, Joan. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SEDGHI, Hamideh. **Women and politics in Iran: Veiling, unveiling and reveiling**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

SHABANI, Jabar S.; HASANI, Mobin H. The Effective Factors in Promoting of Iranian Sport National Teams. **Annals of Applied Sport Science**, Teerã, v. 5, n. 4, p. 77-84, 2017.

SITE Oficial da Presidência da República Islâmica do Irã. Imam Ali (AS) hero of humanity/Competitions over; let's be a team, integrated/Iran, Islam source of pride for us in world/Women must have a role in sport/Keeping our bodies healthy an order in Islam, our duty. Teerã, 19 set. 2017. Disponível em: <www.president.ir/EN/99435>. Acesso em: 23 ago. 2020.

SMALL MEDIA. Off the Beaten Track: Women's Sport in Iran. Londres, 25 jun. 2013. Disponível em: <<https://smallmedia.org.uk/old/pdf/offthebeatentrack.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2020.

STEEL, Jenny. Sport and the Scarf. BBC News, Londres, 09 dez. 2005. Disponível em: <http://news.bbc.co.uk/2/hi/middle_east/4511680.stm>. Acesso em: 19 ago. 2020.

STEEL, Jenny; RICHTER-DEVROE, Sophie. The development of women's football in Iran: A perspective on the future for women's sport in the Islamic Republic. **Iran**, Londres, v. 41, n. 1, p. 315-322, 2003.

TEHRAN TIMES. Average marriage age in Iran increased by 3 years. 12 jun. 2018. Disponível em: <<https://www.tehrantimes.com/news/424338/Average-marriage-age-in-Iran-increased-by-3-years>>. Acesso em: 30 jul. 2020.

_____. Cosmetic surgery in Iran, the new beauty capital worldwide. 15 maio 2019. Disponível em: <<https://www.tehrantimes.com/news/435966/Cosmetic-surgery-in-Iran-the-new-beauty-capital-worldwide>>. Acesso em: 15 março 2021.

THE GUARDIAN. Iranian women and sport: Every obstacle an opportunity. Teerã, 20 abr. 2015. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/iran-blog/2015/apr/19/iran-women-sports-stadium-competitive-obstacles>>. Acesso em: 19 ago. 2020.

TOFFOLETTI, Kim. Iranian Women's Sports Fandom: Gender, Resistance, and Identity in the Football Movie *Offside*. **Journal of Sport and Social Issues**, Thousand Oaks, v. 38, n. 1, p. 75-92, 2014.

TOHIDI, Nayereh. The Women's Movement and Feminism in Iran: A Glocal Perspective. In: BASU, Amrita (ed.). **Women's Movements in the Global Era: The Power of Local Feminisms**. 1. ed. Boulder: Westview Press, 2010. p. 375-414.

_____. Women's Rights and Feminist Movements in Iran. **International Journal on Human Rights**, Abingdon, v. 13, n. 24, p. 75-85, 2016.

TRAUMANN, Andrew P. **Os Militares e os Aiatolás: Relações Brasil-Irã (1979-1985)**. 1. ed. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

_____. O Irã entre o Ocidente e sua autodeterminação. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, n. 24, p. 257-260, jun. 2005.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VAHDAT, Ahmed. Iranian women's ski coach prevented from attending World Championship as husband forbids her. The Telegraph. Teerã, 17 fev. 2021. Disponível em: <<https://www.telegraph.co.uk/news/2021/02/17/iranian-womens-ski-coach-prevented-attending-world-championship/>>. Acesso em: 18 fev. 2021.

WADUD, Amina. **Qur'an and woman: Rereading the sacred text from a woman's perspective**. Oxford: Oxford University Press, 1999.

WARREN, Rossalyn. These Instagram Models Were Arrested For Sharing "Un-Islamic" Photos. BuzzFeed News. Nova Iorque, 17 maio 2026. Disponível em: <<https://www.buzzfeednews.com/article/rossalynwarren/iran-arrested-these-models-for-sharing-un-islamic-photos-on#.clbd8nj6N8>>. Acesso em: 09 fev. 2021.

YUVAL-DAVIS, Nira. Gender and Nation. **Ethnic and Racial Studies**, Londres, v. 16, n. 4, p. 621-632, 1993.